

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E FORMAÇÃO HUMANA
LIPEFH

ANDRÉA DOS SANTOS OLIVEIRA

PÁSSAROS SEM ASAS:
UMA COMPREENSÃO SOBRE A EDUCAÇÃO EM PRISÕES

São Paulo
2019

ANDRÉA DOS SANTOS OLIVEIRA

**PÁSSAROS SEM ASAS:
UMA COMPREENSÃO SOBRE A EDUCAÇÃO EM PRISÕES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho (Uninove), como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Cleide Rita Silvério de Almeida.

São Paulo
2019

Oliveira, Andréa dos Santos.

Pássaros sem asas: uma compreensão sobre a educação em prisões. /
Andréa dos Santos Oliveira. 2019.

263 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São
Paulo, 2019.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Cleide Rita Silvério de Almeida.

1. Educação nas prisões. 2. Pensamento complexo. 3.
Compreensão.

I. Almeida, Cleide Rita Silvério de. II. Título

CDU 37

ANDRÉA DOS SANTOS OLIVEIRA

**PÁSSAROS SEM ASAS:
UMA COMPREENSÃO SOBRE A EDUCAÇÃO EM PRISÕES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da
Universidade Nove de Julho (Uninove), como
requisito parcial para obtenção do grau de Doutora
em Educação, pela Banca Examinadora formada
por:

São Paulo, ____ de _____ de 2019.

Presidente: Prof^a Cleide Rita Silvério de Almeida, Dr^a., Uninove

Membro: Maria Lucia Rodrigues, Dr^a., PUC

Membro: Roberto Gimenez, Dr., Unid

Membro: Antonio Joaquim Severino, Dr., Uninove

Membro: Maurício Pedro da Silva, Dr., Uninove

Suplente: Prof^a Rita de Cássia Alves Oliveira, Dr^a., PUC

Suplente: José Eduardo de Oliveira Santos, Dr., Uninove

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que insistem em fazer valer o direito de todas as pessoas deste mundo. Que a compreensão possa fazer parte das experiências de vida, em busca de um mundo mais justo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com carinho a todos aqueles que me acompanharam nesse voo a territórios tão difíceis de serem desvendados.

A Vilson pai e Vilson filho, a minha mãe e irmãs e às sobrinhas Bia e Mariana, pela compreensão e acalanto em todas as horas.

A minha orientadora, Cleide Rita Silvério de Almeida, que afetuosamente me ensinou que é possível voar. Sempre junto a mim, mostrou que estamos neste mundo para crescer juntos.

A todos os colegas do programa de pós-graduação, com os quais foi possível compartilhar e aprender.

Aos amigos de caminhada, em especial a Denys Marsiglia e Lis Menezes, que me apoiaram e com quem compartilhei ideias e anseios, antes e durante o processo.

Aos estudantes e professores da unidade prisional Centro de Detenção Provisória II – ASP Paulo Gilberto de Araújo de Chácara Belém II, que deram sentido a esta pesquisa.

A Olívio Silvério Júnior, que se dedicou a mostrar o interior da unidade, compreendendo as dificuldades que encontrei nesse percurso.

Aos componentes da banca de defesa, que prontamente atenderam ao convite para este trabalho, e aos que colaboraram na fase de qualificação, para que este voo fosse significativo para mim e para aqueles que necessitam de nosso apoio.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação da Universidade Nove de Julho, pelos ensinamentos e acolhida.

A todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

“Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”

Rubem Alves

RESUMO

O presente trabalho aborda a educação nas prisões e tem por objeto de estudo a compreensão sobre os limites e possibilidades de desenvolvimento humano do estudante em situação de privação de liberdade. Para tanto, seus objetivos foram: analisar limites e possibilidades de desenvolvimento humano de detentos estudantes, por meio do entendimento da estrutura, funcionamento, normas, regras, conjuntura e relações da prisão e da escola, bem como, por meio da voz dos participantes, verificar como ocorre o trabalho pedagógico e compreender como a educação se processa. A hipótese traçada foi que o ambiente de regras e disciplinas rígidas se destaca na escola da prisão, o que limita os objetivos da educação e, em consequência, as possibilidades de desenvolvimento humano. O quadro teórico apoiou-se no pensamento complexo de Edgar Morin, evidenciando as categorias compreensão e incompreensão, em diálogo com o personalismo de Emmanuel Mounier. A metodologia referenciou-se em fontes de natureza bibliográfica e documental. Trata-se de pesquisa com abordagem qualitativa na análise dos resultados, que teve como procedimento a realização de entrevistas semiabertas com estudantes e professores da unidade prisional Centro de Detenção Provisória II – ASP Paulo Gilberto de Araújo de Chácara Belém II, no município de São Paulo. Foi também observado o contexto da unidade que interage com a escola e sua dinâmica, como é o caso da relação com profissionais, ambientes e espaços. Os resultados da pesquisa revelaram que a incompreensão impera nos ambientes e nas relações da escola da prisão e que, apesar da compreensão dos detentos estudantes sobre a importância de se desenvolver e de construir um projeto de vida, as políticas não são oferecidas adequadamente e as ações de preconceito, poder e violência física e moral impossibilitam-nos de se transformarem; em meio a tantas dificuldades, os professores são os únicos que apoiam os detentos em seu desenvolvimento, por meio do afeto e da compreensão.

Palavras-chave: Educação nas prisões. Pensamento complexo. Compreensão.

ABSTRACT

The present work discusses the education in the prisons and has as object of study the comprehension about the limits and possibilities of human development of the student in the context of deprivation of liberty. For this purpose, it has two objectives: to analyse the limits and possibilities of the human development in inmate-students, by means of the understanding of the structure, functioning, norms, rules, scenario and relations of the prison and the school, as well as to verify how the pedagogical work takes place and to comprehend how the process of education occurs through the vision of its participants. In this way, the formulated hypothesis is that the environment of rules and strict disciplines stands out in the school in prison, which restricts the aims of education and, as a result, the possibilities of human development. The theoretical framework is based on the complex thinking of Edgar Morin, demonstrating the categories of comprehension and incomprehension and dialogued with the Personalism of Emmanuel Mounier. The methodology refers to sources of documental and bibliographic nature and has, as developed procedure, the holding of semi-structured interviews with students and teachers of the prison unit Provisional Detention Center II – ASP Paulo Gilberto de Araújo de Chácara Belém II, in the city of São Paulo. It was also possible to observe the context of the facility that interacts with the school and its dynamics, which is the case of the relation between professionals, prison milieu and surroundings. The final outcome showed that incomprehension holds sway over the ambiance and prison education and, despite the perception of the inmates-students about the importance of building a life project and self-development, the political tools are not properly offered and discrimination, structure of power and physical and moral violence render their ability to grow impossible; and the teachers, even in the middle of adversity, are the only ones who support their progress, by offering them sympathy and understanding.

Keywords: Education in prisons. Complex thinking. Comprehension.

RESUMEN

El presente trabajo aborda la educación en las prisiones y tiene por objeto de estudio la comprensión sobre los límites y posibilidades de desarrollo humano del estudiante en situación de privación de libertad. Así, los objetivos fueron: analizar límites y posibilidades de desarrollo humano de reclusos estudiantes, por medio del entendimiento de la estructura y funcionamiento, normas, reglas, coyuntura y relaciones de la prisión y de la escuela, así como verificar cómo ocurre el trabajo pedagógico y comprender como la educación se construye, por medio de la voz de los participantes. De esta manera, la hipótesis formulada es que el ambiente de reglas y disciplinas rígidas se destaca en la escuela de la prisión, lo que limita los objetivos de la educación y, por lo tanto, las posibilidades de desarrollo humano. El marco teórico se apoyó en el pensamiento complejo de Edgar Morin, evidenciando las categorías comprensión e incomprensión y dialogó con el personalismo de Emmanuel Mounier. La metodología se referenció en fuentes de naturaleza bibliográfica y documental y tuvo como procedimiento de pesquisa con estudiantes y profesores, la realización de entrevistas semi-abiertas en la unidad prisionera Centro de Detención Provisional II – ASP Paulo Gilberto de Araújo de Chácara Belém II, en el municipio de São Paulo. Es posible también observar el contexto del centro penitenciario que interactúa con la escuela y su dinámica, como es el caso de la relación con los profesionales, ambientes y espacios. El resultado reveló que la incomprensión impera en los ambientes y en las relaciones de la escuela de la prisión y que, a pesar de la comprensión de los detenidos estudiantes sobre la importancia de construir un proyecto de vida y desarrollarse, las políticas no les son ofrecidas adecuadamente y las acciones de prejuicio, el poder y la violencia física y moral los imposibilitan de transformarse; y los profesores, en medio de tantas dificultades, son los únicos que los apoyan en su desarrollo, por medio de la empatía y la comprensión

Palabras clave: Educación en las cárceles. Pensamiento complejo. La comprensión.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Levantamento de teses e dissertações	29
Fotografia 1 – Corredor alagado de sangue no Pavilhão 9 no Carandiru, após intervenção da PM para conter rebelião	37
Esquema 1 – Penitenciária compacta	43
Esquema 2 – Penitenciária modelo “espinha de peixe”	45
Esquema 3 – Penitenciária modelo “cruz”	46
Esquema 4 – Penitenciária adaptada de antiga cadeia pública	47
Quadro 2 – Situação atual de aprisionamento no Brasil	49
Gráfico 1 – População prisional no Brasil por unidade da Federação	50
Quadro 3 – Escolaridade dos detentos	53
Quadro 4 – Quantidade de salas de leitura por unidade prisional	54
Quadro 5 – Quantidade de livros e empréstimos por unidade prisional	55
Fotografia 2 – Entrada das unidades Belém I e Belém II	58
Fotografia 3 – Entrada da ala de progressão Belém II	59
Diagrama 1 – Representação rede	84
Fotografia 4 – Fachada da entrada da habitação dos detentos	86
Fotografia 5 – Fundo da unidade, utilizado como campo de futebol	86
Esquema 5 – CDP Belém II	88
Fotografia 6 – Biblioteca da unidade	90
Fotografia 7 – Aula de Ciências Humanas	91
Desenho 1 – Arara Azul	94
Desenho 2 – Beija-Flor	100
Desenho 3 – Cigana	108
Desenho 4 – Canarinho	120
Desenho 5 – Quero-Quero	127
Desenho 6 – Pardal	135
Desenho 7 – Macuco	142
Desenho 8 – Rouxinol	151
Desenho 9 – Águia-Real	158
Desenho 10 – Papagaio-do-Pará	163

Desenho 11 – Curió.....	170
Diagrama 2 – Rede traçada com base nas observações e entrevistas	213

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil da população carcerária do Estado de São Paulo	37
---	-----------

LISTA DE SIGLAS

AEVP	Agente de Escolta e Vigilância Penitenciária
Aids	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ASP	Agente de Segurança Penitenciária
ATPC	Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo
ATPL	Aula de Trabalho Pedagógico Livre
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDP	Centro de Detenção Provisória
CR	Centro de Ressocialização
CRP	Centro de Readaptação Penitenciária
Depen	Departamento Penitenciário Nacional
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
EJA	Educação de Jovens e Adultos
Encceja	Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos
Febem	Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor
Funap	Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel
HCTP	Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico
HTPL	Horário de Trabalho Pedagógico Livre
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IPA	Instituto Penal Agrícola
LEP	Lei de Execução Penal
ONG	Organização Não Governamental
POP	Procedimento Operacional Padrão
Pronatec	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
RDD	Regime Disciplinar Diferenciado
Redlece	Rede Latino-Americana de Educação em Prisões
SAP	Secretaria de Administração Penitenciária
SDECTI	Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação
Seesp	Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Sinpro	Sindicato dos Professores de São Paulo
UES	Unidade Experimental de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 UM MUNDO ENCARCERADO: A ESCOLA DA PRISÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO	32
1.1 Conjuntura da prisão	35
1.2 Estrutura da prisão	40
1.3 Perfil da população carcerária	49
1.4 A Unidade Belém II	56
1.4.1 Educação na Unidade Belém II	57
1.5 A prisão representada pela estética	62
2 REFERENCIAL TEÓRICO: TECENDO FIOS DA COMPREENSÃO HUMANA ...	66
2.1 A incompreensão	66
2.2 A compreensão	68
2.3 A escola da prisão sob o olhar da compreensão humana	73
2.4 Educação e desenvolvimento humano	76
3 PERCEPÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO ENTRE GRADES	81
3.1 Aproximação com o campo: tecendo as faces	85
3.2 A voz dos sujeitos	93
3.2.1 Arara-Azul: “então, a escola pra mim é importante porque, além de aprender novamente, futuramente é importante”	95
3.2.2 Beija-Flor: “Já tô com um bocado de ano já escondido numa cadeia, já”	100
3.2.3 Cigana: “Que um dia eu vou ter a oportunidade de tá me formando... E se eu não tiver concluído o meu estudo eu nunca, jamais, eu vou conseguir realizar um sonho meu. E o meu sonho é me formar”	109
3.2.4 Canarinho: “Só que agora eu não tô estudando porque não me matricularam. É... Quer dizer, então eu fiquei prejudicado, né? Não sei o porquê, porque eu não tenho falta, não tenho nada, né?”	121
3.2.5 Quero-Quero: “Na verdade, ó, eu vim preso, eu aprendi muito. Vai fazer cinco anos em outubro. Eu aprendi muito nesse tempo que eu tô aqui”	128
3.2.6 Pardal: “Mas eu não passei porque eu fui trabalhar. Achei... Dei mais prioridade no trabalho por causa da família. E aí, porque não tinha como trabalhar e estudar ao mesmo tempo lá na unidade”	136
3.2.7 Macuco: “Joguei tanto tempo, né, meu? Lá fora não dei valor à escola”	143
3.2.8 Rouxinol: “Não só pra entrar na empresa pra trabalhar como eu me apresentar também na empresa com o caminhão, meus estudos já fez falta. Já fez falta... Então é bom. É bom. Pra mim principalmente, né?”	152

3.2.9 Águia-Real: “Eu acho que através da escola eles vai me dar uma oportunidade pra trabalhar na rua”	159
3.2.10 Papagaio-do-Pará: “Inclusive eu sei ler e escrever por... Por ter estudado dentro da cadeia, que na rua mesmo eu já vim quase... Semianalfabeto pro presídio”	164
3.2.11 Curió: “Eu tinha sonhos, objetivo, né? Ser alguém na vida. E aí tinha acabado esse sonho, tinha acabado. Mas agora voltou de novo, né?”	171
3.2.12 Professora 1: “A diferença... Eu não sei a diferença. Eu sei que eu gosto daqui porque eu me sinto útil. Eu vejo resultado rápido”	176
3.2.13 Professora 2: “Eles gostam muito de participar. E vai fluindo. A aula flui aqui! A aula não fica travada”	181
3.2.14 Professor 3: “Eles já passaram lá fora, já foram excluídos lá fora. Agora estão aqui. E aí, o que fazer para contribuir com isso? Cada vez mais eu acho que falta muito ainda”	188
3.2.15 Professora 4: “Ele tem o respeito porque ele vê a gente como visita”	195
3.2.16 Professora 5: “Eu acho que é respeito, ao meu ver. Não é nem disciplina, é respeito”	206
4 TECENDO AS PARTES	213
4.1 Entre um galho e outro, posso voar?	216
4.2 Entrelaçando os voos	222
4.2.1 As vivências são reconhecidas?	223
4.2.2 Posso ter um projeto de vida?	225
4.2.3 A leitura que se faz é a leitura que se tem?	226
4.2.4 O que aprendo, vivo?	227
4.2.5 O que devo amar?	229
4.2.6 O que posso permitir?	230
4.2.7 De que valem nossas experiências?	231
4.2.8 Por que viver experiências significativas?	233
4.2.9 Quais são nossas necessidades?	235
CONSIDERAÇÕES FINAIS: COMO CANTAM OS PÁSSAROS	238
REFERÊNCIAS	245
ANEXO A – MATRIZ CURRICULAR PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: ANOS FINAIS	252
ANEXO B – MATRIZ CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO	253
ANEXO C – ANUÊNCIA DO SECRETÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA	254

ANEXO D – AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA	257
ANEXO E – AUTORIZAÇÃO JUDICIAL	258
ANEXO F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	259

INTRODUÇÃO

O assunto mais veridicamente humano não encontrará ressonância, se o escritor não o tiver submetido antes de uma longa maturação interior; o detalhe mais exato não se tornará verdadeiro se não for percebido através da meditação. [...] Entretanto, poderão objetar, para se escrever uma obra-prima, não é bastante resolver; ainda é preciso possuir os meios.

(COLLING, 1950, p. 10-11)

O presente tópico tem o objetivo de esclarecer o caminho que levou à realização deste estudo, bem como identificar os pontos essenciais da pesquisa. A justificativa de analisar o tema em questão, os objetivos e os rumos seguidos por outros pesquisadores também são mencionados, de modo que se possa compreender o percurso escolhido.

A motivação para a realização desta pesquisa partiu de minhas experiências profissionais e do interesse em aprofundar os estudos sobre o tema para buscar reflexões e compreensões sobre a escola do sistema prisional.

Em 2006, assumi funções técnicas na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Cenp/Seesp), trabalhando no acompanhamento das ações desenvolvidas na área de escolarização dos jovens internos na Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação Casa, anteriormente denominada Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor – Febem) e realizando o gerenciamento do trabalho pedagógico das classes em funcionamento nessa instituição.

Pude verificar a realidade existente neste tipo de escolarização e perceber que os cursos tinham modalidade e enfoque divergentes dos cursos de ensino fundamental e médio das escolas regulares de ensino, a começar da própria modalidade: em vez de serem ofertados cursos regulares para a idade dos jovens, que varia de 12 a 21 anos incompletos, nas unidades a modalidade oferecida era Educação de Jovens e Adultos (EJA). Também constatei que alta porcentagem de estudantes chegava à unidade com a vida escolar descontínua ou interrompida.

Também participei de ações voltadas à EJA a partir de discussões com as equipes técnicas das secretarias de Educação, Febem, entre outras, em que pude ter a percepção de que a EJA em nosso estado estava em fase de degradação pelo fato de os cursos e exames desta modalidade serem pouco assistidos pelos órgãos competentes.

O encontro com tal cenário fez com que eu me interrogasse acerca do sentido de meu trabalho e, conseqüentemente, pesquisasse sobre o assunto, levando-me a ingressar em um programa de mestrado. A pesquisa realizada teve como proposta o estudo da escolarização em uma unidade de internação da Fundação Casa. O objeto de estudo foi o currículo.

Como resultado da pesquisa, foi confirmada a hipótese de que não existe trabalho voltado a valores humanos. Os alunos não se sentem vinculados afetivamente aos professores, de tal forma que consigam juntos construir conhecimentos para que o adolescente, enquanto cumpre medida socioeducativa na unidade, retome seu projeto de vida para depois de sua desinternação. A inexistência de projetos de inserção do adolescente em atividades de trabalho e educação pode levá-lo a continuar sua vida anterior. A outra hipótese, de que a escolarização não está inserida na proposta pedagógica da unidade, também foi confirmada. Existe, por parte dos professores, um desconhecimento do próprio projeto aplicado. Constatamos que a escolarização, enquanto política pública, é oferecida de forma que o Estado possa cumprir os dispostos nas legislações, no que se refere ao atendimento obrigatório escolar.

A formação profissional em programas e projetos para estudantes em situação de privação de liberdade e vivência no campo da Educação estendeu-se ao longo dos anos, mantendo-me em contato com a implantação de projetos voltados a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto (liberdade assistida, prestação de serviço à comunidade, semiliberdade). Tais projetos estavam muitas vezes ligados a outras secretarias de Estado, ao Ministério Público, a entidades sociais e outras instituições.

A partir de 2010, com a publicação da *Resolução CNE/CEB nº 2*, que dispõe sobre as diretrizes nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2010), tive a oportunidade de integrar a equipe de implantação do Programa de Educação nas Prisões do estado paulista, participando das discussões juntamente com um grupo de profissionais composto por representantes da Seesp, da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), da Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel (Funap) e de especialistas da área, para discutir as políticas de educação bem como o projeto pedagógico mais adequado para viabilizar a oferta de educação para jovens e adultos privados de liberdade em estabelecimentos penais, segundo os princípios legais que regiam a educação no Estado de São Paulo.

Todas as discussões e reflexões para a implantação das escolas dentro das unidades prisionais tiveram como ponto de partida a procura de entendimentos sobre a função da escola, que estaria inserida num contexto que levaria à dualidade: de um lado, a prisão, instituição que realiza seu trabalho a partir de regras rígidas; e de outro, a escola, instituição que deve

desenvolver práticas educativas libertadoras e de transformação. De acordo com Onofre (2011, p. 273):

[...] podemos entender que a escola da prisão está inserida em um contexto peculiar: a própria prisão, regida por regras e normas que se constituem em obstáculos para o estabelecimento de ações educativas que objetivam preparar o indivíduo para a (re)inserção social quando em liberdade.

Essa vivência levou-me a reflexões sobre o processo de desenvolvimento nos cárceres do Estado de São Paulo e a indagar e querer buscar esclarecimentos e respostas sobre o processo de escolarização dos jovens e adultos em privação de liberdade, o qual chegou à rede pública estadual de São Paulo tardiamente, em meio à polêmica sobre educar dentro de espaços de confinamento.

No caminho de uma escola que possa fazer sentido para o detento estudante, que cumpre sua pena após ter cometido um crime e estando em uma situação de privação de liberdade, buscamos em Assman (2011) uma reflexão sobre a aprendizagem dos novos tempos. O autor trata o reencantamento da educação como “pivô ou cerne do processo pedagógico e deve ser localizado nas experiências de aprendizagens que são vividas como algo que faz sentido e é humanamente gostoso” (ASSMAN, 2011, p. 18-19).

É por este viés que decidi tratar a escola: por aquilo que seja significativo para o detento estudante e, como já foi dito, que traz transformações humanas. Se para Assman (2011) as aprendizagens vividas devem fazer sentido e serem humanamente gostosas, faço a comparação com o pássaro, que vive naturalmente utilizando suas asas para alçar voo e encontrar seu desejo e significado de viver. Pois um pássaro sem asas fica impedido de viver de modo significativo, assim como o detento, sem a sua liberdade, afastado do seu ambiente próprio de vida, pode ser impedido de buscar seus sonhos e talvez nem ao menos se reconheça neles, o que lhe dificulta perceber o sentido em si mesmo, no ambiente em que vive e em sua vida. Encontramos um trecho da música “Pássaro proibido”, de Caetano Veloso, que se aproxima desse pensamento:

Pássaro proibido de sonhar
O canto macio, olhos molhados
Sem medo do erro maldito
De ser um pássaro proibido
Mas com o poder de voar
Mas com o poder de voar [...]. (VELOSO, 1993)

Pássaro proibido de sonhar, com o poder de voar, é assim que percebemos o nosso detento estudante, que tem o poder de construir sua autonomia, reconstruir sua história, reconhecendo-se nela, mas se encontra em um espaço de privação de liberdade, distante da

família, de sua casa e de tudo aquilo que possa apoiá-lo para que se reconheça e ajudá-lo em seu desenvolvimento humano. Nesse sentido, os detentos estudantes serão chamados de pássaros, que requerem apoio e encorajamento para voar.

À vista do que foi colocado, posso afirmar que acredito na escola, no ser humano, e tenho esperanças de que todo espaço de educação seja legítimo de transformação social, cultural, intelectual e, sobretudo, de transformação humana.

Nesse viés, podemos encontrar nos dispositivos legais diretrizes que regem a educação para alunos em situação de privação de liberdade. As leis encontradas preconizam, por exemplo, a obrigatoriedade de parcerias entre diferentes secretarias de Estado, currículo, organização escolar e outras questões que envolvem o atendimento das escolas dos estabelecimentos penais.

Com facilidade, verificamos em todos os dispositivos legais que a educação propaga o desenvolvimento integral da pessoa humana, levando-se em consideração seus aspectos sociais, culturais e econômicos, de maneira a proporcionar aos detentos acesso aos níveis de ensino, para que possam se desenvolver e, assim, contribuir com o crescimento social. Além disso, a educação prisional deve ser parte integrante de um processo de desenvolvimento pessoal que possa reduzir as reincidências e as taxas de criminalidade (COYLE, 2002, p. 111).

Com relação ao processo de implantação do Programa Educação nas Prisões do Estado de São Paulo, que ocorreu no ano de 2010, o *Plano estadual de educação nas prisões* traz preocupações em compreender a singularidade do estudante preso, além de discussões sobre referenciais que justificam que a função da escola nesses espaços deve ser coerente com processos de humanização (SÃO PAULO, 2015, p. 9).

Percebemos que no viés da legislação se espera o bom desenvolvimento humano; contudo, sabemos que existem muitos entraves que podem atrapalhar processos que permitam inserir e situar o detento estudante em uma condição humana.

Desse cenário – e a despeito das experiências existentes na escola da prisão – é que parte nossa reflexão e preocupação sobre a prática escolar nesse espaço. Entende-se que essa escola deve ir além do desenvolvimento das competências e habilidades prescritas no currículo comum e na legislação existente, haja vista que deve ter a função de desenvolver a sociabilidade e contribuir para a reconstrução do detento.

Nesse sentido, a função da educação deve ser muito mais do que transmitir conhecimento. Indo ao encontro de Morin (2015, p. 47):

O objetivo da educação não é transmitir os conhecimentos sempre e mais numerosos ao aluno, mas o “de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não

apenas durante a infância, mas por toda a vida.”. É, justamente, mostrar que ensinar a viver necessita não só dos conhecimentos, mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência, e da incorporação dessa sapiência para toda a vida.

Para o autor, é preciso que a educação esteja além de seu conteúdo, de seus programas e de seus métodos, adaptada ao fim que se persegue: permitir ao ser humano chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa. E assim entendemos que o sujeito possa transformar-se e transformar o mundo, estabelecer relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história.

A educação deve possibilitar experiências constantes que busquem a qualidade do desenvolvimento humano. A transformação do sujeito ocorre por meio de respostas aos estímulos e desafios que o mundo apresenta. Para Morin (2005, p. 102), compreender o mundo significa aprender e reaprender incessantemente. Assim, por meio do constante processo educativo de ser e estar no mundo é que se torna possível construir uma ética da compreensão, que vai além da ética humana.

Nesta direção, Severino (1983) trata de uma educação que possibilite a transformação do ser humano. Uma educação que preze a construção de um caminho que transforma por meio da “consciência e liberdade, as duas grandes marcas da transcendentalidade humana. É graças a elas que toma forma a personalidade humana, e elas transfigurarão toda a existência pessoal” (SEVERINO, 1983, p. 72).

Levando em consideração o que foi mencionado, podemos entender, com Morin (2011b), que é necessário perceber os contextos, reconhecer os sujeitos a partir de sua cultura, compreendendo não somente a complexidade humana ou aquilo que a conduz, mas as condições em que são construídas as mentalidades e praticadas as ações. Embora exista legislação vigente sobre a educação nas prisões, apontando para o desenvolvimento humano e a ressocialização, não sabemos ao certo a respeito das práticas e regras que determinam o cotidiano escolar ali existente.

Em meio a essa reflexão, trazemos Foucault (2012), para integrar nossa preocupação em relação à questão da escola inserida no espaço da prisão. O autor percebe a prisão que transforma a fantasia, permeando a imaginação da maioria das pessoas, levando-as a entenderem a instituição prisão como local em que os sujeitos irão se regenerar. Para ele:

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais, pois que

regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, mas ideais, pois se projetam sobre essa organização caracterizações, estimativas, hierarquias. (FOUCAULT, 2012, p. 142)

Não basta estar no espaço da prisão para acontecer a regeneração do ser humano. A instituição precisa estar empenhada a favor da humanização e não o contrário disso. E a prisão, na verdade, demonstra ser um local característico de disciplinas severas e organizações rígidas, que se sobressaem a outros aspectos humanos.

É nesse lugar que percebemos estar instalada a educação na prisão: um ambiente permeado de regras, contradições, que, ao organizar a disciplina, os lugares e as fileiras, cria espaços complexos, indica valores e garante obediência.

A partir das reflexões realizadas, perguntamo-nos: quais limites e possibilidades a escola da prisão proporciona aos detentos estudantes em termos de seu desenvolvimento humano?

De acordo com Morin (2005, p. 105-106), o desenvolvimento humano envolve “o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana”. Assim, podemos considerar a transformação da realidade, de forma que o sujeito se encontra em um ponto paradoxal entre autonomia e dependência, pois da mesma forma precisa se perceber e se desenvolver individual e coletivamente.

Na realidade a ser estudada, entrelaçamos a parte escola e a parte prisão, percebendo as relações entre as duas instituições e os sujeitos nelas envolvidos. Para isso, apoiamo-nos em Morin (2011b) quando aborda esta questão, buscando entender cada parte por meio de uma compreensão complexa, que vai além da racionalidade trivial e desconectada, de modo a permitir tecer os pensamentos e as incertezas da realidade.

A compreensão apresenta-se, então, como uma direção, um caminho que pode nos orientar no desafio de traçar os estudos a partir de pensamentos compatíveis com as instituições escola e prisão. Ao tratar da compreensão, Morin (2005) mostra-nos que esta implica um processo de entendimento complexo. Podemos entender que exercer a compreensão complexa significa compreender que somos seres humanos complexos, tanto no plano pessoal como no interpessoal e, conseqüentemente, em atitudes solidárias, de tolerância e de aceitação dos limites humanos.

Deste modo, na compreensão complexa não cabe a aceitação de qualquer tipo de reducionismo que negue o que diz respeito ao outro, reduzindo-o a um de seus aspectos.

Morin (2011b, p. 117) afirma que a compreensão demanda, por exemplo, que não se feche, não se reduza o ser humano a seu crime.

Não se pode limitar algo ou alguém à sua menor parte; quando tratamos dos sujeitos, um fragmento de seu passado não pode ser considerado como elemento condicionante de seu futuro. Esta limitação ou reducionismo deixa de acontecer quando temos consciência do todo que existe juntamente com as partes.

Morin (2005) trata da compreensão para que haja aliança entre racionalidade e afetividade, para que não se aceite a rejeição e a exclusão, sendo necessária a argumentação que supere o ódio e o desprezo:

A compreensão que afasta a barbárie nutre-se da aliança entre a racionalidade e a afetividade, ou seja, entre o conhecimento objetivo e o conhecimento subjetivo. A compreensão necessita de um conhecimento complexo. Para lutar contra as raízes da incompreensão é preciso um pensamento complexo. Daí, mais uma vez, a importância de “trabalhar pelo pensar bem”. (MORIN, 2005, p. 123)

O pensar bem, defendido pelo autor, leva-nos a refletir sobre a escola da prisão, entendendo que não basta pensá-la apenas por si mesma; é preciso encarar cada relação ali existente, tendo em conta o contexto, as relações humanas, o espaço e suas disposições, regras, normas, além da maneira de se declarar qual educação se quer oferecer aos detentos estudantes. Também é necessário levar em consideração o que os detentos estudantes compreendem sobre a escola de que estamos tratando, sobre o outro, sobre o ambiente e sobre si próprios.

Isto posto, o objeto de estudo se configura a partir do questionamento antes apresentado, além da minha própria experiência, conforme já explicitado. Assim, o objeto da pesquisa é a compreensão da escola da prisão na visão dos detentos estudantes, e o universo foi a Unidade Prisional Centro de Detenção Provisória II – ASP¹ Paulo Gilberto de Araújo de Chácara Belém II.

A hipótese traçada é que o ambiente de regras e disciplinas rígidas se destaca na escola da prisão, o que limita os objetivos da educação e, em consequência, as possibilidades de desenvolvimento humano.

Ao tratar da transformação humana, podemos refletir sobre uma maneira de educar que contemple a natureza do ser humano em sua complexidade, que possibilite a autonomia, o sensibilizar-se diante do outro e do mundo. Morin (2003) fala de uma educação que contribua para a autoformação, que encoraje o autodidatismo e que ensine a pessoa a assumir sua condição

¹ Agente de segurança penitenciária.

humana para tornar-se cidadão, aquele que se define, em uma democracia, pela “solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria” (MORIN, 2010, p. 64) e também às diversidades, culturas e adversidades que possam cruzar seu percurso de vida.

Com base no problema de pesquisa e na hipótese levantada, o objetivo desse estudo é analisar limites e possibilidades de desenvolvimento humano dos detentos estudantes, por meio da compreensão, de maneira que se possa entender estrutura e funcionamento, normas, regras e relações da prisão e da escola da prisão, verificar como acontece o trabalho pedagógico e compreender, por meio da voz dos participantes, possíveis aspectos que apontem limites e possibilidades da escola da prisão com relação ao bom desenvolvimento do estudante.

Para analisarmos se a escola da prisão proporciona oportunidades de aprendizagem, bem como quais limites e possibilidades existem naquele espaço educativo, nos apoiaremos na ética da compreensão humana, por meio dos pressupostos teóricos de Morin (2011b). Suas afirmações advertem-nos para a necessidade de compreender a compreensão, e para isso é preciso conduzir-nos pelo caminho da reflexão, tentando nos colocar no lugar do outro, para percebermos a realidade humana, que é frágil em sua essência.

A compreensão humana extrapola o sentido do entendimento de uma explicação, de perceber o significado de algo, de maneira que não é suficiente se ater a uma explicação ou uma situação. Ela vai além, pois ela comporta uma parte de empatia e identificação. O que nos faz compreender alguém, por exemplo, perpassa significados complexos, que envolvem paradigmas que determinam modos de pensar e visões de mundo (MORIN, 2011a, p. 117). Compreender o sentimento e as atitudes do outro significa estar junto, sofrer junto, admitindo, assim, uma comunicação legitimamente humana. Podemos aprender as maiores lições da vida humana vivenciando a compreensão do outro e a procura do entendimento da consciência humana.

Morin (2011a) afirma que a visão compartimentada impede a visão real do ser humano, considerando um pensamento linear que dá ênfase à razão e entende que tudo pode ser refletido a partir daquilo que é racional. Em contraponto, o autor nos traz afirmações sobre o pensamento complexo como um caminho para se pensar o ser humano de modo integrador, em todas as suas partes e dimensões.

Para isso, o autor se refere à compreensão que vai além da subjetividade humana e precisa do entendimento da complexidade. Morin (2011b) nos esclarece que a compreensão humana abrange três procedimentos que devem ser pensados em conjunto para conceber tal compreensão: a compreensão objetiva, a compreensão subjetiva e a compreensão complexa. A primeira:

[...] comporta a explicação (*ex-plicare*, sair do implícito, desdobrar). A explicação obtém, reúne e articula dados e informações objetivos relativos a uma pessoa, um comportamento, uma situação etc. Fornece as causas e determinações necessárias a uma compreensão objetiva capaz de integrar tudo isso numa apropriação global. (MORIN, 2005, p. 112)

A compreensão objetiva pode ser a base da construção de um entendimento humanizado das situações. A explicação fornece informações que podem ser integradas para sermos capazes de perceber as semelhanças e diferenças em nós mesmos e no outro, reconhecendo as singularidades de cada sujeito. Reconhecer o outro a partir do reconhecimento de si e com todas as suas características e atributos é um princípio inerente à condição humana de convívio entre as pessoas.

Com relação à compreensão subjetiva:

[...] é o fruto de uma compreensão de sujeito a sujeito que permite, por *mimesis* (projeção-identificação), compreender o que vive o outro, seus sentimentos, motivações interiores, sofrimentos e desgraças. São sobretudo o sofrimento e a infelicidade do outro que nos levam ao reconhecimento do seu ser subjetivo e despertam em nós a percepção da nossa comunidade humana. (MORIN, 2005, p. 112)

Os sentimentos do outro devem ser considerados, de maneira que haja interação de saberes e conhecimentos a fim de significar e ressignificar as relações, construindo assim uma realidade que faça sentido na vida das pessoas. Morin (2005) busca considerar o sujeito nas múltiplas faces e fases do desenvolvimento humano, admitindo a intenção de desenvolver todas as suas potencialidades, respeitando os limites da liberdade do outro.

A respeito do terceiro procedimento, Morin (2005, p. 112-113) afirma:

A compreensão complexa é multidimensional; não reduz o outro a somente um dos seus traços, dos seus atos, mas tende a tomar em conjunto as diversas dimensões ou diversos aspectos da sua pessoa. Tende a inserir nos seus contextos e, nesse sentido, simultaneamente, a imaginar as fontes psíquicas e individuais dos atos e das ideias de um outro, suas fontes culturais e sociais, suas condições históricas eventualmente perturbadas e perturbadoras. Visa a captar os aspectos singulares e globais.

A compreensão complexa permite a racionalidade diante da realidade, possibilitando pensamentos complexos que se desprendem de reflexões lineares, triviais e descontextualizadas. Exige vigilância, de modo a contemplar as incertezas que emergem da realidade complexa. Assim, não há receitas prontas nem aplicação prática e muito menos cabem pré-conceitos sobre tipos de seres humanos ou qualidades e distorções, por terem este ou aquele comportamento.

A diminuição do outro, a visão reducionista e o não entendimento sobre a complexidade humana são obstáculos para se chegar à verdadeira compreensão. A indiferença, a ausência de olhar e sentir o outro também erguem barreiras. Desta forma, podemos nos aproximar da literatura e do cinema. No filme *O auto da Compadecida* (2000), baseado na peça teatral de Ariano Suassuna, de 1955, que é conduzida em torno da moral, os personagens se encontram para discussão com Jesus e o Diabo, em uma cena que representa o juízo final. Para ser absolvido de seus pecados, percebendo que apenas eles estão sendo levados em consideração, João Grilo clama por Nossa Senhora Aparecida, que atende a seu pedido e vem ao seu encontro. Ela se coloca em defesa dos personagens que estavam sendo julgados, trazendo suas histórias e os contextos em que cometeram seus pecados, sugerindo a Jesus Cristo que se colocasse no lugar deles e, assim, levasse em consideração a compreensão do outro. Nesta cena, percebemos que compreender o outro remete-nos à compreensão de nós mesmos, colocando-nos no lugar do próximo, entendendo os contextos complexos que envolvem as situações e os comportamentos.

A esse respeito, Morin (2005) fala sobre o entendimento da complexidade humana, primordial para se desenvolver a compreensão humana complexa, estabelecendo um repensar sobre o ser humano, um pensar complexo, um novo sentido. Para ele, “O conhecimento complexo sempre admite um resíduo inexplicável” (MORIN, 2005, p. 124). Quando definimos “isso ou aquilo”, o “ou” é sempre excludente e limitador. Pensar de forma complexa admite um “e” de algo a mais, um “e” que exige compreender que há sempre algo incompreensível, mas que busca não tudo compreender. É necessário buscar o que levou a determinadas situações, considerar o contexto dos fatos, o diferente que completa. Exercer a compreensão complexa significa compreender que somos seres humanos complexos, conseqüentemente, leva a atitudes solidárias, de tolerância e de aceitação dos limites humanos.

Conseqüentemente, ao se tratar da complexidade não tratamos do complicado, porque o complicado pode estar ligado ao reducionismo, ao simples, e aquilo que é considerado complexo não pode ser simples. Para Morin, *complexus* é tecer junto, aquilo que não pode se separar, e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si (MORIN, 2004, p. 38).

Ainda a partir das reflexões apresentadas, procuramos estabelecer um caminho pelo qual tratamos o problema de pesquisa.

O caminho – isto é, os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa – foi traçado a partir de um recorte metodológico para investigar a realidade existente

na escola da prisão do centro de detenção provisória (CDP), utilizando a pesquisa bibliográfica e de campo. A respeito desta última, Severino (2007, p. 123) afirma que “o objeto é abordado em seu meio ambiente próprio e a coleta de dados é realizada nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem”. Segundo o mesmo autor, nesta situação, o intuito é apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.

Para dar respaldo ao trabalho, dispusemos também de pesquisa documental baseada na *Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984* (BRASIL, 1984, 2011a), que institui a Lei de Execução Penal (LEP), no *Plano estadual de educação nas prisões* paulista (SÃO PAULO, 2015) e recorremos à *Resolução conjunta SE-SAP-2, de 30-12-2016* (SÃO PAULO, 2016), que dispõe sobre a oferta da educação básica a jovens e adultos em situação de privação de liberdade no sistema prisional.

Foram realizadas entrevistas com 11 alunos e cinco professores, com o objetivo de dar voz aos principais envolvidos no processo de escolarização. Assim, entendemos que a pesquisa trata da tríplice relação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o ambiente em que está inserido.

Morin (2010) aborda o sentido de sujeito partindo de duas situações: reflexiva e compreensiva. Na primeira, o sujeito realiza uma reflexão sobre si mesmo por meio de um conhecimento intersubjetivo; na segunda, o sujeito não existe, para dar lugar ao indivíduo, que mantém um conhecimento determinista. Assim definido, para o autor, as duas definições são inerentes à ideia do sujeito que reflete e constrói a partir da autonomia.

Podemos, então, nos aproximar da música “Serra do luar”, de Walter Franco, interpretada por Leila Pinheiro:

Viver é afinar o instrumento
De dentro pra fora
De fora pra dentro
A toda hora, todo momento
De dentro pra fora
De fora pra dentro
A toda hora, todo momento
De dentro pra fora
De fora pra dentro. (FRANCO, 1991)

Esse trecho registra uma observação da nossa intenção com relação ao estudante: analisar os aspectos internos e externos e suas relações. Isto é, a intenção foi considerar a percepção de uma situação por dois pontos coexistentes e que se relacionam. Qualquer organismo vivo está continuamente “presumindo coisas” acerca do meio ambiente, ou seja, o

organismo exerce, a todo o momento, uma complexa atividade eferente (ASSMANN, 1998, p. 38).

Acerca da escolarização nos presídios do estado de São Paulo, o *Plano estadual de educação nas prisões* (SÃO PAULO, 2015) assegura à pessoa em situação de privação de liberdade no sistema prisional o direito à educação básica na modalidade de ensino EJA, de acordo com a legislação nacional. E a *Resolução conjunta SE-SAP-2, de 30-12-2016* (SÃO PAULO, 2016) prevê o atendimento por meio de classes de ensino fundamental e ensino médio, que funcionam nas unidades prisionais e são vinculadas a uma escola estadual próxima à unidade prisional.

A escolha da unidade também se deu pelo entendimento de que o CDP acolhe detentos que aguardam decisão judicial; assim, pudemos ter contato tanto com pessoas em situação de cárcere com expectativa de permanecerem presos quanto com pessoas com grandes expectativas de liberdade.

A pesquisa de campo estruturou-se por meio das seguintes questões:

a) Detentos estudantes:

- 1 Você frequentava a escola antes de chegar à unidade prisional? Se sim, em qual ano/série?
- 2 Qual ano ou série você está cursando no momento?
- 3 Há quanto tempo estuda após sua entrada na prisão?
- 4 O que você aprende na escola?
- 5 Como são as aulas? Como você aprende?
- 6 Você aprende/estuda em que momento do seu dia?
- 7 Conte-nos um pouco sobre as atividades que você desenvolve nas horas de aula e quais os assuntos discutidos.
- 8 Como é avaliado o seu aprendizado?
- 9 Com relação ao trabalho, a escola lhe proporciona possibilidades de ingressar no mercado de trabalho?
- 10 Os estudos fazem diferença na sua vida?
- 11 Como você avalia a educação que recebe nesta unidade?
- 12 Que sugestões você faria para o trabalho educacional nesta unidade?

b) Professores:

- 1 Qual a sua formação?
- 2 Qual a sua área de atuação?

- 3 Há quanto tempo você leciona nas instalações da unidade prisional?
- 4 Qual o significado/finalidade do seu trabalho?
- 5 Como organiza seu trabalho?
- 6 Como você desenvolve seu trabalho na(s) sala(s) de aula em que atua?
- 7 Qual contribuição acredita proporcionar aos estudantes por meio de suas ações?
- 8 Você tem conhecimento da proposta pedagógica?
- 9 Com relação à sua disciplina/campo de atuação, o que os estudantes aprendem?
- 10 Os estudantes têm interesse em aprender? De que maneira?
- 11 E a instituição (unidade), como você a percebe? Como ela é e quais as suas características e especificidades?
- 12 Que sugestões você faria para a melhoria do trabalho educacional nesta unidade?

Cabe-nos ainda informar que, com a intenção de conhecer outros caminhos percorridos em estudos sobre a educação nas prisões, foi realizada em 2018 consulta no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)², a partir das palavras-chave “educação nas prisões”, retornando um total de 13 registros entre os anos de 2003 e 2016, conforme Quadro 1, a seguir.

Chamou-nos a atenção o levantamento da literatura específica, entendendo que há preocupação com a formação escolar e humana nas escolas das prisões; entretanto, isto não tem colaborado para as necessárias mudanças no sistema prisional.

² Disponível em: <[https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/).

Quadro 1 – Levantamento de teses e dissertações

Autor	Nível	Título	Ano	Universidade	Área
DUARTE, Sandra Marcia	Mestrado	A normatização da educação em prisões como parte da política educacional brasileira	2016	Universidade Federal do Paraná	Educação
MELO, Vanusa Maria de	Mestrado	Aproveitando brechas: experiência com cinema em escolas prisionais do Rio de Janeiro	2014	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	Educação
CARVALHO, Odair Franca de	Doutorado	Entre a cela e a sala de aula: um estudo sobre experiências educacionais de educadores presos no sistema prisional paulista	2014	Universidade Federal de Uberlândia	Educação
MENOTTI, Camila Cardoso	Mestrado	O exercício da docência entre as grades: reflexões sobre a prática de educadores do sistema prisional do Estado de São Paulo	2013	Universidade Federal de São Carlos	Educação
AGUIAR, Alexandre da Silva	Doutorado	Educação de jovens e adultos privados de liberdade e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens em Unidades Penais do Estado do Rio de Janeiro	2012	Universidade Federal de Minas Gerais	Educação
OLIVEIRA, Carolina Bessa Ferreira de	Mestrado	Para além das celas de aula: a educação escolar no contexto prisional à luz das representações dos presos da penitenciária de Uberlândia - Minas Gerais	2012	Universidade Federal de Uberlândia	Educação
VALE, Alessandra dos Santos	Mestrado	Cultura escolar em prisões distintas: contrastes e semelhanças entre a escola no presídio e a escola na Apac	2012	Universidade Federal de São João Del-Rei	Processos Socioeducativos e Práticas Escolares
GOMES, Martha Joana Tedeschi	Doutorado	Intramuros: a avaliação de matemática no CEEBJ “Dr. Mário Faraco” 1982-1997	2011	Universidade Federal do Paraná	Educação
GUALBERTO, Juliana das Graças Gonçalves	Mestrado	Educação escolar de adolescentes em contexto de privação de liberdade: um estudo de políticas educacionais em escola de centro socioeducativo	2011	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Educação
GRACIANO, Mariangela	Doutorado	A educação nas prisões: um estudo sobre a participação da sociedade civil	2010	Universidade de São Paulo	Educação
OLIVEIRA, Maria Júlia Silva de	Mestrado	A mulher presa, sonhos e frustrações: a escola no sistema carcerário	2010	Universidade Nove de Julho	Educação
NETO, Rosana de Mont'alverne	Mestrado	Correspondências do cárcere: um estudo sobre a linguagem de prisioneiros	2009	Universidade Federal de Minas Gerais	Educação
SILVEIRA, Maria Helena Pupo	Mestrado	Educação e trabalho no sistema prisional: por que e para que educar os maus?	2003	Universidade Federal do Paraná	Educação

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (2018).

Os trabalhos que constam do Quadro 1 foram analisados na íntegra, o que favorece significativamente o entendimento sobre o tema estudado. Na sequência, apresentamos uma

breve descrição dos trabalhos nos quais identificamos maiores aproximações em relação à nossa pesquisa.

Sandra Duarte observou as políticas públicas para a educação em ambientes de privação de liberdade e concluiu que a privação de liberdade é discutida inicialmente nos núcleos de pesquisa que estudam o assunto. O grupo que mais trata do assunto é a Rede Latino-Americana de Educação em Prisões (Redlece).

Vanusa Melo analisou as experiências docentes efetivadas por meio da exibição de filmes nas escolas da prisão do Rio de Janeiro e debateu sobre essa atividade, seus aspectos positivos e negativos, e que opiniões os alunos têm sobre ela.

Odair Carvalho investigou a participação de presos monitores que desenvolvem a função de educadores na escola da prisão, em seis unidades prisionais de São Paulo. O autor identificou que a educação nas escolas pesquisadas não se limita à transmissão do conhecimento como nas escolas regulares, mas acontece de maneira singular, construída num espaço específico entre educadores presos e educandos presos.

Camila Menotti pesquisou eventos educacionais em uma unidade prisional do interior de São Paulo. Observando a ação docente, concluiu que estes educadores que atuam no sistema prisional paulista significam sua experiência de ensino sob perspectivas específicas do sistema prisional.

Alexandre Aguiar estudou a educação de jovens e adultos em situação de privação de liberdade tendo como foco as políticas públicas que garantem a efetivação do direito à educação nas prisões, ao analisar o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem Urbano) em duas unidades penais do Estado do Rio de Janeiro. O autor apontou as contradições e dualidades que fundamentam a execução dessas políticas e fazem com que elas se tornem, em alguns casos, inexecutáveis.

No trabalho de Carolina Oliveira existe a preocupação em delimitar a categoria de análise, tanto no título da pesquisa quanto nos tópicos que tratam de como são analisados os pontos problematizadores. O título *Para além das celas de aula: a educação escolar no contexto prisional à luz das representações dos presos da penitenciária de Uberlândia – Minas Gerais* nos faz perceber, desde o início, a finalidade da pesquisa em identificar as representações dos sentenciados, que são entendidas pelos “fatos de palavras e de prática social”, como uma forma de representação que possa explicitar os conflitos e contradições na construção do espaço, articulando as análises de cunho fenomenológico e dialético. A autora estabelece como foco central da pesquisa o estudo da educação escolar no sistema prisional a

partir do confronto entre políticas públicas prescritas e instituídas nesse contexto e as representações dos presos acerca dessa realidade vivida cotidianamente.

As teses e dissertações apresentadas permitem que nos aproximemos do tema estudado, tendo como ponto de partida as análises anteriores sobre o espaço da escola da prisão, bem como das relações humanas que ali existem.

Para desenvolver uma reflexão sobre a problemática proposta, foi delineado o seguinte caminho: No próximo capítulo tratamos da escola da prisão no Estado de São Paulo, apresentando dados que mostram a estrutura e o funcionamento da prisão, o perfil dos detentos e as características da escola da prisão pesquisada, além da conjuntura atual existente no sistema prisional.

No segundo capítulo, são apresentados conceitos desenvolvidos por Edgar Morin, sendo abordados temas como incompreensão, compreensão e ética da compreensão humana.

O capítulo seguinte se constitui da descrição do campo e das entrevistas, trazidas na íntegra, de maneira que a voz dos detentos estudantes fosse reconhecida. Cada um deles, a partir de suas experiências com a escola, contribui para a compreensão da educação que acontece na prisão. A voz dos professores também é reconhecida, nos depoimentos sobre seu trabalho e sua relação com os alunos.

Na sequência, o capítulo promove uma articulação dos depoimentos com a teoria apresentada por Edgar Morin.

Encerrando o estudo, as considerações finais revelam e alinham pontos observados na análise.

1 UM MUNDO ENCARCERADO: A ESCOLA DA PRISÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO

A escola é um texto escrito por várias mãos e sua leitura pressupõe o entendimento de suas conexões com a sociedade e de seu próprio interior (ONOFRE, 2011, p. 111).

A análise do contexto das penitenciárias de São Paulo pode trazer uma melhor leitura do campo estudado, com vistas ao ambiente em que a escola está inserida, às impressões que temos ao estar em um espaço de confinamento, ao número e perfil dos detentos e às políticas oferecidas.

É importante lembrarmos que a escola da prisão está instalada em um ambiente submetido a características e estatísticas do sistema carcerário, e que as atividades educativas se dão por meio da troca de experiências ali vivenciadas, que determinam o tempo e o espaço dos estudantes, de acordo com suas regras e cultura de funcionamento.

Tratamos, então, de uma situação dualista, que pode ser entendida até mesmo como contraditória se partirmos do princípio de que a educação deve estar na direção da transformação humana, da busca de entendimentos e significados de vida, e de convivência social, enquanto a prisão trabalha com a lógica da privação do direito de ir e vir, da segurança, do confinamento.

Para Onofre (2010), a escola da prisão está em uma lógica paradoxal, sendo necessário o entrosamento da lógica da segurança e a da educação, que mantém o aprisionado envolvido em projetos educativos que possam melhorar sua qualidade de vida. A partir desta distinção, é importante perceber o espaço social em que a escola está inserida para que se possam considerar a complexidade e a singularidade da instituição. Nesse sentido, a mesma autora afirma que:

A “sociedade dos cativos” se organiza em função de regras e códigos, o que nos leva a supor que estes produzem nos indivíduos efeitos em sua convivência diária, nas concepções sobre a realidade e em sua própria situação no âmbito da escola. A escola, mesmo inserida na prisão, é considerada uma instituição com responsabilidades específicas, que se distingue de outras instâncias de socialização e tem identidade própria e relativa autonomia. (ONOFRE; JULIÃO, 2013, p. 62)

No que se refere especificamente ao contato com o ambiente da prisão, percebemos um mundo diferente e, por mais que estejamos habituados, a primeira sensação que temos é a de medo.

A comparação das histórias que vemos em livros, filmes ou programas de televisão com a realidade ali presente é inevitável. Podemos conceber, então, como se sentem os que estão enfrentando aquele ambiente como prisioneiros.

A prisão traz um sentimento de fragilidade e impotência, criando em nós a dúvida sobre se estamos ali para amparar de alguma forma aqueles que precisam ou se temos medo dessas mesmas pessoas, bem como a impressão de dependência dos guardas e funcionários, que, à sua maneira, detêm algum tipo de poder, por estarem ali com as chaves de todos os portões e terem o conhecimento sobre os espaços e os detentos. O ruído dos portões sendo fechados a cada espaço que é adentrado afeta nossos sentidos, causando uma sensação de pequenez, de ser coisa alguma. Para Foucault (2012, p. 239-240):

Estamos aí ainda muito próximos das descrições “pitorescas” do mundo dos malfeitores – velha tradição que remonta longe e revigora na primeira metade do século XIX, no momento em que a percepção de outra forma de vida vem se articular sobre a de outra classe e espécie humana. Uma zoologia das espécies sociais, uma etnologia das civilizações de malfeitores, com seus ritos e língua, esboça-se numa forma de paródia. Mas aí se manifesta, entretanto, o trabalho de constituição de uma nova objetividade onde o criminoso pertence a uma tipologia ao mesmo tempo natural e desviante.

A nós, visitantes, a obediência aos funcionários é uma exigência em nome da segurança e da disciplina. Depois de sermos revistados e identificados, recebemos permissão para entrar. Possivelmente seremos escoltados, pois alegam que seria muito perigoso entrarmos sozinhos naquele outro mundo.

Com o passar do tempo, ao frequentarmos a prisão descobrimos que, dentro dessa estrutura organizacional, os próprios detentos possuem certo tipo de poder. De um lado, existem os regulamentos institucionais, as normas oficiais; de outro, uma cultura própria, a cultura da prisão, que deverá ser respeitada tanto pelos detentos como pelos funcionários e por todos aqueles que por ali transitarem.

A intervenção penal na vida do detento, através dos mecanismos e métodos disciplinares, realiza uma constante sujeição de suas forças e ao mesmo tempo impõe uma relação de docilidade-utilidade, de modo que os comportamentos individuais se doblam e se objetivam em função de normas e técnicas – minúcias, composições sutis, arranjos astuciosos, pequenas coerções – e da própria dinâmica carcerária. (RESENDE, 2011, p. 74)

Essa experiência é comum a todos que se atrevem a cruzar os portões, a frequentar os espaços internos da unidade. Passamos do espanto à convivência e, com o tempo, tornamo-nos parte dos jogos de poder. Nosso comportamento também é alterado: deixamo-nos submeter à rotina, passamos a nos comportar de acordo com as regras.

As regras da prisão transformam o que ali chega em um indivíduo ao qual o infrator da lei ou o objeto de uma técnica científica se sobrepõe. Desde a perda da própria identidade – pois o detento é chamado por seu número de matrícula – até a falta de socialização com a própria família, com quem, dependendo da situação, o detento pode ficar muito tempo sem nenhum contato. Um objeto individualizado, localizado e permanentemente à disposição dos mecanismos e rituais disciplinares, para o que a diferença individual é pertinente (FOUCAULT, 2012, p. 164).

Com muros altos, grades, arame farpado e guardas, a prisão transforma o indivíduo, observando-o com atenção e organização continuamente. De acordo com Foucault (2012), este modelo panóptico³ leva o preso a um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder.

Com relação à rotina das pessoas presas, ao contrário do que supõe o senso comum, o que se verifica é que o preso não tem tempo de sobra. As rotinas da prisão giram em torno da segurança e da disciplina da unidade. O corpo funcional da administração penitenciária é formado majoritariamente por agentes de segurança penitenciária (ASPs) e agentes de escolta e vigilância penitenciária (AEVPs).

A rotina de atividades é controlada a partir dos horários de fechar os detentos nas celas. Na maioria das unidades prisionais, dá-se a soltura diária por volta das 7h30, horário em que trabalham ou estudam, sendo liberados para as oficinas ou escolas, respectivamente. Entre 7h30 e 10h30 desenvolvem-se as atividades matutinas, interrompidas para fechar novamente os presos nas celas. Às 11h, a maior parte já se encontra recolhida nos pavilhões habitacionais, onde será servido o almoço. Às 13h saem novamente das celas, quando se inicia o período de atividades da tarde, que se estende, quando muito, até as 16 horas. Após esse horário, retorno ao pavilhão habitacional, contagem dos presos, cela. As luzes são apagadas por volta das 22 horas.

Há, portanto, uma rotina rígida para os detentos, uma disciplina que possa dar conta dos corpos que ali estão. Para Foucault,

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa [...] a unidade não é, portanto, nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna, o intervalo numa série de intervalos que pode percorrer sucessivamente. (FOUCAULT, 2012, p. 140)

³ Projeto arquitetônico de Jeremy Bentham que permite um tipo de poder exercido sobre os indivíduos em forma de vigilância contínua, de controle (FOUCAULT, 2012, p. 190).

Desta maneira, a disciplina, os lugares, as rotinas, criam na prisão espaços complexos, porém funcionais, determinam valores e obtêm o controle de tudo e de todos, caracterizando aqueles que ali vivem, além de regular sua circulação, atitudes e comportamento.

E o preso, como se sente diante desse espaço entre grades? Podemos nos utilizar da letra da música “Auto-reverse”, interpretada pela banda O Rappa, para demonstrar ao menos um pouco desse sentimento diante de tantas regras e subjetividade:

Felizes, de uma maneira geral, geral
 Estamos vivos
 Aqui agora brilhando como um cristal
 Somos luzes que faíscam no caos
 E vozes abrindo um grande canal
 Nós estamos na linha do tiro
 Caçando os dias em horas vazias, vizinhos do cão
 Mas sempre rindo e cantando, nunca em vão
 Uma doce família que tem a mania
 De achar alegria, motivo e razão
 Onde dizem que não
 Aí que tá a mágica, meu irmão
 Tá aqui e agora no ar que rodeia
 No som que nos cerca, no olho que vê
 E não consegue tocar
 Aí que tá o segredo, meu irmão
 Que pulsa no peito, que sente e não julga
 Que tira do sério e acende um na cidade
 E não dá pra explicar
 Aí que tá o mistério, meu irmão
 Descobrir o que liberta o sol
 Que faz buraco
 Furação do escuro, escuro, escura
 Esquecer ao menos uma noite
 O medo [...] (QUEIROGA et al., 2013)

Essa canção, como outras do gênero, registra uma observação, talvez de senso comum, da realidade que vivem, trazendo a condição de invisibilidade e a denúncia de que estão postos em meio ao caos, ao medo e a incertezas. Entretanto, estão ali, em dias vazios, mas brilhando como um cristal.

1.1 Conjuntura da prisão

Considerando a atual conjuntura das prisões do país e do Estado de São Paulo, podemos observar seu funcionamento a partir das leis proclamadas e de sua real organização, que acontece de maneira simplificada, de forma que a condição humana do sujeito é reduzida ao seu crime e, por consequência, à prisão. Assim, os direitos humanos dos detentos são violados

no que se refere a superlotação, torturas, locais desumanizados, entre outras questões que envolvem a sobrevivência dessas pessoas. Para Rodrigues (2012, p. 20):

O delito, observado pela ótica do sistema prisional, e as representações cotidianas nas quais o Estado se consolida e se legitima, na forma das estruturas públicas que aí estão, o imaginário repressor ou punitivo destinado como solução às desviantes, revelam uma visão estática da realidade e uma visão dualística. [...] ficando seus atos e sua pessoa classificados como benéficos ou maléficos.

A autora traz reflexões sobre situações do sistema prisional, que é regido pelo Estado, e o próprio sistema mantém o entendimento de que o detento é um ser rebelde, insurgente. Mas aquilo que se refere ao desenvolvimento humano não pode ser compreendido ou medido por bom ou mau, antes “como pulsões de vida, onde cabem o erro e o acerto, a experiência e a aprendizagem” (RODRIGUES, 2012, p. 20).

O sistema penitenciário, entendido por muitos como uma organização que readapta os sujeitos, ainda está distante de ser uma instituição que consegue ressocializar, uma vez que tem uma percepção do ser humano somente como criminoso, deixando de levar em consideração sua multidimensionalidade.

No que diz respeito às referências sobre prisões no Brasil, podem-se encontrar inicialmente as leis existentes no período colonial. Nos anos 1800, as terras brasileiras serviram como prisão.

Em 1824, a Constituição Federal previa, em seu art. 179, que nas prisões haveria separação dos detentos de acordo com seus crimes. Além disso, os ambientes tinham de ser limpos, seguros e arejados. Contudo, nessa época as prisões apresentavam-se em condições inadequadas de atendimento (PEDROSO, 1997, p. 123).

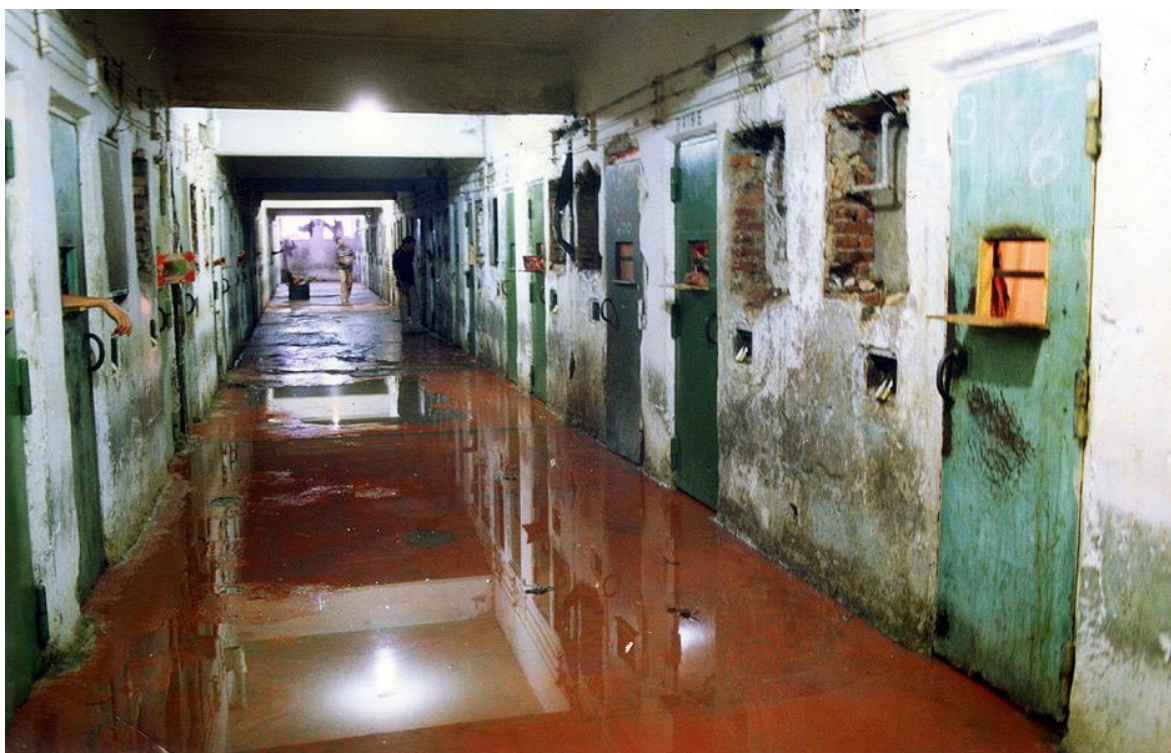
Esses breves apontamentos nos mostram que desde o século XIX a instituição prisão manteve-se sem condições de atendimento, mostrando-se ineficientes e violando os direitos humanos.

Verificamos que os modelos internacionais (KAWAGUTI, 2014), como o Complexo Carandiru, que funcionou na zona norte do município de São Paulo até 1994, não são eficientes. Encontramos, por exemplo, uma reportagem publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo* em 2017, intitulada “Saiba quais foram algumas das maiores rebeliões em presídios do Brasil”, que menciona cronologicamente alguns massacres ocorridos no Brasil desde a década de 1980, destacando o número de mortos:

1987 – Penitenciária do Estado de São Paulo (SP), 31 mortos;
1989 – 42º Distrito Policial de São Paulo (SP), 18 mortos;
1992 – Massacre do Carandiru, São Paulo (SP), 111 mortos;
2002 – Presídio Urso Branco, Porto Velho (RO), 27 mortos;
2004 – Casa de Custódia de Benfica (RJ), 31 mortos;
2010 – Complexo Penitenciário de Pedrinhas, São Luís (MA), 18 mortos;
2017 – Massacre em Manaus, Amazonas, 67 mortos;
2017 – Penitenciária Agrícola de Monte Cristo, Boa Vista (RR), 33 mortos;
2017 – Penitenciária de Alcaçuz, Nísia Floresta (RN), 26 mortos.

Diante destes apontamentos, podemos perceber que apenas no primeiro semestre de 2017 três rebeliões aconteceram em diferentes locais; a reportagem não relata situações de conflitos de menor proporção ocorridos nestas ou noutras cidades.

Fotografia 1 – Corredor alagado de sangue no Pavilhão 9 no Carandiru, após intervenção da PM para conter rebelião



Fonte: SAIBA... (2017). Foto de Niels Andreas.

Podemos constatar que a lei de execução penal brasileira (BRASIL, 1984), cuja disposição, segundo seu artigo 1º, é “proporcionar condições para a harmônica integração social

do condenado e do internado”, não se mostra eficaz, uma vez que as dificuldades do sistema prisional do país estão em completa ebulição.

Problemas graves assombram as unidades prisionais, como superlotação, saúde precária, tortura, deficiência de saneamento básico, entre outros. Segundo Rodrigues (2012, p. 22), a LEP orienta e regulamenta as condições de cumprimento de penas privativas e restritivas de liberdade, mas, apesar de contínuas recomendações quanto à necessidade do seu cumprimento, não consegue atingir seus objetivos.

No que diz respeito à educação, Rodrigues (2012, p. 67) aponta:

No objetivo do exercício da cidadania democrática, a educação, como direito de todos e dever do Estado, requer formação dos cidadãos. Deste modo, é compreendida como um direito em si mesmo e um meio indispensável para acesso a outros direitos. A educação conquista, portanto, mais importância quando direcionada ao pleno desenvolvimento humano e às suas potencialidades, valorizando os grupos socialmente excluídos.

Desta forma, a educação pode ser considerada um dos principais aspectos que possibilitam o desenvolvimento humano, e sua implantação depende da operacionalização da legislação vigente, que envolve o Estado – representado pela administração penitenciária – e o Judiciário, além da sociedade civil.

No que diz respeito ao direito à educação mencionado na LEP, podemos observar os seguintes artigos:

Art. 17. A assistência educacional compreenderá o ensino escolar e a formação profissional do detento e do internado.

Art. 18. O ensino de 1º grau será obrigatório, constituindo-se no sistema escolar da Unidade Federativa.

Art. 18-A. O ensino médio, regular ou supletivo, com formação geral ou educação profissional de nível médio, será implantado nos presídios, em obediência ao preceito constitucional de sua universalização.

§ 1º O ensino ministrado aos presos e presas integrar-se-á ao sistema estadual e municipal de ensino e será mantido, administrativa e financeiramente, com o apoio da União, não só com os recursos destinados à educação, mas pelo sistema estadual de justiça ou administração penitenciária. (BRASIL, 1984)

Entretanto, é duvidoso o efetivo cumprimento da LEP (BRASIL, 1984) com relação às políticas educacionais. Primeiramente, podemos assinalar as conclusões do relatório de pesquisa *Reincidência criminal no Brasil*, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em convênio com a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, que aponta falha na estrutura física e falta de professores preparados. Ademais, a deficiência na infraestrutura para atender presos condenados e provisórios inviabiliza o acesso

de todos à educação, priorizando-se então os condenados (BRASIL; INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2015b, p. 112).

Podemos, ainda, ponderar a falta de espaços para a abertura de classes escolares, pois a estrutura da prisão não foi pensada para considerar a existência de escolas. Para Julião (2010), espaços para a educação formal não são entendidos como prioridade – são verdadeiros “artigos de perfumaria”. Para esse autor, a operacionalização da legislação, no que tange à educação, é precária e aplicada de forma isolada.

Desta maneira, conseguimos perceber que o direito à educação dentro dos sistemas prisionais, enquanto promoção da ressocialização, necessita de cumprimento efetivo.

Além disso, mediante a complexa situação das prisões no país, em 2015 foi implantado o *Plano nacional de política criminal e penitenciária* (BRASIL, 2015a), que deve ser revisto e reformulado de quatro em quatro anos pelo Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária. O documento é dividido em dois momentos. No primeiro, indica a necessidade de adequação da política criminal e penitenciária aos instrumentos de gestão de políticas públicas e, num segundo momento, volta-se para fixar diretrizes para o funcionamento do sistema prisional, do cumprimento de medida de segurança, do monitoramento eletrônico e das alternativas penais (BRASIL, 2015a, p. 5-6).

Em relação às questões humanitárias nos presídios, voltamos a mencionar a LEP (BRASIL, 1984), que dispõe, no Título I, acerca do objeto e da aplicação da lei:

Art. 1º A execução penal objetiva efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e oferecer condições para a harmônica integração social do condenado e do internado [...].

Art. 3º Ao condenado e ao internado serão assegurados todos os direitos não atingidos pela sentença ou pela lei.

Parágrafo único. Não haverá qualquer distinção de natureza social, racial, religiosa ou política.

Art. 4º O Estado deverá recorrer à cooperação da comunidade nas atividades de execução da pena e da medida de segurança. (BRASIL, 1984)

A LEP ainda regulamenta, no Capítulo II, a assistência que o Estado deve prestar ao preso. Consta nas disposições gerais:

Art. 10. A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, e possui como objetivo prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade.

Parágrafo único. A assistência estende-se ao egresso.

Art. 11. A assistência será:

I - material;

II - à saúde;

III - jurídica;

IV - educacional;

V - social;
VI – religiosa. (BRASIL, 1984)

De acordo com Rodrigues (2012, p. 65), “a estrutura jurídica nacional e do Estado de São Paulo é ampla e apresenta uma extensa lista de direitos fundamentais [...], mostrando-se promissora, porém frágil do ponto de vista de sua implantação e execução”.

Com relação à LEP, verificamos a violação dos direitos humanos. Diversas legislações e tratados asseguram direitos às pessoas e estabelecem obrigações jurídicas aos Estados; entretanto, sua implantação e execução acontecem por meio de ações que se contrapõem às necessidades reais dos detentos.

Ainda que a LEP (BRASIL, 1984) verse sobre garantia dos direitos dos presos, enquanto pessoas humanas, sua operacionalização se faz ineficiente. Os direitos humanos estão dispostos na Constituição de 1988, no *caput* do art. 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se a brasileiros e estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Todavia, o que vemos é que, enquanto estão sob a tutela do Estado as pessoas presas estão condenadas ao não cumprimento de seus direitos.

Tendo em vista a falta de atendimento humanizado por parte do próprio sistema prisional, a reincidência da criminalidade dos detentos que passam pelo sistema prisional pode ocorrer com mais facilidade, pois essa falta de direitos pode levá-los a cometer outros crimes. Em consequência, a própria sociedade acaba por ser penalizada.

Assim, as ações ligadas aos direitos humanos devem ser efetivas, de forma a apoiar os detentos de acordo com as legislações vigentes, aproximando o Estado do atendimento eficaz das políticas públicas do setor prisional, favorecendo a ressocialização em vez do mero confinamento de pessoas.

1.2 Estrutura da prisão

Analisando basicamente a estrutura da prisão, podemos perceber em que lugar a escola da prisão está inserida. De acordo com o *Projeto político-pedagógico para as escolas das unidades prisionais do Estado de São Paulo (versão preliminar)*⁴ da SEE/SAP/Funap, existem

⁴ *Projeto político-pedagógico para as escolas das unidades prisionais do Estado de São Paulo (versão preliminar)* é um documento de 2010 que visa a operacionalizar o *Plano estadual de educação nas prisões* (SÃO PAULO, 2015). As indicações desse projeto são pautadas nos dispositivos da LDB e na LEP. O plano foi publicado internamente e pode ser encontrado em órgãos públicos do Estado de São Paulo envolvidos no atendimento de escolarização de pessoas presas, como Seesp, SAP, unidades prisionais e escolas vinculadoras. Por não haver dados de publicação, o documento não consta de nossa lista de referências.

seis modelos principais de estabelecimentos penitenciários, havendo, ainda, unidades com modelos diferenciados, em decorrência de seus períodos históricos de construção ou dos regimes de detenção que abrigam. A diversidade arquitetônica exerce influência direta nas relações entre os detentos e na dinâmica das ações.

A LEP (BRASIL, 1984) dispõe sobre as propriedades da arquitetura das unidades tendo em vista a ressocialização do detento por meio do encaminhamento positivo dos afazeres dentro dos espaços, proporcionando vivências que o façam refletir sobre seu retorno à sociedade, para que possa cumprir a pena de maneira digna e com ensinamentos que favoreçam um retorno satisfatório ao convívio social, quando de sua saída do ambiente prisional. Apesar disso, podemos perceber a superlotação e a precariedade da estrutura das prisões, que acarretam no mau atendimento.

As *Diretrizes básicas para arquitetura penal* (BRASIL, 2011b), editadas por meio da Resolução nº 9, de 18 de novembro de 2011, indica algumas regras para a construção de unidades prisionais em nosso país, como, por exemplo, obrigatoriedade de espaços destinados a trabalho e estudo e visitas com espaços mínimos condizentes ao número de detentos. Esta orientação tem estreita relação com o princípio da ressocialização.

Entretanto, o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCC) criou outras normas, trazendo como principal preocupação a segurança, sem exigência mínima de espaços proporcionais ao número de detentos.

Para Cordeiro (2018), é importante levar em consideração os materiais utilizados na construção, pois eles podem ser utilizados como arma. Por isso, é necessária a utilização de materiais bem resistentes, diferentes dos tradicionalmente utilizados em projetos arquitetônicos.

Cordeiro (2018) afirma ainda que extraoficialmente existe a preocupação de encaminhar os detentos de uma facção criminosa a unidades prisionais específicas e que, ao projetar uma unidade, é necessário saber a qual facção está destinada, bem como o perfil dos detentos. Como exemplo, tomamos os detentos do Comando Vermelho, cujo perfil é mais agitado e impaciente, por isso é maior a possibilidade de deteriorarem a unidade de maneira mais agressiva. Por outro lado, os detentos pertencentes ao Primeiro Comando da Capital (PCC) possuem perfil mais estrategista e, geralmente, têm bom comportamento porque querem sair o mais rápido possível da prisão. Desta forma, uma unidade penal destinada a detentos do Comando Vermelho é construída com materiais mais resistentes do que no caso do PCC.

Além disso, a LEP dispõe sobre a classificação e individualização executória da pena, Os detentos são separados nos espaços de acordo com o crime cometido, numa organização que possibilite beneficiar convívio, objetivando melhores condições no cumprimento da pena. A

classificação e individualização executória da pena significa distribuir os encarcerados em grupos ou classes, conforme determinados critérios (NUCCI, 2011, p. 457). Essa maneira de separação dificulta o contato dos detentos que cometeram crimes mais elevados com aqueles que cometeram crimes brandos ou são primários em suas sentenças.

A disciplina e contenção dos detentos parece ser o ponto central de toda a organização de uma unidade prisional. Segundo Foucault (2003), os espaços e sujeitos que ali se encontram estão imbuídos de poder. Para ele, prevalece nas sociedades humanas uma organização indestrutível de poderes que transita pelos diversos afazeres da vida das pessoas, e que os regula e sujeita.

Podemos analisar esses pontos relacionados à arquitetura por meio do pensamento de Foucault (2012), que traz o conceito de “ilegalismo”. De acordo com este pensador, a lei pretende, no caso de cumprimento de pena, criar mecanismos para distinguir e distribuir os detentos de maneira a favorecer a administração. O autor trata esta questão como gestão diferencial dos ilegalismos, isto é, um padrão de classificação. A penalidade não “reprimiria pura e simplesmente as ilegalidades; ela as diferenciaria, faria sua economia geral” (FOUCAULT, 2012, p. 227). Assim, podemos perceber que a arquitetura promove a capacidade de gestão e cultura do espaço prisional a partir de um olhar disciplinar, que permite controle e bom funcionamento.

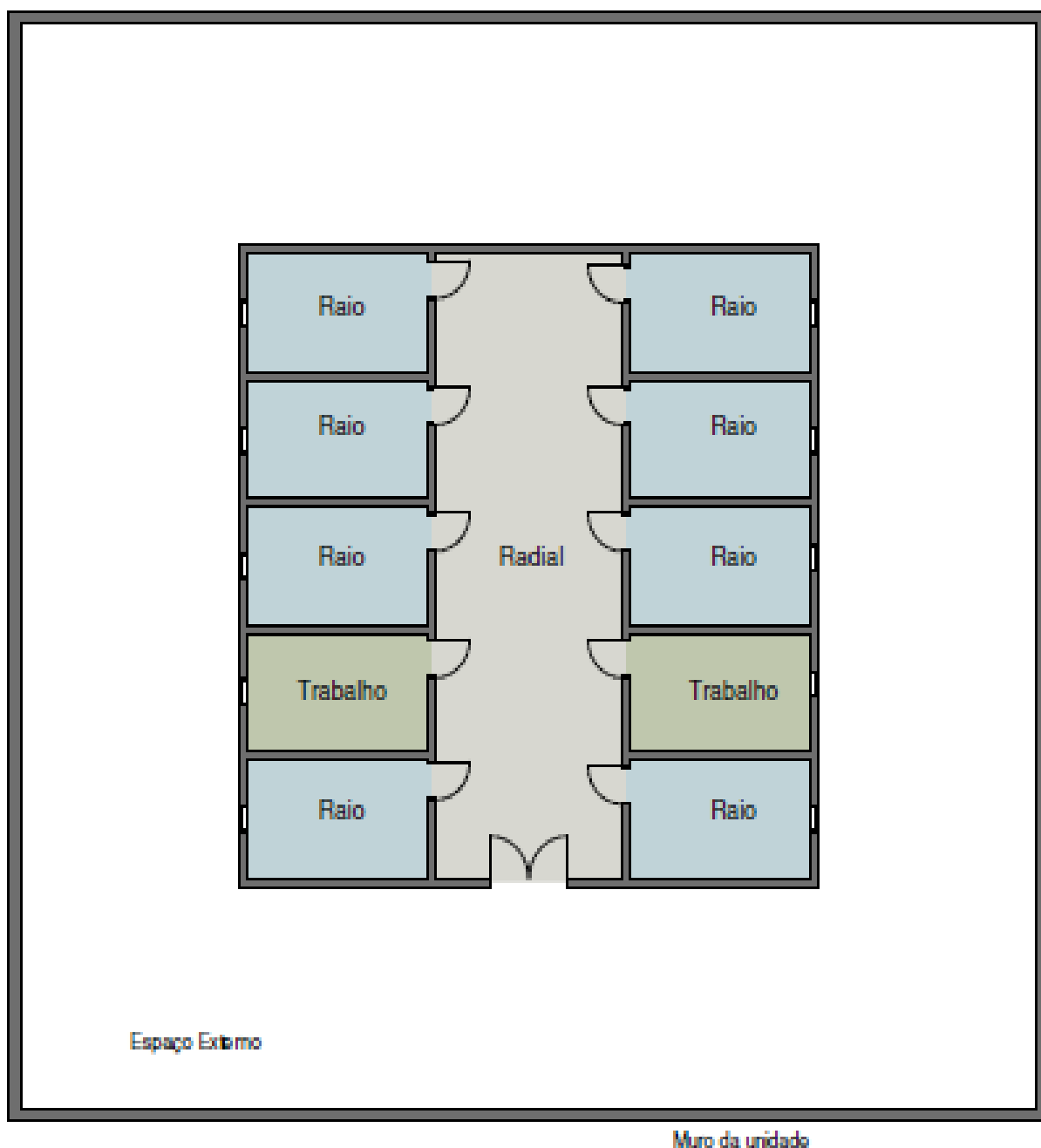
Para ilustrar as afirmações acima, cabe-nos trazer informações sobre os modelos de unidades prisionais existentes no estado de São Paulo, descritos pela Funap no *Projeto político-pedagógico para as escolas das unidades prisionais do Estado de São Paulo (versão preliminar)*.

O modelo mais comum encontrado atualmente é o das penitenciárias compactas⁵. Trata-se de uma unidade dotada de oito pavilhões habitacionais, com capacidade para 768⁶ detentos. Estas unidades são atravessadas por uma galeria central chamada radial, com acessos laterais aos raios⁷ e aos pavilhões de trabalho, escola e cozinha. As celas distribuem-se num raio retangular, sendo o espaço central utilizado como quadra de esportes e para atividades diversas.

⁵ Penitenciária compacta: após o julgamento, de acordo com a pena, os condenados seguem para uma penitenciária de regime fechado, regime semiaberto ou compacta. Esta última é como um centro de detenção provisória (CDP), mas com característica de penitenciária, com cozinha, oficinas e salas de aula. Disponível em: <<http://www.sap.sp.gov.br/mod-uni-pri.html>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

⁶ Os dados referentes ao número de vagas estão disponíveis no sítio da SAP: <<http://www.sap.sp.gov.br/mod-uni-pri.html>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

⁷ Raio é o equivalente a um pavilhão em um presídio, sendo o nome utilizado internamente pela comunidade penitenciária, tanto profissionais quanto detentos.

Esquema 1 – Penitenciária compacta

Fonte: a autora, com base no *Projeto político-pedagógico para as escolas das unidades prisionais do Estado de São Paulo (versão preliminar)*.

Este modelo arquitetônico implica particularidades na organização e distribuição dos detentos pela unidade. É comum que aqueles que vão à escola sejam alocados em um mesmo raio. Esta estratégia possibilita aos profissionais da unidade maior controle sobre quem sai dos raios para a escola, permitindo uma rotina menos trabalhosa de abertura, contagem e

trânsito dos detentos entre o raio e o pavilhão escolar. O trabalho dos agentes penitenciários seria dificultado caso aqueles que estudam se deslocassem de todos os pavilhões.

Por outro lado, mesmo em unidades onde não existem tais dificuldades o trânsito interno de detentos entre o pavilhão habitacional e os espaços onde ocorrem as demais atividades é sempre motivo de preocupação para os guardas, de modo que as diretorias de segurança e disciplina consomem boa parte de seu tempo na criação de estratégias para diminuir esse trânsito. Como consequência, instaura-se uma dinâmica de convivência que é oposta ao discurso da reintegração social, uma vez que frequentar a escola se impõe como uma restrição, pois abre precedentes nas relações de convívio social com os demais detentos da prisão.

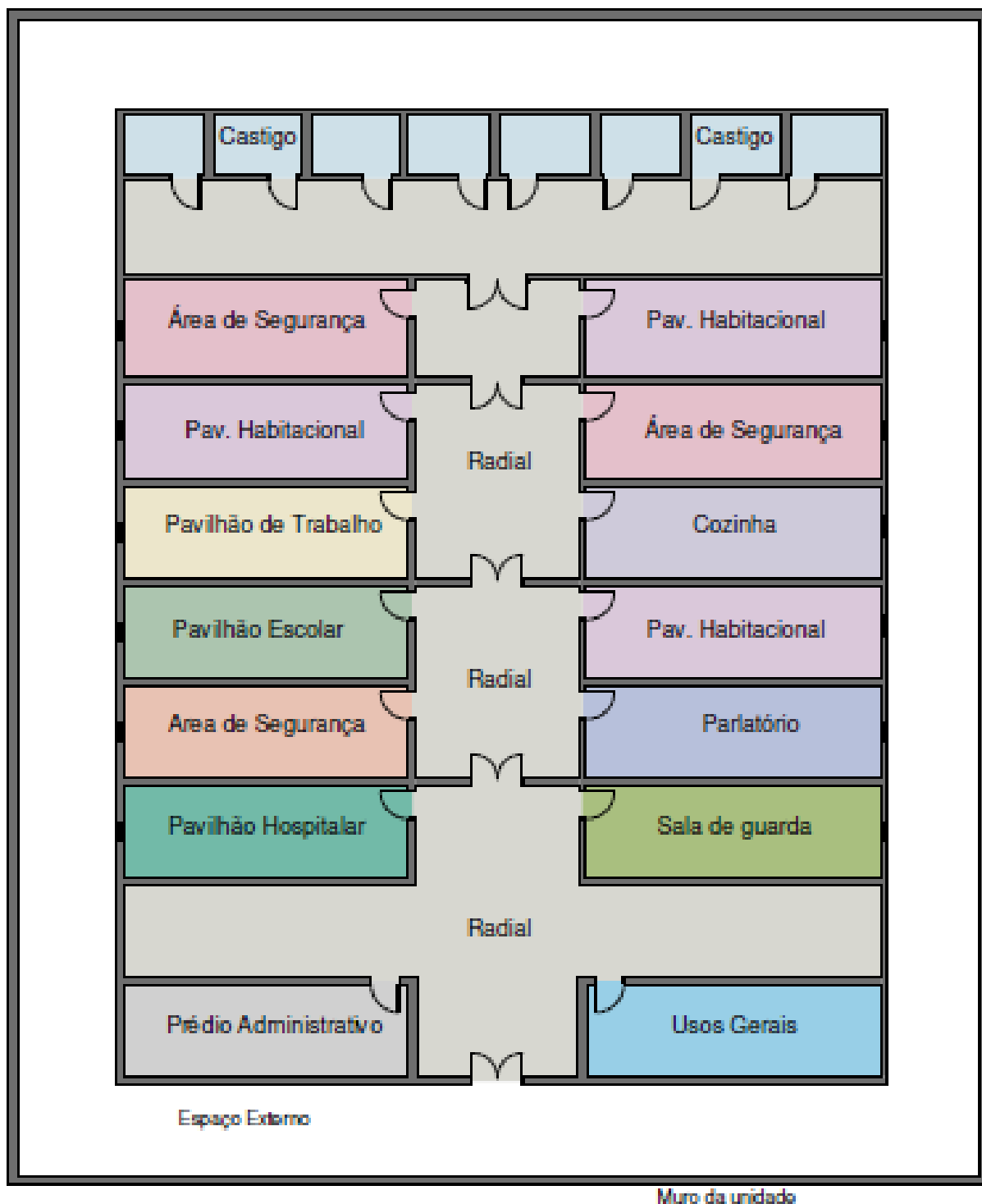
Modelo semelhante ao das unidades compactas é o chamado “espinha de peixe”⁸. Construídas ao longo dos anos 1990, estas unidades caracterizam-se pela amplitude de seus espaços, de modo que, ao adentrar a galeria central, que também dá acessos aos pavilhões, a vista não alcança o fundo da unidade (onde ficam as celas de castigo).

Em termos de estrutura física, as unidades deste modelo apresentam as melhores condições para oferta das atividades de trabalho e educação. Há grandes pavilhões para oficinas de trabalho, um pavilhão escolar formado por cinco salas de aula, uma biblioteca e sala dos professores, parlatório para atendimento jurídico e psicossocial e ala hospitalar, como é possível visualizar por meio do Esquema 2, a seguir.

No entanto, da localização da escola – que está no centro longitudinal da radial – procede um dos mais recorrentes argumentos dos diretores para dificultar seu funcionamento: a hipótese de uma rebelião que se iniciasse durante o trânsito dos detentos dos pavilhões dianteiro e do fundo para os locais de trabalho e escola. Por isso, a vigilância sobre as atividades que ocorrem no pavilhão escolar é redobrada.

⁸ O nome “penitenciária compacta” é utilizado oficialmente pela SAP. Os demais termos são extraídos da vivência no campo e são utilizados por diretores, funcionários e presos para denominar os modelos arquitetônicos.

Esquema 2 – Penitenciária modelo “espinha de peixe”



Fonte: a autora, com base no *Projeto político-pedagógico para as escolas das unidades prisionais do Estado de São Paulo (versão preliminar)*.

Um terceiro modelo é o que se chama “cruz” (Esquema 3), em razão de ser dividido em quatro pavilhões habitacionais, que formam um X. Nessas unidades, que foram inauguradas no

final da década de 1990, cada pavilhão possui um galpão para oficinas de trabalho e uma ou duas salas de aula no piso superior. Os raios são separados por uma galeria de distribuição, que corresponde ao centro do X e onde fica a cozinha. A capacidade é para 792 detentos.

Esquema 3 – Penitenciária modelo “cruz”



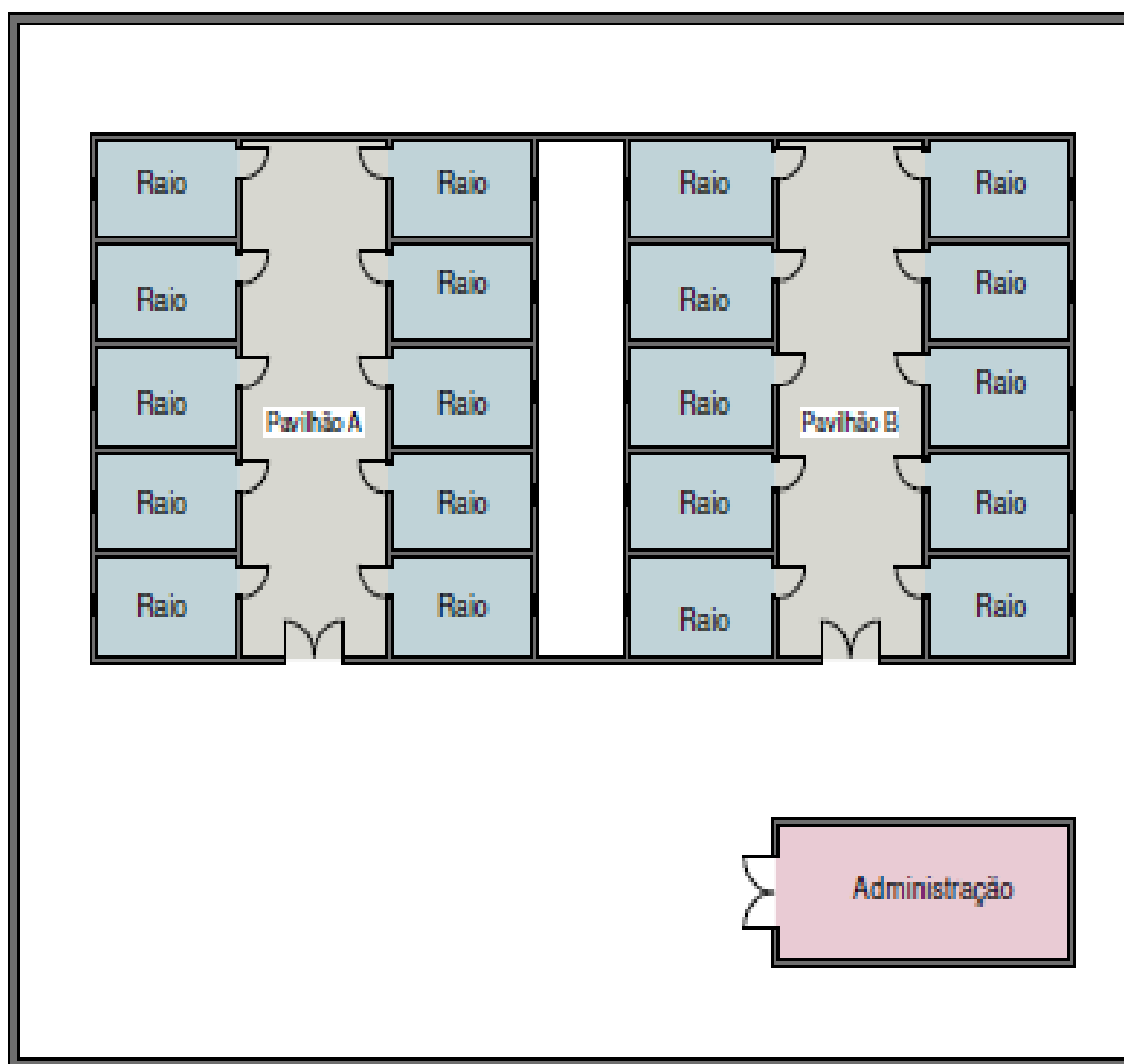
Fonte: a autora, com base no *Projeto político-pedagógico para as escolas das unidades prisionais do Estado de São Paulo (versão preliminar)*.

Se numa penitenciária compacta a ida dos estudantes à escola exige a abertura das celas para a liberação de detentos de oito raios, e no caso das espinhas de peixe, três ou seis raios, no caso das penitenciárias em cruz, como as salas de aula são no próprio pavilhão habitacional,

dispensando o trânsito de detentos pela unidade, sua localização exige a presença de, ao menos, um agente de segurança em cada espaço escolar, gerando outros riscos e preocupações.

Outro modelo comum de unidades construídas em diferentes períodos da história é o chamado “cadeia pública”. Trata-se de um único prédio para habitação, com espaços improvisados e reduzidos para atividades de educação e oficinas de trabalho, geralmente dentro de algum dos pavilhões. Tais unidades se subdividem internamente em dois pavilhões, muitas vezes sem contato entre o lado esquerdo e o lado direito do prédio. Sua capacidade é para 500 detentos.

Esquema 4 – Penitenciária adaptada de antiga cadeia pública



Fonte: a autora, com base no *Projeto político-pedagógico para as escolas das unidades prisionais do Estado de São Paulo (versão preliminar)*.

Podemos encontrar, ainda, os centros de ressocialização (CRs), localizados em cidades médias do interior para abrigar detentos primários e de baixa periculosidade, tanto em regime semiaberto como fechado. Sua arquitetura caracteriza as ambiguidades que marcaram a primeira metade dos anos 2000. Construídos como unidades de pequeno porte, os CRs destinam-se a abrigar cerca de 210 pessoas, divididas em três alas contíguas, em forma circular, formando ao centro uma área de convívio para os dias de visita. Concebidas como proposta diferenciada para a ressocialização dos detentos, tais unidades não comportam espaços para atividades escolares e seus galpões para oficinas de trabalho são reduzidos.

Os CDPs são formados unicamente por celas habitacionais e projetados para abrigar aproximadamente 580 pessoas que aguardam julgamento. Não há espaços para oficinas de trabalho nem atividades de educação. Devemos considerar que, com relação à arquitetura prisional, os CDPs são unidades concebidas para abrigar detentos sem julgamento durante curtos períodos.

O Estado de São Paulo possui, ainda, um instituto penal agrícola (IPA)⁹ e unidades de regime semiaberto, que são construídas como anexos de alguma outra unidade prisional ou como centros de progressão penitenciária (CPP).

Por fim, sobretudo na capital paulista há unidades que possuem arquitetura bastante diferenciada, especialmente por terem sido construídas nas décadas iniciais do século XX. Cada uma delas possui arquitetura própria e todas apresentam ao menos uma sala de aula.

Todas estas condições influenciam no atendimento educacional, seja restringindo espacial e fisicamente a capacidade de oferta de vagas, seja implicando uma hierarquização das atividades oferecidas, na qual a escola frequentemente ocupa lugar mais baixo na escala de prioridades, tanto para gestores dos estabelecimentos penais como para a própria população prisional.

Com a publicação das diretrizes nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais, ocorrida por meio da *Resolução CNE/CEB nº 2, de 19 de maio de 2010* (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2010), e todo o movimento decorrente delas no Estado de São Paulo, a formulação de um programa de educação nas prisões e a definição de seu projeto político-pedagógico devem impactar a organização dos espaços escolares e a dinâmica das salas de aula,

⁹ O IPA de São José do Rio Preto, juntamente com o Instituto Penal “Professor Noé Azevedo”, de Bauru, são os únicos IPAs do Estado de São Paulo. Neles, atualmente se encontram 911 reeducandos cumprindo pena em regime semiaberto, muito embora a estrutura permita abrigar apenas 610.

bem como contribuir para gerar outras dinâmicas de gestão das prisões, que permitam minimizar as rotinas de contenção, em favor de um trato mais apurado da oferta de ações de educação, cultura, trabalho e qualificação profissional.

Verificando a arquitetura, a organização dos espaços disponíveis, há de se considerar o número reduzido das salas de aula, de forma que não conseguimos perceber espaços que permitam a singularidade necessária a espaços de educação.

1.3 Perfil da população carcerária

De acordo com o levantamento nacional de informações penitenciárias de junho de 2016, a população prisional do Brasil compõe-se de 726.712 pessoas, entre homens e mulheres atendidos, de acordo com a LEP (BRASIL, 1984), nos seguintes regimes: provisório, cuja prisão é decretada para que o acusado aguarde e passe por um processo penal, com direito a defesa; fechado, em que a execução da pena se dá em unidades de segurança máxima ou média; semiaberto, em que o cumprimento da pena pode ser realizado em locais coletivos e a pena está atrelada ao trabalho; e hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico (HCTP), para pessoas que cometeram crime, mas que são inimputáveis. Além disso, existem detentos em carceragens de delegacias.

Quadro 2 – Situação atual de aprisionamento no Brasil

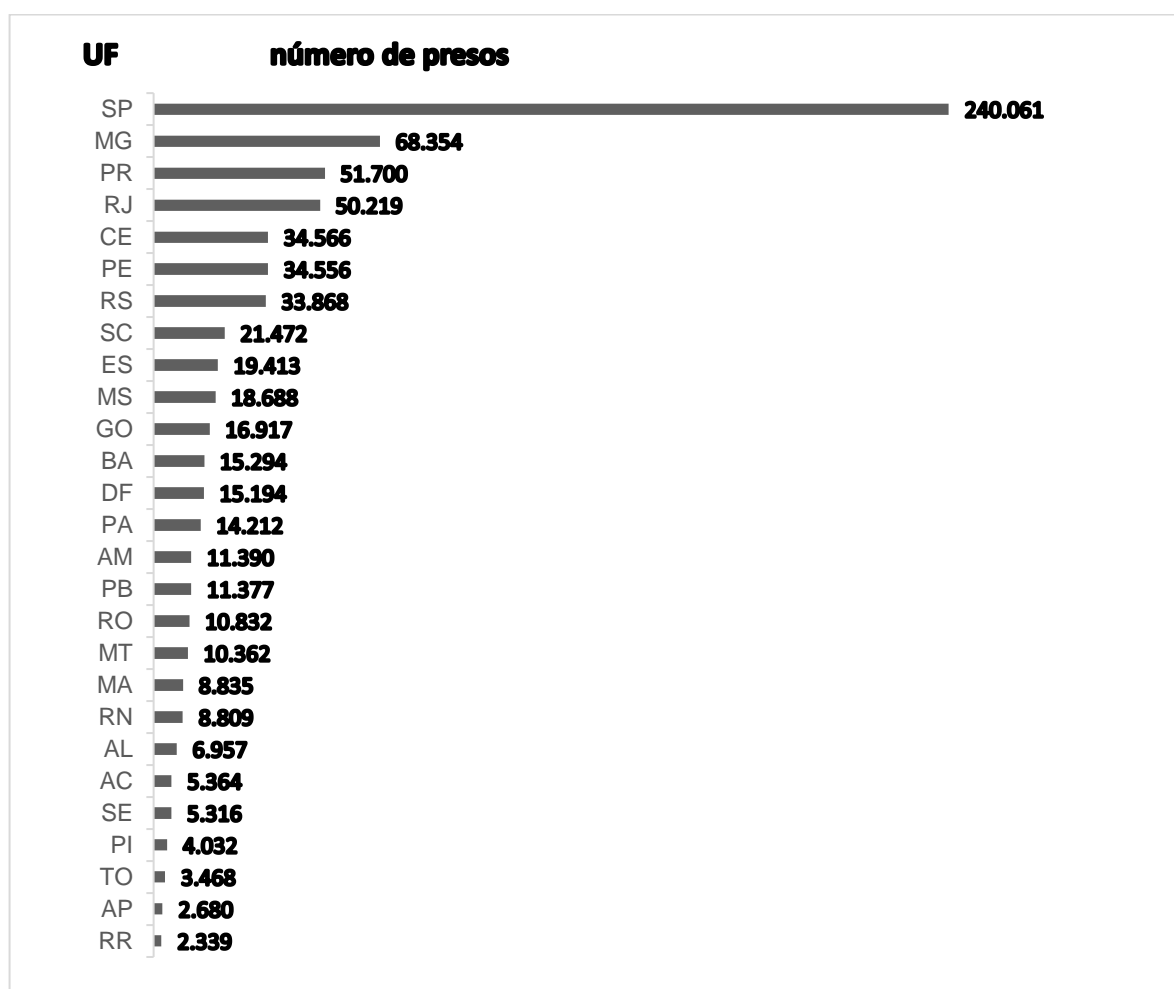
Situações de aprisionamento	Número	(%)
População prisional	726.712	—
Sistema penitenciário	689.510	—
Secretaria de segurança/carceragens de delegacia	36.765	—
Sistema penitenciário federal	437	—
Vagas	368.049	—
Déficit de vagas	358.663	—
Taxa de ocupação	—	197,4
Taxa de aprisionamento	—	352,6

Fonte: BRASIL (2017, p. 7).

Precisamos levar em consideração que a LEP (BRASIL, 1984) estabelece a desfederalização do direito penal, de forma que os sistemas estão organizados em nível estadual, com autonomia a cada ente federativo sobre normas e regras de seu sistema prisional. Desta forma, em razão da diversidade social, cultural e econômica dos municípios, os estados proporcionam ajustes a cada realidade, alterando, assim, a organização de região para região e até de unidade para unidade.

Cabe-nos, então, realizar uma análise no que diz respeito ao sistema prisional paulista. Podemos constatar, no gráfico abaixo, que São Paulo é o estado brasileiro com o maior número de presos.

Gráfico 1 – População prisional no Brasil por unidade da Federação



Fonte: BRASIL (2017, p. 10).

A população prisional no estado é de 240.061 detentos, atendidos em 168 unidades prisionais, as quais são compostas da seguinte maneira: 16 CPPs para sentenciados em regime semiaberto, 39 CDPs para pessoas que aguardam julgamento, 22 CRs para detentos de baixa

periculosidade em regime fechado e semiaberto, um centro de readaptação penitenciária (CRP), para sentenciados em regime disciplinar diferenciado (RDD), 86 penitenciárias de regime fechado e quatro HCTPs. O detalhamento destas informações consta no Anexo A, ao final deste trabalho.

O déficit de atendimento é de aproximadamente 108.902, pois, apesar de abrigarem 240.061 detentos, as unidades prisionais possuem apenas 131.159 vagas. Além disso, há dados que mostram que o número de crianças que acompanham as mães nos presídios é de 184, e o número de detentos deficientes é de 840 nos presídios e 68 frequentando a escola.

Ademais, dados divulgados pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen) sobre o perfil da população carcerária do Estado de São Paulo indicam ser este formado majoritariamente por pessoas entre 18 e 34 anos de idade. Ainda temos elementos que nos mostram que mais da metade dos detentos é casada e possui filhos (BRASIL, 2017).

Os dados da tabela a seguir possibilitam melhor análise. Como nossa pesquisa refere-se ao universo masculino, optamos por manter apenas os dados desse gênero.

Tabela 1 – Perfil da população carcerária do Estado de São Paulo

Perfil da população	Homens (%)	Mulheres (%)
Distribuição por gênero	96	4
Faixa etária entre 18 e 34 anos	76	-
Casados	56	-
Têm filhos	66	-

Fonte: a autora, com base em: BRASIL (2017).

As informações nos mostram que a população dos presídios do Estado de São Paulo é composta por expressivo número de jovens do sexo masculino. Podemos supor, a partir disso, que as unidades sejam projetadas para esse público, tanto em seus aspectos físicos como de organização.

Outra informação relevante concerne ao número de detentos casados e com filhos, que é bastante significativa por se tratar de um público cuja faixa etária inicia aos 18 anos. Entendemos que a prisão causa distância na relação desses pais e seus filhos. Além das perdas decorrentes do preso afastado da família, temos a situação da criança afastada de seu pai.

A respeito disso, a legislação vigente relacionada à criança e ao adolescente assegura às crianças o direito de convívio com seus pais; contudo, a LEP, que aprova o direito de o preso

visitar sua família, condiciona este direito a questões de segurança. Dessa forma, é ignorado o direito desses adultos ao convívio com seus filhos pequenos.

O Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (BRASIL, 2017) traz outras informações. Com relação à cor, podemos encontrar as seguintes porcentagens: branca, 44%, negra 56%, amarela 0%. Os detentos com deficiência são 2.164, o equivalente a 1%. Foram identificadas pessoas com deficiência intelectual, auditiva, física, visual e pessoas com deficiências múltiplas. Podemos verificar também que as unidades possuem ao todo 1.651 (7%) detentos estrangeiros, sendo 216 da Europa, 84 da Ásia, 661 da África, 688 da América e 2 da Oceania.

No tocante ao tempo de pena da população condenada, verificamos que para 1% a pena é de até 6 meses; 1%, de até um ano; 6%, de até dois anos; 13%, de dois a quatro anos; 36%, de quatro a oito anos; 22%, de oito a 15 anos; 10%, de 15 a 20 anos; 7%, de 20 a 30 anos; 4%, de 30 a 50 anos; 1%, de 50 a 100 anos.

Consoante a LEP (BRASIL, 1984), os estabelecimentos penais devem ser aparelhados para o oferecimento de atenção básica de saúde a todos os custodiados e, nos casos de média e alta complexidade, bem como quando inexistir estrutura adequada para o atendimento, este será prestado nos demais equipamentos de saúde pública da localidade, mediante autorização expressa pela direção do estabelecimento penal. Nos dados apresentados, podemos verificar que 100% das unidades prisionais são equipadas com módulos destinados à saúde. Além disso, verificamos que a média semestral de atendimentos diversos em saúde é de 31.884 referentes a consultas médicas realizadas externamente às unidades, 149.107 referentes a consultas médicas realizadas dentro das unidades, 71.236 de atendimentos psicológicos, 70.574 de atendimentos odontológicos, 120.516 referentes a exames, 529 de intervenções cirúrgicas, 188.070 vacinações e 213.175 referentes a outros procedimentos, como sutura e curativos (BRASIL, 2017, p. 49-51).

Ainda encontramos dados de porcentagem sobre a mortalidade entre as pessoas presas: os óbitos naturais são de 8,7%, óbitos criminais, 0,4%, óbitos por suicídios, 0,7%, óbitos acidentais, 0%, óbitos com causa desconhecida, 0,4%; sendo um total de 10,2% de óbitos, tendo em vista a população carcerária do estado (BRASIL, 2017, p. 52).

Verificamos, ainda, um nítido predomínio dos crimes contra o patrimônio. Roubo e furto somados respondem por 79% de todos os delitos praticados, sendo estes mais comuns entre os homens. Já entre as mulheres é o tráfico de drogas o maior responsável pelo aprisionamento, atingindo o índice de 44% das mulheres presas (BRASIL, 2017, p. 42-43).

Outro fator importante que emerge quando se fala na questão penitenciária é a reincidência. O censo aponta que 42% dos homens são reincidentes, contra 35% das mulheres. Este é um dado significativo, uma vez que as informações sobre reincidência geram controvérsias e divergem dependendo da fonte, havendo apontamentos para índices em torno de 85%.

Convém, ainda, ressaltar que o fenômeno do aprisionamento atinge, sobretudo, os pobres, que compõem 95% da população carcerária (TEIXEIRA, 2007). Isso não quer dizer, entretanto, que a pobreza é indício de periculosidade ou de tendência à criminalidade ou delito, mas sim que as condições de exclusão a que é submetida grande parcela da população impõem, muitas vezes, situações que podem escapar às possibilidades de escolha e compreensão das pessoas, levando-as ao ato delituoso e consequente possibilidade de encarceramento.

Em relação à educação básica, o número de estudantes atendidos é de 16.099, o que representa apenas 6,7% de toda a população carcerária do estado. A maior parte dessa população concentra-se no nível do ensino fundamental, sendo que a maioria cursa o segundo segmento da EJA. Neste aspecto, o censo penitenciário informa que as mulheres apresentam maiores níveis de escolaridade que os homens.

No que diz respeito a outros cursos de formação técnica, podemos verificar nos cursos técnicos e de formação profissional inicial e continuada a existência de 2.944 detentos que estudam, 1,23% do número total de detentos do sistema. Existem, ainda, atividades complementares oferecidas pelos programas de remição de pena por meio de estudos relacionados a leitura, esporte e outras atividades educacionais.

Quadro 3 – Escolaridade dos detentos

Nível de escolaridade	Nº de pessoas	%	Anos de escolaridade
Alfabetização	2.432	13	até 3
5ª a 8ª do ensino fundamental	7.764	41	4 a 7
Ensino médio	5.903	31	8 a 10
Ensino superior	49	0	11 ou mais
Curso técnico (acima de 800 horas de aula)	144	1	1,5 a 2
Curso de formação inicial e continuada (capacitação profissional, acima de 160 horas de aula)	2.800	15	2 a 3 meses

Fonte: AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO (2016, p. 8).

Conforme artigo 126 da LEP, com a redação dada pela Lei nº 12.433/2011 (BRASIL, 2011a), o condenado que cumpre a pena em regime fechado ou semiaberto poderá remir, por trabalho ou por estudo, parte do tempo de execução da pena. A contagem do tempo para o fim deste artigo será feita à razão de um dia de pena por três de trabalho e um dia de pena a cada 12 de atividades de estudos – atividade de ensino fundamental, médio, inclusive profissionalizante, ou superior, leitura, esporte, ou ainda de requalificação profissional – divididas, no mínimo, em três dias (BRASIL, 2011a).

Podemos constatar que no Estado de São Paulo existem 469 detentos matriculados em programas de remição de pena pelo estudo por meio da leitura, 5.237 matriculados em atividades educacionais complementares (videoteca, atividades de lazer e cultura); não há pessoas matriculadas em programas de remição de pena pelo estudo por meio de esportes (SÃO PAULO, 2015).

Com relação aos dados sobre sala de leitura, acervo e empréstimos de livros, nas unidades prisionais do estado, o *Plano estadual de educação nas prisões* nos traz o número de 16 salas de leitura ao total, 4.116 livros emprestados no mês e acervo de 44.304 obras, conforme quadros abaixo.

Quadro 4 – Quantidade de salas de leitura por unidade prisional

Unidade prisional	Número de salas de leitura
CDP Caraguatatuba	1
CDP Taubaté	1
CPP Mongaguá	1
CPP Tremembé	2
CRF São José Campos	1
PF*I e II Tremembé	5
P*I e PII Tremembé	3
PI e PII Potim	2
PI e PII São Vicente	0
TOTAL	16

* PF = penitenciária feminina

**P = penitenciária

Fonte: SÃO PAULO (2015).

Quadro 5 – Quantidade de livros e empréstimos por unidade prisional

	Unidade prisional	Quantidade de livros	Quantidade de livros emprestados por mês
1	CDP Caraguatatuba	3.247	298
2	CDP Mogi das Cruzes	2.488	0
3	CDP Praia Grande	0	0
4	CDP São José dos Campos	0	0
5	CDP São Vicente	0	0
6	CDP Suzano	0	0
7	CDP Taubaté	1.705	42
8	CPP Mongaguá	5.500	302
9	CPP Tremembé	1.241	820
10	CRF São José dos Campos	3.082	386
11	PFI Tremembé	4.724	250
12	PFII Tremembé	5.248	579
13	PI Potim	4.038	488
14	PII Potim	2.312	81
15	PI São Vicente	0	0
16	PII São Vicente	0	0
17	PI Tremembé	2.224	199
18	PII Tremembé	8.495	671
TOTAL		44.304	4.116

Fonte: SÃO PAULO (2015).

Ante os dados apresentados e a abrangência do sistema prisional paulista – seja pelo número de detentos e de unidades prisionais, seja no tocante à sua distribuição geográfica, que atinge todas as regiões administrativas do estado –, condições específicas de intervenção se impõem no que se refere à educação e reinserção social, num cenário em que a educação, e sobretudo a reinserção social, não aparentam ser prioridade. Foucault (2012, p. 217) analisa esse tipo de organização:

A forma-prisão preexiste à sua utilização sistemática nas leis penais. Ela se constituiu fora do aparelho judiciário, quando se elaboraram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los e tirar deles o máximo de tempo e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação [...].

Para esse autor, a prisão precede as leis penais e, no caso em que estamos tratando, impõe-se a leis maiores, como, por exemplo, a Constituição federal de 1988, que tem como fundamento a dignidade da pessoa humana.

Podemos perceber, pelos dados apresentados, que embora o sistema prisional tenha o dever de garantir as condições que assegurem a dignidade da pessoa humana, existem problemas como superlotação, número de atendimentos, entre outras situações. Dessa forma, esta crítica somente poderá se reverter onde exista o reconhecimento de sujeitos de direitos, mesmo em privação de liberdade.

1.4 A Unidade Belém II

Em termos de estrutura e capacidade de atendimento, a unidade prisional pesquisada tem capacidade para abrigar 954 pessoas; no entanto, verifica-se uma população de 1.991 detentos.

Inaugurada em 10 de fevereiro de 2000, a área construída é de 21.340 m², dividida em Ala de Regime Fechado Provisório¹⁰, com 1.657 detentos, e Ala de Progressão Penitenciária¹¹, que abriga 334 detentos com idades entre 18 e 76 anos.

Com relação à Ala de Progressão Penitenciária, foco dos nossos estudos, a unidade possui uma área de administração na parte externa, uma sala de controle onde permanece um agente de segurança, uma sala de coordenação onde permanecem três funcionários que coordenam as atividades de trabalho e educação e, no espaço interno da habitação, conta com duas salas de aula, uma biblioteca, uma área aberta, que fica no centro da unidade, e a ala interna, onde se localiza a moradia. Ainda, existe no fundo da unidade uma horta onde os

¹⁰ Preso provisório é aquele cuja prisão foi decretada com o intuito de garantir que o acusado passe por um processo penal, com direito a ampla defesa e contraditório, para que o juiz – ou conselho de sentença, no caso do Tribunal do Júri – possa chegar a uma decisão e, conseqüentemente, aplicar uma pena, que pode ser a de prisão (BRASIL, 1984).

¹¹ A Ala de Progressão Provisória abriga presos no regime semiaberto; a pena de prisão é cumprida em colônias agrícolas ou industriais ou em instituições equivalentes. Neste regime, o indivíduo poderá ser alojado em locais coletivos e sua pena estará atrelada a seu trabalho (BRASIL, 1984).

detentos trabalham. Os produtos são utilizados em sua alimentação, além de serem distribuídos às visitas.

1.4.1 Educação na Unidade Belém II

Com relação ao atendimento educacional, as duas salas de aula funcionam em três turnos: manhã, tarde e noite, comportando 20 carteiras escolares em cada sala.

O número de estudantes matriculados na educação básica na modalidade EJA é de 25 no período da manhã (das 8h às 12h), 20 no período da tarde (das 13h às 17h) e 15 no período da noite (das 18h às 22h). De acordo com informações dos funcionários da unidade, existem 170 estudantes aguardando por matrícula, pois a escola vinculadora, a quem compete realizá-las, alega não ter professores cadastrados no Programa de Educação nas Prisões, para que possam contratá-los. Para as aulas que acontecem, a unidade conta com nove professores, que se dividem nos três períodos por área do conhecimento: Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Linguagens e Códigos.

A biblioteca funciona durante os dias da semana, nos períodos manhã e tarde, e os estudantes podem realizar empréstimo dos livros pelo prazo de uma semana.

Para a oferta da escolarização, a unidade conta com documento específico, chamado de Manual de Rotinas e Procedimentos do Agente de Segurança Penitenciária – Procedimento Operacional Padrão (POP), composto por um conjunto de normas e orientações aos agentes penitenciários e demais profissionais que atuam nos estabelecimentos penais.

Os profissionais da unidade realizam a divulgação das matrículas e há regras para que os indivíduos possam se matricular. Uma delas é que a escola vinculadora não realiza a matrícula sem toda a documentação do detento. Isso dificulta o processo de inserção escolar, tendo em vista que os detentos muitas vezes não possuem a documentação necessária, como, por exemplo, certidão de nascimento, comprovante de residência fixa ou histórico escolar. Para isso, a *Resolução conjunta SE-SAP-2, de 30-12-2016* (SÃO PAULO, 2016) estabelece que a falta de documentação pessoal ou escolar referente ao estudante e/ou à sua trajetória escolar não pode caracterizar fator impeditivo para a efetivação da matrícula; no caso de ausência de documentação escolar comprobatória da escolaridade do estudante, os professores, com o acompanhamento da escola vinculadora, deverão aplicar uma avaliação referente aos componentes das áreas do conhecimento, para classificá-lo em ano ou série compatível ao nível das competências e habilidades já adquiridas.

Além disso, o trabalho é atrelado à escola. Para que o detento seja contemplado com uma vaga de trabalho, precisa estar matriculado em um dos níveis da educação básica; no caso de já ter concluído, deve estar matriculado em um dos cursos profissionalizantes do Via Rápida¹² ou em um dos cursos técnicos oferecidos pelo Pronatec¹³.

Fotografia 2 – Entrada das unidades Belém I e Belém II



Fonte: a autora.

¹² O Via Rápida Emprego é um programa do Governo do Estado de São Paulo, coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI), que oferece cursos básicos de qualificação profissional de acordo com as demandas regionais. O objetivo é capacitar gratuitamente a população que está em busca de uma oportunidade no mercado de trabalho ou que deseja ter seu próprio negócio. Disponível em: <<http://www.viarapida.sp.gov.br/ViaRapida.aspx>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

¹³ O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) foi criado pelo Governo Federal em 2011, por meio da Lei nº 12.513, com a finalidade de ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pronatec>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

Fotografia 3 – Entrada da ala de progressão Belém II



Fonte: a autora.

Existem, ainda, 120 detentos que realizaram inscrições para participar do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), que será oferecido na própria unidade prisional.

O atendimento escolar ofertado pela Secretaria da Educação, como já mencionado e de acordo com a *Resolução conjunta SE-SAP-2, de 30-12-2016* (SÃO PAULO, 2016), é realizado por meio de seus órgãos, as diretorias de ensino e escolas, nas classes escolares instaladas no sistema prisional do estado. Neste caso, a escola vinculadora Professora Florinda Cardoso, localizada na Rua Itaúna, no bairro da Vila Maria, é a responsável pelo desenvolvimento do trabalho pedagógico da unidade prisional Belém II.

Esta escola realiza a matrícula, organiza a documentação dos estudantes, bem como a verificação dos registros do desenvolvimento das atividades e escrituração da vida escolar dos estudantes em sistemas específicos, constrói calendário escolar de acordo com calendário específico da SEE e da unidade prisional e contrata os professores. É responsável pela elaboração do projeto político-pedagógico e pela formação dos docentes. A escola também se responsabiliza pelo trabalho pedagógico desenvolvido em mais uma unidade prisional, nove centros de atendimento socioeducativos (Fundação Casa) da região e uma unidade experimental

de saúde (UES)¹⁴. Abriga, ainda, 845 estudantes divididos em 30 classes de ensino fundamental I.

A organização curricular é estruturada em semestres letivos, denominados “termos”, observados os mínimos de carga horária e semestres exigidos para cada nível de ensino na modalidade EJA. Os materiais didáticos e paradidáticos para este fim são os mesmos disponíveis na rede estadual de ensino, em consonância com o Currículo do Estado de São Paulo.

Por ser uma modalidade de EJA, os cursos estão dispostos por um semestre letivo de cem dias de efetivo trabalho escolar, num total de 400 horas, com carga horária semanal de 25 aulas de 50 minutos cada, distribuídas de segunda-feira a sexta-feira.

As classes dos anos finais do ensino fundamental têm duração de quatro semestres/termos, enquanto as do ensino médio ocorrem em três semestres, sendo que as classes dos anos iniciais do ensino fundamental com os mínimos de semestres/termos e respectivas cargas horárias são necessárias à finalização do processo de alfabetização e para observância dos resultados que vierem a ser alcançados pelos estudantes.

O *Plano estadual de educação nas prisões* (SÃO PAULO, 2015) pontua a necessidade de que os currículos do ensino fundamental e médio tenham a base nacional comum e uma parte voltada ao desenvolvimento da pessoa, considerando os pretéritos de ordem social, econômica e cultural, bem como as peculiaridades do local, nos termos da LDB nº 9.394/1996. Nesse sentido,

[...] a Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ir além do desenvolvimento da leitura e da escrita, uma vez que a escola deve possibilitar o desenvolvimento da sociabilidade e da reconstrução da autoimagem do educando. (SÃO PAULO, 2015, p. 9)

Podemos perceber a consonância da intenção do *Plano estadual de educação nas prisões* com a *Proposta curricular para educação de jovens e adultos* (BRASIL, 2002), que entende a EJA não como um nível de ensino, mas como uma modalidade da educação básica e, por princípio, pode oferecer aquilo de que precisam os jovens e adultos desescolarizados e/ou não alfabetizados: currículos mais flexíveis, adequados às experiências de vida desse público,

¹⁴ “A Unidade Experimental de Saúde (UES) está localizada na zona norte de São Paulo, é vinculada à Fundação Casa (antiga Febem). A UES foi feita com a proposta de criar no Estado de São Paulo uma unidade de referência no tratamento de jovens que estão cumprindo a medida sócio-educativa imposta pelo ECA e que possuem distúrbios psicológicos.” (SANTOS, 2015)

aos saberes produzidos no mundo do trabalho e às necessidades da sociedade contemporânea, dentro de uma dinâmica social.

Entretanto, percebemos o currículo oferecido na unidade prisional pesquisada atrelado ao currículo do estado de São Paulo dos cursos regulares, além dos espaços destinados à escola serem muito pequenos, com carteiras enfileiradas, quadros cheios de conteúdo e estudantes sem, ao menos, um lápis e um caderno na mão.

As classes são multisseriadas¹⁵, para conseguir acolher os estudantes de todas as séries de um nível de ensino em uma mesma turma.

Ademais, podemos verificar na matriz curricular (Anexo B deste trabalho) que para o ensino fundamental ou médio o currículo é dividido por área do conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

Com relação à contratação de professores, o processo é realizado por meio de processo seletivo anual: o candidato deve inscrever-se no processo regular anual de atribuição de classes e aulas, ser credenciado e aprovado na entrevista realizada com representantes da diretoria de ensino e da unidade prisional. O perfil do professor deverá atender aos seguintes requisitos: conhecer a especificidade do trabalho pedagógico desenvolvido com pessoas em situação de privação de liberdade, na modalidade de ensino EJA, conforme disposto nas diretrizes nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais (BRASIL, 2010); saber utilizar metodologias flexíveis, observando as diretrizes pedagógicas da rede estadual de ensino e promovendo continuamente a autoestima dos estudantes, a autonomia, a cidadania, a solidariedade e a cultura educacional, com vistas à continuidade dos estudos; ser assíduo e pontual, observando os horários de entrada e saída no estabelecimento penal para a atividade docente, assim como os procedimentos de segurança a serem cumpridos; ter disponibilidade de participar de trabalho em equipe, dos conselhos de classe/anos e das aulas de trabalho pedagógico coletivo (ATPC) realizadas pela escola vinculadora (SÃO PAULO, 2016).

Para a permanência no ano subsequente, o professor será submetido a uma avaliação trimestral que, conforme o artigo 7º da *Resolução conjunta SE-SAP-2, de 30-12-2016* (SÃO PAULO, 2016), será realizada pela gestão da unidade escolar vinculadora, juntamente com o diretor responsável pela área educacional no estabelecimento penal, sendo submetida à comissão de avaliação docente instituída pelo dirigente de ensino (SÃO PAULO, 2016).

¹⁵ “Classe multisseriada: no sistema educacional brasileiro, diz-se das classes cujos alunos estão em níveis distintos de aprendizagem, mas são instruídos pelo mesmo professor.” Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/multisseriado/>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

Contudo, na unidade pesquisada a referida avaliação é realizada somente pela equipe de profissionais da própria unidade prisional.

Por fim, as diretrizes para realização do trabalho pedagógico estão inseridas no *Projeto político-pedagógico para as escolas das unidades prisionais do Estado de São Paulo (versão preliminar)* e também no *Plano estadual de educação nas prisões* (SÃO PAULO, 2015). Ressaltamos que a orientação contida nestes documentos, no que tange aos projetos pedagógicos específicos de cada unidade juntamente com sua respectiva escola vinculadora, é de que cada unidade construa o seu próprio projeto pedagógico; entretanto, na unidade pesquisada tal projeto é inexistente.

1.5 A prisão representada pela estética

O sistema prisional em nosso país é alvo de críticas devido aos métodos repressivos que alimentam o cotidiano das pessoas privadas de liberdade. Há acusações de ausência de condições materiais e humanas e abuso de poder, entre outras questões que implicam a falta de dignidade humana.

Como explicitado anteriormente, entre suas funções as prisões têm a responsabilidade de ressocialização. Entretanto, muitas vezes as pessoas têm ideias diversas sobre seu funcionamento, de como e do que pode ser constituída uma prisão. Do lado de fora dos muros altos e das grades, conseguimos perceber uma pequena parcela do que ocorre naquele cotidiano. Para isso, é necessário que as notícias cheguem a nós de alguma maneira, utilizando-se de veículos que expressem o que acontece, e que isso seja útil para a nossa compreensão.

Os veículos são múltiplos: noticiários, filmes, música, literatura. Tais ferramentas têm o poder de alcançar a sociedade e propor itinerários possíveis para a interpretação da realidade, mostrando-se como um caminho para o conhecimento que eterniza, em folhas de papel, em imagens ou sons, as histórias humanas, ora ficcionais, ora reais. Assim, entendemos que o conhecimento pode ser construído por meio da estética, e a percepção desta é um canal de compreensão que opera com base na sensibilidade, uma vez que a estética se define como:

[...] um transe de felicidade, de graça, de emoção, de gozo e de felicidade. A estética é concebida aqui não somente como uma característica própria das obras de arte, mas a partir do sentido original do termo, *aisthêtikos*, de *aisthanesthai*, “sentir”. Trata-se de uma emoção, uma sensação de beleza, de admiração, de verdade e, no paroxismo, de sublime. (MORIN, 2012, p. 132, grifos do autor)

A estética pode provocar o encantamento e levar o ser humano ao reconhecimento de si mesmo, ao se perceber sensibilizado diante de algo que provoque nele tais sensações.

Nos dias atuais, as pessoas têm acesso facilitado e atualizado a muita informação jornalística e artística, músicas que as fazem refletir sobre o assunto, filmes, programas televisivos, documentários e literatura acerca do conceito e da vida na prisão.

Em meio a tantas informações, encontramos o filme *O prisioneiro da grade de ferro* (O PRISIONEIRO..., 2003), documentário que apresenta a ineficácia do sistema prisional brasileiro, sobretudo sua falha no processo de ressocialização.

As filmagens – feitas no decorrer de sete meses pelos próprios detentos na extinta Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru) – expõem, sobretudo, as condições sub-humanas vividas pelos detentos, bem como diversas formas de ocupação e distrações que desenvolviam no cotidiano. Pela mostra de suas rotinas e depoimentos, nota-se precariedade nos tratamentos de saúde, na estrutura interna dos prédios e habitações dos detentos. Além disso, as imagens revelam a falta de suprimento das necessidades que atendem à dignidade humana e de recursos mais apropriados para atividades que ajudariam na redução de pena.

A ineficácia do chamado “processo de ressocialização e reeducação” do preso – termo mencionado e refutado no filme por Mirandê, habitante do cárcere – mostra-se evidente também nos relatos de outros presos e de diversos profissionais ali atuantes, que demonstram indiferença à realidade dos detentos. Como exemplo tomamos o atendimento médico, extremamente limitado e sem recursos suficientemente disponíveis, contribuindo potencialmente para a degradação humana em muitos sentidos, a saber: a debilitação física, a revolta e a injustiça.

A cela de castigo, superlotada, é apresentada com escassez de água e sem espaço para dormir, tendo os presos de revezar entre si quem permaneceria em pé ou deitado. Além de não possuir condições básicas de saneamento ou provisão de banho, em determinado momento um dos detentos ainda descreve a comida como estragada.

O filme revela que não havia, de fato, incentivo a uma perspectiva de ressocialização do detento, pois, além das características citadas, nem mesmo as doenças que os afetavam eram devidamente tratadas.

Entre as atividades dos presos, as filmagens captam a fabricação de álcool, o uso e comércio de drogas dentro da prisão, cultos religiosos, esportes, prostituição e a produção de facas a partir de materiais retirados da estrutura da cadeia – pedra e ferro –, revelando o anseio de autoproteção e a busca pelo sentimento de liberdade. Na letra de algumas músicas compostas pelos presos havia expressões como “vida em miséria”, “injustiça” e “rebelião”; nas cartas

recebidas dos familiares, mensagens de incentivo à persistência até ao fim da privação de liberdade.

Apesar dos acontecimentos posteriores a essa produção cinematográfica, isto é, o massacre do Carandiru – repressão a uma rebelião na antiga Casa de Detenção – e a implosão dos pavilhões mostrados no documentário, o cenário nele retratado ainda se faz muito presente nos presídios brasileiros, de forma geral.

O documentário, enquanto mídia acessível, traz uma contribuição profunda às pesquisas relacionadas ao sistema prisional brasileiro, com vistas ao redirecionamento das políticas que o envolvem, e permite ampliar as formas de percepção do cárcere.

Selecionamos também o documentário *Pelo direito de recomeçar* (TOCANTINS, 2013), lançado pela Defensoria Pública do Estado do Tocantins, que abordou a realidade do sistema carcerário tocantinense com o objetivo de conscientizar a sociedade sobre o tema da ressocialização no cumprimento de pena privativa de liberdade. A obra apresenta propostas para amenizar os problemas relatados e reinserir os presos na sociedade por meio do trabalho.

O psicólogo Railon Maciel relaciona a ociosidade e a falta de atividades intencionais de trabalho e esporte na prisão à ansiedade em relação à liberdade e, conseqüentemente, à maior probabilidade de o preso desenvolver pensamentos que tendem ao crime e à fuga.

Dentre as problemáticas discutidas, a defensora pública Franciana Di Fátima assinala a superlotação das unidades, com excedente da capacidade entre 30% e 50%, além da falta de assistência à saúde; e, especialmente em relação ao encarceramento feminino, nota-se uma alarmante vulnerabilidade emocional, o que demonstra que o tratamento dispensado à pessoa presa não garante a integridade humana. No entanto, com o levantamento de novas propostas criadas pela Defensoria Pública do Tocantins para o sistema carcerário no estado, algumas perspectivas emergiram para os encarcerados. Destacamos aqui a criação de leis estaduais e municipais de incentivo fiscal a empresas integradoras de mão de obra de detentos, instalação de cursos profissionalizantes a distância, escola na prisão, utilização do serviço remunerado do preso nos segmentos públicos e incentivo ao empreendedorismo e cooperativismo, além dos imprescindíveis envolvimento e aproximação da família. Todas estas iniciativas dependem de órgãos públicos, instituições também públicas e privadas, ações governamentais, entre outras, e de pessoas que acreditem na ressocialização do preso e no processo de transformação de vida daqueles que, por diferentes razões, vieram a cair no sistema prisional, bem como na assistência de suas respectivas famílias.

É possível constatar, por meio desse documentário, que muitas vezes aquilo que é invisível para a sociedade tem sido alvo da percepção e de tomadas de decisão por parte de

pesquisadores e indivíduos apoiados na sensibilidade humana e ao mesmo tempo questionadores de leis que violam a dignidade humana, como se verifica na Defensoria Pública e com funcionários dos presídios tocantinenses.

Dos livros, encontramos *Carandiru*, do médico Dráuzio Varela, que se inspirou a partir do trabalho por ele realizado durante dez anos na antiga Casa de Detenção de São Paulo. A obra, que também virou filme, mostra pessoas que convivem dentro de um espaço de privação de liberdade e traz todas as mazelas e dificuldades encontradas por elas. O autor relata suas experiências e, a partir delas, identifica a problemática encontrada.

Ademais, Dráuzio Varela faz com que se ouçam as vozes e os pensamentos dos seus pacientes em situação de privação de liberdade, suas angústias e anseios, buscas pelo prazer provocado pelas drogas e pela liberdade, suas queixas em relação à própria saúde e sentimentos, como também a indisponibilidade de material médico e equipe necessários para os problemas ali apresentados diariamente.

Acreditamos que as obras apresentadas trazem ao menos um pouco do cotidiano existente no sistema prisional, pois retratam ora ficção, ora realidade, possibilitando, por meio da sensibilidade, a reflexão sobre a falta de condições humanas que permeia tal sistema.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: TECENDO FIOS DA COMPREENSÃO HUMANA

O sentimento abre as portas da prisão com que o pensamento fecha a alma. A lucidez só deve chegar ao limiar da alma. Nas próprias antecâmaras do sentimento é proibido ser explícito.

Sentir é compreender. Pensar é errar. Compreender o que outra pessoa pensa é discordar dela. Compreender o que outra pessoa sente é ser ela.

(PESSOA, 1996, p. 216)

Este capítulo tem a intenção de apresentar as principais ideias de Morin sobre a compreensão humana, que é o embasamento teórico deste estudo. A compreensão tornou-se uma necessidade para a sociedade dos dias atuais, caracterizada pela diversidade e pluralidade. Compreender requer atenção ao outro, perceber os contextos e ter o olhar cuidadoso que recuse as incompreensões cotidianas.

Para se chegar à compreensão humana, é necessário conduzir-se ao exercício da reflexão, colocando-se no lugar do outro, para que tenhamos conhecimento de que a realidade humana é, em essência, frágil.

Pautando-nos pelas ideias e ensinamentos de Morin, percebemos certo grau de reflexão por parte do autor para entender inicialmente a necessidade de compreensão nos mais diversos ramos do saber e da vida humana. Dessa maneira, conseguimos perceber inúmeras lições que podem ser apreendidas por todos para uma sociedade mais igualitária, por meio da compreensão do outro ser.

A partir do alicerce proporcionado pelas concepções colocadas a seguir, estabelecemos as categorias de análise empregadas neste trabalho, as quais emergiram da observação do campo estudado e das respostas dos estudantes, contemplados no quarto capítulo.

2.1 A incompreensão

Ao tratar da compreensão, Morin tem como ponto de partida a incompreensão. O autor explica sua percepção sobre as dificuldades de entendimento entre os sujeitos, o que sinaliza um mal na sociedade. A esse respeito, ele nos diz:

A incompreensão impera nas relações entre os seres humanos, faz estragos nas famílias, no trabalho, na vida profissional, nas relações entre os indivíduos, povos, religiões. Cotidiana, onipresente, planetária, gera os mal-entendidos, provoca o desprezo e o ódio, suscita a violência e sempre anda ao lado das guerras. (MORIN, 2011b, p. 109)

As causas dos atos de violência podem ser entendidas como incompreensão. Tudo o que não está referido a mim ou em conformidade com o que acredito deve ser repellido. Para Morin (2011b, p. 109), “a incompreensão acompanha as línguas, os hábitos, os ritos, as diferenças e as crenças”, isto é, acompanha todas as relações humanas. Quando se acredita em uma verdade absoluta, enxerga-se o outro como um ser profano e incrédulo, que deve ser excluído. Pelo simples fato de ser diferente, está apto a ser condenado à humilhação, à tortura e até à morte.

A reflexão para a compreensão é abandonada, pois exige grande esforço, e perceber o outro, colocando-se em seu lugar, é considerado um desafio, não havendo espaço para isso. O sentimento de compaixão, piedade ou entendimento à circunstância do outro parece algo reservado aos santificados.

A incompreensão produz círculos viciosos em relação ao outro. Assim, até mesmo o amor, considerado um sentimento nobre, pode ter duplo entendimento, primeiramente por sua falta, o que impede de reconhecer as qualidades do outro, e também pelo excesso, que leva ao ciúme e dificulta a autonomia do outro. Para Morin (2011b, p. 11), “O medo é fonte do ódio, que é fonte da incompreensão, que é fonte do medo, em círculos viciosos que se autoamplificam”. A incompreensão estimula a vontade de prejudicar o outro, buscando maneiras de erradicar a presença ou ainda a vida do outro.

Além disso, a incompreensão de si mesmo leva o indivíduo a não compreender o outro. Nesse sentido, Morin explica a *self-deception* que ocasiona a não compreensão de si, caracterizada como um dos fatores que ocasionam a incompreensão. “De fato, a incompreensão de si é fonte expressiva da incompreensão do outro. Mascaram-se as próprias carências e fraquezas, o que nos torna implacáveis com as carências e fraquezas dos outros” (MORIN, 2005, p. 97).

Logo, a compreensão, comprometida pelas ameaças da desordem causada por si mesmo, gera a *self-deception*:

[...] um jogo rotativo complexo de mentira, sinceridade, convicção, duplicidade, que nos leva a perceber de modo pejorativo as palavras e ou os atos alheios, a selecionar o que lhes é desfavorável, eliminar o que lhes é favorável, selecionar as lembranças gratificantes, eliminar ou transformar o desonroso. (MORIN, 2005, p. 96)

A mentira a si mesmo, que significa esquecer suas fraquezas e colocar o outro como ser abominável e desprezível, forja e acentua o negativo para perder o foco naquilo que incomoda.

Morin (2005) nos traz a ideia de que a aproximação da compreensão humana só é alcançada pelo exercício da reflexão, de forma a que possamos nos colocar no lugar do outro, nos desprendendo de nós mesmos, para assim, entendermos o que o outro sente.

Para nos aproximar da compreensão humana, Morin (2005) encaminha-nos ao exercício da reflexão, colocando-nos no papel de semelhante, a fim de que tenhamos conhecimento de que a existência humana é falível. Para o autor:

A prática mental do auto-exame permanente é necessária, já que a compreensão de nossas fraquezas ou faltas é a via para a compreensão das do outro. Se descobrirmos que somos todos seres falíveis, frágeis, insuficientes, carentes, então podemos descobrir que todos necessitamos de mútua compreensão. O auto-exame crítico permite que nos descentremos em relação a nós mesmos e, por conseguinte, que reconheçamos e julguemos nosso egocentrismo. Permite que não assumamos a posição de juiz de todas as coisas. (MORIN, 2005, p. 100)

Para alcançarmos a compreensão, é necessário entender que o ser humano é um ser é complexo, com características antagônicas que se complementam, sendo ao mesmo tempo racional e irracional, com capacidade de empreender, de consumir, do mesmo modo que é detentor de prazer, delírio, afetividade e imaginação.

2.2 A compreensão

Compreender é um processo de constante entendimento e reconhecimento do outro.

Morin (2011b) traz reflexões sobre dois aspectos da compreensão que são complementares: a compreensão intelectual/objetiva e a humana/intersubjetiva. A primeira relaciona-se à inteligibilidade e à explicação; a segunda vai além da explicação, sendo insuficiente para a compreensão humana que se concebe por meio do conhecimento entre os sujeitos. Esse processo abrange a empatia, a identificação com o outro e a projeção. Devemos entender o outro como entendemos a nós mesmos.

Morin (2011b) afirma que nos fechamos para o que está afastado de nós, e por isso podemos entender o que se distancia pelas ideias, crenças, isto é, pelas maneiras de agir no mundo e pensar sobre ele. Assim, o autor explica:

Estamos abertos para determinadas pessoas próximas privilegiadas, mas permanecemos, na maioria do tempo, fechados para as demais. O cinema, ao favorecer o pleno uso de nossa subjetividade pela projeção e identificação, faz-nos simpatizar e compreender os que nos seriam estranhos ou antipáticos em tempos normais. Aquele que sente repugnância pelo vagabundo encontrado na rua simpatiza de todo o coração, no cinema, com o vagabundo

Carlitos. Enquanto na vida cotidiana ficamos quase indiferentes às misérias físicas e morais, sentimos compaixão e comiseração na leitura de um romance ou na projeção de um filme. (MORIN, 2005, p. 101)

Nesse sentido, o autor aponta traços comuns em que as pessoas apenas levam em consideração sua verdade, que é absoluta, enquanto a verdade do outro é insignificante, secundária e hostil. Entre esses obstáculos, destacam-se o etnocentrismo, o sociocentrismo, a indiferença e o egocentrismo. Ao contrário disso, deve-se considerar que “a compreensão rejeita a rejeição, exclui a exclusão” (MORIN, 2005, p. 123), pedindo abertura, simpatia e generosidade.

A compreensão é, ao mesmo tempo, meio e fim da comunicação humana. De tal modo, o planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento desta necessita da reforma planetária das mentalidades, uma das tarefas centradas naquilo que Morin (2005, p. 104) concebe como uma educação do futuro. No entanto, ela não é ensinada. O entendimento mútuo entre os seres humanos, seja próximo ou distante, é a necessidade vital de levar as relações humanas para além do estágio bárbaro de mal-entendidos.

Em sua perspectiva histórica e em sua complexidade, a era planetária¹⁶ mostra que, diante da crise generalizada em que nos encontramos, caminhamos para a emergência de ajustes na sociedade, o que solicita o reconhecimento do outro como ponto principal. A compreensão de que trata Morin vai em direção à ética planetária (ética do universo concreto), ao entender o reconhecimento da diversidade da unidade humana. Logo, o mundo globalizado precisa de uma ética da comunidade humana que respeite as éticas nacionais, integrando-as (MORIN, 2015, p. 11).

Conforme citamos anteriormente, compreensão humana extrapola o sentido do entendimento de uma explicação, de perceber o significado de algo, de maneira que não é suficiente se ater a uma explicação ou situação. A compreensão humana vai além, pois comporta uma parte de empatia e identificação. Para se chegar a isso, Morin (2011b) assinala três tipos de compreensão: objetiva, subjetiva e complexa, que devem ser enredadas, de tal modo que o sujeito estabeleça a complementaridade entre elas:

¹⁶ Morin (2003) traz a ideia de era planetária como a sociedade atual, que se apresenta pela diversidade de línguas, culturas, destinos, fontes de inovação e de criação. A era planetária, na realidade atual, dispõe de acontecimentos reais ocorridos ao longo da história da humanidade.

- A compreensão objetiva comporta a explicação, ou seja, fornece as causas e as determinações necessárias a uma compreensão objetiva, capaz de integrar tudo isso numa apropriação global.
- Compreensão subjetiva ocorre de sujeito a sujeito. Há aqui uma identificação com o outro. Compreender como vive o outro, seus sentimentos, motivações interiores, sofrimentos, desgraças.
- Compreensão complexa, por sua vez, engloba a explicação e a identificação, é, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva. (MORIN, 2011b, p. 112-113)

As compreensões apresentam expressiva conexão. Segundo Morin (2011b), o prefixo “com”, de complexidade e de compreensão, indica uma ligação, um laço. Desta maneira, compreender é tomar em conjunto, envolver, enlaçar. A compreensão complexa não permite reduzir o outro a um único aspecto; ao contrário disso, considera-o em todos os seus aspectos.

Morin (2005) destaca que as escolas não se têm preocupado com uma educação para a compreensão humana, que exige a reforma das mentalidades. Para ele, há de se ensinar a compreensão, pois cada vez mais a interdependência cresce e a comunicação domina as vidas humanas. A respeito disso, o autor afirma:

A situação é paradoxal sobre a nossa Terra. As interdependências multiplicaram-se. A consciência de ser solidários com a vida e a morte de agora em diante une os humanos uns aos outros. A comunicação triunfa, o planeta é atravessado por redes, fax, telefones celulares, modems, Internet. Entretanto, a incompreensão permanece geral. Sem dúvida, há importantes e múltiplos progressos da compreensão, mas o avanço da incompreensão parece ainda maior. (MORIN, 2005, p. 93)

A educação para a compreensão humana deve ser tratada como a “como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade” (MORIN, 2005, p. 93). Dessa maneira, podemos perceber a preocupação do autor em enxergar a reforma das mentalidades como essencial tarefa da escola do nosso tempo.

Pensar na compreensão como parte integrante de um processo que constitui a condição humana se traduz no exercício da busca de elementos comuns e distintos entre os sujeitos, sendo a empatia e o reconhecimento passos essenciais. Deve-se olhar o outro com cuidado, acolhendo as diferenças de maneira a possibilitar o diálogo, criar laços entre iguais e desiguais, colaborando para uma vida pacífica e afetiva. É neste contexto que a ética da compreensão se apresenta como exigência para identificar as incompreensões, que são múltiplas e quase sempre convergentes.

Como já foi dito, a compreensão é primordial na sociedade da atualidade, notada pela pluralidade e diversidade. Por ela se admite criar meios de comunicação entre as pessoas. Compreender é uma atitude que solicita cuidado e percepção com relação ao outro, de modo que não existam conceitos pré-estabelecidos e julgamentos prematuros.

É importante atentarmos para o fato de que esta visão de sujeito ético não nega conflitos, tensões ou mesmo desacordos entre diferentes assuntos. Não é simplesmente o caso em que o desejo cancela ou nega as tensões de interesses conflitantes, mas desloca os fundamentos em que as negociações ocorrem.

O que está em risco na ética da compreensão, no entanto, é a noção de contenção do outro. Enfatiza-se que o raciocínio moral localiza a constituição da subjetividade na inter-relação com os outros, que é uma forma de exposição, disponibilidade e vulnerabilidade. Este reconhecimento implica a necessidade de conter o outro, o sofrimento e o gozo do outro, na expressão da intensidade de nossos fluxos afetivos. Uma ideia do confinamento encarnado e de conexão como uma categoria moral poderia emergir sobre e de encontro às formas hierárquicas da contenção implícitas na ideia universal de moralidade e de ética (MORIN, 2011b).

Esta visão de ética envolve um reposicionamento radical ou uma transformação interna por parte dos sujeitos que querem tornar-se melhores de forma produtiva e afirmativa. É claro que esta transformação requer mudanças que não são nem simples, nem autoevidentes (PENA-VEGA; ALMEIDA; PETRAGLIA, 2001).

Com sua ênfase em mover-se através da dor, transformando-a na atividade, a ética da compreensão pode parecer autointuitiva em uma cultura em que as pessoas aderem a grandes problemas a fim de aliviar toda a dor, mas especialmente a dor da incerteza sobre a identidade, origem, pertença. Grande angústia decorre de não se saber ou não se ser capaz de articular a fonte de um sofrimento, ou de sabê-lo muito bem, o tempo todo. Pessoas que foram confrontadas com o irreparável, o insuportável, o intransponível e o evento traumático e desumano farão qualquer coisa para encontrar consolo, resolução e também compensação. O anseio por estas medidas – consolo, resolução e justiça – é compreensível e digno de respeito.

Ou seja, o tipo de vulnerabilidade que os seres humanos experimentam em face de eventos na escala de horror elevado é algo para o qual nenhuma compensação adequada é imaginável, muito menos aplicável. O que é positivo na ética da compreensão é a crença de que os efeitos negativos podem ser transformados. Isso implica uma visão dinâmica de todos os afetos, mesmo aqueles que nos congelam na dor, no horror ou no luto (SANTOS, 2007).

A ética inclui o reconhecimento e a compaixão pela dor, bem como a atividade de trabalhar com ela. Qualquer processo de mudança deve exercer algum tipo de violência para hábitos profundamente arraigados e disposições que se consolidaram no tempo.

O rompimento da superalimentação destes hábitos arraigados é necessário; sem isto não há nenhum despertar ético. A conscientização não é livre de dor. É assim que a dimensão ética aparece através da massa de fragmentos e pedaços de hábitos descartados que são

característicos dos nossos tempos. O projeto ético não é o mesmo que a implementação de padrões governantes de moralidade. Em vez disso, diz respeito a valores, às normas e aos critérios que podem ser aplicados à procura de sustentabilidade, ou seja, aos limites recentemente negociados.

A comunicação humana pode ser percebida como um contexto repleto de compreensões e incompreensões. A indiferença pode ser entendida como uma barreira à compreensão. Mostrar-se indiferente é não perceber o outro em seus sofrimentos, desventuras e infelicidade. Para Morin (2011b, p. 121), “o medo de compreender faz parte da incompreensão. Compreender. Essa palavra provoca sobressaltos naqueles que temem compreender por medo de desculpar-se”. O medo habita naqueles que abandonam a possibilidade de compreensão e a justiça surge enquanto circunstância pessoal, ocasionada por insensibilidades que não dariam a oportunidade de qualquer forma de explicação. Desta maneira, compreender não anula o castigo ou a punição por ocorrência do erro, mas possibilita a defesa em vez do julgamento que culmina em algo irreversível.

Ao admitir a compreensão enquanto atitude ética, o sujeito toma um ponto de vista, uma alternativa de vida que afronta a dos que optam pela incompreensão, especialmente dos fanáticos que adotam a postura de nada compreender do outro.

Para que haja o exercício da ética da compreensão, Morin (2011b, p. 123) mostra-nos alguns pontos determinantes:

- A compreensão rejeita rejeição, exclui a rejeição, exclui a exclusão;
- A compreensão exige que nos compreendamos a nós mesmos, para que possamos reconhecer as insuficiências e carências que nos acometem, substituindo a consciência autossuficiente pela de nossa insuficiência;
- A compreensão exige, no conflito de ideias, argumentar, refutar, em lugar de excomungar e de lançar anátemas;
- A compreensão exige resistir à lei do talião, à vingança, à punição, tão profundamente arraigadas em nossos espíritos;
- A compreensão exige resistir à barbárie interior e à barbárie exterior, especialmente durante os períodos de histeria coletiva.

Logo, a compreensão nos separa da zona de conforto, estabelece proximidade com o outro e, na maioria das vezes, contesta nossas verdades absolutas. A compreensão coloca em exercício a paciência, a tolerância, o perdão e tantas outros atributos que cada um possa ter. Para que a compreensão possa embrenhar-se no espírito humano, é preciso civilizar e educar profundamente. Morin (2011b) afirma que as tentativas para aperfeiçoar as relações humanas falharam. Para ele: “Compreender é compreender as motivações interiores, situar no contexto e no complexo” (MORIN, 2011b, p. 124). Assim, compete a cada sujeito, como

indivíduo/espécie/sociedade, buscar meios para oportunizar a compreensão. De outro modo, a indiferença e a incompreensão serão implacáveis em nossa sociedade.

2.3 A escola da prisão sob o olhar da compreensão humana

Consoante Onofre (2011), a escola da prisão está inserida em um contexto com características antagônicas. A prisão, regida por regras e normas que se constituem em obstáculos para o estabelecimento de ações educativas, e a escola, que pode ser entendida como uma das instituições mais poderosas, tendo em vista a transformação do ser humano. A compreensão possibilita relações em harmonia, seja na escola, seja na vida social, no trabalho ou em qualquer ambiente humano. Para Morin, a compreensão indica um entendimento que nos leve a perceber que somos seres humanos complexos, tanto no plano pessoal como no interpessoal e, conseqüentemente, a atitudes solidárias, de tolerância e de aceitação dos limites humanos.

Logo, na compreensão complexa não cabe a aceitação de qualquer tipo de reducionismo, de forma a negarmos o que diz respeito ao outro, reduzindo-o a um único de seus aspectos. Morin (2000, p. 98) afirma que a compreensão demanda, por exemplo, que não se feche, não se reduza o ser humano a seu crime.

Nesse sentido, não podemos deixar de mencionar que, privado de sua liberdade, em um ambiente de novas dinâmicas que cerceia qualquer relação no ambiente social, o detento passa a ter como mecanismos de defesa determinadas atitudes que podem convergir com um sistema opressor, truculento, vigilante e imoral. Os mecanismos de defesa refletem uma realidade tortuosa, pois a necessidade de se ajustar a exigências sociais e reduzir os conflitos que ameaçam a integridade do ego são reais e urgentes (AMARAL, 1995). Assim, devemos levar em consideração que o indivíduo vê e compreende o mundo de uma maneira, respeitando sua capacidade e preparação para entendê-lo, exposto a perturbações diversas que dizem respeito a emoções, razão e inteligência, pois todas as vezes que desenvolvemos nossa inteligência a emoção nos acompanha, a todo o momento.

A ética da compreensão pode direcionar os diferentes momentos, mas a sociedade e o próprio sistema prisional, em sua incompreensão, solicitam um sujeito solidário, e suas experiências a partir daí o levam por um caminho que o torna egoísta e individualista.

Os encontros e desencontros éticos são explicados por Morin (2011b, p. 26):

[...] Os bons costumes constroem o indivíduo a obedecer às normas conformistas (condenação moral do adultério, do comportamento dissoluto, da homossexualidade etc.) e a sua decadência está ligada ao reconhecimento de comportamentos individuais antes condenados como desviantes ou perversos.

Os bons costumes não são suficientes para o enfrentamento da diversidade e das problemáticas encontradas nos dias atuais; é preciso pensar na ética e em sua relação.

Ainda segundo Morin (2011b), há uma relação triádica complexa, distinta e essencial entre indivíduo/espécie/sociedade, que é complementar e ao mesmo tempo antagônica, e para que o sujeito se registre socialmente é preciso que se reconheça como indivíduo e tenha o sentimento de pertencimento nesta relação.

Os termos indivíduo/espécie/sociedade podem ser ao mesmo tempo meio e fim. Não se pode compreender a complexidade destas relações sem ter o entendimento dos elementos que a constituem individual e coletivamente.

O sistema prisional, espaço destinado à recuperação de seres humanos, poderia ser entendido como um lugar de vivências transformadoras. Mas, como se deve viver? Deve-se visar à felicidade e à transformação dos seres humanos? Como transformar em virtude aquilo que foi condenado pela justiça e pela sociedade? É possível justificar o viver bem enquanto em outras partes do mundo as pessoas estão morrendo de fome ou quando se causou o sofrimento do outro? A ética lida com estas questões em todos os níveis. Sua inquietação consiste nas questões fundamentais da tomada de decisões práticas, e suas principais preocupações incluem os padrões pelos quais as ações humanas podem ser julgadas certas ou erradas.

Com relação à educação, podemos entender que, para muitos, a educação formal é uma questão de certificação na transferência de conhecimento. Porém, é muito mais: mudar o comportamento, assegurar a felicidade, exigem um nível muito mais elevado de compreensão da educação e da mudança (ALMEIDA; CARVALHO, 2013).

O propósito da educação é transmitir conhecimento, no entanto, a educação é cega para as realidades do conhecimento humano. O conhecimento não pode ser tratado como uma ferramenta pronta que pode ser usada sem se estudar sua natureza.

Parafraseando Durkheim, Morin (2015, p. 47) explica que o objetivo da educação “não é o de transmitir conhecimento sempre e mais numeroso ao aluno [...] é, justamente, mostrar que ensinar a viver necessita não só do conhecimento, mas também da transformação mental do conhecimento”. Podemos entender que o conhecimento por si não basta, além de perceber o grande equívoco que ocorre no oferecimento de disciplinas em uma organização que as despedaça, ignorando o entendimento do todo.

O predomínio da aprendizagem fragmentada, dividida em disciplinas, não raro torna os seres humanos incapazes de comentar partes e totalidades; ela deve ser substituída por um aprendizado que compreenda os sujeitos dentro de seu contexto, em sua complexidade e totalidade. Devemos ensinar métodos de compreensão de relações mútuas e influências recíprocas entre partes e todo, em um mundo complexo (ASHLEY, 2005).

Entendemos que a escola da prisão, com suas características voltadas a regras e disciplina, não consegue atingir seu objetivo de possibilitar que os estudantes reflitam sobre si mesmos e sobre o outro. Talvez nem a própria escola tenha entendido seu significado dentro de uma sociedade de diversidade humana. A educação deve ter a proposta de autoformação da pessoa, que aprende e assume a condição humana, que é aprender a viver. Neste sentido, Morin (2010) propõe reformas educacionais que aspiram à interdisciplinaridade.

Diante dos tipos de demandas apresentados, é importante que a escola da prisão leve em consideração a integração das sete lições complexas (MORIN, 2005) no desenvolvimento de seu programa de sala de aula e atinja o objetivo de formar homens e mulheres para o bem da humanidade, o que gira em torno de uma mudança de atitude.

Questões como família, escola, sociedade, ação política e evolução estão, indubitavelmente, conectadas. Qualquer aprendizado que seja bom para a escola também é bom para a vida: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a se conhecer, aprender a viver em harmonia com os outros e compreender eticamente o próximo (PETRAGLIA, 2012).

Garantir uma educação em compreensão ética e mediação e resolução de conflitos, tanto para estudantes quanto para os profissionais, permitiria o desenvolvimento de uma cultura de diálogo e paz. Que isso não seja um desejo, mas o aprendizado cotidiano. A lei que estabelece o direito dos estudantes à não violência nunca poderia ser separada do direito de ter uma educação não orientada para a violência.

A educação deve buscar constantes vivências que possibilitem o bom desenvolvimento humano. A transformação do sujeito acontece por meio de respostas aos estímulos e desafios que o mundo apresenta. Para Morin, compreender o mundo significa aprender e reaprender incessantemente. Assim, por meio do constante processo educativo de ser e estar no mundo é que se torna possível construir uma ética da compreensão que vai além da ética humana (MORIN, 2011b, p. 89).

Morin (2005, p. 105-106) esclarece que desenvolvimento humano é “o conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana”.

Com base no que foi apresentado, podemos entender, ainda com Morin (2011b), a necessidade de considerar os contextos, reconhecer os sujeitos a partir da sua cultura, compreendendo, assim, não somente a complexidade humana ou aquilo que a conduz, mas as condições em que são construídas as mentalidades e praticadas as ações. Como já mencionado, mesmo que a legislação vigente sobre a educação nas prisões trate sobre o desenvolvimento humano e a ressocialização, faz-se necessário, junto a essa legislação, analisar o contexto em que ocorrem as práticas e regras que determinam o cotidiano escolar ali existente.

2.4 Educação e desenvolvimento humano

Para tratar do desenvolvimento humano, versaremos sobre o pensamento de Mounier (2004), abordando uma concepção de educação transformadora, que integra todas as áreas da existência do sujeito, visando à transformação da pessoa humana. Tal conceito traz o aspecto comunitário-social e coloca como centro da proposta educacional a pessoa, por entendê-la a partir de sua existência e sua existência pessoal.

A ideia de pessoa para Mounier (2004) é compreendida como um universo dinâmico sempre em prova, num movimento contínuo de personalização de si e do mundo, mas sujeita à despersonalização pelas ameaças alienantes. No entanto, existir significa eleger-se, comprometer-se, conquistar incessantemente seu universo, não desenvolvendo apenas o plano da consciência, mas toda sua grandeza, numa luta permanente para humanizar a humanidade.

Para Mounier (2004), se a pessoa é movimento para o outro, a interiorização, o recolhimento, a conversão íntima é o seu complemento. A pessoa é recolhimento e, ao mesmo tempo, acolhimento: é uma correlação comunicativa interior. Não se trata de um movimento fugidío, mas de uma busca pelo silêncio e retiro, uma organização de si mesmo, pois as distrações da atual civilização “destroem o sentido do tempo livre, o gosto pelo tempo que corre, a paciência da obra que amadurece e vão dispersando as vozes interiores que, dentro de pouco tempo, apenas o poeta e o homem religioso escutarão” (MOUNIER, 2004, p. 52).

Nesse sentido, elucidamos o conceito de “personalismo”, que se constitui como uma renovação filosófica e nos faz entender a transformação da mentalidade num sentido amplo, percebendo a pessoa dentro da sociedade, por meio dos aspectos sociais, políticos, religiosos, éticos, morais, educacionais e familiares. Para Severino (1983, p. 46), Mounier entende todos os elementos que confinam o modo de existência da corporeidade: natureza material, inconsciente psicológico, participações sociais não personalizadas.

O personalismo constitui-se também de sua filosofia da existência, um questionamento ao processo de banalização da vida e da existência humana. Severino (1983, p. 31) destaca que “a existência do homem, a experiência da vida como existência pessoal, é a intuição de Mounier”.

Como metafísica¹⁷, o personalismo entende a existência humana como um ponto principal, dando prioridade da existência sobre a natureza humana, percebida como um dado ontológico. Assim, existir para o ser humano é mais do que desenvolver sua essencialidade: é submeter-se à facticidade, à temporalidade, à contingência, ao confronto com o outro; mas é também construir-se, assim como ao outro e ao mundo, é personalizar-se continuamente, superando-se e transcendendo-se (SEVERINO, 1983, p. 14).

Além disto, a indissociação das existências pessoal e comunitária é ponto primordial do personalismo, uma vez que “a civilização que propugnava desde 1932 era chamada de personalista e comunitária” (SEVERINO, 1983, p. 82).

Um dos elementos de luta para exercer a existência humana é a liberdade. De acordo com Mounier (2004), “a liberdade não é uma coisa”. Para ele, nossa maior angústia é tentar apanhar a liberdade como algo concreto que se possa afirmar de alguma maneira. A liberdade absoluta não existe. Nesse sentido, Mounier (2004, p. 73) afirma que a liberdade:

[...] é fonte viva do ser, e que um ato só será um ato humano se transfigurar os dados mais rebeldes na magia desta espontaneidade. Neste sentido, e somente neste sentido, o homem é todo inteiro e sempre interiormente livre, quando quer. [...] as liberdades concretas não são indispensáveis ao exercício da liberdade espiritual, que manifesta assim, nos momentos de grandeza, a sua transcendência quanto às suas condições de fato.

Assim, somente a pessoa pode constituir sua própria liberdade, de acordo com suas experiências e a partir daquilo em que ela acredita. O cotidiano em que vive e as oportunidades é que irão possibilitar ao ser humano pensar sobre e agir em sua liberdade.

Considerar o sujeito em seu ambiente educacional é entendê-lo em sua totalidade, isto é, na sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. E, ademais, sempre nos remeter a um sentido dialético da educação. Em toda a história da humanidade foi ressaltado um aspecto característico da educabilidade humana.

Nesse sentido, a educação associa-se à valorização, pois no processo educativo a pessoa se reconhece a partir das interpretações valorativas que realiza. O importante é saber como se

¹⁷ Para Severino (1997), a metafísica tem por objeto o conhecimento do ser enquanto ser; não é objeto da experiência, porém está fundamentalmente nela como essência. “A Metafísica tem por objeto o conhecimento do ser enquanto tal: o ser que não pode ser objeto de experiência, mas que está entranhado no experimentável, constituindo-lhe a mais íntima essência.” (SEVERINO, 1997, p. 47)

constituem os valores e, assim, saber “quais são a estrutura e hierarquia dos valores; qual o lugar que ocupam no contexto educacional e de que modo influenciam o desenvolvimento integral da pessoa” (PEDRO, 2000, p. 416).

A capacidade da pessoa para adquirir novos conhecimentos acontece por meio de uma condição essencial para a aprendizagem, em geral, e o ensino de valores, em particular. É precisamente na distinção que se estabelece entre valores e valoração – ou seja, entre o valor que o objeto possui e o conjunto de atribuições efetuadas pela pessoa relativamente ao objeto – que se situa a fonte do problema pedagógico-educacional, pela natureza de sua intervenção.

Assim, a educação não pode ser imposta por uma sociedade ou condicionada por um sistema, pois dessa forma não poderá contribuir para o desenvolvimento ou a transformação humana.

Além disso, a pessoa tem o objetivo de conquistar o seu universo, uma existência corporal, uma consciência pessoal. Cultiva, então, uma personalização da natureza, que confere a vocação de resgatar pelo trabalho, resgatando-se a natureza. Com o passar do tempo, o ser humano foi se afastando, pela técnica, da relação dialética entre a pessoa e a natureza e, com isso, foi se despersonalizando. Essa tendência de despersonalização acaba por encerrar cada um em seu destino, deixando cada ser humano à sua própria sorte ou ao acaso.

É preciso, então, resgatar o humano, pois a produção não tem valor se não visar ao seu mais alto fim: a prosperidade do mundo de pessoas. Daí ser o homem responsável por si e pelo mundo, personalizando-se em reciprocidade com a natureza, humanizando-a e transformando-a, dando um movimento à História, numa universalização progressiva dos grupos em comunidade, uma outra via dual, um pensamento focado na natureza e na coletividade. Para Mounier (2004), a história do universo é também a história da humanidade.

Portanto, a educação deve ser uma prática humana que tem como ponto de partida um processo de construção coletiva e que, levando em consideração a História, “traz consigo todos os resultados e consequências da historicidade” (SEVERINO, 1990, p. 23). No entanto, se por um lado a educação é prática humana, ela não é qualquer tipo de prática. Não é uma prática mecânica ou um fazer a partir daquilo que já está estabelecido. Deve ser organizada e intencional.

A educação transforma o sujeito humano, de modo que o indivíduo “devém um ser natural, uma pessoa” (SEVERINO, 2006, p. 621). É uma ação que emerge de todas as áreas da existência humana. Deste modo, não se pode confundir educação com formação escolar. Formação escolar que visa a educação indica “constituir, compor, ordenar, fundar, instruir, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se a um ser” (SEVERINO, 2006, p. 620). É uma

prática reflexiva que o agente só pode ser o próprio sujeito, ao mesmo tempo em que sofre os resultados da ação realizada. Assim, esta prática não pode ser aberta a ações que levam a informar, reformar e repudia outros por incompatibilidade, como conformar, deformar” (SEVERINO, 2006, p. 621). Desta forma, a educação não é um processo puro e simplesmente institucional ou instrucional, mas um comprometimento com a formação do humano, seja em seu aspecto pessoal e pedagógico, ou no coletivo e comunitário, sendo caracterizada por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo. Uma situação de plena humanidade” (SEVERINO, 2006, p. 621).

Não podemos deixar de mencionar que, na sociedade em que vivemos, a busca por demasiada produtividade e a assimilação mecanicista de técnicas levam o sujeito a viver em regime de opressão, alienação e desumanização. Tais condições instauradas pesam como adversárias à formação educacional, dando descrédito à educação sistematizada. E o desafio da formação da pessoa humana é enfrentar a degradação social, política, econômica e espiritual. “A educação é um bem para os homens, porque incrementa as habilidades humanas” (HACKER, 2010, p. 124).

Nos últimos tempos, a educação constituiu-se enquanto formação cultural, “perspectiva que realiza uma síntese superadora das perspectivas anteriores que a conceberam como formação ética, num primeiro momento, e como formação política, num segundo momento” (SEVERINO, 2006, p. 622). O autor afirma que é culturalmente formada, isto é, educada, a pessoa que dispõe de conhecimentos que se identificam a partir de uma ação emancipatória.

A educação só tem sentido como ação na formação de um sujeito ético e na sua construção. Como afirmamos anteriormente, a pessoa humana se constitui no tempo histórico, no espaço social, isto é, alguém que se reconhece como um ser ético e político, “pessoa-habitante de um universo coletivo” (SEVERINO, 2006, p. 622).

Para Mounier (2004), personalizar é orientar uma ação para a sua finalidade suprema, transcender o puro tecnicismo, encontrar as pessoas e distingui-las em seu ser, resgatando-as em sua dignidade e emergência frente aos mecanismos alienantes do utilitarismo socioeconômico, sendo uma ação “dialeticamente complementar da ação econômica” (SEVERINO, 1983, p. 107), isto é, uma não pode agir sem a outra.

De tal modo, vivemos uma transformação no significado de educação que não mais aceita o desenvolvimento das capacidades cognitivas do sujeito, mas busca um pensamento que possibilite ao sujeito encarar as barreiras da realidade. A educação pode, então, ser considerada como um processo de constituição de um ser integral, sendo o sujeito um ser em desenvolvimento personalizante. Assim, o sujeito é compreendido como um eu-totalitário,

aberto e dinâmico, que busca por si mesmo, pelo outro, numa relação constante e dialética com a sociedade e com a cultura. Sociabilidade é intrinsecamente constitutiva da pessoa, pois “fora dela, o homem se renaturaliza imediatamente” (SEVERINO, 1993, p. 13).

Podemos entender, então, que a transformação humana se faz por um processo educativo constante, de forma que o sujeito busca a compreensão do seu eu, do outro, do ambiente em que vive e da sociedade. Consiste em um aprendizado por meio das experiências vividas, do ser e do sentir, de maneira que se transcenda e se supere, continuamente.

O desenvolvimento humano implica um despojamento de seus bens e de si, e consequentemente se despolariza do egocentrismo. Mounier (2004) salienta que a vida interior mantém no ser humano certo “segredo”, sua “intimidade”, uma personalidade. Os que se exibem não passam de um livro aberto que logo se esgota. O recolhimento não é demissão do mundo, nem uma paz vegetativa. Interioridade e exterioridade são movimentos essenciais da existência pessoal, do ser humano total: espiritual e carnal. Ser é expandir-se: “É preciso que não desprezemos tanto a vida exterior: sem ela, a vida interior tornar-se-ia incoerente, tal como, sem vida interior, aquela não seria mais que delírio” (MOUNIER, 2004, p. 95-96).

3 PERCEPÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO ENTRE GRADES

Quero descobrir o que caracteriza o voo de cada pássaro, em cada momento. Não quero palavra, mas coisa, movimento, voo.

(ROSA, 2001, p. 274)

Neste capítulo compartilhamos a observação realizada nos dias de visita à unidade e os depoimentos de alunos e professores durante as entrevistas, que entendemos ser o foco central do objeto de estudo. Por este motivo, a íntegra das entrevistas foi trazida para o corpo do trabalho, a fim de que, de fato, possamos dar voz aos principais envolvidos no processo de escolarização na unidade prisional pesquisada. Sob o olhar de Morin (2011a), podemos ter o entendimento de que uma teoria somente alcança seu objetivo com a plena participação do sujeito. Desta forma, a pesquisa, tecida por várias vozes, traz o sujeito para dentro da análise que, por sua vez, é análise de sua própria vida escolar.

O pesquisador que se orienta pela trajetória da complexidade reconhece os sujeitos da pesquisa enquanto colaboradores e representantes da narrativa acadêmica, entendendo, assim, que:

Uma teoria não é o conhecimento; ela permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema. Em outras palavras, uma teoria só realiza seu papel cognitivo, só ganha vida com o pleno emprego da atividade mental do sujeito. É essa intervenção do sujeito que dá ao termo MÉTODO seu papel indispensável. (MORIN, 2010, p. 215)

Neste espírito, seguiremos com a descrição do campo, a apresentação dos alunos e professores participantes e a análise das contradições existentes na escola da prisão.

Por meio da escuta, foi possível identificar alguns aspectos comuns concernentes à vida escolar, tanto anterior quanto na unidade prisional. Tais aspectos foram analisados a partir de três dimensões, que constituem o processo de escolarização dos participantes: vida escolar anterior (passado), sentimento de pertencimento e significado da escola (presente), expectativas sobre o que os estudos podem trazer para a vida (futuro).

Os participantes da pesquisa são compreendidos a partir do conceito de *homo complexus* proposto por Morin (2004, p. 59):

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de

amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente de morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas ideias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e quimeras.

Podemos entender o ser humano como um ser repleto de contradições, de forma que sua racionalidade se confunde com seu delírio e seu bom senso mistura-se com atitudes passionais. Assim, o *homo complexus* é constituído por um conjunto de características antagônicas e bipolares, é ao mesmo tempo *sapiens* e *demens*, trabalhador e lúdico, prosaico e poético, empírico e imaginário, interagindo com todas as partes, consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Para Morin (1997, p. 44), *complexus* significa “o que está tecido junto”.

Na complexidade, a parte está no todo assim como o todo está na parte. Compreendendo ordem e desordem, o sujeito amplia a consciência de si e do universo num movimento de ação, reflexão e ação, um ir e vir constante e ininterrupto.

Encontramos, em um trecho da música “Anjos (pra quem tem fê)”, interpretada pela banda O Rappa, uma reflexão sobre a complexidade do sujeito:

Te mostro um trecho, uma passagem de um livro antigo
Pra te provar e mostrar que a vida é linda
Dura, sofrida, carente em qualquer continente
Mas boa de se viver em qualquer lugar
É... (FALCÃO; SABÓIA, 2013)

Conseguimos perceber violência e ternura no trecho “A vida é linda [mesmo] dura, sofrida”, seguido do trecho “boa de se viver em qualquer lugar”. Será boa mesmo na prisão? Para agir de acordo com sua moralidade, segundo o que é certo e errado, é necessário que o sujeito possa agir de acordo com suas experiências; dessa forma, o racional, o irracional e o imaginário são tecidos juntos, construindo e reconstruindo o mesmo ser. A relação entre o indivíduo humano, a espécie e a sociedade é igualmente dialógica: possuímos genes que nos possuem; possuímos ideias e mitos que nos possuem; somos gerados pela sociedade que geramos (MORIN, 1997, p. 62).

Para manter o anonimato dos estudantes detentos, escolhemos nomes de pássaros, relacionados a algumas de suas características, entendendo que estas são constituídas pelo conjunto de saberes, fazeres, aparência, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, o que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, o que controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social (MORIN, 2005, p. 56).

Cabe destacar que os estudantes convidados a realizar a pesquisa foram selecionados a partir de critérios como idade, tempo de aprisionamento, nível escolar, participação em cursos profissionalizantes, situação processual sobre o delito cometido, serem trabalhadores e não trabalhadores. Além disto, selecionamos um estudante com deficiência intelectual e outro do grupo LGBTQ+¹⁸ para, desta maneira, ter contato com vários aspectos e poder melhor vislumbrar o todo. Ainda é importante ressaltar que todos foram encaminhados como sendo estudantes, mas no decorrer da pesquisa identificamos que a maioria estava aguardando matrícula, o que mostra que o número de detentos que estudam é, de fato, muito pequeno em relação à população atendida na unidade e aos que têm o desejo de frequentar a escola.

Com relação aos professores, foram caracterizados pela profissão, também para garantir o anonimato. Não foi realizada seleção e foi priorizado um dia da semana para a realização da entrevista em que a maioria estivesse presente na unidade prisional.

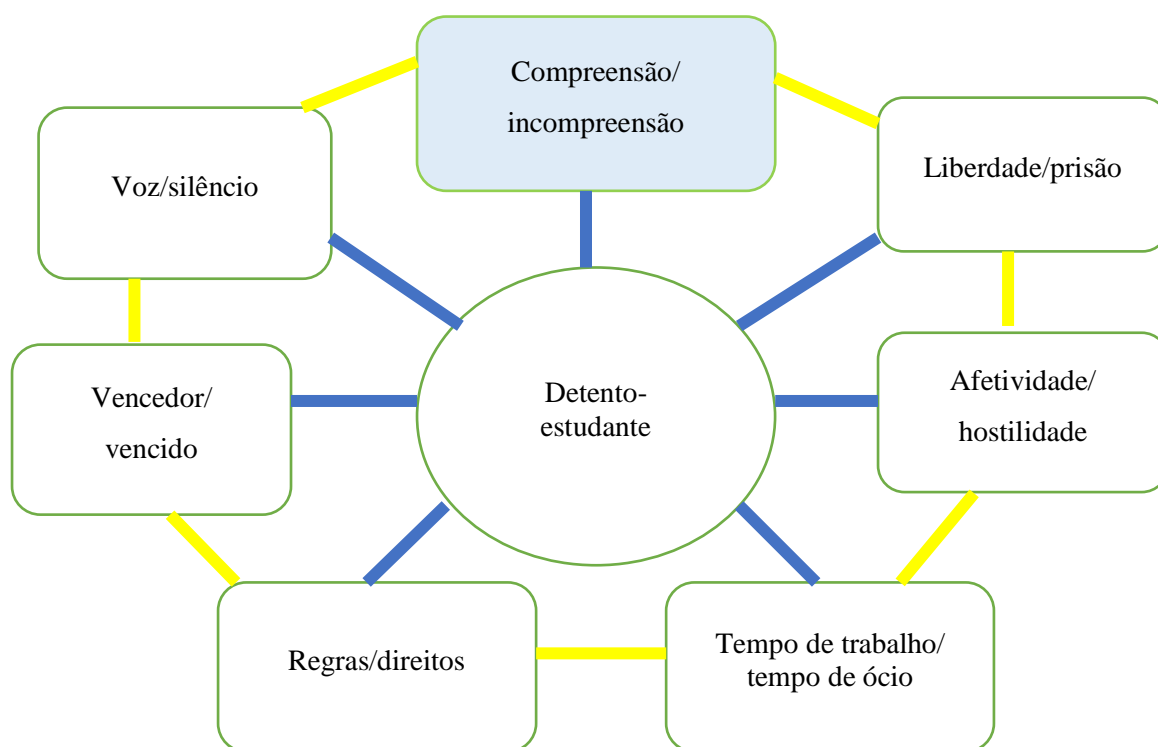
A busca dessa organização de sujeitos participantes resulta do entendimento apontado por Morin (2015), ao perceber a complexidade como uma forma de entender o mundo e a humanidade e, por um princípio hologramático, evidenciar não apenas o todo ou as partes, percebendo que não apenas a parte está no todo, como o todo está inscrito nas partes.

Segundo Morin, o holograma extrapola o reducionismo, que enxerga somente as partes, e o holismo, que percebe apenas o todo. Nas palavras do autor (2000, p. 142), trata-se rigorosamente do problema da autoprodução e da auto-organização. Desta forma, pudemos analisar a escola por meio das interações dos estudantes detentos, de maneira a produzir um todo organizado.

O Diagrama 1 traz uma rede de ideias ilustradas, procurando apresentar as contradições evidenciadas nas entrevistas dos detentos estudantes. A intenção foi representar tais contradições de acordo com as leituras realizadas e não favorecer determinados pontos.

Procuramos mostrar as interações dos pontos, tendo em vista que o pensamento complexo influencia mutuamente as partes. Dessa maneira podemos entender a representação em rede como melhor organização do pensamento. A complexidade propõe tecer em conjunto, ao estabelecer “constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo” (MORIN, 2015, p. 13).

¹⁸ Sobre a sigla, Gold (2018) explica que há dez anos “havia quatro letras para designar diversas minorias sexuais e de gênero: L, G, B e T. Atitudes mudaram, e a linguagem para orientação sexual e identidade de gênero também. A abreviação ganhou um ‘Q’, (‘questionando’, para uns; ‘*queer*’, termo genérico, antes pejorativo, para outros) e continua a crescer. [...] O sinal ‘+’ denota tudo no espectro do gênero e sexualidade que as letras não descrevem”.

Diagrama 1 – Representação rede

Fonte: a autora.

Podemos perceber, por meio das redes, que a educação nas prisões envolve aspectos importantes que ressoam na vida do estudante detento. Esses aspectos estão presentes na compreensão e incompreensão e nas contradições, como voz e silêncio, liberdade e prisão, ser/estar vencedor e ser/estar vencido, afetividade e hostilidade, regras e direitos e tempo de trabalho e tempo de ócio.

Esta relação hologramática auxilia-nos a perceber todas as partes de um conjunto a partir de informações verificadas na pesquisa, debruçando-nos sobre esse universo por meio da rede, entendendo a ordem e a desordem para compreender o novo.

Nesse sentido, afirma Morin (2000, p. 201): “a informação torna-se, pois, aquilo que controla a energia e aquilo que dá autonomia”. Desta forma, temos a possibilidade de compreender, de maneiras diferentes, os fenômenos que interpretamos como lineares e deterministas.

3.1 Aproximação com o campo: tecendo as faces

É importante desenredar a estrada percorrida para a aproximação com o campo estudado. Caminho árido e ao mesmo tempo estimulador, pelo fato de que, quanto mais obstáculos surgiam, mais se pretendia chegar ao objetivo almejado.

A autorização de pesquisa no sistema prisional do país envolve extenso processo, que abrange autorização da Secretaria de Administração Penitenciária, submissão do projeto na Plataforma Brasil, onde é analisado pelos comitês de ética tanto da administração penitenciária quanto da universidade, além das autorizações posteriores da coordenação regional e direção da unidade e, por fim, a autorização judicial. Entre a solicitação de anuência do secretário da Secretaria de Administração Penitenciária e a autorização do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, decorreu um ano e meio.

Em seguida, fiz contato com a unidade para agendarmos reunião, momento em que seriam definidas as datas para a realização da pesquisa.

As ações ocorreram na seguinte ordem: em abril de 2017 foi solicitada a anuência para a Secretaria de Administração Penitenciária, obtida no mesmo mês. De abril a julho do mesmo ano, correram os trâmites pela Plataforma Brasil, foram entregues projeto e documentos. O relatório de autorização da pesquisa e a autorização judicial foram dadas em abril de 2018.

A autorização do secretário e diretor da unidade foi recebida em 24 de julho de 2018. Somente nesse momento pude entrar em contato com a unidade, que propôs uma reunião para tratar de como ocorreriam as visitas. No encontro, recebi a concessão para adentrar a unidade e iniciar a pesquisa, a partir da segunda quinzena de agosto. Cabe ressaltar que o contato com a direção da unidade foi bastante amistoso e as datas foram prontamente agendadas.

As visitas no campo para observação e realização de entrevistas ocorreram entre os dias 15 e 23 de agosto de 2018. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Para a entrada na unidade, foram necessários alguns procedimentos de segurança. Na portaria inicial, fui identificada e anunciada à unidade, para ter permissão de entrada. Depois, passei por uma portaria, realizei um cadastro, fui revistada e só então pude entrar pelo portão da unidade. Depois existe outro portão que dá acesso ao convívio dos detentos. O barulho dos portões se abrindo e depois trancando foi bastante acentuado; a sensação me remeteu ao confinamento.

Fotografia 4 – Fachada da entrada da habitação dos detentos



Fonte: a autora.

Fotografia 5 – Fundo da unidade, utilizado como campo de futebol



Fonte: a autora.

Passei, então, para o reconhecimento da unidade, de forma que permaneci um período realizando os estudos juntamente com a equipe que coordena as atividades de educação e trabalho. Nestes momentos, pude ter contato com os dados, compreender a rotina, tanto do trabalho da equipe quanto da dos próprios estudantes.

Na sala da equipe, havia grande movimentação de professores que entravam para obter ou dar informações, e de detentos que realizavam a limpeza, serviam café, solicitavam informações ou eram convocados para algum procedimento burocrático relacionado às atividades da unidade. Percebi certa austeridade no tratamento dispensado tanto aos professores quanto aos detentos; porém, em momento algum houve falta de respeito.

As aulas aconteciam concomitantemente ao período em que permaneci na unidade; contudo, devido à rotina, a entrada para observação não foi permitida. Nestes momentos, conseguia observar a movimentação de professores adentrando o pátio onde permanecem os detentos, mas não conseguia ver se a aula de fato estava acontecendo.

Despertou-me curiosidade uma chamada para contagem dos detentos, por volta das 15h. Pelo portão existente entre a sala em que estava e o pátio em que permaneciam os detentos, foi possível perceber que todos eles formaram fila e cada um deles foi chamado pelo respectivo número.

Duas questões surgiram neste momento: a primeira refere-se ao horário de aula a ser cumprido: pela manhã, das 8h às 12h, e à tarde, das 13h às 17h. Este evento faz parecer que o período de aula não é respeitado por conta das regras e disciplina atribuídas pela unidade. Sobre essa reflexão, Onofre e Julião (2013, p. 56) observam que, funcionando pelo avesso, as instituições de privação de liberdade, que se pretendem como espaços de (re)educação e (re)socialização, acabam comprometendo tais processos ao construir uma experiência ancorada no exercício autoritário do poder.

A segunda questão tem a ver com a própria disciplina atribuída aos detentos, uma vez que a organização propõe o bom funcionamento da unidade. Foucault (2012, p. 143) analisa o arranjo da disciplina, assinalando que a primeira de suas grandes operações é a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas.

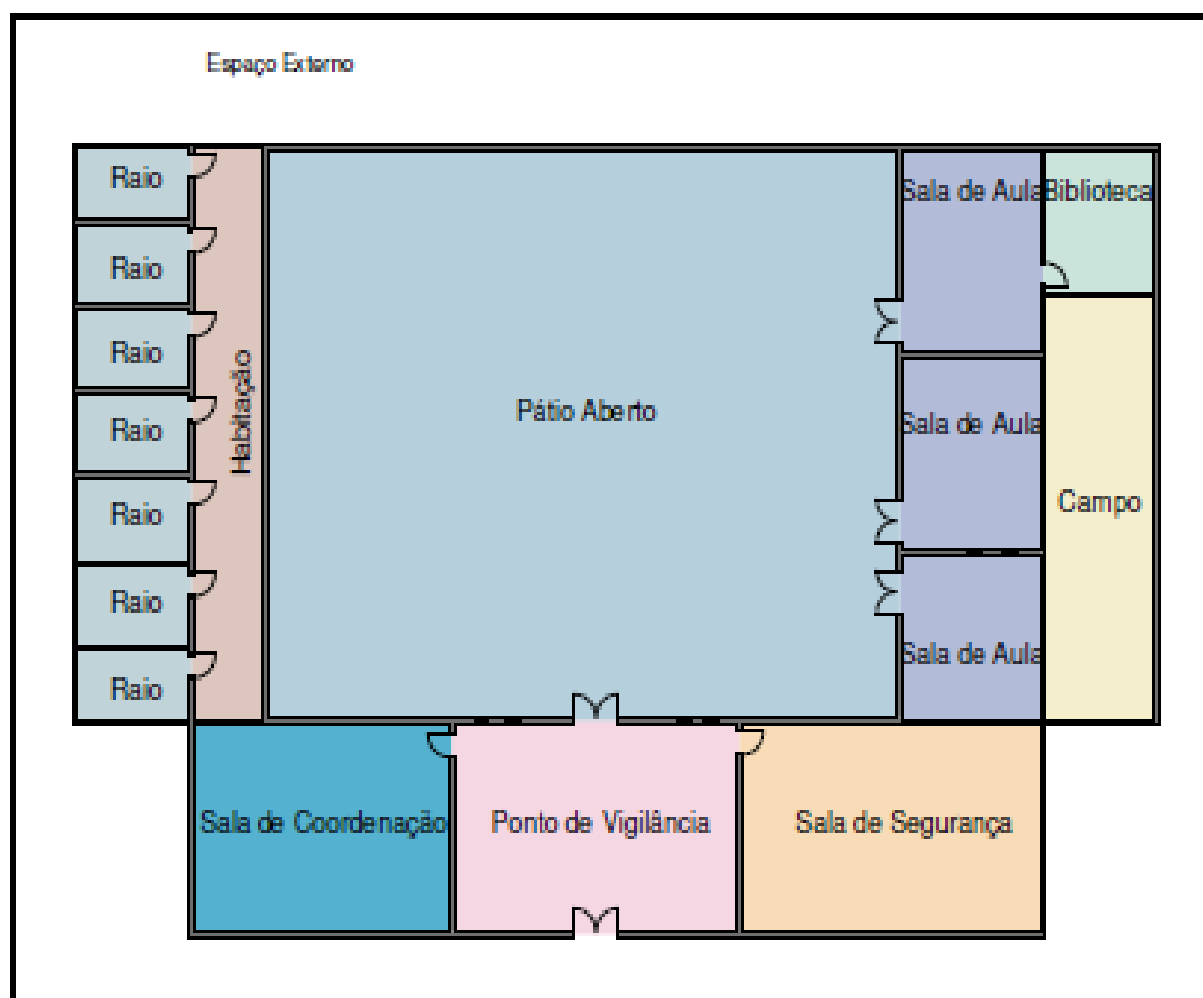
Nos dias destinados às entrevistas com os estudantes, aguardei permissão para adentrar os espaços de convívio, apesar de possuir todas as autorizações necessárias. Ao chegar pela manhã, ainda aguardei por volta de três horas na sala da equipe de coordenação, antes que pudesse iniciar as entrevistas.

Durante todo o tempo fui acompanhada pelo profissional da equipe de coordenação e por um agente de segurança. Nos dias em que estive com os estudantes, pude circular pelas salas e assistir a um pouco das aulas, sempre na companhia de algum funcionário. Foi-nos destinado um espaço – antessala da biblioteca – para que pudéssemos conversar. Durante todo o tempo das entrevistas os funcionários permaneceram próximos à porta, do lado de fora da sala.

O momento de entrada na habitação dos detentos foi desconfortável, pois, mesmo com extensa experiência nesta e em outras unidades, o momento da pesquisa foi diferenciado dos outros, semelhante a uma ocasião de intrusão, uma entrada clandestina. Todos olhavam, com os semblantes de quem não sabia o que esperar daquela visita. Somente a partir daquele momento pude ter um olhar para o todo, saindo do campo de análise de dados e partindo para a observação da realidade.

A seguir o Esquema 5, com o desenho da unidade.

Esquema 5 – CDP Belém II



Fonte: a autora, com base no *Projeto político-pedagógico para as escolas das unidades prisionais do Estado de São Paulo (versão preliminar)*.

Desde a sala da coordenação, o espaço possui um cheiro característico, que vai aumentando conforme a chegada ao convívio. Mesmo no espaço aberto existe um odor diferente, difícil de classificar; assemelha-se a mofo, umidade, misturados com suor, talvez com medo e apreensão. Parece-nos um cheiro de abandono e confinamento. O suor de estresse¹⁹ é uma reação imediata do corpo a estímulos emocionais como ansiedade, alegria ou antecipação do medo; quem sabe isso explique a sensação que não consegui descrever.

Por se tratar de um espaço aberto, o centro da unidade é o único lugar arejado. As salas de aula possuem aproximadamente 2,5 m de largura por 2,5 m de profundidade; os tetos são baixos e apenas uma das salas possui janela; por isso, não há circulação de ar.

Nesse espaço, além do confinamento, encontramos vidas que se submetem e se conformam com um decrescido modo de sobreviver, não compreendido pelos profissionais que ali trabalham. Talvez estejamos nos referindo a um consentimento de que o Estado tem o direito subjetivo de punir, aplicando a execução da pena, esquecendo-se de que, para além da privação de liberdade, direitos fundamentais do ser humano devem ser protegidos. Há que existir compreensão; entretanto, os obstáculos para se chegar a ela são muitos, partem da indiferença e da insignificância, da hostilidade e de tudo o que é estranho ou distante (MORIN, 2005, p. 96).

A ética da compreensão humana nos alerta para a necessidade de argumentação em vez de condenação determinante. Para Morin (2005, p. 100):

A compreensão não desculpa nem acusa: pede que se evite a condenação peremptória, irremediável, como se nós mesmos nunca tivéssemos conhecido a fraqueza nem cometido erros. Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas.

Pensar e construir os espaços da escola dentro das prisões exige o reconhecimento de que o ambiente favorece a transformação do sujeito. Promover (re)inserção social requer entendimento do ser humano, a partir de suas necessidades reais e ideais. Se não houver compreensão, a educação servirá apenas para disfarçar uma sociedade que se proclama humana e democrática.

¹⁹ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Suor_de_estresse#cite_note-Chalmers,_T.M_1952-1>. Acesso em: 25 nov. 2018.

No momento de observação, visitei a biblioteca, um espaço pequeno, mas que contém livros em prateleiras organizadas e disponíveis para os estudantes. No momento em que estive lá, um detento que trabalha no local organizava as prateleiras e os empréstimos/devoluções de livros pelos detentos estudantes.

Fotografia 6 – Biblioteca da unidade



Fonte: a autora.

Observei aulas de Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Linguagens. Ao indagar os professores sobre o assunto tratado na aula, em unanimidade responderam que se tratava desta ou daquela disciplina. Ainda que a matriz curricular seja organizada por área do conhecimento – que entendemos ser um avanço em relação à educação oferecida atualmente –, o exercício diário das aulas acontece por meio das disciplinas. Isso nos faz pensar que não há um pensamento integral do saber, e sim a fragmentação de saberes, dificultando a compreensão do ser humano.

Para que o sujeito apresente desenvolvimento e compreensão sobre aquilo que é proposto em seu aprendizado, é preciso romper com esta fragmentação dos saberes em

campos determinados, ir além, compreender o contexto, encontrando conexões com a sua própria existência. A escola acolhe pessoas diferentes, com distintas formas de aprender; desta maneira, não pode jamais ser um ambiente que propõe aprendizagens sem sentido e significados. Talvez não haja nenhum ambiente mais propício do que a escola para pôr em prática situações significativas, que possibilitem a compreensão humana. Entendemos que a Base Nacional Comum Curricular está organizada por disciplinas fragmentadas, mas a escola deve cumprir sua principal função: formar para o exercício da cidadania, que somente é possível se existe formação para a condição humana.

Observei, ainda, que as lousas estavam repletas de conteúdo escrito, enquanto os estudantes permaneciam sentados em cadeiras e carteiras enfileiradas e quase sempre de cabeça baixa; e, talvez por haver pessoas estranhas no mesmo ambiente, também permaneciam sem conversar. Nestes momentos, a interação com os estudantes foi mínima.

Em um dos dias de observação, percebi, ao passar pelas salas de aula, que não havia com os estudantes nenhum tipo de material, como caderno, lápis, livros, e em nenhum momento foi notado algum tipo de material didático sendo utilizado pelos estudantes ou professores. Apenas um aluno encontrava-se com uma folha de papel e um lápis na mão.

É certo que Morin afirma que a comunicação não garante a compreensão; entretanto, se houver boa comunicação, isto poderá proporcionar a inteligibilidade, que é condição primeira para a compreensão humana (MORIN, 2005, p. 94).

Nesse sentido, fica evidente que, nesse espaço que entendemos possuir regras mais rígidas que o ambiente escolar comum, as mazelas de uma educação tradicional são acentuadas, o contexto do estudante não é considerado, e a escola acaba por se constituir em um lugar que se aproxima cada vez mais do próprio sistema prisional, comprometendo o alcance dos seus objetivos.

No que se refere aos professores, os encontros aconteceram na semana seguinte ao término das entrevistas com os estudantes. Para que pudéssemos conversar, foi disponibilizada a sala da coordenação. Desta forma, não permanecemos a sós, e este acontecimento pode ter causado algum incômodo e constituído empecilho para os professores falarem sobre aquilo que realmente importava para eles. Além disso, tratava-se de um espaço com bastante movimentação, que ocasionou várias interrupções em nossas conversas. De maneira bastante sutil, entendemos a interferência de quem dita as regras sobre aquilo que poderia ser denunciado por meio dos depoimentos dos professores.



Fonte: a autora.

É importante assinalar que, no último dia da pesquisa, ao sair das dependências da unidade, fui abordada por uma professora que chamou a atenção sobre suas respostas durante a entrevista. Mencionou não poder demonstrar o afeto e a proximidade que mantém com os estudantes, alegando que naquele ambiente não é permitido estabelecer relações mais próximas, de confiança, como as necessárias entre professor e estudante; e que, para desenvolver o seu trabalho tenta, quando possível, aproximar-se dos estudantes, mas sempre com certa cautela, para que a avaliação do seu trabalho na unidade não seja prejudicada.

Parece-nos que na relação professor/estudante existe um ruído, talvez causado pelo ambiente em que a escola está inserida, que se opõe à proximidade, ao afeto, em decorrência das relações de poder, por meio de regras e comportamentos austeros. Ora, se as relações humanas resultam da condição humana, a relação entre professor e estudante carece da

condição humana. As pessoas devem reconhecer-se em sua humanidade comum e, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo aquilo que é humano (MORIN, 2005, p. 47).

3.2 A voz dos sujeitos

Na sequência, serão apresentados os depoimentos dos participantes deste estudo, procurando mostrar as ideias que estão diretamente relacionadas com as questões a eles propostas no momento da entrevista. Como anunciado anteriormente, para garantir o anonimato dos participantes os nomes dos detentos estudantes foram substituídos por nomes de pássaros e os professores foram identificados pela sua profissão e por um número.

No início de cada subitem relativo aos detentos estudantes constará a imagem de um desenho elaborado por eles, no intuito de observarmos suas produções. No dia da entrevista, solicitamos que cada um fizesse um desenho que retratasse assuntos importantes para si, de forma a expressar questões de sua vida. Os desenhos foram elaborados em horário de aula e retirados na unidade na semana seguinte.

Desenho 1 – Arara Azul



Fonte: acervo da autora.

3.2.1 Arara-Azul: *“então, a escola pra mim é importante porque, além de aprender novamente, futuramente é importante”*

Arara-Azul: assim o identificamos pela semelhança. Um homem de 47 anos, moreno, com traços tipicamente brasileiros. No Brasil, existem mais de 80 espécies da arara, que estão entre as aves mais conhecidas e admiradas. Além disso, a arara-azul²⁰ é uma espécie que se mantém em família por toda a vida; também o estudante demonstra isso: *“o velho mundo já não faz parte mais da minha vida. Se eu tô em pé hoje é pela misericórdia de Deus, então eu quero aproveitar essa oportunidade que ele tá me dando e voltar pra a sociedade, ser um pai, ser um vô, entendeu?”*

Segundo o detento, é importante voltar à escola, pois “as matérias”, como se refere, ficaram esquecidas, e agora possui a oportunidade de retomá-las. Além disso, ressalta a relevância da escola, pela oportunidade de sair um pouco da rotina e da mente da criminalidade. Refere-se ao futuro em diversos momentos, admitindo a possibilidade de uma nova perspectiva de vida por meio da escola.

Cumprir pena há dez anos e estudou em outra unidade por três. Hodiernamente, encontra-se no 5º ano do ensino fundamental, aguardando matrícula para iniciar os estudos na unidade em que se encontra há dois meses.

Quando tratamos sobre o que aprendeu na escola e sobre o que é significativo para ele, Arara-Azul refere-se a ser culto, falar português mais adequadamente e ter postura. Além disso, considera as aulas variadas, apontando as disciplinas estudadas e não mencionando sobre os assuntos mais significativos para si.

Demonstra carinho pelos professores e pela forma como ensinam, com paciência e profissionalismo; ressalta que as aulas são ministradas por meio de conversas, giz e lousa, e que os professores tiram as dúvidas quando os estudantes demonstram não compreender a explicação. *“É bom porque eles têm paciência; eles ensina de uma maneira, assim, que você entra no que eles estão te explicando... Se você tem dúvida: ‘Professor, não tô entendendo’... Eles têm a maior paciência: ‘Não, vamos do começo’... É uma troca de ajuda. Tanto aprendia com eles e eles com a gente.”*

Quando indagado sobre sugestões para melhoria da educação na unidade, evidencia o desejo de que a escola tivesse mais espaço, em virtude de as salas serem muito pequenas, considerando a quantidade de estudantes.

²⁰ Arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*) (BUZZETTI, 2008, p. 71).

A entrevista

Pesquisadora: Pronto! Estou gravando, tá? Vamos deixar assim, pertinho, pra gente poder gravar. Então, eu quero agradecer a sua disponibilidade em participar desta entrevista.

Arara-Azul: Sim...

Pesquisadora: Eu estou realizando um trabalho de estudo sobre escolas. E, como eu trabalho na área da educação dentro dos presídios, gostaria de conversar com vocês e que vocês pudessem me ajudar a entender como acontece a educação aqui.

Arara-Azul: Sim...

Pesquisadora: Vou dizer que estive aqui, no Belém II, mas não vai ser identificado, tá? E é somente sobre a escola. Tem algumas perguntas que eu gostaria de fazer. Vamos começar! Você já frequentou a escola?

Arara-Azul: Sim!

Pesquisadora: Antes de chegar aqui?

Arara-Azul: Bom, eu estudava lá na Parada Neto, né?

Pesquisadora: Uhum...

Arara-Azul: E pra mim foi importante porque o tempo que a gente ficou parado, ficou um longo tempo preso, então, é... Matéria, Geografia, História, Matemática, ficou tudo esquecido. E agora que a gente tá voltando. Porque a sua mente fica bitolada, o quê? Na cadeia, o foco é na cadeia. Aí então quando tem a escola, aí você sai um pouco fora da rotina e volta tudo de novo, né? Sua infância... Então a escola pra mim é importante porque, além de você aprender novamente, futuramente é importante... Então, é importante escola.

Pesquisadora: Você estudou antes de chegar no presídio, antes de chegar no Parada Neto? Na escola lá de fora?

Arara-Azul: Hoje eu tô com 47 anos, mas na minha infância estudei. Depois fiquei quase 30 anos... Então esqueceu tudo, né?

Pesquisadora: Esqueceu tudo... Lá no Parada Neto você estudou?

Arara-Azul: Sim, estudei!

Pesquisadora: E hoje você está em que série?

Arara-Azul: Hoje eu tô na 5ª.

Pesquisadora: Desde que você foi para o Parada Neto, há quanto tempo você está estudando? Até agora?

Arara-Azul: Ah, lá eu estudei por três anos, né? Aí eu vim pra cá, tô há dois meses. Agora que eu me matriculei novamente e tô esperando ser chamado pra voltar a estudar, né?

Pesquisadora: Entendi, entendi... E lá – porque aqui você não teve experiência ainda –, o que você aprendeu? O que que foi bom pra você, nessa escola?

Arara-Azul: Ah, o básico, né? Que futuramente... O mundo do crime, ele tomou da gente, né? Ser culto, procurar falar um português correto, postura. A escola, ela dá uma... Ensina pra gente, né? A gente sair da mente da criminalidade, entendeu? Hoje eu sou pai, sou vô, então eu preciso...

Pesquisadora: Já é vô?

Arara-Azul: É, já sou vô...

Pesquisadora: Que legal!

Arara-Azul: Entendeu? Então nem tudo tá perdido, porque quando você erra você tem oportunidade. Você tá no buraco, ou você sai dele ou se afunda mais. E a escola é muito importante pra muitos presos, entendeu? Tem casos lá que a gente viu... Preso começou lá, fez faculdade, hoje virou advogado, entendeu? Então, ela dá uma perspectiva de vida para o preso... Que quer realmente, né? Errou, não fica no mesmo erro. Você tá tendo uma oportunidade... Você vê, eu fiquei dez anos num fechado. Hoje eu não saí na saidinha. Tá aí, ó! O mundão tá ali fora, é só pular isso aí, mas eu não quero. Porque eu sei que se eu pular dali, amanhã, depois, ficar fugido, foragido... Não posso frequentar uma escola, não posso frequentar nada... Então hoje não, hoje tô aí, dez anos. Graças a Deus vim para cá, já tô trabalhando, trabalhando na copinha, e tô esperando voltar a estudar, né? É cansativo? É! Mas futuramente vai me ajudar muito.

Pesquisadora: E lá, quando você aprendia, como que eram as aulas?

Arara-Azul: As aulas era variada, né? Um dia era Matemática, Português, Geografia... História, Inglês, entendeu? Era variado. Tinha uma turma de professor, entendeu?

Pesquisadora: E a forma que os professores ensinavam. Como que era?

Arara-Azul: Meu, é assim... Por ser professor que eles dá aula na rua, eles falava pra gente: “Meu, vocês tão de parabéns. Por quê? Vocês dão atenção.” É uma atenção que o povo na rua já não dá, entendeu? Então eles gostava. A gente aprendia com eles e eles aprendia com a gente, entendeu? Isso que é importante, né? É uma troca de ajuda. Tanto eles precisa da gente como a gente precisa mais deles, né? Só que o respeito que a gente dava, a atenção que a gente dava... Olha, aqui o que eu vejo é... A gente tá ali, a gente vê, né? Os professores superatenciosos, eles se dedica, né? Então, isso é importante também pra que possa incentivar o aluno. Então, de antemão a gente agradece o trabalho da senhora, entendeu?

Pesquisadora: Eu que agradeço a participação, vocês virem com boa vontade. Falta só mais um pouquinho, pra acabarmos a nossa conversa.

Arara-Azul: Estamos aí à disposição.

Pesquisadora: Você me disse que o estudo é bom, que você está esperando a matrícula... Você acredita que o estudo te traz possibilidades? O que que ele te traz com relação ao trabalho? Seja dentro ou fora da unidade... O que o estudo pode te proporcionar?

Arara-Azul: Ao trabalho?

Pesquisadora: É!

Arara-Azul: Futuramente ou agora? Eu penso...

Pesquisadora: Na vida como um todo, futuramente e agora...

Arara-Azul: Sim. Futuramente, eu... Porque até pra lixo você tem que ter, entendeu?

Pesquisadora: Ensino médio...

Arara-Azul: Ensino médio, então... Igual eu falei com a senhora: o velho eu, o velho mundo, já não faz parte mais da minha vida. Se eu tô em pé hoje é pela misericórdia de Deus, então eu quero aproveitar essa oportunidade que ele tá me dando e voltar pra sociedade, ser um pai, ser um vô, entendeu? E, lá com meu diploma ó, entendeu? A cadeia pra mim não foi perdida, tá aqui ó... Entendeu? Não foram anos perdidos. Terminei o meu estudo, hoje eu tô fazendo uma faculdade... É isso que eu penso, né? Tô respondendo por mim, entendeu? Isso que eu quero.

Pesquisadora: Você disse que quando era criança estudou, estudou na Parada Neto... Se você pudesse avaliar essa escola que você frequentou depois que veio pra unidade, o que você falaria da escola?

Arara-Azul: Como ela é importante pro preso, entendeu? Ela dá uma perspectiva de vida... Pra que o preso venha a parar, analisar, a não cometer mais erros, porque tem pessoas que ainda acredita, ainda confia. Não é qualquer pessoa que vai vim dar aula, entendeu? Até os professores que vêm, você vê que eles gostam da profissão, eles gostam do que tão fazendo, eles não faz... Então a escola é importante pro presídio em geral.

Pesquisadora: E o jeito que a escola ensina, você acha que é bom?

Arara-Azul: É bom porque eles têm paciência, eles ensina de uma maneira, assim, que você entra no que eles estão te explicando... Se você tem dúvida: “Professor, não tô entendendo”, eles têm a maior paciência: “Não, vamos do começo...”

Pesquisadora: Eles ensinavam com o quê? Com que material? Com que jeito de conversar?

Arara-Azul: Com os livro, com a lousa, em gesto, em conversa...

Pesquisadora: Ah, entendi!

Arara-Azul: Entendeu?

Pesquisadora: Então tinha uma metodologia aí, um jeito de ensinar. Você acha que é diferente do que tem na escola lá fora?

Arara-Azul: Não. A mesma forma que aprendi lá, aqui eles fazem...

Pesquisadora: E quais sugestões você daria pra melhorar a escola daqui?

Arara-Azul: Daqui? Ter mais salas, né? Tem muitos alunos, sala pequena, sala apertada. É ruim ao mesmo tempo pros próprios professores, né?

Pesquisadora: Uhum... Ah, então é isso! Eram essas perguntas que eu queria fazer. Eu agradeço a sua paciência de vir aqui conversar comigo.

Arara-Azul: Imagina, dona Andréa!

Pesquisadora: Estou muito feliz de estar aqui hoje.

Arara-Azul: Sim!

Pesquisadora: Muito obrigada, viu?

Arara-Azul: De nada, dona Andréa! Bom trabalho para a senhora, tá?

Desenho 2 – Beija-Flor



Fonte: acervo da autora.

3.2.2 Beija-Flor: “Já tô com um bucado de ano já escondido numa cadeia, já”

O beija-flor²¹ é capaz de parar no ar, com suas asas batendo muito rapidamente, sendo a única ave que voa para trás. Similar é o detento a que agora nos referimos. Trata-se de um senhor de 62 anos, diferente dos demais: diagnosticado com deficiência intelectual, conta-nos que tem dificuldade em compreender as coisas, em memorizar e interagir com os demais detentos. “Ó, eu não vou dizer que recordo muito não, porque se eu ler essa palavra aqui... Hoje eu fui chamado pra entrevista... Né? E amanhã me perguntar se eu passei na entrevista, eu já não me lembro essa frase, né? Que eu tô falando agora aqui; agora eu tô falando... ‘Entrevista’, amanhã eu não me lembro... A minha memória não grava bem.”

Além das características citadas, esse pássaro constrói seus ninhos bem elaborados; são compostos por raízes trançadas e muitas folhas secas, e todo o material é envolto por teias de aranhas e ornamentado muitas vezes. É difícil encontrar esses ninhos, pois, além de serem bem pequenos, em geral ficam escondidos entre galhos e folhas secas. De maneira análoga, o ofício deste detento é construir móveis, o que nos mostra com toda presteza. No entanto, se entristece ao dizer que está, há alguns anos, escondido na prisão. “Que eu trabalhava com móveis, e eu não me esqueci as montagem dessas cadeira, de guarda-roupa. Se a senhora me tirar daqui... Me dê uma benção aí como... Me dê uma chance pra mim sair daqui. Eu já tô com um bucado de ano já escondido numa cadeia já...”

Em diversos momentos, Beija-Flor pede ajuda para sair da prisão, refere-se a estar escondido... Talvez isso evidencie seu sentimento com relação à prisão: estar escondido. Em outras palavras, à margem do mundo. E diz que o ambiente da escola é melhor do que o ambiente de convivência com outros detentos.

Além disso, retrata o sentimento de exclusão, de falta e de perda, por estar ali. “Só eu que estou como mendigo aqui, mendigo de tudo... É uma vida perdida que a gente tem, muito grande. É uma vida muito longa que você tem perdida e não sabe que perdeu”.

No 4º ano do ensino fundamental, Beija-Flor aguarda por matrícula na escola. Ele nos conta que gostava muito da professora anterior, mas não há professor para atender às classes do ensino fundamental dos anos iniciais.

Com relação ao que aprende na escola, afirma não se lembrar muito, mas conseguiu ler algumas palavras que solicitamos. Quando perguntamos sobre leituras ou outros estudos fora do período de aula, ele nos contou que às vezes lê a Bíblia, mesmo com dificuldade, e que nunca

²¹ Beija-flor-grande-do-mato (*Ramphodon naevius*) (BUZZETTI, 2008, p. 97).

leu outro livro. O acesso à biblioteca é livre; entretanto, existe alguma dificuldade para fazer empréstimo de livros.

Ele demonstra ter a percepção de que a escola tem o significado de ajuda ao trabalho, pois auxilia a saber melhor as medidas dos móveis que ele constrói. *“Aí eu vou saber mais as medidas dos móveis, porque os móveis têm que ter o gabarito certo pra você... Por exemplo, uma cadeira dessa, né? Se você fazer ela fora de medida.... [...]. É, ajudou, ajudou... Pelo menos a conta com número, pelo menos a conta da Matemática eu aprendi bastante, né? O número daqui que tá... Passar por cima desse aqui que tá aqui... Três números vem pra cá. Na conta de mais, né?”*

Sobre as sugestões para melhorar a educação na unidade, Beija-Flor apenas diz que deseja retornar à escola.

A entrevista

Pesquisadora: Vamos lá, vamos começar. Primeiro, eu quero agradecer de você ter se disponibilizado de vir aqui conversar comigo. É um dia que eu estou aprendendo bastante, com vocês.

Beija-Flor: Certo... Eu tava estudando, né? E aí a professora Carina pegou e parou de vim aí na escola. Parou faz maior tempo que parou e me chamou de novo, põe meu nome de novo pra mim retornar de novo na escola. Ela não retornou mais, a professora Carina. Esse foi o... No mais não vim mais na escola não, fiquei só aí dentro só, tô só esperando... A hora que me chamar eu venho para a escola.

Pesquisadora: Você está matriculado aguardando para iniciar?

Beija-Flor: Sim

Pesquisadora: Ah! Porque parece que falta vir a professora, não é mesmo?

Beija-Flor: É! Tá faltando a professora. Eu tava estudando até de dia, aí passei pra noite, aí tava na 3ª série pra 4ª série... Não tem esses grande estudo não, né? Mas também não tenho muito conhecimento, né? Mas tava só aguardando a professora.

Pesquisadora: Você chegou a estudar fora daqui?

Beija-Flor: Antes, quando eu não coisava, num... Estudava, antes de eu vim para a cadeia eu estudava, né? Mas não agora no meu tempo de escola, né? Estudei só quando eu entrei aqui dentro da cadeia de novo.

Pesquisadora: Só quando era criança e depois agora?

Beija-Flor: É...

Pesquisadora: E você gosta da escola aqui, quando você vem?

Beija-Flor: É melhor, né? Melhor do que lá dentro do ambiente lá, porque aquela escola lá do ambiente... Como é que se fala, né? É... Um exemplo da vida, né? Ali só presta pra sofrer mais.

Pesquisadora: Em qual? Dentro da ala?

Beija-Flor: É, dentro da ala. Só presta pra sofrer mais. Então a escola é muito melhor, porque tá ainda ensinando, maior delicadeza, explica as coisa com maior paciência, maior explicação. E já lá dentro da coisa da ala não tem essas explicação. Qualquer coisa você vai é lá pra dentro do banheiro e já toma uma surra. Eu já tô com meu braço aqui descolocado, tô até pedindo pra mim passar na medicina, pra passar numa perícia, eu tenho problema de cabeça também, né? De ataque epilético, e tal e tal e tal... Que mais? Aí eu tô querendo passar aí pra me ver se eu ganho a perícia, porque até minha aposentadoria já cortaram, já. Faz muito tempo que cortaram minha aposentadoria já... Então queria ver se eu recuperava pra... Que eu também pago aluguel, tava pagando aluguel quando eu vim para a cadeia eu tava pagando 600 e poucos reais de aluguel.

Pesquisadora: Lá na rua?

Beija-Flor: Na rua. Agora minha mulher tá pagando sozinha com o dinheiro do benefício dela, que ela recebe, porque era uma viúva, aí recebe uma indenização do marido dela, a aposentadoria... Aí pega e paga o aluguel e meus enteados colabora com a alimentação. E aí, como é que nós vamos viver assim? Só toda vida dependendo dos enteado, dos filho...

Pesquisadora: É...

Beija-Flor: E dois velhos... Eu aprendo, pelo menos eu tenho mais paciência, eu fico mais animado, da mais uma, né? Porque a pessoa sem... Lá dentro a pessoa só tem desespero, só tem tristeza dentro da ala.

Pesquisadora: Vim pra cá, vim pra a escola já é bom para você, pelo que eu percebi.

Beija-Flor: Pra mim é melhor.

Pesquisadora: E aí o que que você aprende, você lembra, as coisas que a professora ensinava?

Beija-Flor: Ó, eu não vou dizer que recordo muito não, porque se eu ler essa palavra aqui... Hoje eu fui chamado pra entrevista... Né? E amanhã me perguntar se eu passei na entrevista, eu já não me lembro essa frase, né? Que eu tô falando agora aqui, agora eu tô falando... “Entrevista”, amanhã eu não me lembro... A minha memória não grava bem.

Pesquisadora: Se eu colocar esse papel aqui, você consegue ler alguma coisa?

Beija-Flor: Consigo.

Pesquisadora: Essa letra aqui grande...

Beija-Flor: Consigo... “Em nexo e entrevista aluno”.

Pesquisadora: Muito bem! Ah, então você lê bem, não é mesmo?

Beija-Flor: Leio um pouco assim, mas é que a letra assim grande também, que eu to com um defeito na vista também...

Pesquisadora: Que ano você tá?

Beija-Flor: Tava na 2^a pra 3^a, da 3^a pra a 4^a, aí a professora já foi embora, a professora Carina... Me deixou, assim, atrapalhado.

Pesquisadora: Puxa vida! Mas vai ter outro professor. O Júnior tá indo atrás, vai ter outro professor. Quando você está estudando, que horas você estuda? Só na escola? Você consegue estudar lá dentro da ala, levar um livro?

Beija-Flor: Não, eu... Dentro da escola, dentro... Meu Deus me perdoe por caridade, que eu acho que eu tô sendo até castigado, porque eu só fico lendo a Palavra de Deus, né? A Bíblia, né? Eu só fico olhando as palavra que explica como é que é as coisas, né? As histórias...

Pesquisadora: Mas você lê? Lê a Bíblia?

Beija-Flor: Leio, mas é com muita dificuldade. Mas eu não me recordo amanhã o que que é que eu li. Amanhã não, daqui a pouco a senhora me perguntar o que que é que eu li, aí eu não sei. Essa palavra daqui para cá eu não me lembro, assim...

Pesquisadora: Entendi...

Beija-Flor: Só me lembro a entrevista, né?

Pesquisadora: Mas assim, um livro de poesia, um livro... Você nunca leu?

Beija-Flor: Não, nunca li, não.

Pesquisadora: Algo que traga coisas boas pra você?

Beija-Flor: Não, nunca li...

Pesquisadora: Mas tem acesso à biblioteca? Você tem acesso, se você quiser pegar um livro?

Beija-Flor: Tem. Tem aí, tem. Mas eu não pego não, eu também nem... Tem coisa que é... As coisa é tudo maior dificuldade aí, como todos sabem, né? A gente pega uma coisinha e amanhã não devolver... Hoje não devolver mesmo aí já fica aquela coisa de... umas palavras, eu não sei se é, eu não sei como é que é... Ou é ladrão, não sei como é não. Sei que fica como perdido aí.

Pesquisadora: Uhum... Mas se você quiser, por exemplo, pegar um livro aqui na biblioteca...

Beija-Flor: Hum...

Pesquisadora: E levar lá pra a ala, pra poder ler lá dentro da ala, fora do horário da escola, pode? Ou não?

Beija-Flor: Não...

Pesquisadora: Não sabe?

Beija-Flor: Não sei não...

Pesquisadora: Ah tá...

Beija-Flor: Pra lhe falar a verdade, eu não sei.

Pesquisadora: É... E você acha que essa escola daqui vai te ajudar no trabalho? Pra você conseguir trabalhar?

Beija-Flor: Eu acho que ajuda. Que eu trabalhava com móveis e eu não me esqueci as montagem dessas cadeira, de guarda-roupa. Se a senhora me tirar daqui... Me dê uma benção aí como... Você tá sendo até falada a palavra aí como a senhora falou... Me dê uma chance pra mim sair daqui. Eu já tô com um bucado de ano já escondido numa cadeia já...

Pesquisadora: Quantos anos?

Beija-Flor: Eu fiz um erro muito grande... Eu tô com cinco, seis anos na cadeia... Fiz um erro muito grande na minha vida porque um cara tava me roubando demais, perdi toda minha riqueza que eu tinha, tô só hoje em dia só com a roupa da cadeia. Não tenho nada, eu e minha mulher. Agora... Que eu tava fazendo uma casa escondido da mulher, da minha ex-mulher. Escondido porque eu já tinha visto várias ações das mulher fazendo com os homem, né? Pegando as propriedade dos homens. Passava dois anos com um homem e aí já tomava tudo quanto é dinheiro. Eu tinha um irmão que era milionário! Saraiva! Não sei se você já ouviu falar nessas frase... Saraiva, um dono de papelaria, é dono de tudo no mundo aí em São Paulo. Da Vila Maria Alta, Vila Maria Baixa... Tinha tudo quanto era recurso na vida, minha filha. Tinha mais de 14 casas. A mulher dele tomou de conta de tudo. Pegou e se juntou com outro marido. Um dia ele chegou em casa meio-dia, ela tava com outro homem dentro de casa aí ele pegou e saiu de casa. O juiz pegou e falou: “Você não devia ter saído de casa, então você perdeu. Tudo que você tinha é dela e dos três meninos que você tem”.

Pesquisadora: Uhum...

Beija-Flor: “É dela”. Tomou de conta de tudo. E o outro também... Francisco das Chagas que é um que ainda... Graças a Deus ainda me comparece aqui a cada três mês, a cada dois mês, me comparece aqui. Aí pegou e quando acabar me vem aí, né? E eu perdi minha propriedade que eu tinha. Eu tinha uma propriedade muito grande. Eu tinha uma propriedade dessa largura aqui assim, mais ou menos assim. E tinha uma casa lá no fundo. Tava com todo material já pronto, todo material aqui na frente, tava com as paredes tudo levantada, parede olhe, mais grossa de que essas aqui. Pra mim fazer um salão pra mim trabalhar com móveis. Eu tinha a maior vontade de fazer mesas de centro, *rack*, né?

Pesquisadora: Uhum...

Beija-Flor: Pra televisão, aparelho de som, tudo, e no fim... Aí esse cara começou me roubando, um cara lá, igual essa coisa aqui que eu nem gosto de comparar essas coisas aqui com minha

casa, como era... Lá na Parada, lá na [inaudível] em Guarulhos. Minha casa era do lado de cá e a casa desse indivíduo ficava só fumando maconha lá na frente lá e eu chamava pra ele assentar um bloco lá na parede lá, e o cara não tinha coragem. Só ficava na porta da casa dele ou então na porta da casa do bar do primo dele lá. Fumando, tomando uma cachaça. Porque dinheiro pra comprar maconha mesmo ele não tinha, não sei. Sei que ele metia o pé de casa lá. O meu próprio vizinho como diz como existe a inveja, né senhora? Existe a inveja dessa maneira. Eu tinha dois vizinhos meu assim. Tinha um aqui e o outro ali. E eu tava aqui no meio. Só a minha casa que tava sem acabar. Eu tinha a maior vontade de fazer um salaozão, aquele sobradão, coisa mais linda, né?

Pesquisadora: Uhum...

Beija-Flor: Chegar um final de semana, tomar um café mais sua mulher. Que coisa linda, né meu?

Pesquisadora: É...

Beija-Flor: Tomar um cafezão lá em cima, assistir um pouquinho de televisão, vou dormir, tal... E bem! Oito horas eu tô dormindo, da noite. Oito horas eu vou dormir. Aí eu pegava e tinha o maior sonho. Aí dois vizinhos meu pegou e falou: “Ó..., é esse cara aí que tá te roubando tua casa”. E sempre quando eu chegava em casa, quando ia montar meus móveis, ia montar guarda-roupa, ia montar estante, ou móveis que fosse eu montava. Qualquer móveis. Reformava... Se a senhora me chamar pra mim reformar esses móveis aí eu deixo ele novinho de novo. Faço ele novinho de novo.

Pesquisadora: E você acha que a escola te ajuda, assim, a pensar nessa sua profissão de...

Beija-Flor: Ajuda! Porque é o seguinte... Aí eu vou saber mais as medidas dos móveis, porque os móveis têm que ter o gabarito certo pra você... Por exemplo, uma cadeira dessa, né? Se você fazer ela fora de medida.

Pesquisadora: E o que você aprendeu te ajudou pensar mais sobre essas coisas?

Beija-Flor: É, ajudou, ajudou... Pelo menos a conta com número, pelo menos a conta da matemática eu aprendi bastante, né? O número daqui que tá... Passar por cima desse aqui que tá aqui... Três números vem pra cá. Na conta de mais, né?

Pesquisadora: É! Você aprendeu?

Beija-Flor: Aprendi isso aí! Mas era só isso que eu também não sabia. E o resto... Meu nome eu sabia, sim. Aí ó, escrever uma cartinha pra namorada daqui pro Pernambuco eu escrevia com as letras para lá... O S e o C, né? Confunde muito a memória da gente. Eu não sei.

Pesquisadora: E você escreve carta?

Beija-Flor: Não, não escrevo carta não. Minha mãe já faleceu comigo aqui dentro da cadeia. Minha mãe pediu pra me vim visitar aqui, veio aqui em São Paulo com uma irmã minha e eu

não admiti que ela viesse aqui dentro. Ela já tava muito velha, e tal e tal e tal... Minha família se acabou toda, né? No caso. Eu tô só com dois irmão aqui, e nessa situação. Só eu que tô como mendigo aqui, mendigo de tudo. Mas se a senhora me chamar, me tirar daqui da cadeia com uma... Não tô... Como é que se diz? A senhora não sabe, mas tô querendo fazer um benefício e a senhora me fazer um benefício. Me tire daqui de dentro dessa cadeia, me dê uma ordem aí pra me retirarem daqui porque eu já estou com seis anos...

Pesquisadora: Mas isso depende do juiz, né?

Beija-Flor: É, depende do juiz, depende do promotor...

Pesquisadora: Isso!

Beija-Flor: Do advogado, de tudo, enfim... Mas com uma ordem de uma doutora assim que nem a senhora e que nem o médico aí... Então... Aí eles pode autorizar, né? Porque eu já tô com todo esse tempo aqui perdido. É uma vida perdida que a gente tem muito grande, muito grande. É uma vida muito longa que você tem perdida e não sabe que perdeu. Eu passei cinco anos escondido, me escondendo na rua, no caso... E aí um dia fui achado, a polícia pegou e falou “tá preso”. E aí já começa com aqueles palavreado todo, e não sei o quê...

Pesquisadora: É, não é fácil, não é mesmo? Só pra a gente finalizar... Se você fosse fazer uma sugestão pro trabalho da escola daqui, qual você faria?

Beija-Flor: Ah, eu aceitaria a escola, né? Pra mim fazer a minha matrícula, né? Já tá feita, né? E... Meu nome já tá tudo lá com a dona... Doutora Carina... Professora Carina. Então, minha sugestão era só retornar pra a escola e...

Pesquisadora: Então tá bom, eu agradeço por tudo que você falou, porque eu estou aqui para aprender com vocês.

Beija-Flor: Hum...

Pesquisadora: Pra poder entender como funciona essa escola e como essa escola ajuda na vida de vocês.

Beija-Flor: Ajuda sim, porque tira muitas pessoas de dentro de lá, do coisa lá, do quarto lá... Dos quartos... Pra vim, pra não ficar escutando tanta sebozera lá dentro, né? Como se fala no português claro. O pessoal só fica falando o que não deve...

Pesquisadora: É verdade! Tá bom então, muito obrigada, viu? Pela participação...

Beija-Flor: Obrigado a senhora.

Desenho 3 – Cigana

Fonte: acervo da autora.

3.2.3 Cigana: “Que um dia eu vou ter a oportunidade de tá me formando... E se eu não tiver concluído o meu estudo eu nunca, jamais, eu vou conseguir realizar um sonho meu. E o meu sonho é me formar”

Assim a chamamos por ser uma pessoa alegre, descontraída e bastante vaidosa. Chegou para a entrevista usando um anel bastante brilhante, maquiagem e cabelo arrumado. O nome do pássaro cigana²² vem de sua plumagem chamativa, ele vive em bandos da sua espécie. Cigana é uma travesti de 22 anos que diz relacionar-se com o seu grupo e não se familiarizar com outros grupos de detentos da unidade. Sua pena é de um ano e, deste, já cumpriu seis meses. “*Bem, minha senhora, lá na ala eu só pego minhas coisas e vou pra a minha cama. É, eu. O meu caso é esse. Porque eu não sou ‘adaptada’ com bandidos. Nem o meu pessoal. A gente não somos adaptadas com bandidos.*”

Conta-nos que prefere ser chamada pelo seu nome social, por entender seu gênero feminino, mas que os profissionais da unidade insistem em identificá-la pelo nome civil, então prefere não argumentar.

Refere-se à escola como um sonho de se formar, como um símbolo. O certificado parece ser importante para a vida de Cigana. Não consegue expressar o que aprende no presente, mas assegura a importância de terminar os estudos, para o seu futuro.

Estuda na escola da unidade há quatro meses, cursando o 1º ano do ensino médio. Antes do início da pena, concluiu a 8ª série e estava há mais ou menos 12 anos sem frequentar a escola. Quando perguntamos sobre o que aprende na escola e o que significa, relata não saber responder e diz acreditar que aprende conteúdos, ao menos um pouco do que se aprende na escola da rua.

Lembrou que em sua 6ª série fez uma atividade de desenho de bichos que envolviam as letras do alfabeto e, para realizar essa atividade, a professora deu um prêmio. E, ao final, também presenteou a professora com a própria atividade. Disse sentir-se feliz com este momento.

Afirma que não consegue aprender muitas coisas, pois as interferências dos outros estudantes a confundem nos momentos de explicação. “*A classe em si não quer ter a autoajuda... O professor tá explicando, ele está [inaudível] com o coleguinha. Ele não quer saber o que que o professor tá explicando. Então ali acaba atrapalhando um pouco a minha cabeça.*” Entretanto, diz estar adaptada com os professores e que estes explicam muito bem. Além disso, afirma que na escola da unidade realiza diferentes atividades, como o projeto sobre

²² Cigana (*Opisthocomus hoazin*) (BUZZETTI, 2008, p. 51).

o folclore. Entende que tais conteúdos podem despertar o interesse de outros detentos que só permanecem dentro da ala de convivência.

No momento em que perguntamos sobre os materiais suficientes para o bom desenvolvimento das atividades escolares, Cigana respondeu que não há material e que isso dificulta o trabalho dos professores.

Quanto à prática de leitura e estudos além do período das aulas, diz ser possível realizar empréstimos na biblioteca, mas que não possui essa prática, nem a de levar outros livros e cadernos para a habitação. Explica que isso se deve às rotinas de *blitz*²³ na unidade, que podem causar o extravio dos pertences e, posteriormente, o castigo por não mais possuir o material para a devolução.

Reafirma, ainda, a importância dos estudos e do certificado, e que irá realizar a prova do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), oferecido em data específica para a população carcerária.

Cigana diz que os professores a ajudam, fortalecem-na e a apoiam para sair do abismo. E diz ter o desejo de se formar e ser professora.

A entrevista

Cigana: Um gravadorzinho, né?

Pesquisadora: Um gravadorzinho, porque eu acho que quando a gente grava, a gente guarda melhor.

Cigana: Sim...

Pesquisadora: Depois eu vou escrever. Vou te explicar porque eu estou aqui. É um estudo, um trabalho sobre escolas. Eu trabalho com vários tipos de escola, aí eu vim aqui também, nessa escola, pra saber se ela é igual à outra, o que que acontece aqui, o que que a gente aprende aqui, se ela faz diferença na vida da gente. Então, a intenção é falar da escola.

Cigana: Tá...

Pesquisadora: Você tá aqui na escola ou escola de outra unidade que você frequentou... há quanto tempo?

Cigana: Eu estou estudando, deixa eu ver... Nós estamos no mês... oito, né?

²³ *Blitz* é uma expressão estrangeira já incorporada à nossa língua, no sentido figurado, para fazer referência a uma batida policial repentina, que tem como objetivo combater qualquer tipo de ilegalidade. A palavra *blitz* é uma abreviação criada pelos ingleses, derivada da palavra alemã *blitzkrieg*, que em português significa “relâmpago”. A *blitz* foi um ataque-relâmpago, repentino, realizado pela aviação alemã contra o Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/blitz/>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

Pesquisadora: Uhum...

Cigana: Tem quatro meses que eu estudo.

Pesquisadora: Não estudou em outro lugar?

Cigana: Em outra unidade, não. Em outro sistema prisional, não.

Pesquisadora: Mas, e antes de entrar?

Cigana: Antes de eu entrar eu fiquei sem estudo, sem nada.

Pesquisadora: Mas nem quando era criança?

Cigana: Não! Já estudei, já... Eu não me formei, eu só me formei até o ensino médio. Aí então, agora eu dei a continuidade. Apareceu a oportunidade, aí eu... Pra ser benéfico pra mim mesmo, eu aceitei. Aí então, agora eu tô concluindo o 1º ano no ensino médio.

Pesquisadora: Do ensino médio, entendi... Quatro meses você está, né?

Cigana: Isto...

Pesquisadora: E lá fora você estudou até que série?

Cigana: Até o 8º ano. Concluí o ensino fundamental...

Pesquisadora: O ensino fundamental... E depois já estava um tempo sem estudar, ou não?

Cigana: Sim, sim! Já há mais de 12 anos.

Pesquisadora: E na escola aqui, o que que você aprende? Você não tá com frio não? [risos]

Cigana: Eu tava com casaco, só que o [nome do coordenador] falou que eu não poderia vim na entrevista com ele, aí eu fui na ala...

Pesquisadora: Por quê?

Cigana: Não sei o motivo do porquê, mas ele falou que não poderia, eu fui lá e tirei. Mas não tá tão frio assim, não!

Pesquisadora: Então vamos fazer rápido, para você ir lá pegar o casaco...

Cigana: Não, não! Não tem problema!

Pesquisadora: É... O que que você aprende na escola?

Cigana: O que que eu aprendo?

Pesquisadora: É!

Cigana: Ai, eu não... É uma pergunta que eu não sei te responder. O que que eu vou... O que eu consigo aprender na escola... Eu acredito que é o conteúdo, o contexto... Até mesmo daqueles que estão lá na rua. Né? Não 100% aquilo, que aqueles que estão lá na rua têm mais chances de tá aprendendo, entendeu? Mas é um pouco... Daquilo que eles estão aprendendo.

Pesquisadora: Mas, assim... Pra eu saber o que que é bom para você?

Cigana: Hum...

Pesquisadora: O que ficou na memória que você falou assim “Nossa! Isso vai ser bom para a minha vida!”?

Cigana: Bem, de um dia eu conseguir me formar. É só isso. Pra mim o símbolo... A palavra específica “escola” pra mim significa isto. Que um dia eu vou ter a oportunidade de tá me formando... E se eu não tiver concluído o meu estudo eu nunca, jamais, eu vou conseguir realizar um sonho meu. E o meu sonho é me formar.

Pesquisadora: Você falou em conteúdo, não é mesmo?

Cigana: Hum...

Pesquisadora: Que vocês aprendem os conteúdos. Desses conteúdos... O que você... O que que ficou pra você, assim... Alguma coisa que você tenha aprendido com algum professor, aqui na escola. O que que ficou que você falou assim: “Ah, isso que eu aprendi hoje é bom pra mim. Eu estou vendo alguma diferença em mim” ou “eu vou usar isso pra tal coisa”?

Cigana: O que que eu aprendi?

Pesquisadora: É...

Cigana: Ó... Eu não sei se o que eu vou falar vai ser [inaudível]

Pesquisadora: Não tem certo ou errado!

Cigana: Mas, eu, na minha 6ª série... Eu vi a professora nossa de Ciências. Ela deu pra gente... Ela passou pra classe em si... um “bichonário”.

Pesquisadora: Um o quê?

Cigana: Um “bichonário”.

Pesquisadora: Hum...

Cigana: De A a Z. Que a gente pegava o papel sulfite, desenhava o bichinho lá. Vamos supor, é a letra A. Fazia um bichinho da letra A e especificava tudo sobre a vida daquele bichinho. Aquilo pra mim foi muito interessante. Eu gostei demais, eu participei. Esse evento, além de ter valido nota, teve brindes... É... A gente tinha que fazer dedicatória, índice. Foi um livro aquilo ali, praticamente...

Pesquisadora: Uhum...

Cigana: E aquilo ali eu queria ter guardado pra mim, mas ao mesmo tempo eu queria presentear ele pra uma outra pessoa. Eu não queria ficar... Não queria carregar aquilo comigo. E eu fiz, gostei, foi muito interessante e eu passei pra professora mesmo.

Pesquisadora: Você deu de presente a sua...

Cigana: Sim, presenteei. Ela me presenteou não só com a nota, mas com brindes que teve. Os melhores “bichonários” na classe ganhavam brindes. Os meus estava num dos melhores. Além

de eu ter ganhado minha nota, fui... Tive meu presente e presenteei o meu próximo. Pra mim foi muito interessante! É um negócio, assim, da escola que eu tenho comigo até hoje.

Pesquisadora: Mas isso você lembra lá da 6ª série; e da escola daqui?

Cigana: Uhum... A da escola daqui, olha, eu vou ser bem sincero em te dizer. Não, não... Eu já me adaptei com nossos professores... Né? Mas, assim, em termos de matéria, do que eu tô aprendendo, assim, tá ainda uma bagunça total.

Pesquisadora: Na sua cabeça...

Cigana: Por que? Não é todos os que tão na classe que tão ali por necessidade... Tem muitos que tão ali que se sentem obrigados. Porque trabalha, chega cansado, o trampo é pesado, que não sei o que... Aí, passa tudo isso na cabeça deles. Na minha cabeça já não passa. Eu também trabalho, eu não tô indo trabalhar não sei qual é o motivo.

Pesquisadora: Hoje você não foi?

Cigana: Eu já... Desde de segunda-feira que eu não tô indo.

Pesquisadora: Hum...

Cigana: Então, eu não sei qual é o motivo. Aí então eles precisa ver, entendeu, e tudo mais tudo bonitinho e tal. Aí [inaudível], então eu tô vindo, eu tô frequentando a escola... Isso se eles me cortarem do serviço, amanhã ou depois, pelo menos a minha [inaudível] na escola eu terei. Mas acontece o quê? Eu não sei o que que a escola daqui tá me dando de bom. Por quê? A classe em si... A classe em si não se quer ter a autoajuda... O professor tá explicando, ele está [inaudível] com o coleguinha. Ele não quer saber o que que o professor tá explicando. Então ali, acaba atrapalhando um pouco a minha cabeça.

Pesquisadora: Aham... E como o professor ensina?

Cigana: Ah, ensina muito bem! Ao meu ponto de vista, eu não tô aqui dizendo que os professores não explicam, eles explicam em ótima qualidade, entendeu?

Pesquisadora: Mas tem atividade diferente, como você falou do “bichonário”?

Cigana: Temos, a gente, a gente aqui [inaudível] negocinho do folclore. Então, ali já é um negocinho já mais infantil. É um pouquinho mais infantil porque eu tô no 1º ano, já não poderia mais tá vendo aquilo. Mas a gente já tá vendo que tá vendo aquilo porque talvez não seja não só pra refletir a minha cabeça, a cabeça do meu colega que senta do meu lado, não. É pra refletir um pouco de quem tá lá dentro da ala. Quem sabe amanhã ou depois ele também não tem uma capacidade de um interesse de querer vim para a escola?

Pesquisadora: Entendi...

Cigana: Então, assim, a gente não tá lá só com o caderno, fazendo continha na matemática...

Pesquisadora: Não é só isso...

Cigana: Não, não é só isso. A gente também faz coisinhas diferente. O nosso projeto do evento passado foi a Copa do Mundo. Fizemos o estádio, fizemos cartazes. Então foi superlegal, né? Agora vamo fazer a semana que vem, começamos a entrar com folclore, eu não sei o que que a gente vai fazer, mas iremos fazer. Pode ser uma maquete, pode ser um cartaz, alguma coisa a gente vai tá fazendo...

Pesquisadora: E você acha que essas atividades...

Cigana: Sim...

Pesquisadora: São...

Cigana: São boas.

Pesquisadora: Aham...

Cigana: Não são péssimas, não! São ótimas.

Pesquisadora: Elas ajudam mais, ou menos do que quando estuda com o caderno?

Cigana: Olha, eu vou ser sincero, pra mim tanto quanto no caderno quanto de me descontrair com qualquer outro trabalho, pra mim dá no mesmo, tá?

Pesquisadora: Você prefere que eu te chame de...?

Cigana: Não... É porque é raridade, que nem o agente mesmo, prisional, já me chamou de [nome civil], mas o meu nome sociável é [nome social]. E eu tenho esse direito.

Pesquisadora: Ah, desculpa! Tem, tem! Por isso que eu estou te perguntando.

Cigana: Mas assim, que nem... Eu vou discutir com agente prisional? Eu não. Ele pode me mandar...

Pesquisadora: Como ele chamou [nome civil], eu te chamei também.

Cigana: Tá!

Pesquisadora: É por isso que eu estou te perguntando.

Cigana: Uhum...

Pesquisadora: Pra respeitar o seu nome. A gente gosta que chamem a gente do nome da gente, não é mesmo?

Cigana: Isto!

Pesquisadora: Você acha que essa escola daqui de dentro... Esse trabalho que você faz dentro da escola...Vai te ajudar com relação ao trabalho, vai te dar alguma coisa a mais, ou não? Ou só o diploma mesmo, como você falou?

Cigana: Ó, eu não quero somente a escola pra mim me formar. Vai... Tá me ajudando sim... Tanto, agora que no sistema prisional a escola, ela tá me ajudando a manter a minha remição, entendeu? Tá sendo, tá sendo útil pra mim na minha remição. Até mesmo para o meu trabalho porque aqui, se eu não trabalhar, eu não estudo, e se eu não estudar, eu não trabalho.

Pesquisadora: Entendi...

Cigana: Então, não é só pelo... Eu não tô correndo atrás só de me formar, não. Eu tô correndo atrás também de que eu mantenha a minha posição em trabalho, né? Até mesmo manter a minha posição na escola pra que eu possa tá trabalhando.

Pesquisadora: E lá fora você acha que depois vai te ajudar, isso?

Cigana: Vai! Me ajudar o quê? A tentar entrar num pré-vestibular, né? Porque se eu não tiver um diploma do meu 3º ano eu não consigo um vestibular. Eu só consigo um vestibular se eu tiver um certificado. Que me dê a certeza que eu concluí o meu 3º ano, né?

Pesquisadora: Entendi... Nossa, estou vendo brilhar! É aliança ou anel?

Cigana: É um anel!

Pesquisadora: Ah! [risos]

Pesquisadora: Não é comprometida?

Cigana: Eu sou!

Pesquisadora: Aqui na unidade?

Cigana: Sou... Aqui, é!

Pesquisadora: Ah, que legal! É... E o que mais? Como que você avalia o estudo aqui dentro da unidade? O que que você diria?

Cigana: Ai, o que que eu diria?

Pesquisadora: Não tem problema, fale aquilo que você pensa...

Cigana: É, deixa eu... Deixa eu estudar aqui o que eu diria desse estudo. É... O que que eu diria? Olha, para nos ajudar era preciso que tivesse nosso material, né?

Pesquisadora: Não tem material suficiente?

Cigana: Não, a gente não estamos... A gente não tem o material. Acabou o semestre e o material não chegou... Os professores, tá aí, então... Eles já estão atrasando o conteúdo deles. Tem que tá dando folhinha de sulfite, tem que depois tá recolhendo e tem que tá guardando pra depois devolver pra gente quando vier uma prova ou um estudo mais avançado, pra gente tá estudando pra conseguir concluir aquilo que eles tão exigindo. Então, se... O professor, ele pode exigir do aluno se o aluno tem o seu material. Então, tá difícil para os professores, né? Porque não tem o material adequado na escola para os alunos.

Pesquisadora: Entendi... E quanto à biblioteca, eu vi que tem a biblioteca...

Cigana: Uhum...

Pesquisadora: Aqui atrás... Vocês têm acesso?

Cigana: A gente vem, escolhe lá um livro, que seja lá de autoajuda, de ecologia, de ação, de fábulas. Bem, seja lá do que for e a gente pega, deixa nosso nome, nossa matrícula e tem um prazinho de uma semana lá para tá lendo aquele livro em pouco tempo...

Pesquisadora: Aham... E pode levar pra ala?

Cigana: Pode entrar lá para a ala...

Pesquisadora: E lá você costuma estudar, fazer alguma coisa?

Cigana: Bem, minha senhora, lá na ala eu só pego minhas coisas. E vou pra a minha cama. É, eu. O meu caso é esse.

Pesquisadora: Por quê?

Cigana: Porque eu não sou “adaptada” com bandidos.

Pesquisadora: Entendi...

Cigana: Nem o meu pessoal. A gente não somos adaptadas com bandidos.

Pesquisadora: Uhum...

Cigana: Eu tô preso mesmo numa tentativa de furto, que quem praticou foi um amigo meu...

Pesquisadora: Uhum...

Cigana: E acabei me prejudicando, né? Isso em 2011. E agora que saiu essa condenaçãozinha de um ano. Então é assim, então é um pouco... Pra mim, conviver com os bandidos é um pouquinho estreito...

Pesquisadora: Mas a leitura não te ajudaria se você levasse pra sua cama?

Cigana: Vai, vamos se dizer que pode até me ajudar, como pode também não ajudar. Por quê? A partir do momento em que eu pego um livro ali, eu tenho que relevar que é uma responsabilidade. Tem muitas das vezes que entra a *blitz*, se a *blitz* pega e some com esse livro. Como que eu vou provar pro agente prisional que a *blitz* pegou e levou o livro?

Pesquisadora: Entendi, entendi..

Cigana: Aí eu vou saber que castigo que ele pode me dar? Não sei. Então prefiro nem pegar e nem ler.

Pesquisadora: E nem caderno vocês levam pra lá? Nada?

Cigana: Não, o caderno nosso de escola já fica na escola. Eu tô com meu caderno do semestre passado lá dentro da ala que eu peguei ontem e antes de ontem, já por causa disso. A semana que vem não, mas até eu acho que no comecinho do mês de setembro... Tem o tal do Encceja.

Pesquisadora: Sim, o exame.

Cigana: Então os professores, eles tão querendo nos ensinar já através... Por quê? Tá sabendo que tá pra chegar já esse Encceja, mas os abençoado não quer saber de mandar nosso material. Aí então eu tô pegando... Eu tô estudando meu caderno já do semestre passado que eu vou fazer,

né? Pra ver se eu concluo... Pra ver se eu mato, se eu pulo logo esses três aninhos que tá me restando. Eu quero ver se eu pulo eles, elimino eles e fico de boa. Mas, é... E tô lá! Com o caderninho do semestre passado rematando as matérias dos professores do semestre passado. Porque alguma coisa dali pode haver lá no dia do meu exame, né? E... Enquanto isso, só isto.

Pesquisadora: Ah, então tá bom! Que sugestão você faria pra melhoria da educação, da escola na unidade.

Cigana: Hum... Que sugestão que eu faria...? Para que melhorasse? Primeiramente, que trocasse todo esse quadro. O quadro branco, eu sou contra esse quadro branco.

Pesquisadora: Por quê?

Cigana: Porque ele faz uma sujeira desgramada, o governo não manda pros professores o canetão... Entendeu? Sai do bolso do professor... Então, a minha sugestão na escola seria que arrancasse esses quadro branco e botassem o de giz.

Pesquisadora: Pra lembrar da escola quando a gente estudava?

Cigana: Sim, era! Eu sou contra somente ao quadro branco.

Pesquisadora: Agora, os professores, os livros...

Cigana: Os professores são excelentes, não temos livros...

Pesquisadora: O jeito de ensinar. Não tem?

Cigana: Não, nós não temos. Só esses da biblioteca mesmo. Mas livros lá mesmo, pra gente tá estudando na sala de aula, a gente não tem. Nós não temos, como se diz? O material didático de aluno correto aqui, entendeu? É um caderno que o governo manda, de 80 folha, com um lápis, uma borracha e uma caneta. Só isto. E de preferência ainda, uma canetinha azul, não vem vermelha e nem preta. Então... Eu só sou contra... A minha sugestão aqui seria que tirassem esses quadro branco e instalassem aqueles preto mesmo, que a gente risca com giz.

Pesquisadora: A lousa normal... Uhum, tá!

Cigana: Que não ia melhorar... Ia melhorar tanto pro aluno... Quanto pro professor. E mais ainda pro professor. Porque não ia sair nada do bolso dele, ia sair tudo do bolso do governo, entendeu?

Pesquisadora: Aham...

Cigana: Que, já que o governo tá exigindo muita coisa e fazendo mínimas coisas, então ele comece a fazer essas mudanças. Que eu acho que vai ser bem melhor.

Pesquisadora: E algo, assim, que iria fazer diferença pra você, pra sua vida? O que que você daria de sugestão?

Cigana: O que que seria de melhor pra minha vida?

Pesquisadora: É, na escola.

Cigana: Ai, doutora!

Pesquisadora: Não, não sou doutora, eu sou Andrea.

Cigana: Ai doutora Andrea.

Pesquisadora: Não, não sou doutora! Eu sou estudante. [risos]

Cigana: O que que... Como que é a pergunta?

Pesquisadora: Sugestão de melhoria de algo que fosse fazer diferença pra você, assim, na sua vida. Que você tivesse aqui na escola, que recebesse aqui na escola...

Cigana: Uhum...

Pesquisadora: E que realmente fosse fazer diferença na sua vida.

Cigana: Ai, o que seria?

Pesquisadora: Pensa na sua vida e pensa nas possibilidades que a escola pode te trazer.

Cigana: Ai, mas eu acho que eu já falei, que seria o meu certificado. O que a escola pode estar trazendo pra mim de bom, né? Pra que eu mostre ao meu próximo que eu fui capaz e ele também pode ser capacitado, entendeu? Seria o meu certificado. Tudo bem, eu tô num ambiente aonde eu acho que não é adequado, entendeu?

Pesquisadora: O que não é adequado?

Cigana: Mas no momento tá sendo útil, tá sendo adequado.

Pesquisadora: O que tá sendo adequado?

Cigana: Vamos se dizer isto, entendeu? Porque eu jamais pensei que... Eu na rua, eu jamais pensei que dentro de um sistema prisional haveria escola.

Pesquisadora: Ah, entendi!

Cigana: Então, pra mim é uma novidade. Então, isso eu já acatei. Por quê? Como eu tava na rua e não acabei, então já peguei aquilo, já colhi, porque aquilo tá me fazendo bem. Então, se não tivesse fazendo bem, eu nem taria estudando. Então tá me fazendo bem. Então, eu sei que eu vou alcançar o meu objetivo. Então, pra mim, a única coisa que a escola tem pra me ofertar neste momento tá sendo o meu certificado. A ajuda da professora também tá me fortalecendo, tá... Não tá deixando, como se diz? Eu ir lá pro abismo. Tá me tirando do abismo.

Pesquisadora: Que tipo de ajuda ela te dá?

Cigana: Ah, só dela vim e dar a matéria dela lá ela tá me ajudando. Por que que tá me ajudando? Se eu for fazer um cursinho, prestar um vestibular, aquilo que ela me explicou pode tá correndo lá no dia e eu acertar.

Pesquisadora: É. Ai que bom! Fico feliz!

Cigana: Uhum...

Pesquisadora: Obrigada pela sua ajuda, sua participação, porque esse é um trabalho nosso. Porque a gente tem que fazer o trabalho em conjunto. Eu não posso vir aqui, olhar e falar “acontece dessa maneira”. Eu tenho que ouvir vocês. Vocês estão me ajudando hoje e estão me ensinando como funciona.

Cigana: Porque eu não posso deixar abandonar as coisas pra daqui a pouco e nem pra depois. Eu tenho que fazer com que as coisas se movimente.

Pesquisadora: Uhum... Sim.

Cigana: Né? Eu não posso deixar as coisas pararem no tempo.

Pesquisadora: Tá certo, o tempo que você tá aqui tem que ser bem aproveitado.

Cigana: Exato!

Pesquisadora: Você tem toda razão! O tempo... Você falou um ano?

Cigana: Um ano, eu já tô há seis meses.

Pesquisadora: Então daqui a pouco você vai embora.

Cigana: É...

Pesquisadora: E pretende continuar estudando lá fora?

Cigana: Pretendo. Eu pretendo até mesmo me formar em professor.

Pesquisadora: Que legal! Então tá bom. Eu agradeço muito a sua participação, viu?

Cigana: Tá bom, dona Andréa.

Desenho 4 – Canarinho

Fonte: acervo da autora.

3.2.4 Canarinho: *“Só que agora eu não tô estudando porque não me matricularam. É... Quer dizer, então eu fiquei prejudicado, né? Não sei o porquê, porque eu não tenho falta, não tenho nada, né?”*

É assim identificado por ser um homem loiro e se mostrar alegre, semelhante ao canário-belga²⁴, um pássaro amarelo, ativo e conhecido como um pássaro cantor, o que o faz ser aprisionado como ave de estimação.

Com 37 anos, há dez anos preso, Canarinho estudou até a 4ª série antes de entrar na unidade e, no momento, está no 8º ano do ensino fundamental, aguardando a matrícula na escola. Faz críticas por não estar matriculado neste semestre e não entende o porquê de permanecer fora da escola, dizendo que não falta às aulas e mesmo assim foi prejudicado por ainda não estar estudando, pois quer terminar os estudos e cursar uma faculdade quando sair da prisão. *“É... Eu estudo desde quando eu cheguei aqui na unidade, né? Desde... em 2017 eu cheguei. E estudei o primeiro semestre. E esse semestre passado também eu estudei. Só que agora eu não tô estudando porque não me matricularam. É... Quer dizer, então eu fiquei prejudicado, né? Não sei o porquê, porque eu não tenho falta, não tenho nada, né?”*

Canarinho tem expectativas quanto ao futuro: diz querer se formar e fazer uma faculdade, ir adiante. *“Graças a Deus eu tenho interesse de aprender mesmo. Eu quero aprender, né? Então, eu só não queria ser prejudicado. Eu tenho lá meus estudos, eu quero progredir... Conseguir ir adiante...”*

Diz gostar muito da escola, que aprende Matemática, “ciência do corpo humano” e Geografia e entende ser muito importante esse aprendizado. Quando questionado sobre as aulas, diz que são boas e que os professores são excelentes e esforçados, mas que faltam recursos, e acredita que deveria haver salas adequadas, computadores e que a lousa não é de qualidade, uma vez que dificulta o trabalho dos professores.

Quanto aos materiais, conta que na biblioteca possui alguns livros e que recebem materiais como um caderno de 80 folhas, uma caneta e um lápis. Entretanto, não recebem livros didáticos próprios. Os cadernos que recebem são apenas para serem utilizados na escola. Canarinho acredita que o motivo disso seja a possibilidade de perder o caderno nas ocasiões de blitz: *“Não, não podemos levar o caderno. Fica aqui na sala de aula trancada. Porque lá mesmo às vezes tem blitz, né? Blitz, tem... Então bagunça, às vezes perde, molha...”* Além

²⁴ Canário-belga (*Serinus canaria*) (BUZZETTI, 2008, p. 51).

disso, diz que é possível realizar empréstimos de livros na biblioteca, mas não o faz por trabalhar o dia todo e não ter tempo de ler.

Canarinho considera importantes os estudos, principalmente a matemática, pois utiliza cálculos em seu trabalho. Elogia os professores, dizendo que são esforçados, e que os profissionais da coordenação também são, mas ainda faltam materiais.

Ao final, Canarinho reforça a vontade de estudar e seu sentimento de prejuízo por não estar matriculado na escola. E diz querer aprender e progredir.

A entrevista

Pesquisadora: Meu nome é Andrea...

Canarinho: Sim...

Pesquisadora: Bom dia de novo.

Canarinho: Bom dia!

Pesquisadora: Eu estou aqui pra fazer um estudo pra entender como funciona a escola. É só sobre a escola que a gente vai falar. Porque, sem a participação de vocês, eu não consigo saber como que a escola acontece. E a gente vai pra um bate-papo.

Canarinho: Sim...

Pesquisadora: Você estuda aqui?

Canarinho: Estudo. É... Eu estudo desde quando eu cheguei aqui na unidade, né? Desde... em 2017 eu cheguei. E estudei o primeiro semestre. E esse semestre passado também eu estudei. Só que agora eu não tô estudando porque não me matricularam. É... Quer dizer, então eu fiquei prejudicado, né? Não sei o porquê, porque eu não tenho falta, não tenho nada, né?

Pesquisadora: Uhum... É, acho que a unidade tá enfrentando alguns problemas de matrícula, mas você indicou sua matrícula, né?

Canarinho: É, eu conversei com o responsável aí, o [nome do coordenador], pela... Referente à matrícula, né? E, o que acontece? Ele falou que ia... Tá vendo isso daí! Que foi um erro da escola, né? Mas até então estamos sendo prejudicados, né? Porque, querendo ou não, prejudica. Eu queria terminar meus estudos, né? Quero terminar, quero sair daqui, quero fazer a minha faculdade. Quero...

Pesquisadora: Aham. Você está em que série?

Canarinho: Eu tô fazendo a 7ª série, eu fiz a 7ª série. Agora acho que eu vou pra 8ª.

Pesquisadora: E você gosta da escola?

Canarinho: Gosto, com certeza. Muito.

Pesquisadora: O que você aprende na escola?

Canarinho: Ah, tô aprendendo bastante! Aprendendo Matemática... A ciência do corpo humano, né? Uhum... Tudo isso é importante. Geografia, coisas que é necessário, né?

Pesquisadora: E como que aprende? Como que são as aulas?

Canarinho: Não, as aulas são boas! São... Os professores são uns excelentes professores, né? Tá certo que não têm os recursos. Não são muitos, né? O local que a gente tem, o ambiente, né? É... São poucos os recursos. Mas eles são esforçados, bastante. Os professores que vêm aí de Ciências, todos... Matemática...

Pesquisadora: Quais recursos você acha que melhoraria o estudo?

Canarinho: Ah, eu acredito que umas salas de aulas mais adequada, né? Até mesmo um sistema de computador, alguma coisa... Melhora, bastante melhora a vida, né? Com certeza, né? Que aqui a lousa mesmo é uma negação, né? Infelizmente. A lousa, tem dia que a professora aqui ela fica se matando com a caneta pra tentar escrever alguma coisa aí, às vezes nem consegue... Às vezes nem caneta tem pra escrever. Tem que comprar do bolso dela, muita das vezes, né? Que é o que elas falam. E eu acredito que realmente acontece isso.

Pesquisadora: E quando elas tão ensinando, os professores tão ensinando, como que elas ensinam?

Canarinho: Ah, eles ensinam... Eles chegam, dão boa noite, né?

Pesquisadora: Você estuda à noite?

Canarinho: É, eu estudava à noite, tava à noite... Aí eles começam a falar matéria que nós vamos estudar, né? E eles passam... Tá certo que tem pessoas que tem dificuldade. É... eu, por exemplo, eu estudei, né? A 4ª série... Isso há mais de 20 anos atrás. Daí eu comecei a estudar no cárcere agora, em... A partir de 2014, aonde eu estava, né? E aqui eu continuei, dei continuidade no estudo. Mas eu tenho dificuldade, porque não é... Né? Então, não só eu, como tem alguns alunos também que estão aqui, mas têm algumas dificuldades, né? Tá recapitulando, tá tentando, né? Trazer a memória.

Pesquisadora: E tem livros?

Canarinho: Tem! Livros, tem esses livros aí na biblioteca. Básico, né?

Pesquisadora: Ah! Mas, assim, livro de Português, Matemática...?

Canarinho: Não! Pra cada aluno? Cada? Não, não, não tem não.

Pesquisadora: A professora utiliza os livros da biblioteca?

Canarinho: É, às vezes o que precisa pra alguma aula ajuda, né? Tem alguns livros aí que dá, por exemplo, Geografia, Matemática...

Pesquisadora: Mas livros de vocês não tem, assim?

Canarinho: Não tem, não. Livro nosso, não.

Pesquisadora: E material, assim? Caderno, por exemplo.

Canarinho: É, eles dão caderno... O caderno, com acho que 80 folhas. Aí uma caneta, um lápis, uma borracha, um apontador...

Pesquisadora: E o caderno, você pode levar pra estudar na ala?

Canarinho: Não, não podemos levar o caderno. Fica aqui na sala de aula trancada. Porque lá mesmo, às vezes tem *blitz*, né? *Blitz*, tem... Então bagunça, às vezes perde, molha...

Canarinho: Então é...

Pesquisadora: Complicado...

Canarinho: É complicado...

Pesquisadora: Então você pega livro da biblioteca e levar pra lá pra ler?

Canarinho: Pra lá, não. Não pode levar, não. Assim, quem quer pegar algum livro pra ler na biblioteca já é individual, né? Mas como eu trabalho o dia inteiro...

Pesquisadora: Você trabalha onde?

Canarinho: Eu trabalho na coordenadoria. Em Santana... É. Então, assim, o tempo já é pouco, né? Trabalhar, estudar. Eu estudo a Bíblia também, né? Gosto de meditar bastante na Bíblia. Então pra ler algum livro, assim, já se torna mais difícil. O tempo é pouco... Mas sempre quando eu tenho um tempo, eu gosto de tá estudando, revendo as matérias, isso é muito bom.

Pesquisadora: E o que você aprende... Aprendeu até agora, que você fala: “Nossa, isso fez diferença pra mim!”?

Canarinho: Ah, eu aprendi, por exemplo, na área da Matemática mesmo... Né? Tem me ajudado bastante. É que eu sou meio ruim de Matemática. Português também, mas Português já dá pra desenvolver mais um pouco, né? Mas os professores são bom, também. Mas, assim, na área da Matemática eu tenho aprendido bastante.

Pesquisadora: E você usa o que você aprende aqui pra fazer alguma coisa lá no seu trabalho, na coordenadoria?

Canarinho: Uso, com certeza! Cálculos, né? Tem que ter cálculos. Hoje em dia, tudo que você vai fazer tem que ter Matemática no meio, se não tiver não tem... Né?

Pesquisadora: É...

Canarinho: Não tem como você desenvolver o... Fazer o trabalho certinho... Então é necessário. Matemática, né?

Pesquisadora: E como que... Se você fosse falar assim: “Ah, eu vou avaliar, falar como que é, o que é bom, o que não é, da escola daqui”, o que você falaria? Como que você avaliaria a educação aqui?

Canarinho: Aqui da escola é... Assim, é... Eu, o que eu acho, assim, de muita, de extrema importância aqui na sala de aula é ter os esforço dos professores, é claro que são. Tem que ser visto, né? E reconhecido com certeza. Né? Até mesmo o pessoal aqui do monitoramento, da educação... São um pessoal que estão aí pra nos ajudar, né? Assim, na medida do possível. É claro que tivesse os recursos melhores, né? Que você falou, né? Melhores salas de aulas, um computador, um algo ali que facilitasse mesmo. Porque, por exemplo, é... O professor às vezes vem... Às vezes os professor não chegam, né? E às vezes não tem nem a matéria que eles vão dar, ensinar... E muita das vezes não tem ali livros para todo mundo. O que acontece? Precisa tirar xerox... Né? Pra distribuir pros demais alunos. E muitas das vezes ela tem que ir lá em cima na administração. Lá e usar a máquina de xerox... Quer dizer, tudo isso é tempo. Perde muito tempo, né? Tem que sair daqui, se locomover pra ir pra outro lugar, pra tirar uma xerox de uma matéria que ela tá passando, não é? Então tudo isso daí dificulta.

Pesquisadora: Então você entende que isso ajudaria a melhorar?

Canarinho: Com certeza ajudaria, né? ... Não, não vou falar um computador pra cada, não! Um computador aí pra, até mesmo pros professores tá, né? Ali, colhendo ali o que for necessário... Pra tá passando pras pessoas...

Pesquisadora: Entendi... Acho que é isso. Você tem mais alguma coisa que você queira colocar sobre a escola?

Canarinho: Não, assim... O que eu tenho pra falar da escola, assim, referente... Pra melhoria, né? É claro que seria, primeiro, principalmente, a minha matrícula. Ele disse que tá revendo isso daí porque eu tô sendo prejudicado. E não só eu, como tem muitos também. Porque não tem lógica, né? Eu não tenho uma falta. Pode ver na minha pasta, eu não tenho uma falta. Graças a Deus eu tenho interesse de aprender mesmo. Eu quero aprender, né? Então, eu só não queria ser prejudicado. Eu tenho lá meus estudos, eu quero progredir... Conseguir ir adiante...

Pesquisadora: Tá certo...

Canarinho: Né?

Pesquisadora: Uhum...

Canarinho: Pra mim não tá sendo prejudicado. Já perdi muito tempo já, na minha vida, né? Muitas besteiras que a gente...

Pesquisadora: Quantos anos você tem?

Canarinho: Tô com 37 anos.

Pesquisadora: Trinta e sete... É, ainda é novo.

Canarinho: Perdendo dez anos nesse lugar já, né? Então, quer dizer... Mas perde de uma...
Algum lado a gente perde, mas por outro a gente tem a ganhar também, porque a gente passa a refletir na vida, né?

Pesquisadora: E aproveitar o tempo que tá aqui pra crescer?

Canarinho: É, com certeza... Assim, só queria... Gostaria que vocês pudessem rever esse negócio da matrícula minha...

Pesquisadora: Pode deixar...

Canarinho: De volta na aula, né? Pra mim tornar a estudar novamente aí... Tá terminando os estudos, né?

Pesquisadora: Que bom que você quer voltar!

Canarinho: Com certeza! Fé em Deus!

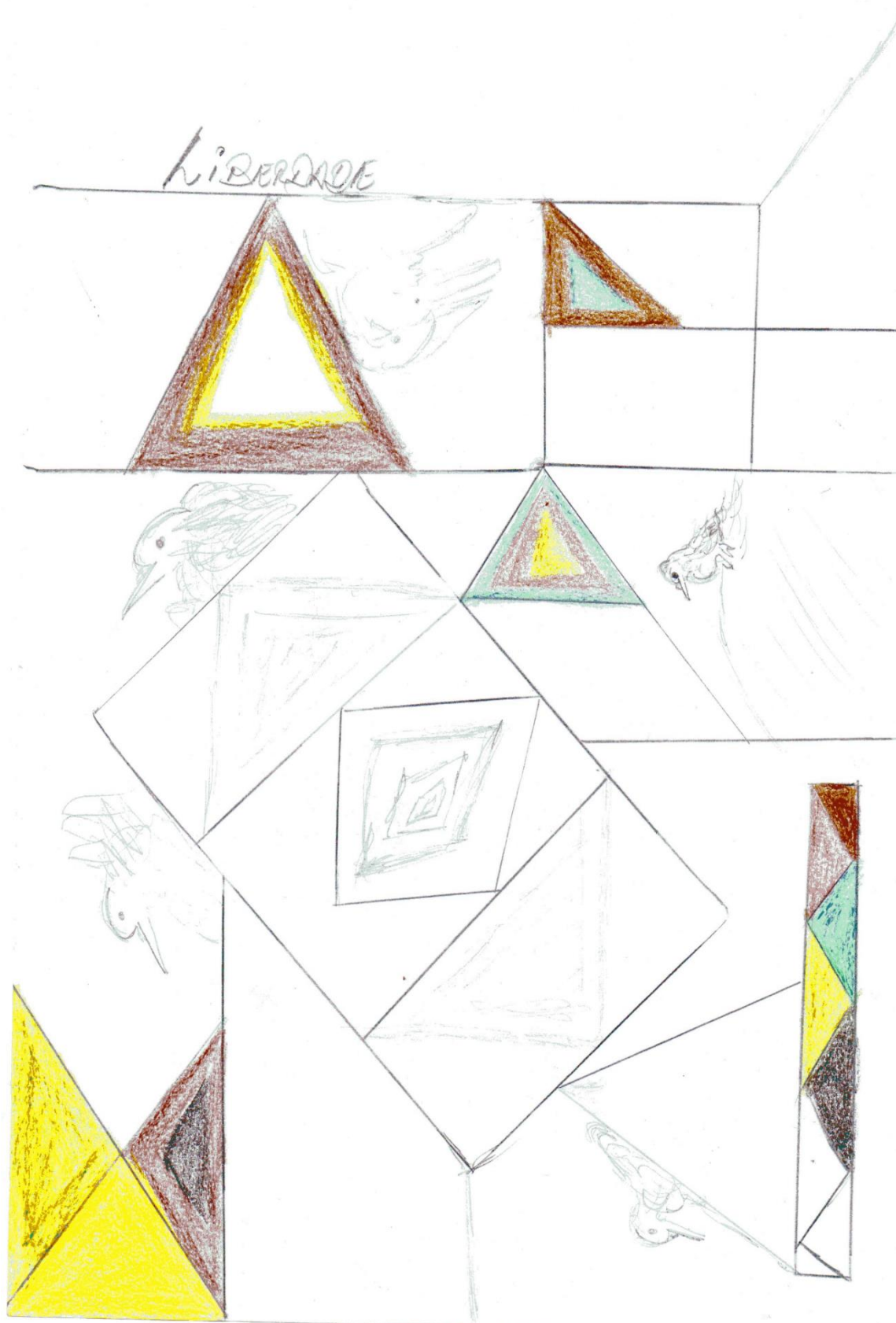
Pesquisadora: Então tá bom! Obrigada!

Canarinho: Nada...

Pesquisadora: Eu agradeço sua participação. Sem a sua participação, eu não conseguiria fazer essa pesquisa.

Canarinho: Amém, não...

Desenho 5 – Quero-Quero



Fonte: acervo da autora.

3.2.5 Quero-Quero: *“Na verdade, ó, eu vim preso, eu aprendi muito. Vai fazer cinco anos em outubro. Eu aprendi muito nesse tempo que eu tô aqui”*

O estudante de 48 anos é de Santa Catarina. Como o quero-quero²⁵, é um pássaro tradicional símbolo do Rio Grande do Sul. Preso há cinco anos, cursou até o 3º ano do ensino fundamental na escola da prisão, sendo que, quando chegou à unidade, havia cursado apenas o 1º ano. *“Olha, eu comecei agora no começo do ano, né? Estou no 3º ano. Dei meu nome, tudo ali. Aí o [nome do coordenador] conseguiu me matricular. Mas eu já tava, desde dois mil e... Dois mil e um, por aí, que eu tinha parado. Que eu não sou aqui do estado, sou do Sul.”*

Era pescador onde morava e abandonou os estudos, onde cursava supletivo. Desde 2001 sem frequentar a escola, diz ter voltado a estudar por entender que precisa aprender mais e ter mais conhecimentos. Trabalha durante o dia e estuda à noite. Conta que outro motivo que o fez voltar a estudar é ter a possibilidade de diminuição da pena.

Entende que o presente seja importante, que a escola o possibilita seguir regras e acredita ser necessário ter limites; que, para voltar à sua vida de antes, precisa aprender.

Quando perguntamos sobre o que mais gostou na escola, ele nos diz que foi da matemática, e menciona a professora, que dá muitas dicas e conselhos. Diz que aprendeu muito. Lembra da família e dos filhos que estão longe, fala sobre os filhos e que precisa voltar à casa, para cuidar deles.

Além disso, menciona ter aprendido sobre regras, que aprendeu o que se deve e o que não se deve fazer e que precisa ter limites. Também fala de respeito, que quer sair da unidade em liberdade e de cabeça erguida.

Sobre sugestões para melhorar o trabalho desenvolvido na escola, nos diz faltar espaço e que a unidade carece de mais salas de aula, para atender todos que querem estudar.

A entrevista

Pesquisadora: Eu estou aqui pra fazer um estudo, um trabalho...

Quero-Quero: Uhum...

²⁵ Quero-quero (*Vanellus chilensis*) (BUZZETTI, 2008, p. 61).

Pesquisadora: Sobre a escola. Estou fazendo pesquisa sobre a escola e quis vir aqui pra poder entender como funciona a escola de vocês. E vocês, hoje, estão me ajudando a fazer essa pesquisa, pra que eu possa entender, ver como funciona, como que essa escola é pra vocês.

Quero-Quero: O que traz de benefício?

Pesquisadora: Isso! O que traz de benefício...

Quero-Quero: Sim...

Pesquisadora: Ou às vezes não? Então, pra entender um pouquinho.

Quero-Quero: Uhum...

Pesquisadora: Você estuda há quanto tempo?

Quero-Quero: Olha, eu comecei agora no começo do ano, né? Estou no 3º ano. Dei meu nome, tudo ali. Aí o [nome do coordenador] conseguiu me matricular. Mas eu já tava, desde dois mil e... Dois mil e um, por aí, que eu tinha parado. Que eu não sou aqui do estado, sou do Sul.

Pesquisadora: Ah tá!

Quero-Quero: Cê entendeu? Eu tava em Santa Catarina.

Pesquisadora: Entendi...

Quero-Quero: Eu era pescador, eu comecei a fazer o supletivo lá, daí eu tinha parado porque ficava muito corrido pra mim, puxado. Porque eu levantava 3 horas, 3 e meia da manhã e o supletivo a gente largava 11 horas da noite, então... Eu comecei, fiquei uns dois meses estudando, parei. Então... Aí eu fiquei esse intervalo, desde 2001, se eu não me engano, até agora. Aí resolvi estudar porque... Aprender mais um pouco, ter mais conhecimento, né?

Pesquisadora: Sim!

Quero-Quero: Tô trabalhando, e...

Pesquisadora: Aqui você trabalha também? Estuda...?

Quero-Quero: Trabalho também, aí ele me pediu pra ficar hoje por causa da entrevista. Entendeu?

Pesquisadora: Uhum...

Quero-Quero: Eu estudo à noite e trabalho de dia. Aí ele falou assim, ó... Na verdade eu quis também, agora estudar pra quê? Pra ter mais conhecimento e ganhar também pra diminuir minha pena. Entendeu?

Pesquisadora: Sim! Você está em que série?

Quero-Quero: Eu parei no 1º ano. Como a coordenadora, tudo, eles não conseguiram fazer minha matrícula no começo do ano, aí eu tive que fazer uma outra... Uma prova de reavaliação. Aí eu fiz a prova porque daí, pô, quase 20 anos sem estudar, então comecei a fazer... Quatro dias me aplicaram uma prova, me pegou de surpresa! Aí, vamos supor, tive umas nota ruim...

Aí eu mesmo assim fui continuando, fui continuando, peguei o ninho da meada tudo ali, nas lição. Aí depois até a professora falou: “Não, você tá melhor do que todo mundo na sala de aula”. Aí eu fiz essa prova de reavaliação, a [nome da coordenadora] falou que eu tava apto a tá no 3º ano. Entendeu? Aí falei... “Eu parei no 1º, se eu passei eu tenho que ir pro 2º”, mas aí ele falou: “Não, a [nome da coordenadora] falou que você tá apto”. Agora eu não sei ainda. A professora de Matemática, Patrícia, comentou com os aluno ali... Parece que eu tô no 3º ano. Que começou estudar e não me chamou...

Pesquisadora: Mas ela não te informou ainda?

Quero-Quero: Não, porque... Vamos supor, não tive aula. Hoje eu vou ter aula com ela. Porque teve a saidinha, tudo, eu saí. E a turma começou a estudar e meu nome não tava na lista...

Pesquisadora: Essa saidinha agora foi de...

Quero-Quero: Foi Dia dos Pais.

Pesquisadora: Ah é! Dia dos Pais, tá certo!

Quero-Quero: Isso, e foi minha primeira saidinha, que fez 11 meses dia 14 que eu tô aqui já, na unidade. Como eu não sou do estado, então pra mim dificultou muito o endereço. Mandou... Veio uns endereço pra mim, tudo. Aí a advogada, não sei o que que deu, não sei se ela extraviou ou não, então meu nome subia e não constava em endereço nenhum... Então isso me segurou... E agora eu consegui com um familiar aí, um conhecido que eu fiz amizade com ele... E eu fui pra casa deles. Entendeu?

Pesquisadora: Entendi! Que bom!

Quero-Quero: Aí, referente à escola, hoje eu vou ter aula de Matemática. Com a professora Patrícia. Então ela vai... Ela falou pra mim que eu tô matriculado agora... E, se eu não me engano, os aluno comentou, falou que ela disse eu tô no 3º ano. Então, daí eu vou tirar essa dúvida minha, né?

Pesquisadora: Uhum...

Quero-Quero: Porque na verdade, eu sei... Era pra mim tá no 2º, mas a [nome da coordenadora] falou que eu tava apto pro 3º...

Pesquisadora: Mas tem essa avaliação mesmo.

Quero-Quero: É?

Pesquisadora: Chama classificação, que te classifica...

Quero-Quero: Isso...

Pesquisadora: A partir do conhecimento que você já tem.

Quero-Quero: Entendeu... Aí nesse caso, que nem eu falei “Ô, [nome do coordenador]”, até ele falou assim: “Ó, [nome civil], eu não consegui”, isso foi na sexta-feira, antes da saidinha,

da semana da saidinha. Se não me engano, foi o quê? Dia 5 ou 6, alguma coisa assim, né? Não, 3. Dia 3. Cheguei do trabalho, ele me chamou lá dentro e falou: “Ó, [nome civil], não consegui fazer tua matrícula porque eles não consegue achar teu histórico ainda, mas eu vou tentar”. Aí ele falou: “Você tem advogado?”, eu falei: “Ó, eu não tenho”, ele falou assim: “Ó, eu vou pedir pra advogada da Casa, né?”... “Te representar, ir na escola te representar, que tem mais uma força”. Falei: “Tudo bem, agradeço”, né? Aí chega na segunda-feira, voltei do trabalho, ele me chamou e falou: “[nome civil], você já tá matriculado”.

Pesquisadora: Que bom!

Quero-Quero: Aí nem meu nome tá na lista ainda. Mas eu já tô desde o dia, acho que o dia 6 eu já tô indo pra escola... Porque muitos aqui, né? Na verdade não querem estudar, mas vêm porque, né? É uma obrigação. Eu falei “Não, eu quero porque eu gosto”.

Pesquisadora: É, e é bom você aproveitar o tempo que tá aqui, não é mesmo?

Quero-Quero: Atualmente, não estando lá dentro, lá... Porque eu trabalho e estudo, eu saio cedo e volto só de noite, 11 hora da noite. Então, todo mundo tá dormindo, não tem muita coisa, assim. Você já pega e vai descansar e já sai pra trabalhar...

Pesquisadora: No outro dia...

Quero-Quero: Tua rotina, né?

Pesquisadora: Tá certo! E você falou, assim, que é bom o estudo pra você, mas o que você aprende?

Quero-Quero: Olha, na verdade é conhecimento, né? Porque, vamos supor, eu parei um pouco... Então você adquire conhecimento... O convívio com as pessoas, você tem o diálogo. Não é verdade? Na época... Não tinha Psicologia quando eu estudava, hoje tem... Sociologia, então a gente vai tendo bastante conhecimento sobre isso, entendeu?

Pesquisadora: Entendi...

Quero-Quero: Eu não tinha.

Pesquisadora: E você lembra, de alguma coisa que você já aprendeu na escola e que faz diferença pra você? Que você fala “Nossa, eu gostei de aprender isso e isso eu vou poder usar em tal coisa...”?

Quero-Quero: Olha, na verdade eu sempre gostei de Matemática. Eu amo Matemática, entendeu? Eu, não sei por que... As outras matérias eu até gosto... Mas eu sou apaixonado por Matemática. Até a professora Patrícia, ela me incentiva, tudo... Ela fala assim: “Sai daqui, faz uma faculdade”, né? Porque é o que... Vamos supor, é o que eu gosto de fazer, é Matemática. Entendeu?

Pesquisadora: E você acha que a escola, aquilo que você aprende, faz alguma diferença na sua vida no trabalho? Ajuda, não ajuda?

Quero-Quero: Na verdade, ó, eu vim preso, eu aprendi muito. Vai fazer cinco anos em outubro. Eu aprendi muito nesse tempo que eu tô aqui. Tô longe da minha família, né? Aí, meus filhos também sofre... Fez 10 aninhos dia 11. Eu não pude tá perto dele. Minha filha fez 20 anos dia 14, tá fazendo faculdade na Federal em Curitiba...

Pesquisadora: Parabéns!

Quero-Quero: A outra tá, a outra... Ela tá sozinha em Curitiba [inaudível] Santa Catarina. Mas ela foi, ela fez dois anos de Administração em Joinville, aí ela foi pra Curitiba, e foi fazer a prova, e passou nas duas provas da Federal. Só que do estado a Federal não aceita, né? Ela começou do zero de novo, fazer o 1º ano de Administração, na Federal. E a outra tem 18 anos. Ela não passou, mas mesmo assim ela tá em Joinville, fazendo Psicologia.

Pesquisadora: Que legal!

Quero-Quero: E ela quer fazer é Medicina, mas só que Medicina é muito caro. Mas ela não deixa ainda de querer, o sonho dela de querer fazer Medicina. Entendeu? Mas ela tá fazendo Psicologia. E eu falei pra minha filha de, essa de 20 que tá em Curitiba. Falei assim: “Ó, filha, o pai tá feliz de você já ter passado pra prova aí, o que você decidir pra mim eu vou aceitar”. “De coração”, daí ela pegou e decidiu...

Pesquisadora: E foi...

Quero-Quero: E foi!

Pesquisadora: Ah, parabéns! Parabéns!

Quero-Quero: E o que eu mais quero é sair daqui e tá perto deles, entendeu? Dá um apoio pra eles, principalmente... Eu tenho um de... Eu tenho cinco filhos, tenho esse de 10 anos que tá sofrendo mais, tá sentindo minha falta. E eu aprendi... O quê? Que a gente não precisa de muito pra sobreviver. Entendeu? Com pouca coisa a gente sobrevive.

Pesquisadora: Mas que bom que você gosta da escola! É... Só pra finalizar, como que você vê a educação aqui? Como que você avaliaria a educação aqui? E que sugestões você daria?

Quero-Quero: Olha, como... Que nem eu te falei, aqui eu aprendi muito. E outra, a gente é... É regras, né? Que a nossa vida é feita de regras. Não é verdade? É... Quando, na verdade, num... Entendeu? Você sabe o que deve e o que não deve fazer, né? Então, isso me ajudou muito também. Nossos deveres, né? Os nossos deveres. Tudo é regra, nossos deveres, tudo na vida... A gente tem que ter um limite, né?

Pesquisadora: É...

Quero-Quero: Então isso me ajudou muito na escola. Que eu chego do trabalho, eu sei que tenho horário, eu tenho que tá aqui. Então isso é bom. Pra mim foi bom, ter o conhecimento mais do que... Que nem eu falei, já fazia quase 18 ou 20 anos que eu tinha parado, isso foi bom pra mim, ter mais... Evoluir, né?

Pesquisadora: E se você fosse dar uma sugestão pra melhoria, pra melhorar mais ainda essa escola, o que que você daria de sugestão?

Quero-Quero: Olha, na verdade, que nem... Mais espaço aqui, mais sala de aula pra atender mais, suportar mais alunos...

Pesquisadora: São quantas salas aqui mesmo?

Quero-Quero: São, são... Tá tendo duas salas, só. Então, vamos supor, na nossa sala de aula lá tem... Uns vão embora de liberdade, daí acho que, se não me engano, nós estamos em nove ou dez. Aqui eu já não sei, o fundamental... Mas tem bastante gente aí também, aí, que querem estudar. Então, o [nome do coordenador]... Até o material tá ali, né? ... Já vão encaminhar tudo já, pra fazer mais sala de aula pra escola. Isso vai ser bom pra todo mundo. Que tira o pensamento ruim das pessoas... Entendeu? E foca naquilo ali. Eu, graças a Deus, eu, eu... Meu foco é esse, entendeu? Eu quero sair, eu quero... Isso vai me ajudar na minha remição. Pra mim poder diminuir minha pena, pra mim voltar, porque a minha pena vence no mês 6 do ano que vem, só que eu já tenho quase seis meses de remido, só falta julgar...

Pesquisadora: Olha! Que bom!

Quero-Quero: Então vai diminuir pra dezembro.

Pesquisadora: Então, até o final do ano vai pra casa, se Deus quiser!

Quero-Quero: Se Deus quiser eu termino, já termino a escola também e já vou embora. Que vai ser bom, né? Daí eu posso prestar... Fazer até uma faculdade! Né? Eu, até eu falei: “Eu vou pedir em outubro minha remição”. Que até outubro leva o quê? Quarenta e cinco dias, 60 dias no máximo... Pra ser julgado.

Pesquisadora: Mas aí você vai ter terminado o fundamental 1...

Quero-Quero: Já termino o médio...

Pesquisadora: Ah, você tá no primeiro do médio!

Quero-Quero: Eu tô no médio, eu tô no médio! Entendeu?

Pesquisadora: Ah, entendi!

Quero-Quero: Por isso que eu falei, eu comecei o 1º ano em Santa Catarina, parei. Aí comecei a estudar aqui, só que eles não conseguiram fazer minha matrícula. Eu não tava matriculado. Aí eu fiz essa prova de classificação, né? Aí a professora... A coordenadora, na verdade, que ela que veio e deu a prova, ela falou pro [nome do coordenador] que eu tô apto a tá no 3º. Então,

hoje eu vou confirmar com a professora Patrícia, de Matemática, pra ver se realmente eu tô no 3º ano.

Pesquisadora: Ótimo!

Quero-Quero: Se eu tiver no 3º eu concludo agora.

Pesquisadora: Vai concluir! Ah, que bom! Parabéns!

Quero-Quero: Aí eu já saio daqui de liberdade e concludo.

Pesquisadora: Vai levar pelo menos algo de bom, não é mesmo?

Quero-Quero: É, e os meus filho, né? Tão feliz.

Pesquisadora: Ah, que bom! Então é isso! Obrigada, viu?

Quero-Quero: Nada!

Pesquisadora: Pelo apoio, por me explicar como funciona, como você se sente na escola...

Quero-Quero: Até a minha boa conduta aqui. Até a professora de Sociologia, a Sheila, ela fala: “Uma coisa eu posso te dizer: eles gostam muito de você aí, da unidade!”. Pelo meu proceder, eu trato todo mundo com respeito.

Pesquisadora: Tá certo...

Quero-Quero: E não só eles, como qualquer um aqui... Da população... E na verdade, a gente tem que dar o respeito pra ser respeitado.

Pesquisadora: Pra ser respeitado...

Quero-Quero: Não é?

Pesquisadora: Tá certo, é isso mesmo!

Quero-Quero: Meu objetivo é esse... É sair daqui, de liberdade, de cabeça erguida. Pagar o que eu devo... Que como o erro, felizmente eu tô pagando...

Pesquisadora: Sim, e vai viver a vida daqui pra frente...

Quero-Quero: Graças a Deus...

Pesquisadora: E formado no ensino médio! [risos]. Obrigada, viu?

Quero-quero: De nada!

Desenho 6 – Pardal

Fonte: acervo da autora.

3.2.6 Pardal: “Mas eu não passei porque eu fui trabalhar. Achei... Dei mais prioridade no trabalho por causa da família. E aí, porque não tinha como trabalhar e estudar ao mesmo tempo lá na unidade”

O estudante de 28 anos, preso há três, trabalha na administração da unidade, realizando a limpeza do local. Conta-nos sobre ter a esperança de poder cumprir sua pena, podendo sair às ruas, ter um trabalho comum em outro lugar, e assim poder ter contato com a sociedade. Assim, o identificamos com o pardal²⁶, um pássaro livre, que é geralmente encontrado naturalmente em *habitats* abertos, trazido para o Brasil por volta de 1906, para eliminar mosquitos e outros insetos transmissores de doença. Entretanto, por vezes são domesticados. “*Eu tô trabalhando agora na administração. Até poder ir pro meio da rua, mas acho que daqui um tempo também, como eu fico um tempo ali, eles sempre remaneja pra trabalhar do meio da rua também. Fica um tempo ali... É uma passagem pra poder ir pra rua... Trabalho na rua.*”

Não estudava em outra unidade por não conseguir conciliar o trabalho e o estudo. Ainda nos conta que nesta unidade tem a oportunidade de trabalhar durante o dia e estudar à noite. Está no 5º ano do ensino fundamental, mas ainda aguardando matrícula para esse semestre. “[...] *eu posso trabalhar durante o dia e estudar durante a noite. Pra mim já é um benefício melhor. Acho que não só pra mim, como pra todos os presos que quer uma mudança de vida, né? Eu, como optei por uma mudança de vida pra mim, eu quero trabalhar durante o dia e estudar durante a noite.*” Acredita que o estudo é importante, mas dá prioridade ao trabalho. Percebe-se a preocupação com o presente, em trabalhar, para enviar dinheiro à família.

Quando questionado sobre o que aprende na escola, Pardal nos diz que aprende como tratar melhor as pessoas, a falar melhor, a se comunicar com professores e amigos e também coisas que ainda não sabe. Entende que a escola pode-lhe proporcionar uma mudança de vida, para melhor.

Afirma, ainda, que os professores são bons, por se disponibilizarem a ir unidade adentro para dar aulas para os detentos, pois as pessoas no mundo não têm amor ao próximo. Reflete sobre o tratamento dos professores, que percebem quando ele se encontra triste por ter acontecido algo, e relata que o interesse pelas relações na escola não é só dele, mas também dos professores. E, de maneira análoga, na escola não percebe somente o materialismo, mas, sim, a humanidade. Entendemos que Pardal quis falar sobre o individualismo e a compreensão do

²⁶ Pardal (*Passer domesticus*) (BUZZETTI, 2008, p. 239).

outro, enquanto pessoa humana. Também compreende que a escola pode prepará-lo para sair da unidade, com o diploma, e acredita, dessa forma, ser mais fácil encontrar um emprego.

Com relação aos estudos fora do horário das aulas, Pardal nos diz não levar para a habitação nenhum material, nem caderno, nem livros, pois os cadernos não podem ser levados e, quanto aos livros, existe a possibilidade de serem extraviados e não se possuir explicação para dar aos profissionais da unidade.

Sobre as sugestões do que deveria acontecer para a melhoria da escola na unidade, aponta ser necessário construir mais salas de aulas, em virtude de existirem muitos colegas que querem estudar, mas não haver espaço para todos.

A entrevista

Pesquisadora: Estou gravando a nossa entrevista, tá? Não vou divulgar nome. Estou gravando pra que eu possa não perder nada da conversa de cada um, porque são muitos. Depois eu vou escrever, só pra não perder nada. Estou aqui pra fazer um estudo sobre a escola. Se ela é boa, se não, e o que vocês pensam sobre a escola, se vocês estão aproveitando. Tudo bem? Eu queria saber quanto tempo está estudando? Se você estudava antes de chegar na unidade?

Pardal: Não, eu não estudava antes de entrar na unidade. Eu parei na 4ª série... Faz bastante tempo. Aí eu voltei a estudar aqui, em 2017, voltei no dia 13 de setembro pra estudar aqui. Aí eu fiz... Passei pra 5ª.

Pesquisadora: Tá na 5ª série?

Pardal: A 5ª série... E voltei a estudar à noite também, esse ano aqui. O primeiro bimestre que passou eu estudei aproximadamente dois meses aqui, mas eu não sei se eu fui matriculado ou não. Né? E pra mim é bom, eu gosto de estudar desde quando eu vim pra preso. Eu já estudei na penitenciária também, fiz a mesma série... Mas eu não passei porque eu fui trabalhar. Achei... Dei mais prioridade no trabalho por causa da família. E aí, porque não tinha como trabalhar e estudar ao mesmo tempo lá na unidade. Aqui já tem, eu posso trabalhar durante o dia e estudar durante a noite. Pra mim já é um benefício melhor. Acho que não só pra mim, como pra todos os presos que quer uma mudança de vida, né? Eu, como optei por uma mudança de vida pra mim, eu quero trabalhar durante o dia e estudar durante a noite.

Pesquisadora: E você trabalha em quê?

Pardal: Eu tô trabalhando agora na administração.

Pesquisadora: Ah, que legal!

Pardal: Até poder ir pro meio da rua, mas acho que daqui um tempo também, como eu fico um tempo ali, eles sempre remaneja pra trabalhar do meio da rua também. Fica um tempo ali...

Pesquisadora: Ah! Aqui, e depois vai trabalhar...

Pardal: É, é uma passagem pra poder ir pra rua... Trabalho na rua.

Pesquisadora: E o que você aprende na escola quando você está na escola?

Pardal: Bom, eu aprendo, é... Como tratar mais as pessoas também, melhor. Como, pra mim também eu aprendi que é um objetivo que eu vou ter, como eu tenho um objetivo de uma mudança melhor da vida. Eu tenho que ter um estudo... Tenho que aprender certo tipo de coisa que eu não sabia. E, dentro da escola aqui, eu consigo me comunicar mais, aprender a me comunicar mais com as pessoas, com a professora, com os amigos também. E uma coisa que tem que ter no meio da rua, uma boa comunicação com as pessoas. Coisa que eu não tinha. E dentro desse pouco período que eu estou preso e estudei dentro da escola, que eu tive contato com professores, com professoras... Eu soube manejar bem mais as minhas palavras.

Pesquisadora: Você fala bem...

Pardal: Eu consegui aprender isso daí.

Pesquisadora: Parabéns!

Pardal: Eu não tinha isso da escola.

Pesquisadora: Que bom, e como é que você se sente, na escola?

Pardal: Me sinto melhor, me sinto melhor. Mais feliz também, quando eu tô tendo aula... Que pelo menos tem os professores lá fora que têm coragem de vir dentro do presídio dar aula, né? Que são poucas pessoas que se interessam pelos presos, né?

Pesquisadora: Às vezes sim, às vezes não. Existem muitas pessoas que hoje querem ajudar, né?

Pardal: É, tamo chegando lá, né? Tamo chegando lá, porque ela é bem...

Pesquisadora: Nossa sociedade tá mudando...

Pardal: É, como diz, né? Diz muito aqui [inaudível]. E o nosso mundo está assim, né? São poucas pessoas que têm amor ao próximo. Poucas pessoas têm amor ao próximo...

Pesquisadora: E você acha que a escola ajuda?

Pardal: Ajuda...

Pesquisadora: Ter mais amor ao próximo?

Pardal: Ajuda, porque você vai aprendendo, né? O convívio, tanto do lado do professor como do lado dos aluno, que dependendo da lição que a pessoa tá dando ali, ou até mesmo a professora vê lá... Muitas das vezes, eu cheguei duas vezes na escola aqui mesmo com o rosto entristecido... Por algo que tinha acontecido comigo, e por esse motivo ela percebeu. Ela falou assim: “Pardal, você não está normal. O que tá acontecendo? Você não é assim dentro da sala de aula”. E ela

percebeu que eu estava meio triste por algo que aconteceu comigo. E é muito bom isso. Falei: “Caramba, ela percebeu isso”.

Pesquisadora: Você percebe isso?

Pardal: Percebo...

Pesquisadora: Percebe esse carinho?

Pardal: Que tem um interesse, né?

Pesquisadora: Essa atenção, interesse...

Pardal: Que tem esse interesse, não só da minha parte como da deles também, dos professores também...

Pesquisadora: E você tá falando disso, assim... Amor ao próximo, respeito, o que que isso significa pra você?

Pardal: Significa porque, né? Tem que ter um limite, né?

Pesquisadora: Aham...

Pardal: Do... Porque o mundo, ele tá se tornando mais cruel. Ele já era cruel, ao longo, passar dos tempos, parece que tá se tornando mais cruel ainda. Parece que existe certo tipo de pessoas que têm troca de valores. Ama mais o cachorrinho do que o ser humano. Então, tá triste a troca de valores. E eu tô vendo dentro da escola, a gente... Dependendo da aula que nós temos, do convívio que nós temos com a pessoa, a gente vê que não é só o materialismo, mas é a humanidade. Eu tenho que amar você pelo que você é, não pelo que você tem ou pelo que você pode me dar. Mas pela pessoa que você é, você é ser humano... E tem certo tipo de pessoa que não vê esse lado. Você de pé ou tombado, pra ele tanto fez como tanto faz. Nós não podemos ver a vida dessa forma. Temos que ver que nós temos que... Aquilo que eu não quero pra mim, eu não posso querer pra você nem pro meu próximo, nem pra ninguém!

Pesquisadora: Tá certo! E você acha que a escola ajuda?

Pardal: Ajuda! Eu creio que ajuda porque, pelo menos pra mim, eu presto atenção no que a professora fala, presto atenção que às vezes tem alguma dica [inaudível] sala de aula, tanto no que diz a professora, tanto no que diz o aluno... Então, eu sou um cara que presto atenção em tudo. Nas palavra que tá saindo, tanto de lá como de cá. E eu vejo que tá... Como o aluno não sabe, a professora transmite pra ele como tem que ser e ele acata. Falei: “Ah, então pensei errado e a senhora tá certa”. Aí começa a entrar pelo caminho certo...

Pesquisadora: Pelo caminho do respeito...

Pardal: Do respeito...

Pesquisadora: E essa escola, você acha que te ajuda no trabalho? Para o trabalho?

Pardal: Eu acho que...

Pesquisadora: De alguma forma...

Pardal: Eu acho que essa escola aqui, ela pode ser um preparamento pra mim. Pra fora daqui desse lugar também. É... Um preparamento pra mim poder sair daqui e... Não tenho um... Lá fora não tinha um currículo de escola bom, e se realmente aqui eu continuar estudando, eu sair daqui com meu diploma, lá fora eu vou poder me entregar mais rápido à sociedade, ao trabalho com meu diploma... Com meu diploma. Coisa que eu não tinha lá fora. E é o que eu quero. Quero sair daqui, eu tenho mais três anos pra tirar de presídio, mas esse três anos que eu tenho, ou quatro ou cinco, que seja, eu quero ser bem-intencionado. Bem-intencionado.

Pesquisadora: E essa escola aqui, que você já disse que está gostando. Sempre tem algo que a gente acha que pode melhorar?

Pardal: Uhum...

Pesquisadora: Você estuda fora do horário das aulas? Leva o caderno para a ala? Ou faz empréstimo de livros na biblioteca?

Pardal: Não, não levo nada pra ala. Os caderno não pode, e os livros não é legal levar, não. Porque pode perder. Aí como vou dar explicação pro pessoal aí?

Pesquisadora: Como na nossa vida, a gente sempre acha que tem algo que pode melhorar. Qual a sugestão você daria se você pudesse dar uma sugestão para melhorar a escola daqui?

Pardal: Para o ambiente ou em geral?

Pesquisadora: Em geral. Naquilo que mais você percebe...

Pardal: Eu acho que deveria ter mais sala de aula, né? Pra melhorar mais. Né? Porque às vezes tem pessoas que querem estudar lá e não tá tendo espaço.

Pesquisadora: Aham...

Pardal: Se abrir mais sala de aula, acho que melhora aí, um pouquinho mais. E como aí também tem aluno que tá estudando e não querem estudar.

Pesquisadora: Entendi... Mas você acha que nesse espaço tem como abrir mais salas?

Pardal: Tem, ó o espaço aí!

Pesquisadora: Só construir, né? [risos]

Pardal: Ó o espaço! Espaço tem...

Pesquisadora: Tem...

Pardal: Se eles quiserem...

Pesquisadora: É...

Pardal: Tá aí.

Pesquisadora: Então é isso! Agradeço de você ter vindo aqui, deixado lá seu trabalho na administração para vir aqui. Hoje está sendo um dia muito bom pra mim, porque estou aprendendo muito... Com vocês, porque vocês estão me ajudando fazer o meu estudo.

Pardal: É...

Pesquisadora: Tá bom?

Pardal: Tá bom.

Pesquisadora: Obrigada, Pardal.

Pardal: Tá bom, obrigado.

Desenho 7 – Macuco



Fonte: acervo da autora.

3.2.7 Macuco: “Joguei tanto tempo, né, meu? Lá fora não dei valor à escola”

Macuco é um homem de 43 anos, que demonstra gostar mais das aulas de teatro do que da escola, gosta da arte e entende ser importante participar de atividades, uma vez que proporcionam maior socialização. Em momentos procura a escola, em outros o curso de teatro, em busca de aprendizado e oportunidades de se recolocar no mercado de trabalho. O macuco²⁷ é um dos pássaros apresentado por Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas* (ROSA, 2001, p. 306): “E o macuco vinha andando, sarandando, macucando: aquilo ele ciscava no chão, feito galinha de casa”. *“Então, eu fiz os teatros, tudo... Fiz o teatro 2015, fiz o teatro 2016, e esse último agora, 2017 pra 2018. Até porque eu tava trabalhando lá fora e a dona Ana pegou e falou assim: ‘A única coisa que eu posso fazer pra você, pra te arrumar uma vaga de serviço de novo, é você voltar pra escola... E, pro Enem não tem como mais, porque já subiu as documentação, tudo que precisava... Mas eu conto com você na sala de aula, até porque você sempre deu a maior participação no teatro, você gosta, tal, então eu espero que você dê essa ajuda pra nós aí!’”. Aí, foi o que eu tô dizendo, até o final da virada do ano de 2017 pra 2018 eu participei da sala de aula... Tudo... Juntamente com a atividade do teatro, entendeu? Adoro a aula de teatro! É melhor que a escola.”*

Macuco trabalha com serviços de limpeza na sala da coordenação e não sabe nos informar qual série conseguiu concluir na escola da prisão. Conta que iniciou os estudos no ensino fundamental, cursou alguns semestres, algumas vezes como ouvinte.

Demonstra perceber que a possibilidade de estudar pode reparar uma oportunidade perdida há algum tempo, por não ter dado valor. E que, futuramente, os estudos podem ajudar a encontrar uma melhor colocação de trabalho. *“Aí eu falei assim: ‘Ah, vou aproveitar aqui esses tempos que eu tiver que tá aqui pra...’ Pelo menos quando eu sair lá fora, eu sei que nessa área, com a profissão que eu já tenho atividade exercida tem como eu conseguir uma vaga se tratando de área de supermercado, entendeu?”*

Relata também que, quando estudou, gostava muito de Matemática, Geografia, Ciências e Física, e que essas disciplinas o ajudavam na memorização.

Quando questionado sobre como aprendia durante as aulas, responde que geralmente o professor passava matéria na lousa e lhe entregava uma folha para classificar e nomear e depois corrigir, e que não existia livros. Além disso, que os materiais devem ser guardados dentro do armário, não podendo permanecer com o aluno para possíveis estudos fora do horário das aulas.

²⁷ Macuco (*Tinamus solitarius*) (BUZZETTI, 2008, p. 11).

Sobre empréstimos de livros na biblioteca, diz ser possível realizar, e que uma vez já pegou o livro e o devolveu, após ler somente aquilo que o interessou. Além disso, relata que a professora distribuía livros com assuntos diversos nas aulas, para que os alunos lessem.

Sem estar matriculado na escola, aguarda uma vaga para voltar a realizar seu trabalho fora da unidade. Diz já ter trabalhado em uma empresa fora da unidade, mas por se adoentar e fugir às regras, perdeu a vaga de emprego.

Sobre sugestões para melhorar a escola da unidade, entende ser importante melhorar as vagas de emprego para os estudantes e acredita que, dessa forma, os presos irão se interessar pelo estudo e pelo trabalho, e conquistar seu trabalho por meio dos estudos.

A entrevista

Pesquisadora: Tudo bem? Estou aqui para fazer um estudo sobre a escola. E gostaria de conversar um pouco com você.

Macuco: Certo...

Pesquisadora: Saber quem realmente participa da escola, como se sentem...

Macuco: Certo...

Pesquisadora: Você tá estudando?

Macuco: Não! No momento não.

Pesquisadora: Você já estudou aqui?

Macuco: Estudei.

Pesquisadora: Que ano?

Macuco: Eu estudei desde 2014. Praticamente eu parei o ano passado, né? Porque... Já tava convicto de que eu ia embora, então por um motivo ou outro que foi adiado, né?

Pesquisadora: Uhum...

Macuco: Aí teve que agendar a condicional minha. Aí tem que esperar até outubro agora.

Pesquisadora: E aí você se matriculou de novo?

Macuco: Então, eu fiz os teatros, tudo... Fiz o teatro 2015, fiz o teatro 2016, e esse último agora, 2017 pra 2018. Até porque eu tava trabalhando lá fora e a dona Ana pegou e falou assim: “A única coisa que eu posso fazer pra você, pra te arrumar uma vaga de serviço de novo, é você voltar pra escola... E, pro Enem não tem como mais, porque já subiu as documentação, tudo que precisava... Mas eu conto com você na sala de aula, até porque você sempre deu a maior participação no teatro, você gosta, tal, então eu espero que você dê essa ajuda pra nós aí!”. Aí, foi o que eu tô dizendo, até o final da virada do ano de 2017 pra 2018 eu participei da sala de

aula... Tudo... Juntamente com a atividade do teatro, entendeu? Adoro a aula de teatro! É melhor que a escola.

Pesquisadora: Entendi... E que série você parou?

Macuco: Eu tava como ouvinte, a última vez. Eu sempre procurei saber, que eu nunca tive esse conhecimento, se de fato eu cumpri o fundamental ou não, entendeu? Devido à regra que tinha que seguir, porque eu comecei cumprindo o fundamental... Terminando o fundamental, de 2014 pra 2015. Aí depois seguiu-se o 1º, o 2º, o 3º... Aí eu queria essa prova, se de fato existe esse relato que eu... tal, cumpri o fundamental, entendeu?

Pesquisadora: Mas sabe o que você pode fazer? Solicitar aqui pro [nome do coordenador]...

Macuco: Certo...

Pesquisadora: Vou até anotar aqui, e a gente passa isso pro [nome do coordenador].

Macuco: Certo...

Pesquisadora: É... Você pode fazer uma prova...

Macuco: Certo...

Pesquisadora: De classificação.

Macuco: Aham...

Pesquisadora: E aí, dependendo da nota que você conseguir atingir naquela prova... Ele consegue mandar pra escola e a escola dá a documentação. Você pode até terminar... Se você vai ter que ficar aqui mais um tempo...

Macuco: Certo... Tanto é que teve, o ano passado teve uma palestra que ia ter, que eu fui nomeado pra participar da palestra, e só podia participar dessa palestra quem tinha o ensino médio completo. Aí ela falou assim: “Eu vou te incluir”, a dona Soraia falou assim. Eu falei: “Dona Soraia, entre me incluir ou não... Eu preciso saber se de fato eu cumpri o ensino médio ou não”. Ela falou: “eu vou levantar isso pra você”. Aí ela acabou me incluindo...

Pesquisadora: Ah, então! Verifica isso... Porque tem... Se você já concluiu... Você vai ter direito à documentação.

Macuco: Certo...

Pesquisadora: E o tempo que você passou na escola? Como que era pra você?

Macuco: Pra mim foi bom porque, quando eu vi, né? Preso, tudo, que eu fiquei sabendo que tinha aula, eu falei: “Caramba, né, meu? Joguei tanto tempo, né, meu? Lá fora não dei valor à escola.” Preciso de fato terminar porque as profissão que eu tinha exercido lá atrás, atualmente os campos de trabalho em que tava precisando tavam exigindo o ensino médio completo. E é aonde que eu não tinha. Aí eu falei: “Pô, mas pra quem foi balconista de frios e laticínios, operador de supermercado, trabalhou, fez tudo quanto é função dentro do mercado e ir procurar

um serviço do campo do mercado sendo que já tem a prática, já tem o registro na carteira e não conseguir a vaga porque a lei exigia que tem que ter o ensino médio completo”, né? Aí a moça falou: “Não adianta, se você não tiver, você... Dificilmente você vai conseguir uma vaga de emprego na área do trabalho, do supermercado”. Aí eu falei assim: “Ah, vou aproveitar aqui esses tempos que eu tiver que tá aqui pra...” Pelo menos, quando eu sair lá fora, eu sei que nessa área, com a profissão que eu já tenho atividade exercida, tem como eu conseguir uma vaga se tratando de área de supermercado, entendeu? Eu cheguei ser até encarregado de frios e laticínios, eu tinha o quê? Vinte anos de idade eu já era encarregado de frios e laticínios.

Pesquisadora: Quantos anos você tem agora?

Macuco: Agora eu tô com 43. Mas eu era... Eu cuidava daquela loja ali da Brigadeiro Luiz Antônio. Não, Brigadeiro Luiz Antônio não. Voluntários da Pátria, lá em Santana... Que tinha entrada dos dois lados, que é do... Do Extra.

Pesquisadora: Sei...

Macuco: Que antigamente era Jubeleta e aí se tornou, né? Essas rede. Só mudou a placa na verdade, né? Bom, e pra mim foi bom! Eu aproveitei, eu participei de aula aqui... Eu lembro até hoje, com o Alexandre, entendeu?

Pesquisadora: E o que que você aprendeu aqui? Que que você lembra que foi bom pra você?

Macuco: Ah, num contexto geral assim de matérias, eu acho que cada... Da Matemática eu gostei bastante, entendeu? Exercício de Matemática, tudo. Ah, Geografia ajudou bastante até com... Em questão de perguntar os países, quem é o... Né? O país tal... Entendeu? Onde que ele tá localizado? Então, várias perguntas, assim, que ajuda. Que era memorização, né?

Pesquisadora: Uhum...

Macuco: Que ele chamava pra ajudar a memorizar, né? Bastante coisa deu pra aproveitar nesses tempo aqui, entendeu?

Pesquisadora: Entendi...

Macuco: Tanto na área da Ciência, também... Como essa parte aí do... Da Física, né? Da Física também.

Pesquisadora: E como que você aprendia? Como que era?

Macuco: Olha, geralmente o professor, ele passava a matéria na lousa, né? E dava uma folha pra nós tá classificando, nomeando direitinho. Não tinha nada de tá acompanhando por livro. Simplesmente ele ensinava, instruía, aí depois corrigia. Aí ele pegava cada uma e ia dando a correção correta cabível de cada uma, entendeu?

Pesquisadora: Sim! E você consegue, estudar fora da escola? É... Levar material pra ala?

Macuco: Aqui no caso?

Pesquisadora: É, aqui na unidade.

Macuco: Não! Quando eu cheguei aqui podia levar material pra dentro da ala ali, né? Aí depois não permitiram mais. Acharam melhor guardar os material dentro do armário, entendeu?

Pesquisadora: Uhum... E livro, você já chegou a pegar algum livro?

Macuco: Já, peguei! Até esses dias atrás aí eu tava olhando um ali que falava sobre lá o Titanic e tudo... Aí eu comecei a me aprofundar lá como que se deu... Entendeu? O Titanic... Aí tinha uma data certa pra devolver. Falou: “Olha, tão pedindo o livro. Você vai dar continuidade na leitura ou não?”. Falei: “Não, não... O que me interessou ali na hora eu peguei por cima mais ou menos”... Entendeu?

Pesquisadora: Já havia lido...

Macuco: É, então... Mas já li já.

Macuco: E tinha até ali... A professora até pedia também, às vezes, ela pegava um livro pra cada um, ela falava: “Olha, eu quero que vocês leia e cada um vai ler um assunto diferente”, e tenta, né? Fazer...

Pesquisadora: Mas lá na ala é tranquilo pra ler, pra estudar?

Macuco: Não, normal! Isso aí é normal! Normal... Você leva o livro lá, acende a luz, tem um horário, né? Que respeita, né? Permite até 10 horas mais ou menos pra pessoa fazer uma leitura, tudo. Aí 10 horas, tem alguém lendo ali, escrevendo? Tal, tal, porque é descanso dos que vão trabalhar, entendeu?

Pesquisadora: Uhum...

Macuco: Isso aí é natural...

Pesquisadora: É... E hoje você não está trabalhando?

Macuco: Não, não... Tô trabalhando ali!

Pesquisadora: Ah, é!

Macuco: É!

Pesquisadora: É, você falou. Desculpa!

Macuco: Trabalhando ali no monitoramento, é! Na limpeza.

Pesquisadora: É muita... É muita informação!

Macuco: Ela prometeu eu ficar aqui em janeiro. Eu ia ficar mais do que 15, 20 dias... Mas, das vagas também, né? Talvez ela não... Não cumpriu, mas quando foi agora na volta da saidinha eles já queriam tirar as pulseira de quem não tá trabalhando na rua, né? Aí ele falou: “Vou começar pelo [nome civil] aqui”, aí ele pegou e falou assim... Aí ela falou, ela falou assim: “Não, não vai tirar a pulseira dele não”, “Não, mas como não? Deixa pra tirar dos demais mais

tarde?”, ela falou “Aí é com você mesmo, a hora que você achar melhor de tirar pode começar a tirar, mas...”

Pesquisadora: A pulseirinha, só pra eu entender... A pulseirinha é quem trabalha aqui dentro?

Macuco: Quem trabalha na rua, né?

Pesquisadora: Ah!

Macuco: E pra saidinha.

Pesquisadora: Ah, entendi!

Macuco: Aí foi quando ela falou: “Não tira a pulseira dele não que ele vai pra rua”. Eu falei: “Ah, dona Soraia! Ufa!”

Pesquisadora: Que beleza... [risos]

Macuco: Eu falei: “Onde a senhora arrumou uma vaguinha pra mim?”, ela falou: “É surpresa...”

Pesquisadora: Ainda não sabe a vaga?

Macuco: Não, porque eu tinha sugerido pra ela que se caso a... Que eu trabalhei na... Existe um tipo de serviço que você tava lá fora, que quando você é cortado dificilmente você volta pra aquele mesmo lugar. Entendeu? No caso da [Controladoria Geral de Disciplina dos Órgãos de Segurança Pública] CGD, eu fiquei nove meses lá, a pedra no rins atacou, aí eles alegaram a falta de produção, né?

Pesquisadora: Entendi...

Macuco: Porque, pra você ser cortado, você é cortado com uma semana, com 15 dias... É... Como se você tivesse uma experiência. Nove meses você passou na experiência, você já tá quase um ano, já é quase férias já, né? Aí nisso aí, o pedreiro falou: “Rapaz, por que você não procura sua melhora, né? Nesses negócios assim, pedra no rins aí... Isso não é muito bom não, tal, tal... Tem que fazer um tratamento, tal, tal...” Aí eu fui pedir pros engenheiros lá um comprimido, eles alegaram que não medica ninguém. Eu poderia ser ignorante, falar “Pô, senhor! Mas pra uma empresa como essa daqui, um porte desse aqui, pelo menos um primeiro socorros, né? Um esparadrapo, um mercúrio, o básico, né?” Eu não aleguei pra que dor que era, poderia ser uma dor de dente, né? Uma dor muscular, aí eles falou: “Não, nós não medica ninguém”. Eu poderia ter atravessado a avenida e ido lá no posto de saúde, que fica do lado do fórum, mas ia acabar me atrasando... Porque eu poderia ser... Independente de eu tava com pulseira nessa época, mas poderiam tirar uma foto minha, um agente lá fora e falar: “Olha, eu disse que não era pra atravessar a avenida e você atravessou”...

Pesquisadora: Uhum...

Macuco: “Você fugiu do regulamento”, e ser cortado automaticamente e tá sujeito até regressão de pena e tudo mais, entendeu? Mas, o demais... Aí eu comentei pra ela, falei assim ó... Ela

perguntou: “Qual lugar que você não trabalhou? Porque... E os que você já trabalhou pra eu marcar que é pra eu não tentar incluir você”. Eu falei assim ó: “No caso da CDG, eu fui removido da gestão pra CDG, porque a gestão não tinha... Uma secretaria... É... Do Estado também, do governo”. Planejamento lá de compras, que eles têm o controle de tudo, né? A gestão. Aí, conforme eles não renovaram o contrato, o diretor falou assim: “Olha, não foi uma pegadinha não! Você pediu uma chance de novo”... “Pra unidade... Nós tamos te dando uma chance pra você de novo só que é o seguinte, não foi uma pegadinha. Já que não renovaram o contrato, nós vai te remover pra CDG...”

Pesquisadora: Ah...

Macuco: E depois a gestão renovou o contrato, elas queriam aquelas mesmas pessoas que começaram, que já tinham se acostumado, se habituado com nós... Alguns conseguiu retornar. Eu não fui pra cima de sair, não lutei por esse... Porque, a nível de você comer no restaurante, escolher o que você quer comer, era bem mais melhor. Nós comia no restaurante...

Pesquisadora: Que legal!

Macuco: Que a comida ali era à vontade. O refrigerante em cima da mesa... Aí ela falou assim: “Você não quer voltar?”, falei: “Ah, não! Ficar pulando de galho em galho não. Já tô na CDG, deixa do jeito que tá mesmo”, entendeu? Do jeito que tá. Aí ela... Eu comentei, já que tava pra renovar o contrato, ela pegou e falou assim: “Ah, então quem sabe a gestão renovando a gente consiga te mandar pra lá de novo”. Ai eu perguntei se a Funap, se a coordenadoria, não tinha um motivo de ela falar “É uma surpresa”, entendeu? Porque ela deu a ordem ali que não é pra tirar a pulseira que...

Pesquisadora: Que bom! Então logo você vai pra uma surpresa... [risos]

Macuco: Isso! É, então!

Pesquisadora: Então... Que sugestões você daria, pra melhorar o trabalho aqui na unidade? Só pra gente finalizar...

Macuco: Eu acho que pra melhorar o campo de trabalho aqui é o pessoal do monitoramento, sei lá... Ter uma indicação de um deles pra eles se deslocarem e ir atrás de emprego pra, né? Pra que o preso fique mais ocupado do que aí, sem fazer nada.

Pesquisadora: E a escola? O que melhoraria pra você?

Macuco: Eu acho que pra melhorar a escola aqui foi o... Foi uma visão que eu tive nesse último teatro que teve, que o diretor geral tava presente, e tinha um lado que era quem tava estudando e um outro lado da plateia lá, que ia participar, eram pessoas que não tavam estudando. E pelo número de pessoas que estudavam, apesar que foi comentado aqui: uma minoria tava trabalhando na rua que não pode participar desse teatro. Aí ele comentou: “Não, isso vai mudar.

Isso vai ter que mudar”... Parece que agora eles estão começando o quê? Quem tá cadastrado na escola vai trabalhar...

Pesquisadora: Excelente...

Macuco: Que é pra demonstrar que quer alguma coisa.

Pesquisadora: É, que bom!

Macuco: Da vida. Tá interessado. Não tá interessado só no trabalho, ele tem que se interessar no estudo... Entendeu? Pra dar oportunidade pra ele conquistar o trabalho, entendeu?

Pesquisadora: Sim!

Macuco: Eu acho que isso vai ajudar bastante, assim, se eles pegar, levar nessa regra... Não soltar ninguém pra rua pra trabalhar desde que não tenha... Desde que tenha um compromisso com a escola, sim, vai pra rua trabalhar. Caso contrário... Tem uns aí... [risos] Mas esses aí seriam o melhor... A melhor receita seria essa daí, entendeu?

Pesquisadora: Que bom! Então tá bom. Obrigada, viu?

Macuco: De nada!

Pesquisadora: É... Depois eu vou falar com o [nome do coordenador] dessa questão...

Macuco: Aham...

Pesquisadora: Quem sabe ele já te dá notícia de que está matriculado, né?

Macuco: Ah, tá bom! Tudo bem!

Pesquisadora: Obrigada, viu? Pela sua atenção!

Macuco: Obrigado eu!

Pesquisadora: Obrigada por tudo!

Macuco: Tá bom!

Desenho 8 – Rouxinol



Fonte: acervo da autora.

3.2.8 Rouxinol: *“Não só pra entrar na empresa pra trabalhar como eu me apresentar também na empresa com o caminhão, meus estudos já fez falta. Já fez falta... Então é bom. É bom. Pra mim principalmente, né?”*

Com 44 anos, preso há cinco meses, já não estudava há mais de 30 anos, e agora cursa o 6º ano na escola da prisão. O rouxinol²⁸ é um pássaro que precisa viver livre, gosta da sua liberdade, por isso não pode ser engaiolado. Seu *habitat* são áreas de florestas. Khalil Gibran, em um de seus textos, dizia que o rouxinol se recusa a fazer seu ninho em uma gaiola, para que a escravidão não seja o destino dos filhos. Por isso o chamamos assim: Rouxinol. *“Sempre trabalhei. Eu sou carreteiro, então... É bom! Na verdade é bom porque, na verdade, na unidade tem bastante gente que precisa estudar, né? Isso é fundamental pra quem tá num lugar desse aqui, né? Pra ocupar mais a mente, né? Ocupar a cabeça, né? Meu caso mesmo, eu tava esperando vaga e surgiu a vaga pra mim, tô estudando. É bom que a pessoa distrai muito a mente, né? Pra gente ser livre, pelo menos achar, né? É bom ser livre.”*

Para esse estudante, que a escola é importante para se distrair; diz perceber sua importância no que diz respeito a encontrar um bom emprego, pois, por vezes, não sabia nem ao menos preencher fichas nas empresas onde procurou trabalho.

Do mesmo modo, entende que os estudos já fizeram falta no passado; então, pensando no futuro, em uma colocação profissional, deseja estudar e se aperfeiçoar.

Além disso, conta que os professores da escola que frequenta hoje ensinam de maneira diferente da escola de antigamente, porque o chamam, conversam e explicam.

Quanto às sugestões para a melhoria do trabalho escolar na unidade, Rouxinol somente se refere ao quadro em que os professores escrevem, que, por ser branco, é difícil de apagar.

No concernente a leitura e empréstimo de livros na biblioteca, diz ser permitido, e que já solicitou emprestado um livro de Ciências, mas permaneceu com ele por apenas dois dias, em virtude de se preocupar com o extravio do material em dia de *blitz* e, como consequência, ir para o castigo. Sobre outras leituras e estudos fora do horário de aula, relata gostar muito de ler jornais e revistas, mas que não é permitido levar tais materiais para a ala. Por outro lado, às vezes consegue ler o jornal da igreja aos domingos, porque nesse momento é permitido.

Rouxinol diz ter bastante dificuldade em Matemática, então se interessa por livros de Ciências, de História e de romance.

A entrevista

²⁸ Rouxinol (*Luscinia megarhynchos*) (BUZZETTI, 2008, p. 99).

Pesquisadora: Vou gravar nossa conversa só pra não perder nenhuma informação.

Rouxinol: Tá!

Pesquisadora: Eu estou fazendo um estudo sobre escolas e vim até aqui pra ver como funciona, o que vocês pensam sobre a escola, o que vocês sentem sobre a escola. Tá bom?

Rouxinol: Bom...

Pesquisadora: Seu nome é?

Rouxinol: Rouxinol.

Pesquisadora: Rouxinol, você estuda há quanto tempo?

Rouxinol: Olha, na verdade eu comecei a estudar agora na unidade, né? Tô pouco tempo aqui preso, né? Tem cinco mês só. Então eu comecei a estudar agora aqui, mas o meu estudo eu parei tem mais de 30 anos.

Pesquisadora: Você tinha parado em que série?

Rouxinol: Parei na 6ª série.

Pesquisadora: E aqui você tá em que série?

Rouxinol: Na 6ª série. Tô ainda tentando entrar no ritmo, né?

Pesquisadora: No ritmo da escola?

Rouxinol: No ritmo, é!

Pesquisadora: E como que é a escola pra você? Como você aprende na escola?

Rouxinol: Ah, por enquanto não tenho do que reclamar não, né? Como eu falei pra senhora, faz tempo que eu não estudo, né?

Pesquisadora: Uhum...

Rouxinol: Sempre trabalhei. Eu sou carreteiro, então... É bom! Na verdade é bom porque, na verdade, na unidade tem bastante gente que precisa estudar, né? Isso é fundamental pra quem tá num lugar desse aqui, né? Pra ocupar mais a mente, né? Ocupar a cabeça, né? Meu caso mesmo, eu tava esperando vaga e surgiu a vaga pra mim, tô estudando. É bom que a pessoa distrai muito a mente, né? Pra gente ser livre, pelo menos achar, né? É bom ser livre.

Pesquisadora: Distrai...

Rouxinol: Não fica com a mente vazia.

Pesquisadora: Aham... E tem alguma coisa, assim, que você aprendeu e que você fala “Nossa, isso foi bom pra mim, isso vai fazer alguma diferença na minha vida”?

Rouxinol: Ah, eu acho que sim! Vai fazer um pouco de diferença pra mim principalmente na parte da leitura, né?

Pesquisadora: Ah, leitura...

Rouxinol: Parte da leitura, eu tô me... Como é que eu falo? Me aperfeiçoando mais, né? Me aprofundando mais nisso aí e é bom, principalmente por causa da minha profissão lá fora, né? Eu trabalho de carreteiro lá fora e eu já tive dificuldade pra poder entrar em empresa, pra poder preencher as fichas em empresa. Que exige muito isso aí, exige muito estudo, entendeu? Então...

Pesquisadora: Então você percebe que isso vai te ajudar?

Rouxinol: É. Não só pra entrar na empresa pra trabalhar como eu me apresentar também na empresa com o caminhão, meus estudos já fez falta. Já fez falta... Então é bom. É bom. Pra mim principalmente, né? Como eu falei, né? Por causa do pouco estudo. Que eu tenho a 6ª série, mas não é a 6ª série que nem de agora, né? Sexta série pra quem estudou há 30 anos atrás... É diferente...

Pesquisadora: E você acha que, assim, é diferente como os professores ensinavam antes e eles ensinam agora?

Rouxinol: Ah, um pouquinho, né?

Pesquisadora: Como que eles ensinam?

Rouxinol: Um pouquinho porque, na verdade, como é que eu devo dizer pra senhora? Há 30 anos atrás a gente aprendia mais, como é? Era mais na raça, né? Na raça, nos empurrão. E hoje é diferente, né? Hoje já chama, já conversa, já explica melhor, né?

Pesquisadora: E como que é a aula, assim?

Rouxinol: Como inclusive a aula de ontem mesmo que eu tive aqui, o professor teve bastante paciência, pra poder explicar, explicou pra nós. Nós tamos tendo aula de Matemática, Ciência, né? Eu acredito que mais pra frente, como eles já falaram, vai ter outras aulas a mais também, né? É, pra mim é interessante.

Pesquisadora: E como que é a aula, assim? Como que ela acontece?

Rouxinol: É... O horário nosso daqui, que eu tô na parte da tarde, da 1h até as 5h20, 5h15, né? Cinco e vinte, se eu não me engano. É bom, é bom! Dá pra... É melhor que, como eu falei antes, ocupa mais a mente, né? Não fica lá dentro, lá... E vem pra cá pra sala de aula. Aqui, inclusive, é essa sala que eu estudo, né?

Pesquisadora: É... E como você avalia a escola aqui dentro da unidade?

Rouxinol: Ah, de 1 a 10?

Pesquisadora: É!

Rouxinol: Dez, né?

Pesquisadora: Você acha 10?

Rouxinol: Acho 10!

Pesquisadora: Você acha que não falta nada? Você tem alguma sugestão pra dar?

Rouxinol: Olha, só... Que que eu devo falar pra senhora? A única sugestão da minha parte, que eu devo dar é referente ao quadro. Quadro... Não a professora só, como eu acho que todos eles já reclamaram do quadro, porque o quadro é ruim pra poder ficar... Escrevendo e depois apagar, caso dessa lousa daí, que essa lousa é branca. Entendeu? Pra nós não, pra nós o que escrever lá nós tem que ler e escrever. Mas as professora tão tendo dificuldade nisso aí. Entendeu?

Pesquisadora: Sim! Você estuda em outros horários ou só aqui na escola? Você chega a estudar alguma coisa lá na ala, por conta própria?

Rouxinol: Não, estudo só aqui na... Aqui... Só aqui na unidade e nessa sala. Lá eu costumo ler muito. Costumo ler muito. Isso aí eu já tenho essa, essa... Esse hábito eu já tinha já, antes. Mesmo com um pouco de dificuldade, sempre tive esse hábito de pegar jornal pra ler, e leio muito. De vez em quando eu leio aqui muito a Bíblia, aqui dentro, né? Jornal não pode entrar e nem revista não pode entrar. De vez em quando entra, que é da igreja, né? A Igreja Universal vem aí, traz o jornal. Aí todos eles, todo domingo que chega jornal da igreja, eu pego ele pra ler todinho, de ponta a ponta. Entendeu?

Pesquisadora: E livro, aqui na biblioteca, você pega?

Rouxinol: Livro tem bastante. Eu pego também. Pego!

Pesquisadora: Que livro? Você lembra o último que você leu?

Rouxinol: Olha, o último que eu peguei pra ler aí, que ficou na minha mão só dois dia, foi de Ciência. Eu peguei pra dar uma lida nele, dei uma folheada, dei uma lida, mas eu devolvi por medo. Porque se a gente pegar um livro na... Aqui na biblioteca e de repente avalia ele, ou ele sumir na nossa mão lá, nós é obrigatório a pagar o livro ou ir pro castigo, no caso pagar não, né? Mas vai pro castigo. Então, não é isso que eu quero pra mim. Ir pro castigo por causa do livro. Claro que, não que eu não tivesse cuidado. Cuidado nós tem. A partir do momento que tá na minha responsabilidade, se eu levo o livro pra dentro...

Pesquisadora: Uhum...

Rouxinol: A responsabilidade é minha, eu tenho que cuidar. Ah, mas se a *blitz* entrar e ver o livro lá dentro, não sabe de quem que é e destrói ou leva... Aí o prejuízo é meu. Entendeu?

Pesquisadora: Entendi...

Rouxinol: Que vira mexe tem a *blitz*, que é norma da casa. Entendeu? Então, o meu medo era esse aí.

Pesquisadora: Entendi...

Rouxinol: É pegar o livro e acabar avaliando ou perdendo lá dentro, lá na minha mão. E eu não vou querer ficar no castigo por causa do livro, mas é bom. Não só ele não, como tem outros livros aí que interessam também, pra ler.

Pesquisadora: Você se interessa por qual assunto?

Rouxinol: Olha, eu não vou mentir pra senhora. Eu tenho um pouco de dificuldade aqui, nos meus estudos, seria na Matemática.

Pesquisadora: Na Matemática?

Rouxinol: É, Matemática. Mas eu me interesso mais na Ciência.

Pesquisadora: Em Ciências...

Rouxinol: É...

Pesquisadora: Livro, assim, de História...

Rouxinol: É, então...

Pesquisadora: De ação...

Rouxinol: O que de vez em quando, de vez em quando eu pego pra poder ler é de romance.

Pesquisadora: De romance?

Rouxinol: É! De romance também. Inclusive eu tinha um na minha mão lá, mas não era meu, era emprestado... Aí o companheiro foi de bonde pra Sorocaba, eu devolvi pra ele, que era dele. Mas foi muito interessante.

Pesquisadora: Você lembra o nome do livro?

Rouxinol: Ah, não lembro! Faz um tempinho já, já tem dois meses que ele foi de bonde... Tem dois meses já! Não lembro...

Pesquisadora: Tem mais alguma coisa que você queira colocar? Queira falar?

Rouxinol: Não, no momento não...

Pesquisadora: Então tá bom, eu agradeço muito... A participação de vocês! De poder vim aqui me ensinar, me explicar como funciona a escola, como vocês se sentem aqui.

Rouxinol: Ah, eu, pra falar a verdade... Como eu falei, é ótimo tá estudando, né? É bom porque a pessoa já ocupa mais a mente, né? Pra mim é esse. Apesar daonde nós tá aqui, na unidade aqui, tem muitos que não quer, né? Eles acham que não precisa, mas se eles lá não precisa, eu preciso.

Pesquisadora: Com certeza...

Rouxinol: Como eu falei, principalmente por causa da minha profissão. Né? Que faz falta. Não só na minha... Não só, é... Na minha presença... Na minha entrada da empresa, pra poder entrar, preencher ficha, essas coisas aí, como também eu já tive dificuldade lá fora pra poder arrumar um emprego, e eu só não arrumei um emprego por causa do meu estudo. Que eles exige um estudo melhor. Mas graças a Deus eu... Independente de eu tá aqui dentro da unidade, a empresa tá me esperando... É... Não pretendo sair dela tão cedo, a não ser que ela me mande embora, né? Pretendo me aposentar lá...

Pesquisadora: Falta pouco tempo pra você sair daqui?

Rouxinol: Olha, é... Eu fui condenado oito meses... Eu tô tirando uns cinco meses já, que eu fui condenado no bafômetro.

Pesquisadora: Ah, então tá acabando...

Rouxinol: É...

Pesquisadora: Quantos anos você tem?

Rouxinol: Eu tô com 44. Eu fui pego na Lei Seca, né? Na lei do bafômetro. Tem outro... Outro B.O. que eu respondo que é o 121.... Mas ele eu respondo na carteirinha. Assinava, né? Na carteirinha, em três em três mês. E foi isso aí que acho que me atrasou mais um pouquinho, né? Que eu tava respondendo ele na carteirinha. Aí me atrasou mais um pouquinho que depois eu fui pego no bafômetro, que eu tombei uma carga minha de sardinha, na Anchieta, e fui condenado a oito mês. Aí eu tô no aguardo, né?

Pesquisadora: Entendi! Então tá bom!

Rouxinol: Tá bom?

Pesquisadora: Muito obrigada, viu?

Rouxinol: Nada! Obrigado eu.

Pesquisadora: Você colaborou bastante com o nosso estudo aqui. Ó, o gatinho passando... [risos]

Rouxinol: Aqui são quatro... Quatro ou cinco aqui dentro. Obrigado!

Pesquisadora: Quatro ou cinco gatinhos que vivem aqui com vocês?

Rouxinol: Sim!

Pesquisadora: Obrigada você, viu? Pela participação!

Desenho 9 – Águia-Real

Fonte: acervo da autora.

3.2.9 Águia-Real: “Eu acho que através da escola eles vai me dar uma oportunidade pra trabalhar na rua”

Águia foi identificado desta forma por ser um homem forte, sério, sisudo, de poucas palavras, como a águia-real²⁹, que é considerada uma ave de pouca socialização e normalmente vive sozinha junto às matas.

O estudante tem 28 anos, cursa o segundo ano do ensino médio e foi matriculado na escola da unidade há mais ou menos um mês. Somente respondeu o que foi questionado, não quis conversar sobre outros assuntos, mas, ao mesmo tempo, foi bastante cordial.

Águia nunca trabalhou; diz perceber que a escola poderá lhe ajudar a conseguir um trabalho e que é pelo trabalho que está estudando, que pode conseguir um trabalho na rua enquanto está preso e, posteriormente, ter um comprovante para dar-lhe condições de procurar um emprego. Percebemos sua preocupação com o presente, com o trabalho que pode conseguir estando matriculado na escola.

Quando indagado sobre o que aprende na escola, respondeu que está relembrando o que aprendeu anteriormente: Português, Matemática, Biologia e Física. Do que aprendeu, não soube identificar algo que foi significativo para a sua vida e, quando perguntado sobre se lembra de algo diferente, nos diz apenas a palavra “normal”.

Sobre os professores, o estudante diz que ensinam bem, passam conteúdo, explicam e solicitam que os estudantes façam exercícios. Conta que existe respeito entre professores e alunos e que conversam sobre isso. Não soube responder quais sugestões daria para a melhoria da escola na unidade, por entender que a escola é boa e que aprende da mesma maneira que se estivesse em uma escola fora da unidade.

A entrevista

Pesquisadora: Eu vou gravar nossa entrevista, tá?

Águia: Sim...

Pesquisadora: Tudo bem?

Águia: Tudo bom...

Pesquisadora: Eu estou gravando pra poder aproveitar todas as conversas porque é muita gente que eu estou entrevistando. Mas o nome não vai ser divulgado. Eu estou aqui pra fazer um

²⁹ Águia-real (*Harpia harpyja*) (ARCOLINI, 2015, p. 23).

estudo com vocês. Eu estou estudando as escolas, como funcionam, e vim nessa aqui também, pra entender o que vocês me contarem. E aí eu pedi pra que vocês pudessem me ajudar a fazer esse estudo contando como que é a escola pra vocês. Tá bom?

Águia: Sim...

Pesquisadora: Você frequenta a escola há quanto tempo, mais ou menos?

Águia: Eu tinha parado, aí voltei.

Pesquisadora: Voltou há quanto tempo?

Águia: Tem poucos dias, foi mês passado eu voltei a estudar.

Pesquisadora: Entendi. Você está em que série?

Águia: Parei no 2º ano.

Pesquisadora: Do médio? Ou do...

Águia: Do... Não, do...

Pesquisadora: Do fundamental?

Águia: Passei a 8ª série, aí...

Pesquisadora: Ah, então do ensino médio? Lá fora você estudou?

Águia: Estudei.

Pesquisadora: Você estou lá até que série?

Águia: Até o 2º.

Pesquisadora: Até o 2º e agora você tá aqui há pouco tempo?

Águia: É, isso.

Pesquisadora: Entendi. E essa escola pra você aqui, assim... Como que ela é pra você? O que que você aprende?

Águia: Ah, eu tô aprendendo, é... Lembrando, né? Do que eu tinha aprendido já um pouco. E é isso.

Pesquisadora: E o que que você aprende nessa escola?

Águia: Ahn? Português, Matemática, Biologia... Física...

Pesquisadora: E tem algum assunto, assim, que você aprendeu, alguma aula que você acha que foi importante pra você?

Águia: Não...

Pesquisadora: Mais importante?

Águia: Não...

Pesquisadora: Nada?

Águia: Normal...

Pesquisadora: Nada assim de diferente?

Águia: Não.

Pesquisadora: E o que mais? Como... Como são as aulas? Como o professor ensina?

Águia: Ensina bem...

Pesquisadora: Aham... E como que é? Como que acontece a aula?

Águia: Ah, ele passa a... O conteúdo. Depois ele explica, passa uns exercício e nós faz.

Pesquisadora: E não tem nenhuma atividade diferente?

Águia: Não.

Pesquisadora: Nenhum bate-papo com o professor?

Águia: Não... Tem, assim, as perguntas, né? Que ela faz. Que aí ela fala pras pessoas da sala. As mesma opinião. Isso...

Pesquisadora: Entendi... Você trabalha?

Águia: Não.

Pesquisadora: E você acha que a escola vai te ajudar no trabalho?

Águia: Eu acho que sim, por isso que eu tô estudando.

Pesquisadora: Como você acha que vai te ajudar?

Águia: Eu acho que através da escola eles vai me dar uma oportunidade pra trabalhar na rua.

Pesquisadora: Entendi... É, porque tem que estudar pra poder trabalhar? E quando você sair daqui você acha que vai ajudar?

Águia: Eu acho que sim também.

Pesquisadora: Em que sentido, você acha que pode te ajudar?

Águia: Com... Com o papel, né? Comprovando que eu tô... Que eu estudei. Parei em tal ano, em tal lugar.

Pesquisadora: E como que é, assim, as aulas com relação a respeito, a compromisso?

Águia: São... São bom, ô, dona. São bom.

Pesquisadora: Os professores?

Águia: Aham...

Pesquisadora: Têm respeito?

Águia: Têm.

Pesquisadora: Os alunos têm respeito?

Águia: Têm, têm.

Pesquisadora: Conversam sobre isso?

Águia: Têm, muito respeito.

Pesquisadora: E conversam? Sobre isso nas aulas?

Águia: Também.

Pesquisadora: Entendi. É... Se você fosse avaliar o ensino aqui na unidade, o que que você falaria do ensino da unidade?

Águia: Da unidade? Bom.

Pesquisadora: É bom?

Águia: Pelo menos minha opinião, bom.

Pesquisadora: Você se sente...

Águia: Bom.

Pesquisadora: Como na escola?

Águia: Como se fosse na escola. Pra mim é o mesmo aprendizado.

Pesquisadora: Uhum... E, se fosse dar alguma sugestão pra melhoria da escola aqui, qual sugestão você daria?

Águia: Ah, aí eu não daria nenhuma não, porque pra mim tá bom... [risos] Pra mim tá bom, professora.

Pesquisadora: Então tá bom! [risos] Quantos anos você tem?

Águia: Vinte e oito.

Pesquisadora: Vinte e oito, entendi... Você trabalhava, chegou a trabalhar?

Águia: Não, não cheguei a trabalhar nenhuma vez.

Pesquisadora: Agora que vai... Que você está aguardando o trabalho?

Águia: Isso.

Pesquisadora: Então é isso...

Águia: Tá bom?

Pesquisadora: Agradeço a sua participação.

Águia: Obrigado eu.

Pesquisadora: Muito obrigada, ajudou bastante aqui...

Águia: Tá bom! Tchau.

Desenho 10 – Papagaio-do-Pará



Fonte: acervo da autora.

3.2.10 Papagaio-do-Pará: *“Inclusive eu sei ler e escrever por... Por ter estudado dentro da cadeia, que na rua mesmo eu já vim quase... Semianalfabeto pro presídio”*

Papagaio. Assim identificado, é um homem de 45 anos, alegre e simpático. Fala com a voz bastante alta e, diferente dos outros estudantes, nos questionou por várias vezes durante a entrevista, sobre o que tratávamos; parecia que havia alguma preocupação em dar a entrevista. De maneira análoga, o papagaio-do-pará³⁰ é um pássaro considerado bastante falante, emite barulhos altos todo o tempo e seu canto é bastante ruidoso.

Ele relata estudar na escola da prisão desde 1993, e diz que anteriormente havia estudado até a 2ª série. Atualmente, cursa o sétimo ano do ensino fundamental. Afirma, ainda, que a escola é importante por ensinar a ler e escrever, a ter postura, identificar placas, preencher formulários e que, além disso, ela possibilita ficar afastado da multidão que fica “falando besteira”. Por isso, entendemos que, ao frequentar a instituição escolar, tem-se a oportunidade de sair momentaneamente do ambiente de convívio com os demais detentos. *“Bom, a gente aprende primeiro, né? Ler e escrever. Ter uma... Uma postura diante da sociedade também como um cidadão, né? Como você poder ler uma placa, preencher um formulário... É... Poder falar, é... Pousadamente muitas vezes... A gente erra, a gente, né? Não é... Mas... Eu vejo, assim, um refúgio pra mim dentro da escola, né? Que a gente fica meio... Aqui dentro, aqui você fica afastado daquela multidão ali, que só fica falando besteira. Então você vem pra cá e se concentra.”*

Informa que os professores passam lições e também atividades que despertam a curiosidade nos estudantes, relembram situações e que também incentivam a leitura. Além disso, quando perguntamos sobre como são as aulas, fala do carinho que os professores têm com os estudantes. *“Eu acho bom. Eles chegam, eles são educados, cumprimenta a gente, chama a gente de meninos... [risos]”*.

Afirma, ainda, estudar fora do período das aulas. Estuda Matemática, por ter dificuldades nesta área, e também procura anotar frases, escrever, uma vez que produz um livro. Diz que este reflete o assunto sobre como entender o ser humano, e que a escola lhe abriu portas e o capacitou para a escrita. *“E, então isso também me abriu portas, né? E me deu essa, essa capacidade de escrita.”*

Sobre a aprendizagem na escola da prisão, Papagaio avalia ser fundamental, por ter contato com os professores, e que eles o ajudam e o escutam, entendem o ser humano e,

³⁰ Papagaio-do-pará (*Graydidascalus brachyurus*) (ARCOLINI, 2015, p. 50).

portanto, há a possibilidade de abrir o coração sobre seus próprios assuntos. *“É fundamental pra gente. Eu acho fundamental, sim, que muitas vezes até um professor, querendo sim, querendo não, ele escuta um pouco a gente, do nosso ser, do ser humano da gente. E é bom! Que muitas vezes você não encontra ali, você encontra uma pessoa que vem lá de fora... Dá uma aula pra você aqui e muitas vezes você abre um coração um pouco, ali. Negócio de família, te dá um alô, te dá uma dica. Te abre um caminho. Pessoas inteligentes, né?”*

Com relação à sua avaliação do trabalho escolar na unidade, comenta que faltam condições de trabalho para o professor, sobre existirem cobranças, opressão, e que trabalham em situação precária, principalmente no que diz respeito aos materiais, embora para os estudantes o ambiente se encontre bom, limpo, e apenas faltem, mesmo, umas horas a mais de estudos.

Ao ser perguntado sobre cadernos e livros da biblioteca, relata que não leva o caderno para estudar na ala e que os cadernos utilizados são aproveitados de outros estudantes que não estudam mais. Ademais, diz que ainda não fez nenhum empréstimo de livros, por ter analisado o acervo e não se interessar por nenhum.

A entrevista

Pesquisadora: Tudo bem? Vou gravar nossa conversa, tá bom? Pode sentar...

Papagaio: É negócio de justiça, não?

Pesquisadora: Não! Não é justiça. É educação. Vou te explicar...

Papagaio: Ah, bom. Se fosse a justiça eu já ia embora... [risos]

Pesquisadora: Não, aqui você não tá devendo nada pra ninguém. [risos] Eu trabalho na área da Educação, estou fazendo um estudo sobre as escolas. Como as escolas ensinam, como os alunos aprendem. E eu vim aqui pra vocês me ajudarem a entender como funciona esta escola.

Papagaio: Uhum...

Pesquisadora: Então vou perguntar como você acha, o que você sente aqui na escola. Você estuda aqui há muito tempo? Quanto tempo?

Papagaio: Não, tem uma semana e pouco, né, que eu tô estudando aqui. Mas eu já venho passando nos presídios desde 1993... E de 93 pra cá, até os anos de hoje, eu sempre estudei dentro dos presídios. E inclusive eu sei ler e escrever por... Por ter estudado dentro da cadeia, que na rua mesmo eu já vim quase... Semianalfabeto pro presídio.

Pesquisadora: Você nunca estudou fora da unidade?

Papagaio: Do presídio?

Pesquisadora: Isso, na rua?

Papagaio: Já estudei na rua, só que acho que até a 2ª série, e o resto eu concluí aqui. Hoje eu tô na 7ª. Mas porque estudei aqui dentro do presídio.

Pesquisadora: Aqui dentro... Em cada lugar que você passou, você estudou?

Papagaio: Todos os lugar que eu passei, eu sempre coloquei meu nome pra estudar, porque é bom aprender.

Pesquisadora: Então lá fora estudou até a 2ª série e aqui você já chegou na...

Papagaio: Na 7ª série... Sempre estudando nos presídio.

Pesquisadora: E essa escola do presídio, como é pra você? O que você aprende? Você sabe me contar, o que você aprende?

Papagaio: Bom, a gente aprende primeiro, né, ler e escrever. Ter uma... Uma postura diante da sociedade também como um cidadão, né? Como você poder ler uma placa, preencher um formulário... É... Poder falar, é... Pousadamente muitas vezes... A gente erra, a gente, né? Não é... Mas... Eu vejo assim um refúgio pra mim dentro da escola, né? Que a gente fica meio... Aqui dentro, aqui você fica afastado daquela multidão ali que só fica falando besteira. Então, você vem pra cá e se concentra.

Pesquisadora: Você acha que aqui é mais...

Papagaio: Eu acho como se fosse uma igreja. [risos] Eu não frequento a igreja, mas eu sei como se fosse uma igreja que aqui eu me sinto paz, né?

Pesquisadora: Aham...

Papagaio: Agora, que eu acho que uma hora se tiver escola vai chamar eu tô aqui.

Pesquisadora: E que assuntos se discutem aqui na escola?

Papagaio: Todos, né? Os professores às vezes não só passa as lições, né? Às vezes também passam pra gente algumas coisas que a gente tem curiosidade em aprender, umas coisas que a gente esqueceu, sobre família, se a família tá bem, onde você nasceu... Que estado que você é... Esse tipo de situações, né? Eles desenvolve a gente pra leitura, incentiva a ler, que ler é bom.

Pesquisadora: Aham... E como são essas aulas?

Papagaio: Eu acho bom. Eles chegam, eles são educados, cumprimenta a gente, chama a gente de “meninos”... [risos]

Pesquisadora: Quantos anos você tem?

Papagaio: Quarenta e cinco.

Pesquisadora: Quarenta e cinco, é um menino ainda! [risos]

Papagaio: Da terceira idade, né? [risos]

Pesquisadora: Ainda não. [risos]

Papagaio: É... Tá chegando lá. E eu acho bom a educação dentro do presídio... Eu tenho outro irmão que tá preso também, ele segue o mesmo caminho. Ele tá tirando 18 anos, eu tô tirando 20 e pouco. E a gente sempre aprendeu dentro da cadeia, né? Pelos estudo.

Pesquisadora: Ele também estuda? Seu irmão também estuda?

Papagaio: Estuda. A gente que não deu valor a... O que eu fiz aqui na escola já me abriu vaga de emprego lá na rua, por saber escrever... Por saber... Ter uma 7ª série. Que eu saí, cometi a besteira de fazer o que eu fiz, de novo vim pra cá. Mas tô indo embora de novo e pretendo seguir minha vida...

Pesquisadora: Já está pra sair?

Papagaio: Tô... Mais uns seis meszinhos tô em casa.

Pesquisadora: Tá em casa... Então é bom pra aproveitar pra estudar.

Papagaio: É! E já me abriu portas de emprego.

Pesquisadora: Aham... Aqui você tá trabalhando?

Papagaio: Ainda não. E... Lá na rua, né? Me abriu portas de emprego. Tá abrindo o metrô, como limpeza. Não no metroviário, né? Mas fazendo serviço terceirizado. De limpeza em condomínio...

Pesquisadora: Ah, que bom!

Papagaio: E no metrô, no trem... Então, me abriu portas já.

Pesquisadora: Já te ajudou bastante nisso, não é mesmo?

Papagaio: Não posso negar, não.

Pesquisadora: Voltando à questão de como aprende, como são as aulas?

Papagaio: Os professores procura que a gente tenha... A gente que já é um pouco mais de idade, né? Aquelas pessoas... Então já tem um pouco a mente... Não é igual a mente de um jovem mais, que aprender... Que a gente teve problema com álcool, teve... Um pouco demorado, mas os professores procura... Passar o melhor deles pra gente aqui. Que eu aprendi, se eu falar que eu não aprendi, não aprendi. Tô aprendendo...

Pesquisadora: Entendi... Você chega a estudar fora daqui? Quando você vai pra ala?

Papagaio: O que eu mais procuro fazer, assim, que eu sou fraco, é Matemática. As outras matérias aí eu sempre tirei notas boas, 7,5, 8,5... Agora, Matemática é 2,5, é 3,5. Eu sou ruim, mas eu procuro, é... Escrever também, muito! Fico pensando em anotar frase porque eu tô escrevendo um livro...

Pesquisadora: Escrevendo um livro sobre o quê?

Papagaio: Tô, então pra mim é bom. Sobre como entender o ser humano.

Pesquisadora: Nossa!

Papagaio: É profundo.

Pesquisadora: Imagino!

Papagaio: E então, isso também me abriu portas, né? E me deu essa, essa capacidade de escrita.

Pesquisadora: E você pesquisa pra ler esse livro ou tira as ideias da sua cabeça?

Papagaio: Eu pesquiso. Não! Eu pesquiso o dia a dia das pessoas, com quem eu converso, quem eu falo. Do vizinho aqui, na rua.

Pesquisadora: Você lê algum livro pra poder fazer essa pesquisa?

Papagaio: Às vezes, sim. Às vezes eu leio, sim. Mas eu tiro mais, assim, da minha autovisão. Do dia a dia, do que eu escuto, do que eu vejo, o tratamento de uma pessoa pra outra pessoa... Então, aí eu vejo...

Pesquisadora: Vai tirar muita coisa daqui.

Papagaio: Tem! Muita coisa daqui, da rua e em geral, né?

Pesquisadora: Teria muita vontade de ler seu livro.

Papagaio: Ah, a senhora é só gravar meu nome. Quando a senhora ver o autor Papagaio...

Pesquisadora: Ah, vou anotar aqui!

Papagaio: Aí a senhora vai ler ele.

Pesquisadora: E eu vou comprar seu livro [risos]. Então você acha que a aprendizagem aqui na unidade te ajuda?

Papagaio: É fundamental pra gente. Eu acho fundamental, sim, que muitas vezes até um professor, querendo sim, querendo não, ele escuta um pouco a gente, do nosso ser, do ser humano da gente. E é bom! Que muitas vezes você não encontra ali, você encontra uma pessoa que vem lá de fora...

Pesquisadora: É...

Papagaio: Dá uma aula pra você aqui e muitas vezes você abre o coração um pouco, ali. Negócio de família, te dá um alô, te dá uma dica. Te abre um caminho. Pessoas inteligentes, né?

Pesquisadora: Entendi! Do trabalho a gente já falou... E como você avaliaria a escola daqui? O que você acha que tem de bom, o que você acha que tem de ruim? O que você acha que te dá possibilidades boas? Ou não?

Papagaio: Sinceramente, o que eu vejo os professores muito reclamar aqui, que a gente também vê aqui, é que falta condições pra eles tão vindo trabalhar aqui também. Né? Eles cobram muito dos professores aí, mas também não dá ajuda.

Pesquisadora: Uhum...

Papagaio: Falta giz, não tem um quadro verde. Se esse quadro aí riscar com uma caneta que não apaga, já ouviu falar nos professor que o professor vai ter que pagar o quadro. Então, também eles vive também uma opressão também aqui.

Pesquisadora: Você está falando na parte do professor. E pra você? O que você acha que falta? Que faria, ou não... Como você avaliaria?

Papagaio: Uma diferença dentro da sala de aula?

Pesquisadora: É...

Papagaio: Ah, o ambiente tá normal, né? Tá limpinho, tá... As condições não tá tão ruim, precária... O que falta mesmo, acho que umas horas mais de escola. [risos]

Pesquisadora: É? E você chega a estudar alguma coisa lá na ala, não? Você leva caderno?

Papagaio: Não, é... Por enquanto, do tempo que eu comecei a participar aqui do ensino até hoje, eles não deram pra gente nem caderno nem nada. Então a gente tá participando com os caderno de pessoas que já saíram, que não estão mais aqui. Então, fazendo um rascunho no que eles já escreveram, por cima. Usando o caderno deles.

Pesquisadora: E você chega a pegar livro na biblioteca? Já pegou livro?

Papagaio: Aqui ainda não... Aqui ainda não cheguei pegar ainda, não. Porque eu dei uma olhada ali, analisei, e não achei nenhum que... Me chamasse atenção.

Pesquisadora: Que tipo de livro te interessa?

Papagaio: Eu gosto muito de científico, né? Romance também, um pouco. Da natureza humana, que fala sobre a humanidade.

Pesquisadora: Você lembra algum livro que você leu? Que você gostou bastante?

Papagaio: Eu li o “Cabana”. Eu li ele, muito bom aquele livro lá. E li também o... Esqueci o nome. “Heróis da fé”! Esses dois livros eu consegui ler. Os outros é Chico Xavier, esses livro aí. A gente folheia, mas não dei importância não.

Pesquisadora: Entendi... Muito bom! Ah, é isso! Você me ajudou bastante!

Papagaio: Obrigado!

Pesquisadora: Ajudou muito pro nosso estudo!

Papagaio: Tem mais um... E a gente tava com um fantasma na mente, que que seria isso, né?

Pesquisadora: Não é nada de unidade, é da escola mesmo. Eu só quero saber como funciona. Aí eu virei um outro dia pra conversar com os professores, eles também vão contar.

Papagaio: Dá uma força pros professor aí, pra eles ter umas condição melhor aqui que eles merece. Só isso só.

Pesquisadora: Então tá bom! Obrigada viu?

Papagaio: Nada!

Desenho 11 – Curió



Fonte: acervo da autora.

3.2.11 Curió: “Eu tinha sonhos, objetivo, né? Ser alguém na vida. E aí tinha acabado esse sonho, tinha acabado. Mas agora voltou de novo, né?”

O curió³¹ é um pássaro comum de ser encontrado em cativeiro e vive solitário. Por este motivo, denominamos este estudante assim. Ele relatou que, antigamente, não gostava da escola, pois não gosta de se socializar e prefere não conversar com os demais. *“De início mesmo eu não queria estudar de jeito nenhum, né? Não gostava de estudar. Até falei pra professora e tudo que eu não gosto de tá com outras pessoas, gosto de viver no meu mundo, né? Já chega lá na ala que a gente tem que aguentar todo mundo. Prefiro não ter conversa. Mas, é... Chegou um dia que eu já falei: ‘não, hoje eu tô gostando de estudar’. Mas no começo mesmo eu não queria estudar, não. De jeito nenhum, não queria.”*

Com 37 anos, o estudante está preso há 19 anos e cursa o 4º ano do ensino fundamental. Diz ter estudado fora da unidade nesta mesma série e agora voltou por, no momento, entender que os estudos são importantes para conseguir um emprego lá fora. *“De saber que eu vou aprender algo, que chegar lá fora eu vou poder arrumar um emprego melhor do que às vezes eu espero, né? Então é isso que eu tenho na minha cabeça, na minha mente.”*

Conta também que, em algum momento de sua vida, seus sonhos haviam acabado, mas que atualmente retornaram. Demonstra acreditar que a escola pode trazer-lhe a possibilidade de melhorar de vida, arrumar um emprego, fazendo uma relação com o passado e o futuro.

Quando perguntado sobre o que gosta de aprender, Curió diz ter facilidade em Matemática e que está se dedicando a outras disciplinas em que ainda tem dificuldade; no entanto, segue aprendendo a gostar delas.

Quanto aos estudos fora do período das aulas, relata ser proibido levar cadernos e outros materiais para a área da habitação; sobre os empréstimos de livros na biblioteca, conta ser permitido, mas que ainda não se interessou. No momento não está trabalhando, apenas estudando e por isso acredita que poderá se dedicar mais às leituras. E diz que, se tivesse de ler algum livro, seria sobre assuntos relacionados a História, Estudos Sociais, Geografia.

Curió percebe que a escola é importante para o trabalho, por ser uma regra na unidade estar estudando para conseguir um emprego.

Sobre a avaliação do ensino dentro da unidade, afirma que hoje está melhor que antes, haja vista que, antigamente, eram os próprios detentos que davam aula e hoje são os professores

³¹ Curió (*Oryzoborus angolensis*) (BUZZETTI, 2008, p. 26).

da rua. Além disso, assinala que os estudos possibilitam a remição da pena e que possui material para estudar.

A entrevista

Pesquisadora: Eu vou gravar a nossa conversa, tudo bem?

Curió: Aham...

Pesquisadora: Eu vim aqui hoje pra fazer um estudo. Pra um trabalho que eu estou fazendo, sobre escola, sobre educação. E vim pedir pra que vocês me ajudem a entender um pouquinho a escola daqui, como funciona. Tudo bem?

Curió: Tá bom, tudo bem!

Pesquisadora: Então, eu queria saber sobre a escola, sobre como você se sente. Faz tempo que você tá estudando?

Curió: Não, faz pouco tempo que eu tô estudando. Eu... No começo eu não queria estudar, né? Aí foi pedido pra estudar, que a prioridade é de quem tá na escola pra poder arrumar serviço. Quem tava no serviço, quer acabar o serviço e ser transferido outro serviço, era prioridade. Pra quem tava na escola. Mas eu mesmo, no início, eu não queria estudar. De início mesmo, eu não queria estudar de jeito nenhum, né? Não gostava de estudar. Até falei pra professora e tudo que eu não gosto de tá com outras pessoas, gosto de viver no meu mundo, né? Já chega lá na ala que a gente tem que aguentar todo mundo. Prefiro não ter conversa. Mas, é... Chegou um dia que eu já falei “Não, hoje eu tô gostando de estudar”. Mas no começo mesmo eu não queria estudar, não. De jeito nenhum, não queria.

Pesquisadora: Lá fora você estudava?

Curió: Estudava... Estudei até a 4ª série. Passei da 4ª pra 5ª série, aí parei. Aí fui preso em 99, né? Eu tô até hoje preso, eu tô com 37 anos. Já tem 19 anos preso. E eu estudei pouco tempo no cárcere... É, lá fora também. Tanto lá fora como aqui dentro.

Pesquisadora: Lá você estudou até que série?

Curió: Até a 4ª série.

Pesquisadora: Até a 4ª, você falou!

Curió: É, a partir da 4ª pra 5ª, isso! A professora chegou até chorar o dia que eu falei pra ela que eu não queria estudar, não gostava de estudar, né? Aí depois fiquei com maior dó. Aí depois fiquei sabendo que o estudo é bom pra gente. Ajuda muito, mas no começo eu não queria. Não tinha interesse, não. Aí agora não, agora eu faço questão de tá estudando.

Pesquisadora: No começo você achava que a escola era o que pra você?

Curió: Que era ruim...

Pesquisadora: O que você sentia?

Curió: Que era ruim, pra mim não ia, tipo assim, não ia ter futuro pra mim.

Pesquisadora: Ah! Entendi.

Curió: Eu não tive o entendimento que eu tô tendo agora. Que eu posso ter um futuro melhor, eu posso tá estudando, eu posso tá aprendendo coisas que vão me ajudar em alguns tipo de serviço, setores, né? De... Mas quando eu dei meu nome agora, dessa vez, porque passaram uma nova lista, quem queria e quem não queria. Eu já dei que queria. Então, na primeira lista eu não tinha interesse nenhum, né? Eu não tinha interesse, então não coloquei. Agora nessa, eu já vim com interesse. De saber que eu vou aprender algo, que chegar lá fora eu vou poder arrumar um emprego melhor do que às vezes eu espero, né? Então é isso que eu tenho na minha cabeça, na minha mente.

Pesquisadora: E...

Curió: Eu vou arrumar um emprego melhor.

Pesquisadora: E fora o emprego, assim, claro que o trabalho é muito importante, a escola é muito importante pro trabalho?

Curió: Uhum...

Pesquisadora: Mas fora o emprego, o que que você acha que a escola faz de diferente na sua vida, ou não faz nada, enfim?

Curió: Não, é o que eu falei pra senhora. É a mesma coisa. Acho que ela vai me ajudar me educar, né? Cada vez mais, um pouco mais. E arrumar um bom emprego, às vezes até uma faculdade, se formar. Ontem eu me informei com a professora, falei se havia possibilidade da gente, ex-presidiário, poder se formar. Ela falou: “Lógico que tem”.

Pesquisadora: Lógico que sim. Você é uma pessoa comum, como qualquer outra.

Curió: Isso, isso! Aí eu peguei e falei: “Tá bom, professora”. Então, isso aí também ajuda muito, né? Me alegrou bastante, né? Meu coração, por esse motivo aí também de que eu posso me formar, né?

Pesquisadora: Uhum...

Curió: Tem uma irmã minha que tem 40 anos de idade, ela tá no 3º colegial agora. Então ela não desistiu. Não tem idade também. A professora falou: “Não tem idade”. Eu tô com 37, tô preso, mas não tem idade, né? Pra parar, né? Pra desistir...

Pesquisadora: Lógico que não. Eu não estou estudando até agora?

Curió: Também?

Pesquisadora: Com 41.

Curió: É mesmo, é? Igual a minha irmã também.

Pesquisadora: Estou estudando até agora. Aqui com vocês, aprendendo. Hoje é vocês que estão me ensinando.

Curió: Caramba! Que bom, né?

Pesquisadora: E o que que você aprende, que te chama a atenção, que você lembra que você aprende/aprendeu esse tempo de escola aqui?

Curió: Porque faz pouco tempo agora, né? Que eu voltei, né? Do começo era isso que eu falei pra senhora. Eu tinha sonhos, objetivo, né? Ser alguém na vida. E aí tinha acabado esse sonho, tinha acabado. Mas agora voltou de novo, né?

Pesquisadora: Mas você foi na aula agora, esse semestre já?

Curió: Tô vindo, tô.

Pesquisadora: Me conta sobre uma aula que você gostou.

Curió: Que foi boa?

Pesquisadora: É... Se foi boa ou se não, a experiência.

Curió: Não, todas as aulas é boa. Eu gosto mais da aula de Matemática. As outras aulas, eu tô começando a aprender a gostar agora. Tô me empenhando mais nas outras aulas porque Matemática eu tenho bastante facilidade pra Matemática. Não sei se é dom, não sei o que é. Sei quando a professora dá a aula na lousa eu vejo, rapidinho com facilidade eu pego a Matemática. As outras matérias já é mais difícil. Então, agora eu vou procurar me focar mais nas outras matérias. Que eu tenho mais dificuldade, né? É isso...

Pesquisadora: Entendi... E o que mais? Você leva algum caderno, estuda alguma coisa lá na ala?

Curió: Não, não, não! A gente estuda aqui mesmo. No tempo que a gente tem...

Pesquisadora: Não pode?

Curió: Não pode levar, né?

Pesquisadora: Entendi...

Curió: Parece que é proibido.

Pesquisadora: E o livro aqui da biblioteca?

Curió: Livros pode pegar...

Pesquisadora: Você já pegou?

Curió: Não, ainda não peguei ainda. Por esse motivo mesmo, porque tinha falta de interesse. Agora, como veio o interesse, tá vindo o interesse mesmo, de coração mesmo, eu tô falando. Aí sim eu vou começar a pegar livros também, pra ler, né? Passar o tempo, porque eu tava no serviço, faz um ano que eu fui cortado. Eu trabalhei um ano e 15 dias no serviço, então eu fui

mandado embora do serviço. Agora eu tô só na escola, então vai dá tempo pra mim poder ler livros, né?

Pesquisadora: Uhum... Entendi... E a escola, também ajuda o trabalho?

Curió: Ajuda, ajuda! É... Eles falou que a prioridade inclusive é mais pra quem tá estudando, né? Pra emprego e tal, porque a pessoa que quer trabalhar, ela tem que estudar, tem que... Não que é forçado, mas a pessoa tem que estudar, né?

Pesquisadora: E se você tivesse que ler algum livro, que assunto que você gostaria de ler? Que você ia gostar de ler?

Curió: Se eu ia gostar?

Pesquisadora: É!

Curió: Ah, livro de História. É... Dentro da escola, né? Romance também, né?

Pesquisadora: É, porque aqui é uma biblioteca, tem tudo quanto é tipo... Romance...

Curió: Mas, mas eu ia... História, Estudos Sociais, Geografia.

Pesquisadora: Mas e outros tipos de livros?

Curió: Pra vida mais um romance mesmo, né?

Pesquisadora: Entendi... Pelo tempo que você tá aqui na escola e pelas escolas que você passou nos outros presídios, como que você avaliaria o ensino na unidade? O que que falta, o que está bom?

Curió: Eu acho... Eu acho que melhorou hoje um pouco mais, porque antes era... Acho que, se eu não me engano, não tinha remição, se não me falho a memória. E era os presos mesmo que dava aula. O próprio preso mesmo dava aula. Mas tinha preso que era preso, mas era inteligente, né? Tinha estudo, né? Pra dar aula. E hoje são os professores da rua. Parece que ganha remição também de pena. Então ajudou muito nisso aí. Material tá tendo, né? Material pra estudar tá tendo. E, acho que pra mim não tem muito o que falar mais não, isso aí, sobre isso.

Pesquisadora: Que bom! Fico feliz, agradeço a sua ajuda! A ajuda de todos vocês que me ajudaram hoje, me ajudaram muito.

Curió: Aham... Tá bom!

Pesquisadora: Tá bom?

Curió: Obrigado, tá bom?

Pesquisadora: Obrigada!

Curió: Pra que servem essas entrevistas?

Pesquisadora: Ähn?

Curió: Essas entrevistas?

Pesquisadora: Elas vão pra minha pesquisa...

3.2.12 Professora 1: “A diferença... Eu não sei a diferença. Eu sei que eu gosto daqui porque eu me sinto útil. Eu vejo resultado rápido”

A Professora 1 pouco conhece outras escolas. Formada há dez anos, na maior parte desse período trabalhou em escolas do sistema prisional. Sua formação é em Letras e ministra aulas na área de Linguagens e Códigos, portanto, nas disciplinas de Português, Inglês e Artes.

Diz sentir-se útil trabalhando na escola da prisão e que consegue perceber rapidamente os resultados do trabalho com os estudantes. E entende a diferença que os projetos fazem no envolvimento dos estudantes com a escola.

Quando indagada sobre a metodologia, discursa sobre suas aulas serem planejadas, e diz tomar como orientação o plano curricular. No entanto, às vezes não o segue à risca, devido a acontecimentos na aula e/ou à falta de interesse dos estudantes por determinados assuntos.

Com relação às salas multisseriadas, afirma que, para conseguir desenvolver um bom trabalho, verifica o que os estudantes já sabem e parte desse ponto. Alega que durante o período letivo de seis meses os estudantes conseguem aprender e alcançar o mesmo nível de conhecimento ao final. Por conseguinte, os estudantes conseguem expressar-se e não saem da aula com dúvidas.

Em nenhum momento de nossa conversa a Professora 1 expressou algum conhecimento sobre a proposta pedagógica da unidade ou as diretrizes pautadas pela Secretaria Estadual da Educação.

Quando perguntamos sobre quais são as aprendizagens dos estudantes na área de Linguagens e Códigos, a professora relatou que o que está dando certo são os debates a partir de atividades de leitura. E, nesse caso, apresentam bastante interesse.

Além disso, a entrevistada relata, por sua experiência, que os estudantes de fora da unidade têm menos interesse e menor conhecimento do que aqueles que frequentam a escola da prisão. *“Pelo menos eu tenho retorno. Eu vejo o resultado do meu trabalho. Se você realmente tá a fim de trabalhar aqui, você tem o retorno. Lá fora você não tem”*.

Sobre a instituição, a Professora 1 não alegou nenhuma dificuldade de trabalho, não mencionou as regras da unidade, as relações com os profissionais e com os estudantes. Quando indagada sobre as sugestões que faria para a melhoria do trabalho escolar, disse não haver nenhuma sugestão, mas aos poucos admitiu que existe dificuldade na organização dos horários dos professores e que trabalha nos períodos da manhã, tarde e noite e isso a atrapalha, pois dedica todo o seu dia à unidade e tem muitos intervalos entre as aulas.

A entrevista

Pesquisadora: Boa tarde, tudo bem? A nossa pesquisa é pra saber como funciona a escola e se os alunos aprendem, e qual é o significado da escola pra eles. Já entrevistei os estudantes a semana passada e agora eu vou entrevistar cinco professores.

Professora 1: Sim...

Pesquisadora: Pra iniciarmos, qual que é a sua formação? Eu acho que eu lembro, mas...

Professora 1: É Letras, Português e Inglês.

Pesquisadora: Aham... Há quanto tempo você é formada?

Professora 1: Desde 2008.

Pesquisadora: Há quanto tempo você leciona?

Professora 1: Eu acabei de me formar e já fui convidada pra trabalhar. Então foi assim, em 2008, o finalzinho, eu acabei. Quando começaram as aulas, eu estava trabalhando. Então não tive problemas, assim, não. E estou até hoje.

Pesquisadora: Gosta de trabalhar aqui?

Professora 1: Então, eu entrei em caráter emergencial e acabei gostando. Experimentei o vírus, gostei...

Pesquisadora: O vírus... [risos].

Professora 1: E tô até hoje, e gosto e tô aí.

Pesquisadora: Pra você, o que significa trabalhar aqui ou em outro lugar?

Professora 1: A diferença... Eu não sei exatamente a diferença. Eu sei que eu gosto daqui porque eu me sinto útil. Eu vejo resultado rápido.

Pesquisadora: Esse que é o significado, pra você?

Professora 1: É... A gente percebe, né? Vários projetos. E é um outro público, não é? Um adulto. Então eles... Não tem aquela bagunça de lá de fora. Do médio e do fundamental. E com os projetos eles absorvem bem e eles se envolvem nas aulas e tudo, é bem gostoso trabalhar aqui.

Pesquisadora: E eles se interessam?

Professora 1: Sim! Quer dizer, a gente tem que puxar eles. Se você... Dependendo da aula que você dá, né? Mas a gente atrai eles. E eles acabam se envolvendo e sai projetos interessantes. Eles participam, sabe? Eu gosto!

Pesquisadora: E você leciona pra área toda de Linguagens e Códigos, é isso?

Professora 1: Sim. No meu caso é Português, Inglês e Artes. É que eu faço aquela interdisciplinaridade e às vezes eu envolvo ou uma disciplina que eu estou trabalhando, já entra outra, uma coisa puxa a outra... Porque às vezes, você sabe como que é. A gente entra pra dar uma aula planejadinha, aí de repente vira e você arranca a cartinha da manga e vai transformando e acaba ficando bom.

Pesquisadora: Então é assim que você atua nas suas aulas?

Professora 1: Sim!

Pesquisadora: Como que é a metodologia das suas aulas?

Professora 1: Eu planejo...Eu estudo bastante o que é importante. Tem o plano curricular, tudo bonitinho. A gente segue ele. Mas eu vou ser honesta com você, eu não sigo à risca. Porque eu entro na sala pra dar determinado assunto, eu vejo que não tá interessando muito, eu trato de entrar com outro. E vou inserindo aos pouquinhos. Quando vê, já aprendeu até a primeira intenção. É meio complicadinho. Eu não tenho dificuldade porque eu já estou tão acostumada a fazer isso...

Pesquisadora: E as salas são multisseriadas?

Professora 1: São. Então tem esse detalhe. Você tem que dar de acordo... Você vê o que eles já sabem, né? E aí você vai acrescentando. O importante... Eu não sei como é que o pessoal faz, eu já deixo claro pra eles que no final do ano, do ciclo, do semestre, que seja... Porque é EJA, né? Então a gente tem seis meses aí pra recuperar. Tem que chegar todo mundo igual, e chega. Chega, consegue...

Pesquisadora: Eu conversei bastante com eles na semana passada. Mas, todos que eu conversei, acho que até por dificuldade de se expressar... Eles não conseguiam ter clareza do que aprendem e o que é significativo pra eles. Nas aulas eles falam isso? Porque talvez na aula, que é uma coisa cotidiana, eles consigam se expressar melhor.

Professora 1: Se expressam, eles falam... Eu falo pra eles que não é pra sair da minha aula com dúvida. Que é pra falar na hora, aí se eu não souber eu falo “não sei, vou pesquisar e trago a resposta”. Eles têm certeza que eu trago porque eles já sabem.

Pesquisadora: Mas com relação a eles falarem “olha, isso está sendo significativo pra mim, isso está sendo importante pra mim em tal coisa”. Eles falaram bastante da questão do trabalho. Que têm que estudar pra trabalhar, mas, independente disso... Desenvolvimento dele enquanto pessoa, que ele percebe que está sendo diferente... Eles chegam a se expressar com relação a isso?

Professora 1: Olha, aqui, que eu dou aula aqui e no Belém 1 e aqui no 2 aconteceu uma coisa muito interessante. Duas coisas na semana passada. É o tal negócio, né? Eu sempre trago uma

pastinha com os textos dentro. Pra emergência, sabe? E aí eu puxei o Dalton Trevisan. O Dalton Trevisan, ele tem uma peculiaridade, assim. Ele deixa no ar, é pra você pensar, né? Então, é... “O apelo”³². E eles adoraram. Cada um tem uma opinião. Eles se soltaram. E pra... Porque tem as provas, Encceja, tudo. A gente tem que pensar. Trabalhar e já pensando lá na frente. Falei: “vou jogar esse...”, e é um texto complicado. Porque... Uma coisa que você vê e não tem fim. Eles são acostumados a ver: “... e acabaram felizes para sempre”. Tem que botar essa turma pra pensar. Não é assim, a vida não é assim, e foi muito interessante, sabe? Eles participaram, cada um de um jeito. “Ai não, mas não pode ser ela, pode ser a outra, não sei...”. Virou uma coisa a sala, um debate, sabe? Foi uma aula bem dinâmica que eu dei aqui. À tarde e à noite. E eu gostei tanto, eu saí tão feliz que a noite eu tinha aula aqui, que a minha maior carga é aqui. Eu já repeti e foi um sucesso. Eu falei: “maravilha, eu acho que estou no caminho”. Aí eu tenho... Como Códigos e Linguagens, eu fiz uma outra coisa superesquisita, sabe? É, legal! Você vai inventando, assim, eles gostam, eles gostam. A turma é bem dinâmica mesmo. E eles se soltam.: Eles falam. Se você perguntar: “eu quero saber a sua dúvida. Você tem algum problema, alguma dúvida?” Tem que saber falar também. É... “O que... Que dificuldade você tá tendo? Se abre, é tua chance”. Você vai conversando, conversando, eles acabam falando. E aí o resto é com você. Pesquisadora: Acho que você já falou um pouco disso, mas como você percebe a diferença do trabalho aqui e do trabalho nas outras escolas que não são do sistema prisional?

Professora 1: É que faz muito tempo que eu não trabalho fora, hein. Mas, semestre passado eu peguei poucas aulas... Problemas de horário de escola, essas coisas... E eu, na quinta-feira eu tinha vaga, eu comecei a eventuar³³ numa comunidade. Eles têm muita dificuldade pra aprender. Eu não sei se é porque estou acostumada com o sistema prisional... Eu achei que lá fora eles têm muito mais dificuldade. E é assim, se você dá uma aula mais puxada um pouco, pouca coisa... Tem pais que reclamam. Eu achei isso, assim... Né? Porque, que que faz além de estudar? Comer, beber e dormir? Não. Tem que ter um pouquinho de responsabilidade.

Pesquisadora: E aqui você acha que consegue fazer um trabalho mais interdisciplinar do que lá? Um trabalho mais reflexivo?

Professora 1: Eu acho que sim. Pelo menos eu tenho retorno. Eu vejo o resultado do meu trabalho. Se você realmente tá afim de trabalhar, aqui você tem o retorno... Lá fora você não tem.

³² Disponível em: <http://releituras.com/daltontrevisan_apelo.asp>. Acesso em: 21 fev. 2019.

³³ “Eventuar” é o termo utilizado por esses professores para o trabalho como professor substituto na rede estadual de ensino.

Pesquisadora: E pra gente fechar, se você tivesse que dar sugestões sobre qualquer coisa. Esquece que a [nome da coordenadora pedagógica]³⁴ está aí! Risos.

Professora 1: Não, não tenho não.

Pesquisadora: Esquece que a [nome da coordenadora pedagógica] está aí!

Professora 1: Tranquilo, tranquilo...

Pesquisadora: Sobre qualquer coisa... Que sugestões você daria pra que melhorasse o trabalho? Quais sugestões você daria para que houvesse mudanças positivas?

Professora 1: Olha, nós temos um problema, sim. Qual é? Abre sala, fecha sala. Então, não é no CDP, porque não é o CDP que tá fechando e abrindo sala. O problema está... A gente sabe que o problema está dentro da escola. Eu não tô falando isso porque a [nome da coordenadora pedagógica] tá aqui, não. Porque em qualquer unidade abre e fecha sala. Então não fala com ninguém... Você chega pra dar aula, é uma confusão, é altamente estressante isso. Pra todos os professores. Então, como é que você chega, fecha uma sala, não avisa ninguém? Aí você faz uma atribuição absolutamente contrária do que você pretendia. Dois dias depois, vai, abre essa sala de novo. Aí você vê que você perdeu as salas porque você... De certa maneira, você foi forçado a pegar porque era o que tinha na hora. E aí? Aí você vê que as salas voltaram, que você podia tá trabalhando onde você quer, no horário que você quer, que ó... Eu acho que é o correto. Você trabalhando feliz, você rende muito mais. O teu trabalho, ele é otimizado quando você tá feliz no lugar que você quer... Com o horário bacana... Né? Não tem dúvida disso.

Pesquisadora: E se tem esse impacto pra vocês... E pros estudantes, como você o impacto dessa coisa de abre sala, fecha sala?

Professora 1: É que aqui no prisional é muito rotativo. Então, acho que eles nem sentem isso. Por causa da rotatividade, talvez eles não sintam isso... Então, eu acho que quem sente mais são os professores. E eu, por exemplo, estou trabalhando... Hoje eu teria três aulas de manhã aqui. Né? Aí, agora... Aí eu fico de janela.

Pesquisadora: Fica aqui esperando? Aqui dentro?

Professora 1: Aqui dentro esperando. Aí eu dou a terceira aula agora... Da tarde. Aí eu fico esperando de novo pra dar a segunda aula da noite e aí eu vou embora. Eu não vou te falar de amanhã porque senão você vai falar: “não, isso não é possível!”

Pesquisadora: Fala, é bom falar...

Professora 1: Porque eu tenho mais de cinco horas vagas esperando aqui...

Pesquisadora: Você fica cinco aulas aguardando?

³⁴ Uma das profissionais que atua na coordenação pedagógica da unidade prisional permaneceu na sala durante toda a entrevista.

Professora 1: Você não consegue ler e estudar cinco horas seguidas depois de tantas janelas e ficar... Não tem como. Que eu sou rato de biblioteca, eu leio demais, eu adoro. Mas eu confesso, eu não consigo ficar cinco horas esperando lendo nada.

Pesquisadora: E nessas aulas que você pega, quantas são ao total? Você trabalha no Belém 1 e no Belém 2.

Professora 1: É... Eu estou com 32.

Pesquisadora: E entre essas 32 tem um período grande que você fica aguardando, é isso?

Professora 1: Todos os dias eu tenho janela.

Pesquisadora: E você trabalha quais períodos?

Professora 1: Manhã, tarde e noite. Porque eu não tive opção. Porque só tem médio... Tem um médio de manhã... Tem um médio à tarde e dois à noite. A minha ideia inicial era eu pegar... Tanto faz aqui no 2 ou no Belém 1. Eu não estou olhando que Belém é. Eu preciso trabalhar! Então a minha ideia era pegar 28 aulas, porque aí eu pego três salas de dia e tá de bom tamanho pra mim. Mas não tinha como, não tinha... Eu sentei, eu raciocinei, eu pensei. Não tinha como encaixar. Eu falei: “então vou pegar essas 32 mesmo, fazer o quê?” Acabei de pegar, poucos dias depois abriu a sala. E eu não posso voltar. Claro! Já atribuí. É esse o problema. E eu estou falando por mim, mas... Eu não sei se os outros professores chegaram a comentar isso com você, mas isso está acontecendo com todo mundo. Esse horário ficou perdido pra todo mundo. Está todo mundo com esse problema.

Pesquisadora: Então é isso. Agradeço sua participação!

3.2.13 Professora 2: “Eles gostam muito de participar. E vai fluindo. A aula flui aqui! A aula não fica travada.”

A Professora 2 tem formação em História e Pedagogia e ministra suas aulas na área de Ciências Humanas, que inclui as disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia.

Sua experiência nas classes do sistema prisional é de um ano, mas já trabalha com estudantes que cumprem medidas socioeducativas na Fundação Casa há quatro anos, tendo experiências como professora eventual³⁵ na rede estadual de ensino.

Quanto ao significado do trabalho, a professora diz que aprende muito, pois ministra outras disciplinas que não são de sua especificidade de formação, e os próprios estudantes

³⁵ Modelo em que os substitutos permanecem na escola durante todo o período de aula e são convidados a atuar como assistentes dos titulares. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/594/4-acoes-para-subsidiar-o-professor-eventual>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

colaboram na construção da aprendizagem de todos. Entretanto, existe a dificuldade de como envolver todas as disciplinas. *“Todo ano a gente fala, a gente tem aquela dificuldade, aquela deficiência em relação a como abraçar. Essas salas multisseriadas. Como fazer? Como acontecer? Como a gente elabora planos, projetos, em cima de alunos que estão do 6º ao 9º ano, tudo junto? E aí a gente não tem aquele respaldo, a gente tem muitas teorias, mas a prática mesmo, a gente acaba fazendo do nosso jeito.”*

Para além disso, ela declara que pela legislação existe uma formação que acontece nas ATPC, que são duas horas semanais e, assim como os professores, o coordenador responsável por ministrar essa formação não possui experiência suficiente para formá-los.

Quando indagada sobre como organiza suas aulas, a professora alega grande dificuldade. Logo, prefere atribuir as aulas do ensino fundamental abrangentes na área de Ciências Humanas, apenas Geografia e História. As aulas são preparadas em sua casa, normalmente nos finais de semana. Em nenhum momento demonstra conhecimento da proposta pedagógica, somente comenta sobre a legislação que dá diretriz ao programa.

Descreve também a dificuldade de permanência na unidade, como a Professora 1, pois os intervalos entre as aulas são constantes. Conta-nos que em um dos dias da semana permanece na unidade por um período de 12 horas e que, diferentemente de outras escolas, não há lugares próprios para que possa permanecer nesses intervalos, acabando por ficar em seu carro.

Sobre o interesse dos estudantes nas aulas, esta professora expõe que, apesar de haver alguns detentos que estudam apenas para reduzir a pena, em sua maioria contribuem com as aulas, participando e conversando. Dessa forma, a aula flui. Além disso, conta que alguns estudantes percebem o significado da escola em suas vidas. Entretanto, a professora não nos relatou de qual forma, apesar de ser questionada sobre isso.

Acerca das sugestões para a melhoria do desenvolvimento escolar na unidade, a professora descreve seu descontentamento com a formação que recebe. Diz ser preciso ler e se aprofundar, e faz críticas às questões que são levantadas, mas que não se refletem na prática atual.

A entrevista

Pesquisadora: Para a pesquisa eu vou fazer o levantamento dos dados, vocês não serão identificados. E eu trouxe aqui um roteiro de perguntas. Então, para começar... Qual é a sua formação?

Professora 2: A minha formação é História. Sou licenciada em História. E aí eu fiz uma complementação, também licenciada, mas uma licenciatura curta em Pedagogia. São as duas áreas do conhecimento.

Pesquisadora: Faz tempo que você é formada?

Professora 2: Minha formação em História foi em 2013, e aí a Pedagogia eu me formei em 2015.

Pesquisadora: Aham... E há quanto tempo você leciona?

Professora 2: Eu dou aula desde maio... Abril de 2013.

Pesquisadora: E já deu aula em outra escola ou só aqui na prisão?

Professora 2: Sim, a minha formação... Comecei como eventual. Eu acho que a maior parte de nós ingressamos eventualmente. Aí, logo em seguida uma professora se afastou e aí eu abri meu primeiro contrato. Depois a gente passou por aquele processo de afastamento. Na época tinha quarentena³⁶ nos primeiros dois anos, depois a duzentena³⁷. Aí eu peguei o afastamento de quarentena. Resolvi expandir. Fazer cadastro nas diretorias. Estavam abertas as inscrições na Diretoria Leste 5, me inscrevi, aí surgiu. Vagas pra Fundação. E aí eu falei: “ah, vou tentar”. E já estão fazendo quatro anos que eu estou trabalhando com esse projeto pasta³⁸. Quatro anos de Fundação e quase um ano no projeto prisional.

Pesquisadora: Uhum... E como que é esse trabalho pra você? O que ele significa?

Professora 2: Então, eu acho que esses quatro anos, somando o que eu estou trabalhando no projeto pasta, ele tem sido, assim, um ano que a gente aprendeu muito. Primeiro porque a gente já começa a trabalhar com disciplinas as quais não são nossas. Por exemplo, eu sou de Humanas, eu sou de História. Tenho que dar aula de Geografia, de Filosofia, de Sociologia... Apesar de estar relacionado com as Ciências Humanas, com o humano, com a história, ela contribui. São ciências que contribuem. Elas têm suas especificações. E nisso é algo que a gente acaba aprendendo muito. Por exemplo, um aluno faz uma pergunta sobre Geografia, porque eles questionam. Eles também dão a contribuição deles. Que é um pouco... Isso é o que difere um pouquinho da rede. A gente acaba sempre aprendendo um pouquinho mais. Porém, por outro

³⁶ Quarentena é o termo utilizado para o tempo de interrupção de contrato obrigatório de professores temporários da Seesp. Lei complementar nº 1.314, de 28 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2017/lei.complementar-1314-28.12.2017.html>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

³⁷ Duzentena refere-se ao tempo de interrupção de contrato obrigatório de professores temporários da Seesp. Lei complementar nº 1.093, de 16 de julho de 2009. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2017/lei.complementar-1314-28.12.2017.html>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

³⁸ “Projeto pasta” é o termo utilizado pelos professores para designar projetos da Seesp. Oficialmente são chamados de “projetos especiais da pasta”, que são ações, projetos ou programas que atendem às necessidades diferenciadas dos cursos regulares de ensino.

lado, entra toda aquela questão... Todo ano a gente fala, a gente tem aquela dificuldade, aquela deficiência em relação em como abraçar, né, essas salas multisseriadas. Como fazer? Como acontecer? Como que a gente elabora planos, projetos, em cima de alunos que estão do 6º ao 9º ano, tudo junto? E aí a gente não tem aquele respaldo, a gente tem muitas teorias, mas a prática mesmo a gente acaba fazendo do nosso jeito.

Pesquisadora: Para trabalhar isso, como acontece? Existe uma formação, pela legislação nós temos a ATPC, não é mesmo?

Professora 2: Horas aulas, atividade...

Pesquisadora: Como que funciona?

Professora 2: Há um tempo atrás... Esse ano nós já tivemos muitos coordenadores. E uma das sugestões... Pessoal até falou: “ó, se alguém tiver uma sugestão... Eu acho que teria uma professora até que ela poderia nos ajudar, porque ela tem bastante conhecimento nessa área, inclusive na área de projetos”. Porém, não sei por qual motivo ela acabou não entrando e aí a gente teve diferentes coordenadores. Acaba sendo, assim, a professora coordenadora, às vezes também não tem uma formação tão específica, tão qualificada, para nos qualificar. Então a gente cobra... Do mesmo jeito que nós somos cobrados, às vezes a gente cobra os coordenadores. Mas do mesmo jeito que a gente não tem aquela especialização pra trabalhar com projetos, com salas multisseriadas, com essa variedade muito grande, né? Eu costumo não cobrar muito, não exigir muito dos nossos coordenadores porque eu também sei que...

Pesquisadora: Que eles também não têm essa formação...

Professora 2: Essa formação, né?

Pesquisadora: E como você, diante dessa dificuldade que está colocando, organiza o seu trabalho pra dar conta das salas multisseriadas? E além de ser multisseriadas são turmas organizadas por área, não é mesmo?

Professora 2: É, com diferentes idades, com diferentes contextos sociais. Mas isso também acontece na rede. Olha, Ciências Humanas, se eu pego o ensino médio eu tenho que trabalhar quatro áreas do conhecimento. Filosofia, Geografia, História e Sociologia. Se eu pego o fundamental 2, eu trabalho com Geografia e História. Então, ultimamente eu estou tentando fazer de tudo só para pegar o fundamental. Por que? Eu consigo trabalhar... Ter menos trabalho do que eu tinha nos anos anteriores. É muito difícil! Porque aí você chega na sua casa... A gente sabe que tem todos aqueles problemas, que todo mundo tem problema. Tem problema com a família, tem a parte do lazer... Mas é bem complicado pra você sentar um final de semana, aí você preparar aulas pro ensino médio, aulas pro ensino fundamental...

Pesquisadora: Você prepara aula todo final de semana?

Professora 2: Todo final de semana! Geralmente eu faço... Se eu vou viajar, eu faço na sexta. Se eu não vou viajar, eu faço no domingo. Aí eu separo lá, duas, três, quatro... E às vezes sim, claro, no decorrer da semana...Vai acontecendo alguma coisa... Um fato novo, uma pergunta, às vezes acaba a gente colocando algo a mais. Ou surgindo algo que não estava previsto.

Pesquisadora: E você trabalha aqui quais períodos?

Professora 2: Nas unidades prisionais eu trabalho no período da tarde e na Fundação Casa eu trabalho no período da manhã.

Pesquisadora: E quantas aulas você tem?

Professora 2: Ao total eu tenho 30 aulas.

Pesquisadora: Você fica, geralmente, quantas horas aqui?

Professora 2: Hoje, nas quintas-feiras, eu fico quase 12 horas. Eu entro às 7 e saio 15 pras 7. Só que no decorrer eu tenho janela. Eu parei 10h50 da manhã pra entrar às 13 horas aqui.

Aí eu saí da Fundação meio-dia e 15, vim aqui, almocei. Porque aqui a gente tem... A gente pode, né? Participar do almoço. Aí agora eu tive duas aulas à tarde e vou entrar às 5 horas da tarde na Fundação pra sair 6h45. Então dá 12 horas quase, né? Eu entro 7 e saio 15 pras 7.

Pesquisadora: E aí, na sua janela você fica onde?

Professora 2: Então, às quintas-feiras eu venho de carro. Tem dia que eu não venho, né? Porque eu divido o carro com o meu esposo. Meu esposo é gráfico, ele trabalha à noite. E os dias que eu tenho menos aula, que eu saio mais cedo, aí eu deixo o carro com ele.

Pesquisadora: Você fica no carro?

Professora 2: É, eu faço essa opção de ficar no carro. Abro... Fico lá. Tenho minha garrafa. Meu carro é uma casa. Tem chinelo, tem garrafinha de café, tem papel higiênico, tem... Tem tudo... Que a gente precisa, assim. Só não tem aquele conforto. Às vezes, quando tá muito calor, aí fica muito quente.

Pesquisadora: Não tem um espaço aqui que os professores possam ficar?

Professora 2: Então, aqui, na unidade prisional, a pessoa responsável por nós já prometeu, né? Já prometeu que nós teremos um cantinho pra gente ficar naquelas aulas vagas. Até mesmo porque aqui são várias... Vários problemas que ocorrem aqui. Até mesmo a professora aqui até acaba um pouco atrapalhando. Às vezes a pessoa precisa resolver uma coisa e tal... Mas nesse momento a gente fica aqui. Ou fica ali naquele quadradinho que tem ali fora.

Pesquisadora: Falando um pouquinho dos estudantes... Você sente que eles têm interesse em aprender?

Professora 2: Os daqui? Sim! Eu não tenho tanta experiência no prisional. Estou voltando agora, eu fiquei seis meses, agora eu estou retornando. E é muito gratificante. Até a gente

trabalhar com jovens e adultos... Claro que tem um ou outro que estuda para reduzir a pena ou por outros motivos. Mas a grande maioria, eles contribuem. Por exemplo, no decorrer das aulas eles conversam muito. Eles são muito participativos. E eles conversam coisas, realmente... Que vem fazer uma contribuição. Não são conversas paralelas. E até tinha um senhor ali, que ele falou que vivenciou o período da ditadura militar. E aí o outro colega falou: “mas você tá falando que é bom?” Meio que intimando, né? Aí eu, como professora, intervi. Falei: “mas as Ciências, a História, ela não serve pra julgar. Pra dizer: você tá certo, você tá errado. A gente precisa entender o contexto. Por que pro senhor foi bom?”. Aí ele falou: “Porque era mais organizado, não era tão bagunçado assim”. E aí um ou outro veio... Fazer um debate. Eu respeito muito isso. Eles têm uma história, eles são uma história, né? De vida diferente... Eu, particularmente, eu gosto de dar aula pra eles.

Pesquisadora: E como são as aulas? De que maneira eles gostam de aprender? Como você propõe as aulas pra eles?

Professora 2: Eles gostam muito de participar. E vai fluindo. A aula flui aqui! A aula não fica travada.

Pesquisadora: Eu percebi, nas entrevistas que eu fiz, que eles não conseguiram me dizer o que a escola significa pra eles. O que eles aprendem de significativo, o que a escola faz de diferença na vida deles... E nas aulas, eles falam isso?

Professora 2: Na verdade, foi até hoje mesmo. Um deles até falou sobre a progressão continuada. Ele, na verdade ele me interrogou, né? Falou assim: “o que a senhora tem a dizer do conselho?”, conselho de classe.

Pesquisadora: Sobre o significado da educação na vida deles. Eles discutem? Se expressam?

Professora 2: A educação... Acho que foi até uma frase de Paulo Freire, eu não sei. Eu falei hoje, inclusive. A educação liberta.

Pesquisadora: E eles conseguem perceber isso? Que a educação liberta? Eles externam isso pra você?

Professora 2: Olha, aqui, como eu te disse. Faz pouco tempo que eu retornei. Alguns sim, alguns... Eles conseguem entender a importância disso. Mas eu acho que hoje, do jeito que as coisas estão voltadas, até nós às vezes perdemos um pouquinho da expectativa. Tipo... Parece que a gente tá numa situação que a gente não consegue ver muito o significado das coisas. Mas eu ainda continuo falando... Talvez é o único momento que a gente tenha a oportunidade de realmente conseguir aquilo que a gente não teve. Mas, sim, eu acho que alguns conseguem ter essa percepção.

Pesquisadora: Entendi. Pra finalizar, que sugestões você faria pra melhorar o trabalho escolar na unidade? Pra que os estudantes aprendam melhor?

Professora 2: Olha, eu acho que nós professores que trabalhamos com o projeto pasta, a gente precisaria ter no mínimo uma formação básica. Mínima. Ninguém tá falando de uma formação de três, quatro anos. Mas a gente precisaria, e que essa formação de preferência fosse presencial. Não questiono. Tem até a... Pode falar nome de candidatos?

Pesquisadora: Pode, pode...

Professora 2: A professora Lisete, do Psol, ela até fez um debate recentemente, muito importante. O pessoal questionando essa reforma da [Base Nacional Comum Curricular] BNCC. E aí, uma das falas dela – e é o que eu concordo –, a gente não é contra o ensino a distância, mas não deve ser a primeira formação. Você não pode ter essa primeira formação. Principalmente essa formação. Ensino a distância. Então, eu acredito que as teorias, elas são boas. A gente precisa ler, a gente precisa se aprofundar. Mas a prática ajuda bastante. Então, eu sinto falta da prática. Do como fazer isso. É igual todos ATPCs, às vezes vem: “ah, mas a escola é do século XIV, o professor é do século XX e o aluno é do século XI”. Tá, mas e aí? Quais são os caminhos? Como que a gente vai fazer? Como? Me diga como a gente faz em um ambiente onde você não tem a tecnologia. Porque eles mesmo falam: “o aluno é do século XXI porque o aluno, hoje em dia, ele faz tudo com a tecnologia”. Mas a tecnologia não tá dentro da escola. E, principalmente, acho que a formação. Acho que, pra gente trabalhar aqui, a gente não pode vim tão cru, como às vezes a gente vem. A gente vai aprendendo na raça... A verdade é essa, o professor ama. Amo minhas professoras da universidade, mas a gente não aprende isso na universidade. A gente não aprende. A gente lê as teorias, a gente lê os conteúdos, tem a ideia da problematização, tem as diferenças. Mas a ideia de como, a gente vai aprendendo. Vai aprendendo... E até hoje às vezes a gente fala: “nossa, como que eu dei uma aula daquele jeito? Meu Deus do céu!” A gente erra o tempo todo. A ideia de construção não é só deles, é nossa também. Então, eu acho que se eu pudesse mudar alguma coisa, primeiramente eu acho que essa formação... Que eu não critico só os coordenadores. Eu acho que a escola precisa também olhar a gente com olhares diferenciados. Por que? Não diferenciando o professor da rede, mas uma das falas que eu não gosto de ouvir, isso é um dos motivos que às vezes eu penso várias vezes: “não vou ficar”, não falo tanto daqui. Não fico, porque a gente ouve muito aquela frase: “reclama, mas não sai”. Ninguém... Não entende. O professor, ele tá na rede, ele tem a sala de informática pra preparar suas aulas nas janelas... Ele tem um supermercado do lado, ele tem uma sala de televisão que tem... Às vezes, não é que a gente tá reclamando, mas a gente gostaria de melhorias. Apoios.

Pesquisadora: Então vamos finalizando aqui, agradeço a participação. Deixa desligar aqui...

3.2.14 Professor 3: *“Eles já passaram lá fora, já foram excluídos lá fora. Agora estão aqui. E aí, o que fazer para contribuir com isso? Cada vez mais eu acho que falta muito ainda”*

Na conversa com o Professor 3, mesmo sendo experiente ele alega falta de formação, da mesma maneira relatada pela Professora 2. Trabalha há quatro anos como professor nos presídios e há 13 anos na Fundação Casa. Sua formação é em Ciências Biológicas e atua na unidade como professor na área de Ciências da Natureza. Alega ser um docente privilegiado por sua formação, pois consegue desenvolver um trabalho pautado principalmente em saúde, assunto bastante relevante na vida dos estudantes.

Quando indagado sobre o significado pessoal do trabalho que realiza na unidade, o professor menciona a palavra “inclusão”, e conta um pouco sobre sua experiência anterior a ser professor, a qual o ajudou a entender a educação de maneira diferente.

Ele frisa haver diferença somente no ambiente, por ser um espaço de privação de liberdade; e que os estudantes, por seus históricos de vida, abandono escolar e por muitos trabalharem durante todo o dia, participam bastante das aulas e se esforçam. *“Eles estão lá, eles estão se segurando para não dormir, participam e tentam... Tentam da melhor maneira possível se apropriar.”*

O professor dedica três períodos de seu dia para ministrar aulas e diz que o que *“fazem com o professor em relação ao horário é falta de respeito, é falta de humanidade”*. Diz já ter sido mais difícil a organização dos seus horários, mas ainda encontra dificuldades.

No que se refere a sugestões para a melhoria do trabalho escolar na unidade, o Professor 3 diz que acredita na necessidade de haver maior parceria entre as instituições; que a escola vinculadora – citada pela primeira vez pelos professores – deveria ser mais aberta com relação a essas atividades. Diz acreditar que o trabalho teria mais qualidade se houvesse melhores condições para desenvolver projetos e propostas que trouxessem mais propriedades de aprendizagem para os estudantes.

Também fala sobre a carência de formação, e afirma que, nas poucas ocasiões em que esta acontece, são momentos de informações e assuntos que podem não ser pertinentes ao trabalho desenvolvido nas prisões. Ressalta, ainda, sentir-se desrespeitado, e que faltam muitas condições para desenvolver um trabalho que realmente contribua para a formação do detento estudante, o qual já foi excluído em algum momento de sua vida.

A entrevista

Pesquisadora: A intenção é fazer esta pesquisa pra tentar entender o que é significativo pro aluno. O que ele percebe da escola aqui. Se ele leva isso pra vida dele, se não leva. Conversei com 11 alunos a semana passada e agora estou conversando com os professores.

Professor 3: E o que que você sentiu da parte deles?

Pesquisadora: Eu percebi... Até eu tenho falado agora na entrevista com vocês, pra ver se vocês podem ajudar, porque eu percebi que eles não conseguiram se expressar dizendo assim: “olha, a escola é significativa pra mim nesse sentido”. Eu cheguei até a perguntar assim: “fala de uma aula ou de uma matéria”, falei na linguagem deles, assim... “Uma matéria que foi bom, que você aprendeu alguma coisa que você falou: ah, isso eu vou usar”, e eles não conseguiam...

Professor 3: Associar...

Pesquisadora: Isso. O que eles falavam muito é a questão do respeito dos professores, isso tá nítido. Que eles se sentem diferenciados com o respeito dos professores, o apoio. Olha... Aí eles falavam: “eles ensinam assim, assim, têm toda paciência comigo”. Isso ficou claro. Falaram bastante da falta de material, é... Inclusive pros professores não terem que gastar dinheiro do bolso... [risos]. Eles falavam! Falaram isso! Mas essa questão que eu vim buscar mesmo...

Professor 3: Da apropriação mesmo, da escola.

Pesquisadora: É, essa apropriação. Que que eles aprendem? Ele saber dizer o que eles aprendem e o que é significativo pra vida deles. Para mim, o que eles falaram bastante foi a questão do trabalho, que sabem fazer... Hoje sabem trabalhar com mais qualidade, sabem ler, que vão conseguir, ou já têm promessa de trabalho lá fora.

Professor 3: Escola...

Pesquisadora: E a escola. E a remissão de pena, mas essa coisa mais profunda que eu queria não consegui. Então, pra começar, qual que é a sua formação? A sua área de atuação? Há quanto tempo você se formou?

Professor 3: É... Eu sou formado em Ciências Biológicas desde 2000.

Pesquisadora: Uhum...

Professor 3: Entrei no estado em 2001.

Pesquisadora: Uhum...

Professor 3: Então, estou há 17 anos, professor. Na Fundação Casa, eu trabalho na Fundação Casa também.

Pesquisadora: Uhum...

Professor 3: É meu 13º ano lá. Trabalho em presídio, aqui no CDP 2, desde 2014...

Pesquisadora: O que que esse trabalho significa pra você?

Professor 3: Inclusão, principalmente. Posso falar um pouquinho do meu histórico como professor?

Pesquisadora: Pode!

Professor 3: É... Quando eu estava na faculdade, eu tive uma amiga que me apresentou pra trabalhar num projeto numa [organização não governamental] ONG. E inclusive, eu dava aula nessa época e me afastei um pouco do estado. Saí do estado pra assumir efetivamente esse projeto. E aí eu tive uma proximidade maior com população em situação de exclusão. Aí eu fui coordenador de um projeto que chamava Redução de Danos, pra usuário de *crack*, na Cracolândia, e pra profissionais do sexo. Fazendo o trabalho mesmo de prevenção com essa população. E à época, eu... Isso foi por volta de 2002, 2003. Eu também fui assistente de coordenação de um projeto, de um outro projeto, por essa ONG. E a gente fazia um trabalho de redução de danos também... Mas voltado pra prevenção de [doenças sexualmente transmissíveis] DST, [vírus da imunodeficiência humana] HIV, [Síndrome da imunodeficiência adquirida] Aids e uso de drogas aqui no Belém 1.

Pesquisadora: Hum, que legal!

Professor 3: Dentro do fechado. A gente fazia esse trabalho.

Pesquisadora: Pela ONG?

Professor 3: Pela ONG, em parceria com o Ministério da Saúde. E... Aí o Ministério da Saúde não financiou mais os projetos... Aí eu voltei a lecionar e um amigo, que dava aula na Fundação Casa, me falou se eu não queria trabalhar uma vez porque eu já estava há quase três anos trabalhando com essa população. Eu procuro trabalhar mesmo a questão da inclusão. Esse trabalho, pra mim, é o que me traz maior prazer. Porque, muitas vezes, dentro de sala de aula você vem com uma proposta e aquele momento não tá pra aquela proposta. Então, muitas vezes, assim, muitas discussões, muitos debates, muita coisa muito positiva que eu percebo de retorno deles em relação a isso.

Pesquisadora: Você leciona na área de Ciências?

Professor 3: É, da natureza.

Pesquisadora: Nas salas multisseriadas tem um programa pra seguir?

Professor 3: Sim...

Pesquisadora: E aí você coloca esses assuntos dentro...

Professor 3: Dentro do cronograma. Principalmente na minha área, facilita muito a minha área. Né? Principalmente a questão da saúde, questão de drogas, sexualidade, esse monte de coisa.

Então dá pra fazer... Um trabalho, um gancho muito bacana. Eu sou privilegiado de trabalhar com essa população e poder fazer esse gancho com...

Pesquisadora: É... Que mais aqui? Ah, e a gente estava falando dos alunos no começo... Que eles tiveram essa dificuldade de se expressar mesmo. Na sua aula eles se expressam?

Professor 3: Se expressam...

Pesquisadora: Essa questão de dizer qual que é o significado da escola pra eles? Porque a gente sabe que tem toda essa questão de remissão...

Professor 3: Sim...

Pesquisadora: Mas algo que eles aprendem e eles falam: “olha, professor”...

Professor 3: Sim...

Pesquisadora: E faz relação com a vida?

Professor 3: Sim, hoje mesmo... Ontem mesmo eu trabalhei célula, né? Porque a Biologia, a base é a célula, né?

Pesquisadora: Uhum...

Professor 3: Então estava dando célula pra eles. Trabalhando as células, as suas organelas, como que é o funcionamento, mitose, meiose, toda essa coisa. E, assim, a grande maioria não lembrava...

Pesquisadora: Uhum...

Professor 3: Né? Dessa aula. E nem lembrava se tinha... Nem lembrava ou sabia que existia organela dentro de célula. Que cada uma tinha uma função.

Pesquisadora: Uhum...

Professor 3: E hoje eu comecei trabalhar gêmeos com eles e aí eles já estavam associando a...

Pesquisadora: A essa questão...

Professor 3: À aula de ontem...

Pesquisadora: Aham! Isso é bacana! Então... E eles falam isso?

Professor 3: Falam! Participam...

Pesquisadora: Uhum...

Professor 3: Tem um retorno. Hoje mesmo eu ouvi... Não sei ainda... Não gravei todos os nomes ainda dessa população que chegou agora essa semana. Mas, assim, “nossa, muito legal!” Aí eu ouvi um falar: “ah, a aula de ontem... Eu nem imaginava que a célula funciona assim” [risos].

Pesquisadora: Então você percebeu que ficou.

Professor 3: Sim, ficou! Ficou...

Pesquisadora: Você falou essa questão da inclusão... Como você vê as especificidades de estar num trabalho dentro da unidade prisional, na escola da unidade prisional, ou lá fora? Para você, quais especificidades têm aqui?

Professor 3: Ah, eu acho que não tem muita diferença, de verdade, assim. Não há essa diferença, né? A não ser o espaço. Que eles são privados de liberdade. Porém, a questão do respeito da parte deles para conosco. E a vontade de aprender. Assim, porque é diferente. Na escola é tudo muito superficial, jogado, não tem um interesse mesmo de se apropriar de algumas coisas. E o que eu vejo, o grande diferencial é que, uma vez que eles tão na escola aqui, né? Até por conta de todo o histórico de vida. Muitos anos fora da escola, não tiveram oportunidade, ou perderam a oportunidade à época, né? Eles participam muito. Eles têm um carinho muito grande pelas aulas. Assim, você vê que muitas vezes num noturno, principalmente, que eles já trabalharam o dia inteiro, tão cansados... Tem dia que tá ali, você vê que eles não tão dando conta... Né? E aí é justamente nessa hora que às vezes a gente precisa, em alguns dias, até não ir pro planejado. Né? Tentar trazer um outro tipo de discussão. Você vê que, mesmo com todo esse cansaço, essa dificuldade toda, eles tão lá.

Pesquisadora: Participam...

Professor 3: Eles tão lá, eles tão se segurando pra não dormir, participam e tentam... Tentam da melhor maneira possível se apropriar.

Pesquisadora: Entendi...

Professor 3: Percebo bastante isso!

Pesquisadora: E você falou da noite. Você trabalha quais períodos?

Professor 3: Três, por causa da escola. Eu poderia estar só dois [risos]. Tive que me propor a três períodos.

Pesquisadora: E quantas aulas você tem ao todo?

Professor 3: Hoje estou com 51 aulas semanais.

Pesquisadora: E você tem muita janela?

Professor 3: Tenho. O ano passado estava pior. O ano passado foi bem pior, bem pior...

Pesquisadora: Talvez você esteja numa situação mais confortável que as meninas...

Professor 3: Porque eu tenho dois cargos...

Pesquisadora: Você tem mais tempo...

Professor 3: E um número de aulas maior.

Pesquisadora: E você tem mais tempo também.

Professor 3: Sim...

Pesquisadora: Aí a pontuação é maior.

Professor 3: Sim...

Pesquisadora: É...

Professor 3: Mas é... Assim, é um absurdo o que eles fazem com o professor em relação a horário. É falta de respeito, é falta de humanidade...

Pesquisadora: Eu sei...

Professor 3: Com os professores.

Pesquisadora: É, eu sei como funciona [risos]. E que sugestões você daria pra melhoria da educação? Com relação ao ensino formal dentro da unidade?

Professor 3: Eu acho que uma parceria maior com a escola.

Pesquisadora: Uhum...

Professor 3: Né? Porque não é a instituição aqui que é fechada pra isso. Que a gente percebe que a escola é um pouco fechada pra essa parceria.

Pesquisadora: Uhum...

Professor 3: Entendeu? É... Falta um pouco mais de boa vontade de estabelecer isso. Eu acho que entre... Até entre as duas secretarias, eu acho. Porque eles reclamaram. É verdade, assim... A gente não trabalha com o ideal de material. Daria pra fazer bastante trabalho diferenciado. A gente sabe que o estado vem cortando recursos, um monte de coisas. Mas infelizmente tem coisas que não dá pra gente fazer. Quando dá a gente ainda faz, a gente ainda se conversa, tenta trazer o que tem em casa, tenta da melhor maneira possível fazer uma vaquinha pra fazer atividades diferenciadas, porque só o conteúdo... Não adianta, fica muito taxativo, cansativo...

Pesquisadora: E...

Professor 3: O 2 tem uma proposta muito bacana, é... Que assim, eles sempre cobram projetos da gente.

Pesquisadora: Uhum...

Professor 3: Projetos de determinadas datas. Exemplo, vai, vamos colocar aí. A gente fez um trabalho aí da Copa, a gente fez trabalho de dia das mães...

Pesquisadora: Eu vi...

Professor 3: A gente fez trabalho de conscientização. E isso dá um gás pra eles, porque é algo diferente.

Pesquisadora: Uhum...

Professor 3: Né? Do que ficar ali, naquilo...

Pesquisadora: Entendi...

Professor 3: E às vezes um projeto traz muito mais propriedade pra eles...

Pesquisadora: Do que...

Professor 3: Que eles tão construindo a aula, do que lousa, lousa, lousa, lousa... Infelizmente a gente não tem.

Pesquisadora: Você tem uma vasta experiência nessa área, inclusive tem como proposta essa questão da inclusão, não é mesmo? Como você vê a sua formação pra isso? Formação que eu falo continuada, em serviço, a que a gente recebe aqui.

Professor 3: Uhum... Você fala por parte da secretaria? Não?

Pesquisadora: Não, como que ela acontece? É por parte da secretaria de lá, daqui? Como é?

Professor 3: Eu acho que falta formação.

Pesquisadora: Uhum...

Professor 3: Falta. Teve até agora um curso de “A escola dentro do presídio”, pelo... Como é que é? Esqueci... A escola de formação. Que eu não consegui. Eles fizeram uma seleção lá e eu não consegui. Mas foi o primeiro que eu tinha visto, relacionado a presídio e escola. Mas eu acho que falta mais. Assim, porque o que eu tenho é de experiência, é de bagagem, né? E a experiência de universidade. Aí o que eu trago pra cá, principalmente essa questão que você perguntou de inclusão, é uma bagagem minha.

Pesquisadora: Como é a formação que vocês têm?

Professor 3: Não tem formação. Esse curso que abriu... Que alguns professores participaram, não sei porque eu não consegui, então não sei como... Qual foi a base dele, qual era a proposta, porque eu não estava participando, né? Que era via *online*. E... Mas... O primeiro. Antes...

Pesquisadora: Mas nas ATPCs vocês discutem o que?

Professor 3: Texto. Textinho pra você discutir um texto. Não é efetivamente formação. Então... Assim, esses últimos anos aí de “João Vieira”... Entre o “João Vieira”³⁹ e “Florinda Cardoso”⁴⁰, acho que um ou dois coordenadores vieram com uma proposta de discutir mesmo. Sabe? Formação. O que a gente também percebe é que a... Não sei se exclui, eu não sei se eles não têm experiência, se a escola... Mas, por exemplo, é... Todos os professores, tanto do presídio quanto daqui do CDP quanto da Fundação participa do mesmo ATPC. Parece que o ATPC é só pra Fundação Casa.

Pesquisadora: Talvez porque nós estejamos na minoria, né?

Professor 3: É, pode ser...

Pesquisadora: São menos professores.

³⁹ A escola “João Vieira” é a antiga vinculadora que atendeu às classes da unidade até final do ano de 2016.

⁴⁰ A escola “Florinda Cardoso” é a atual escola vinculadora que atende os estudantes que estão na unidade pesquisada.

Professor 3: Isso! Então não se discute, assim, sabe? Como que é, o que acontece, o que vocês precisam. Não tem muito essa troca. Pois é, mas no geral, assim, é muito ruim... Os ATPCs quando se... Pro que de fato e efetivo ele serve. Né? Que é pra uma formação, que daria. Né? Uma formação continuada, trazer propostas... Mas fica naquela coisa desgastante, chata. [risos]. Você sabe como que é! [risos]

Pesquisadora: Sei! Você tem mais alguma coisa que você queira colocar?

Professor 3: Não. Eu acho que ainda falta um pouco de... Não sei se é imaturidade da escola, imaturidade da gestão... É... Mas, um pouco assim... Bom relacionamento com os professores, tanto de uma instituição quanto da outra. Né? A gente não se sente respeitado lá dentro. E isso não é só da instituição não, viu? Assim... Isso até por parte da supervisão da diretoria de ensino. Você ouvir uma supervisora em ATPC, ou em replanejamento, planejamento, falar que o professor atua na Fundação Casa ou no presídio porque ele não quer trabalhar... Porque é mais fácil ele dar aula aqui dentro... Então: “não sei por que vocês insistem em Fundação, vai dar aula na rede pra vocês ver o que é bom”, sabe assim? Então, muita falta de respeito! Assim, então, acho que falta um pouco de gestão. Diretoria de ensino ter um outro olhar para com os professores. Não que os professores lá fora trabalham menos ou mais. Tá? Tenham mais ou menos, assim, mas... É... É outra coisa. A problemática diferente, o contexto é diferente.

Pesquisadora: É aquilo que você falou, as aulas são as mesmas, mas é um espaço diferente, a vida... A história...

Professor 3: De vida é diferente. Tudo diferente! Eles já passaram lá fora, já foram excluídos lá fora. Agora tão aqui. E aí, o que fazer pra contribuir com isso? Cada vez mais. Eu acho que falta muito ainda. Pra nós que trabalhamos com população carcerária...

Pesquisadora: Uhum... Em conflito? Que entra a Fundação?

Professor 3: Em conflito, a Fundação...

Pesquisadora: É... Então é isso. Agradeço a sua participação. Vou desligar aqui.

3.2.15 Professora 4: “Ele tem o respeito porque ele vê a gente como visita”

A Professora 4 possui graduação em Filosofia e mestrado em Ciências Sociais. Formada há quatro anos no campo da Educação, desde então trabalha na área, sendo que na unidade prisional está há dois anos. Possui experiência com a escolarização da Fundação Casa, onde desenvolve suas atividades concomitantemente com a unidade prisional, nos períodos tarde e noite. Pela manhã, trabalha na rede particular de ensino. Por esses motivos, faz críticas à carga de trabalho desempenhada e diz não poder ser melhor profissional por não haver tempo para

estudos e preparação das aulas. Afirma ter um grande desgaste emocional, apesar de viver do que ama.

Ela relata também que a escola vinculadora não tem um olhar positivo para os professores. Isso mostra a dificuldade de desenvolver um bom trabalho.

Quando questionada sobre o que o trabalho significa para sua vida, a professora diz ser um privilégio fazer o que ama e sentir-se realizada.

Com relação à organização das aulas, alega que planejar e replanejar esse trabalho é bastante difícil por se tratar de salas multisseriadas, e que não há uma organização correta do que será trabalhado, por isso acaba alternando os assuntos entre os que são indicados pela escola e aqueles que acredita serem importantes para os estudantes.

Considera indispensável haver reuniões de planejamento e formações tratadas com mais cuidado. Faz críticas à coordenação que acompanha esse trabalho pedagógico e aponta para a necessidade desse profissional ter mais conhecimento que os próprios professores.

No que se refere ao interesse dos estudantes em aprender, a professora diz que apenas alguns demonstram o desejo de aprender, e que a maioria estuda para obter remissão de pena. *“Eu sinto muitos, assim, distante da escola e apenas com o desejo da manutenção enquanto funcional, preso funcional do cárcere.”* Ao ser indagada sobre o que seria “preso funcional”, afirma: *“ele trabalha. Ele tem o trabalho dele e ele tem a escola. Ele tem a escola como um dever... E não como um ser. Como um princípio pra que ele possa vir a se tornar um homem melhor na sociedade”*. Mesmo assim, afirma que alguns expressam o valor da escola.

Um apontamento importante: a professora entende que os estudantes do ensino fundamental têm menor interesse do que os estudantes do ensino médio.

Outra questão a se observar no depoimento da Professora 4 é que, ao mesmo tempo, ela diz que os estudantes respeitam os professores e funcionários; diz ser obrigatório e que acredita não ter conquistado o respeito, e sim, que já é uma prática exercida por eles com pessoas que não fazem parte do cotidiano da unidade. Ela faz uma relação da professora com a visita.

Sobre sugestões para a melhoria do trabalho escolar na unidade, a Professora 4 discorreu sobre a necessidade de se fomentarem atividades com materiais que possibilitem reflexão; por exemplo, filmes que possam auxiliar nas discussões dos assuntos tratados com maior interesse dos estudantes. Quando perguntada sobre outros assuntos que quisesse abordar, disse que são muitas coisas e preferiu finalizar a entrevista, pois os estudantes a aguardavam para dar continuidade à aula.

A entrevista

Pesquisadora: Ligou... Então, voltando à questão que eu estava explicando, a pesquisa é pro doutorado e a intenção é vir aqui saber como funciona a escola, como eles aprendem e se a escola é significativa pra eles.

Professora 4: O grupo...

Pesquisadora: É. Ao menos cinco professores. Então, qual que é a sua formação? Quanto tempo você está formada?

Professora 4: A minha formação é em Filosofia mesmo. É a minha segunda graduação. E na sequência eu fiz um mestrado em Ciências Sociais, porque eu abordei o tema da medida socioeducativa mesmo que seja a liberdade.

Pesquisadora: Entendi, bacana. E quanto tempo faz que você está formada?

Professora 4: Desde de 2012.

Pesquisadora: Você já trabalhou em escolas, sem ser no sistema prisional?

Professora 4: Já, trabalho até hoje.

Pesquisadora: E aqui no sistema prisional, você está há quanto tempo?

Professora 4: Dois anos dentro do sistema da secretaria da Educação, há oito anos atuando dentro de uma comunidade, né? No Heliópolis. Dando seguimento à condição da educação para os que não buscam o diploma em si. Mas sim por um conhecimento melhor, aprendizado alfabético, e tudo mais...

Pesquisadora: Lá você trabalha em ONGs?

Professora 4: Sim, é uma ONG. Há oito anos.

Pesquisadora: Lá você trabalha que horário?

Professora 4: Eu trabalho dois domingos ao mês.

Pesquisadora: E aqui você trabalha em quais períodos?

Professora 4: Agora, nessa última atribuição, consegui vir pro período da tarde, mas no primeiro semestre, no noturno.

Pesquisadora: Então você fica só à tarde?

Professora 4: À tarde e à noite. No primeiro semestre eu fiquei no noturno. Agora eu consegui mais uma sala à tarde.

Pesquisadora: Quantas aulas você tem atribuídas?

Professora 4: Eu tenho 30 aulas no total. Oito aulas na Fundação Casa.

Pesquisadora: Você tem muita janela?

Professora 4: Muita, Andréa! [risos]. Hoje, a dificuldade de eu conseguir me planejar e melhorar como professora por conta do meu tempo... Hoje, com 30 aulas, eu saio todos os dias 10 pras 5 da manhã. E volto todos os dias por volta de 11h40, meia-noite...

Pesquisadora: E aí você não consegue ter tempo de...

Professora 4: Não, na segunda-feira eu saio da minha casa às 8, eu tenho seis aulas, e volto à meia-noite.

Pesquisadora: E nessas janelas, o que que você faz?

Professora 4: Normalmente eu fico produzindo alguma coisa pra eles. Não sou uma puritana da vida, eu fumo um cigarrinho, dou uma lida em alguma coisa, corrijo prova... Como é muito mais puxado dentro da Metodista e eu agora, por conta do estado e de todas essas janelas, eu fiquei com muito receio. Porque, durante todo esse primeiro semestre, a gente ficou no aguardo dessas salas da tarde. E eu já estou na Metodista tem seis anos.

Pesquisadora: Você trabalha na Metodista também?

Professora 4: Trabalho.

Pesquisadora: Pela manhã?

Professora 4: Pela manhã.

Pesquisadora: Que nível de ensino você trabalha?

Professora 4: Do 6º ao 9º ano. Na Filosofia. E com os 3ºs anos. Do 6º ao 9º é cultura e cidadania. E nos 3ºs, Filosofia. E eu tinha... As minhas aulas sempre foram de quartas-feiras porque eu utilizava a minha sexta pra dar continuidade aos meus estudos. Eu sou bolsista do curso de libras. E aí começou esse problema: abre sala, fecha sala, abre sala... A gente tinha, assim, uma dificuldade muito grande num diálogo pra conseguir um direcionamento dentro do próprio horário. E... Aí eu pedi pra uma colega mudar o horário comigo. Conversando com o supervisor aqui mesmo do CDP. Ele falou: “ó, a qualquer hora vai abrir a sala e você não vai ter a disponibilidade”. Aí eu fui e pedi pra uma colega mudar. A minha quarta-feira se dividiu em cinco dias [risos].

Pesquisadora: Então isso te dificulta...

Professora 4: Muito! Agora, em vez de eu ter que preparar aula no período da manhã que eu tinha, eu tenho um desgaste muito grande, emocional e psicológico, pra conseguir, efetivamente, me... Porque eu sou uma pessoa privilegiada dentro de tantas, que consegue viver do que ama. Então, pra que eu consiga, realmente, me realizar, eu preciso fazer um trabalho que eu goste. E pra fazer algo que eu goste não tem como não ser com uma dedicação. A mais,

né? Eu sei que a gente tem o [horário de trabalho pedagógico livre] HTPL⁴¹, mas ultrapassa, né? Todo o esforço de um professor. Então ficou bem dificultoso. Eu não sei se ano que vem eu poderei dar continuidade num trabalho que eu gosto. Eu vou ter que escolher entre lecionar no particular e no estado. Porque, se efetivamente a situação hoje da vinculadora, se ela não olhar a gente como professores de um projeto pasta e puder modificar a nossa situação, vai ficar desumano. Eu dar continuidade em algo que eu gosto, eu gosto mesmo...

Pesquisadora: Entendi... E... Você já falou que gosta, que ama esse trabalho... E o que ele significa pra você?

Professora 4: Uma vez eu escutei o Herbert Vianna falando que é um privilégio quem ama. E ser professora num país onde a educação não é valorizada... E você ser... Você conseguir ter um posicionamento financeiro que você paga as suas contas, é um indivíduo de bem dentro de sociedade, eu acho que é um privilégio muito grande, então eu sou realizada fazendo o que eu, desde pequena, sempre quis fazer. Os meus pais eram professores também. De segmentos distintos, mas a minha família... Somos em quatro filhos e quatro professores.

Pesquisadora: E aí você foi pra esse caminho da privação de liberdade... O seu mestrado, e agora trabalhando aqui na Fundação Casa. Por que? O que isso significa pra você?

Professora 4: Minha mãe, ela era... Ela dava aula de culinária. E aí uma amiga dela morava na comunidade do Heliópolis e pediu, um dia, pra ela ensinar a fazer alguma coisa... Pra ela ajudar na renda e tal. E ela mostrou a comunidade pra minha mãe. E a gente... E a minha mãe, sabe? Começou a se dedicar muito, de ver a carência deles. E aí a minha mãe começou a dedicar todo domingo... Ir lá ensinar as mulheres a fazer quitutes, doces, bolos, essas coisas, pra que elas pudessem auxiliar na renda. E aí minha mãe acabou se envolvendo muito dentro desse trabalho, a ONG cresceu muito, eu fiz... A minha primeira graduação foi Logística, que eu ganhei a bolsa do Senai. Senac, me perdoa. E aí eu fui ajudar minha mãe dando aula... Um suporte, assim... De alfabetização, mostrando o que era logística, que eles podiam ter outro caminho... E aí comecei a me envolver dentro da comunidade. Aí, quando eu estava no 2º ano, aí eles abriram a escola pra gente. Aí eles abriram a escola e todos os professores que já eram voluntários, além do trabalho culinário que eles fazem pra dar seguimento à ONG, eles começaram a praticar o estudo da alfabetização pros jovens, não pra adolescente. Até então era só pra os jovens adultos, assim... Na grande maioria, quando começou esse trabalho, era efetivamente um EJA. Porque era um público idoso. Aí logo começou a vir, assim... Uma pessoa que já tinha participado de

⁴¹ Resolução SE nº 08/2012. Disponível em: <http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/08_12.HTM>. Acesso em: 28 fev. 2019.

alguma alfabetização dentro do cárcere e queria dar continuação aos estudos. E assim foi indo, foi indo, e aí eu comecei ter contato com os adolescentes que começaram a participar.

Pesquisadora: Uhum... E aí foi ficando.

Professora 4: Fui! Sou bem grata...

Pesquisadora: Uhum... E como que você organiza suas aulas? Como são suas aulas?

Professora 4: Olha, dentro do Heliópolis a gente trabalha muito com projeto. Eu percebo na Fundação que a gente precisa sempre fazer um resgate, assim, do que é sentimento e do que eles conhecem enquanto pessoa em sociedade. Né? Então eu pauto sempre dentro do planejamento e replanejamento, que é muito difícil, por ser uma sala muito seriada e por, no período do replanejamento e também no planejamento, ser um período que eu acredito que ele é invalidado. São seis horas que você passa com os seus amigos morrendo de pressa pra sair, o conteúdo é um conteúdo que não tem nenhum pé, nenhuma cabeça. Sempre tem um professor que ganha pelo berro. Eu não tô dizendo que não seja eu. Eu tô falando que dentro do grupo, como no planejamento desse ano, que eu, como professora de Filosofia, não consegui ganhar efetivamente... Trabalhar período socrático, período antigo, moderno e contemporâneo. A salada de fruta tá completa e eu tô tendo que trabalhar, porque foi a posição da escola: quando eu pegar o diário, eu quero ver o que tá no planejamento. Então, assim, dentro disso eu abordo o que eu acredito ser correto, com uma abordagem dentro da capacitação, e eu sempre vejo algo no mês que, efetivamente, pra ele vai fazer alguma diferença. E acabo misturando e trago parte do que ele me ensina pra parte do que eu vou preparar.

Pesquisadora: Entendi...

Professora 4: Mas eu acredito que o planejamento e o replanejamento tinham que ser datas realizadas, assim, com um pouco mais de pauta legislativa, com um pouco mais de cuidado, com um pouco mais de pessoas que tratam o assunto com conhecimento e não com vontade, efetivamente, de sair. Ir ali, voltar, vai demorar... Então, assim, tem que ser no planejamento um trabalho sério pra dar continuidade no ano todo. Não adianta eu ficar chorando o ano todo que eu trabalho com multisseriado, porque eu sei que eu trabalho com multisseriado. E isso não faz diferença. Pra... No meu conhecimento. Porque, muitas vezes, o menino que tá no 9º, ele conhece tão pouco quanto o que tá no 6º. Então, o que importa é o conteúdo trabalhado em si. E não a distinção de ser ou não ser...

Pesquisadora: Multisseriado?

Professora 4: Sim!

Pesquisadora: Você está falando dessa questão do planejamento, que tem que ser sério... E a formação? A legislação, ela aponta o ATPC e a [aula de trabalho pedagógico livre] ATPL.

Professora 4: Sim...

Pesquisadora: Como você vê isso? Como você sente isso?

Professora 4: Segunda-feira eu falei exatamente isso pra vice-diretora. A nossa coordenadora do semestre, ela saiu e voltou pra sala de aula. E a vice-diretora falou que queria uma coordenadora que fosse coordenadora. No momento do ATPC as pessoas têm, assim, a oportunidade de falar. Mas pelo acontecimento do assédio moral na educação, que você sabe que ele é existente, e a represália, né? Implicitamente, quando o pessoal prevalece do profissional. Você entende nessa questão. É... Quando você olha pra mim como pessoa e não como professora. É... Elas se receiam muito de dar a opinião. Eu falei assim: “eu já estou com tanto problema na escola que uma coisa que eu fale a mais ou a menos não vai fazer diferença”. Falei: “Que esse próximo coordenador, ele venha pautado em leis sobre a sede. Porque o que eu conheço hoje é pelo [Sindicato dos Professores de São Paulo] Sinpro, que é o meu sindicato de professor particular. Então os meus direitos e deveres, eu sei como professora do privado. Mas como público, eu conheço o que eu pesquiso. Eu conheço o que eu vou atrás. Eu conheço o que tá na internet que eu não sei se é o correto”. E aí eu dei a justificativa da coordenadora do ano passado, que ela falou que a cada ATPC ela trabalharia uma lei e um dever nosso. Como professores de projeto pasta, seríamos obrigados a colocar em prática e não só na teoria. E eu falei pra ela assim: “esse livro eu nunca vi, eu vi na mão da coordenadora da escola vinculadora e eu gostaria de ter o conhecimento dele. Porque ele não tá na sede, ele não tá na Diretoria Leste 5, eu já solicitei ele na escola”. Aí eu falei, porque muitas vezes a gente cai num lugar assim... Eu não sei o meu direito, eu não sei o meu dever. Porque cada um...

Pesquisadora: É, isso... Na verdade, no ATPC será que é o local de conversar isso? E a parte pedagógica? Como é a formação da parte pedagógica?

Professora 4: A coordenadora da vinculadora diz que seria dividido. Que teria uma divisão. Sobre a lei... Do cárcere... Do, do privado como um todo e a outra parte que nós desempenharíamos um semanário, pra que pudéssemos tentar colocar em prática no grupo, no coletivo. Então sentaríamos e teríamos mais ou menos uma conversa, um diálogo com os professores das unidades pra que o trabalho ficasse, efetivamente, melhor. É muito delicado esse horário do ATPC porque eu não sinto o pedagógico. Eu não vejo o pedagógico, eu não pego nele como pedagógico. Eu tenho meu caderno de ATPC, eu te mostro. Não tem absolutamente nada! Tem o dia que eu virei e falei pra diretora da escola: “eu quero um ATPC”; “mas você tem que ter paciência, professora”. Eu falei: “eu tenho paciência, mas enquanto professora eu sou cobrada”. E... Então, assim, quando você tem alguém que vai te representar,

você precisa de alguém que conheça um pouco mais do que você conhece. Porque é como se eu for dar aulas pros meninos...

Pesquisadora: Como é essa questão do interesse deles em aprender? De que maneira eles gostam mais de aprender?

Professora 4: É só do adulto?

Pesquisadora: Isso, desse aluno aqui da prisão. Aqui desta unidade.

Professora 4: Vai completar um ano que eu estou aqui. No ano passado eu tinha um olhar pedagógico na questão do desejo, porque tinha muito ouvinte. Da colaboração, do estar. Do sentir uma realidade próxima à liberdade porque ele estaria, durante um período, numa escola. Mesmo que seja num regime semiaberto. Hoje, depois de um tempo trabalhando bastante, assim, todos os dias, acompanhando... É... Efetivamente, eu sinto muitos com o desejo da remissão de pena. Eu sinto muitos, assim, distantes da escola e apenas com desejo da manutenção enquanto funcional, preso funcional do cárcere, né? É...

Pesquisadora: Esse “preso funcional” você quer dizer que...

Professora 4: Ele trabalha. Ele tem o trabalho dele e ele tem a escola. Ele tem a escola como um dever... E não como um ser. Como um princípio pra que ele possa vir a se tornar um homem melhor na sociedade. Eu sinto isso mais ou menos uns 30% da população da sala de aula. No começo do ano, a sala tinha um pouco mais de aluno, quando voltou as aulas tinha menos, agora a gente tá com bastante, só que eles iniciaram segunda. Então ainda não consegui fazer muito a pesquisa.

Pesquisadora: Mas tem alguns que mostram isso?

Professora 4: Tem!

Pesquisadora: Verbalizam isso?

Professora 4: Sim! Eu tenho um aluno que ele sempre auxilia os que chegam. Já comentei até com os coordenadores da unidade diversas vezes. Ele se chama [nome do aluno]. Ele tem um tempo relativo de cárcere. O princípio básico como professora em sala de aula, eu não quero jamais saber o artigo deles. Que eu acho que isso faz o nosso relacionamento ser um pouco professor e aluno.

Pesquisadora: Deixa de ser.

Professora 4: É. E ele é um aluno que, por diversas vezes, ele fala pro colega que tá do lado: “ai, eu tenho que vim pra escola, que droga, não sei o que...”, ele fala assim: “eu já vim obrigado, hoje é muito melhor. Eu tenho, assim, eu tenho aprendido falar melhor”... “Eu tenho uma visão que quando eu sair daqui eu posso ter um trabalho tão digno” quanto hoje ele trabalha. Eu acredito que ele tem um trabalho de ajudante... Ajudante geral, So? Ele é ajudante geral e ele

tem a perspectiva de quando sair ter dignidade através dos estudos, e do tempo que ele ficou dar continuidade nesse trabalho. Porque ele sabe que, pra ele ser ajudante geral lá fora, ele vai precisar do ensino médio. Tanto que ele sempre fala: “poxa, eu não vejo a hora de terminar, eu já to aqui nessa escola tem três anos, eu preciso terminar o colégio antes de sair”, pra ele dar continuidade ao trabalho. Então eu vejo nele um aluno que demonstra muito, assim, que gosta de tá em sala. No semestre passado, o que concluiu, também nunca faltou. Tinha o desejo de terminar porque ele fala que, quando ganhar a liberdade dele, ele quer uma vida diferente. Mas essa porcentagem, a que expressa, a que fala, ela é um pouco menor. Aquela que incentiva os outros. Tem um outro aluno do médio, ele também é bem, assim, encorajador aos outros. Questionador... Copia a lição, quando não entende pergunta duas, três vezes. Então eu sinto... Ele gosta bastante de Sociologia. Então ele é um, assim, são alunos que eu sinto o desejo do estudo. E mais do que sentir, eu acredito que ele hoje valoriza a oportunidade. Mas, como eu te disse, eu acredito que é uns 15% da população.

Pesquisadora: Quinze por cento que tem esse sentimento?

Professora 4: No ensino fundamental é muito menor.

Pesquisadora: Menor?

Professora 4: Muito menor! Essa semana mesmo eu falei pra eles, eu falei assim... Começou uma leva bem grande, e ao longo da aula... Você, enquanto professora, que o aluno tá assim “que horas são?”, aí na terceira vez que perguntou eu falei: “a hora é de continuar na escola, você sabe que você vai chegar no momento de ir embora quando aquela luz apagar e você sabe por que você tá aqui. Então, quando você vier pra cá e eu estiver aqui, eu não quero que você fique assim”. Ele: “ai professora, desculpa”, eu falei “não”. Porque assim, ó, o preso adulto, ele é mais contido do que o da Fundação, que é mais atrevido. O adulto, além de ser contido pela idade, é pelo próprio sistema deles. Então você tem que cortar ele na primeira vez. Não pode ter a segunda. É muito difícil.

Pesquisadora: Por que?

Professora 4: Eu sou muito humana.

Pesquisadora: Sim, sim... Mas tem que ter um certo limite, eu entendi.

Professora 4: Na Fundação a gente não pode porque ele é muito carente, pelo contexto familiar, a idade, a condição psicológica... Os benefícios, as leis que o protegem... Então você tem esse sentimento que tem que ser mais ponderado. Você tem que ter um pouco... Então aqui não, você já pode “não”, “sim”, “que horas são?”, já perguntou duas vezes “não”... Andréa, o respeito existe mesmo sem nenhum vínculo. Ele é extremamente natural.

Pesquisadora: Respeito por parte deles?

Professora 4: Deles. É uma coisa que você não precisa exigir. Eu me dei muito bem com os alunos por isso, você não precisa... O vínculo... Muitas vezes um ou outro tá discordando ou falando alguma coisa do trabalho, ele fala: “a gente tá em sala de aula, resolve lá na ala”. Eu estou ali de costas, escrevendo e tal, e aí eu escuto, eu... Então eu sinto que o respeito, ele é gratuito. Ah, um vínculo! Um... Mais do que um respeito. Eu observo, mas assim... Eu observo, mas não sinto, porque o respeito deles é involuntário. Não é... Não é nada, assim... É respeito é respeito, entendeu? Não é uma coisa assim... Pode ser que posterior ele venha a me respeitar como pessoa, mas antemão ele já é obrigado. Ele sabe, né? Das consequências. “Ah, mas isso não é respeito?” Não, ele tem o respeito porque ele vê a gente como uma visita.

Pesquisadora: Ah, entendi...

Professora 4: Como uma pessoa que vem, que se dispõe. Tive um aluno, desde o ano passado, acho que ele tinha uns 60 anos. Ele era bem senhorzinho. Ele me chamava de professorinha [risos]. Um senhorzinho me chamando de professorinha e tal. Ele falava assim... Ele falava assim, que todos os dias que tinha aula ele sentia que era um dia de visita. Ele colocava a roupa que ele tem melhor e tal. Porque os que, né? Não têm visita, eles veem a gente como pessoa que vem de fora e que se propõe a trabalhar com eles. Mas...

Pesquisadora: Isso deu pra sentir também na fala deles...

Professora 4: Ano passado eu achei uma coisa, assim, mágica! A gente estava fazendo teatro e tal, estava fazendo contagem. Aí o rapaz daqui da frente gritou: “a dona [nome da coordenadora]!” Abriu um caminho, não foi, [nome da coordenadora]? A gente passou. Eles saíram todos de lá, a gente passou, foi até a igreja e, assim, sem nenhum receio. Não é uma coisa que a gente conquista, é obrigatório. A gente não pede, é isso que estou falando. A gente adquire o respeito dele? Eu não acho que eu nunca adquiri.

Pesquisadora: Entendi...

Professora 4: Né? Eu sinto de alguns, como esses que participam mais, que eles têm a maior vontade... Às vezes você vê que ele quer falar alguma coisinha assim, sabe? É, tipo... Aquele ali que eu estou falando. Ele é um... Enquanto... Ele é do fundamental. Então, ele tem 20 anos. Como na sala tem homens de 60, ele copia muito mais rápido. Enquanto ele termina de copiar, ainda tem uns na segunda linha. Ele continua lendo... Por algum motivo ele parou o estudo no fundamental, mas ele entende a necessidade de continuar. Eu sinto que eles... Alguns me admiram como professora. Porque eles falam assim: “olha, professora, é tão importante você vir aqui dar aula e tal”. A gente não tem gratuita, a gente conquista. Porque, assim... É... Eu vejo que tem... Por exemplo, estou na Belém, e eu vejo amigas minhas chorando: “eu não

aguento mais a Belém, meu Deus do céu”, e eu amo essa casa. De verdade, assim. Eu tenho tanto carinho por eles, que eu falo: “não é a mesma casa”.

Pesquisadora: Pra finalizar, o que você daria de sugestão pra melhoria do seu trabalho, pra ter como consequência a melhoria da aprendizagem do aluno?

Professora 4: Então, pra melhorar o trabalho aqui eu acredito que a gente poderia ter algum... Algum veículo que viesse da secretaria, que pudesse...

Pesquisadora: Secretaria de educação?

Professora 4: É, sim, colaborar. Por exemplo, você já assistiu *Um sonho de liberdade*, é claro! Eu estou escrevendo semanalmente pra ver se a gente aumenta essa biblioteca. Porque a biblioteca é muito pequena... É... Então é muito... O recurso é muito pequeno. Então, pra que pudesse, assim, melhorar o desejo deles virem, seria ter um pouco mais de recurso por parte da própria secretaria. Entendeu?

Pesquisadora: Entendi. Você tem mais alguma coisa que acha importante colocar...

Professora 4: Ah, tem tantas coisas! [risos]. Não dá, e eles tão lá... Acho que eles já devem ter fumado uns 50 Arapiraca, que eu falei que era rapidinho...

Pesquisadora: Ah é! Eles tão sem aula... Eles estão sem professores?

Professora 4: Sim!

Pesquisadora: Muito obrigada pela sua participação!

3.2.16 Professora 5: “Eu acho que é respeito, ao meu ver. Não é nem disciplina, é respeito”

A Professora 5 é formada em Administração de Empresas e, pela falta de profissionais na área de Matemática, pôde atribuir aulas no programa de educação nas prisões. Também é pedagoga e trabalhou durante um ano em escola da rede particular. Na unidade prisional, trabalha há seis anos na área de Matemática, que, tanto no ensino fundamental quanto no médio, é separada das outras disciplinas.

Quando indagada sobre o sentido do seu trabalho, diz ser importante, pois pensa ser possível fazer alguma diferença na vida dos detentos estudantes. *“Ah, é muito importante! O público é diferente. E... Eu vejo é algo que a gente possa trazer para eles de diferente. Desse mundo aqui que eles vivem.”*

A Professora 5 diz que a maioria dos estudantes está há muito tempo sem estudos, por isso inicia seu trabalho de acordo com o conhecimento deles, partindo quase sempre das quatro operações matemáticas. Procura seguir as orientações do currículo oficial do Estado de São Paulo; entretanto, devido ao pouco tempo letivo – seis meses para cursos de EJA –, não consegue alcançar todo o conteúdo. Nesse sentido, também afirma que as avaliações existem, mas somente para que os alunos tenham um documento que comprove sua escolaridade, caso seja necessário, e que realiza avaliação contínua nas aulas.

Ao ser questionada sobre como registra tais avaliações, a professora diz possuir um caderno e um campo no diário escolar no qual, havendo necessidade, realiza os devidos registros.

Sobre a organização das aulas, ela diz que dentro do presídio há dificuldades pelo fato de não poder utilizar alguns materiais que seriam necessários para o desenvolvimento das aulas. *“A gente procura estar na área de segurança, a gente não pode trazer muitas coisas. Então fica um pouco complicado.”*

A professora critica o fato de não conseguir entrar em tempo para as aulas quando existe algum problema na unidade, pois entende que isso atrapalha o desenvolvimento dos estudantes, além de ser necessário retomar o conteúdo ao longo do período letivo porque as matrículas acontecem a todo tempo.

Também afirma que, com relação à Matemática, apenas 2% dos estudantes demonstram interesse e que precisa explicar aos alunos que o componente lecionado é importante por vários motivos e pode ser utilizado no cotidiano, pois em geral não conseguem realizar a transposição de conteúdos para a utilização prática em suas vidas.

No que se refere ao respeito, a professora afirma que este existe e que, diferentemente de classes de outros lugares, consegue falar, conversar. Os estudantes realizam o que é proposto, mesmo com dificuldade.

Outra questão notada no depoimento da Professora 5 é a dificuldade na relação com a escola vinculadora. Ela afirma ser difícil trabalhar, pois a organização dos horários é ruim, não há material suficiente e isso afeta o trabalho; diz que os professores não estão felizes, mas tristes e decepcionados.

Reforça a dificuldade da relação com a escola vinculadora, comentando que, além de toda a problemática já colocada, alguns detentos demonstram interesse em estudar e a matrícula não é realizada. Além disso, existem muitas limitações para o desenvolvimento do trabalho.

A entrevista

Pesquisadora: Bom, eu vou começar. A primeira questão é: qual é a sua formação e há quanto tempo você é formada?

Professora 5: Tá. A minha formação, eu sou bacharel e meu bacharel é em Administração de Empresas. Eu sou qualificada pra ministrar Matemática. Devido às 160 horas. Mas eu tenho formação em Pedagogia. E aí, este ano eu estou cursando a complementação referente ao curso de Administração pra que eu possa ser habilitada agora. Pra que eu possa prestar concurso, porque tem aquelas classificações... E aí eu vou... Vou lá pra baixo. Mas meu curso mesmo, que eu na verdade estou aqui, é Administração de... Que eu curso, que eu estou lecionando é devido à Administração de Empresas... Pela falta de professor, aí a gente consegue lecionar... Tem que ter 160 horas, se eu não me engano, pra poder lecionar.

Pesquisadora: Você já lecionou fora daqui?

Professora 5: Fora, já!

Pesquisadora: Do sistema prisional? Quanto tempo?

Professora 5: Foi um ano, mas não foi na disciplina de Matemática. Foi com o diploma de Pedagogia, para as crianças autistas. Foi um ano! Dois mil e quinze. Aí uma pena, a escola fechou e...

Pesquisadora: E aqui na unidade você está há quanto tempo?

Professora 5: Dois mil e quinze... Vai fazer... Dezesesseis, dezessete, dezoito... Três anos.

Pesquisadora: Esse trabalho desenvolvido aqui, o que que significa pra você?

Professora 5: Ah, é muito importante porque além, né? O público é diferente. E... Eu vejo assim, como eu estava agora na sala e estava lá dentro, conversando com eles... E eu vejo assim,

é algo que a gente possa trazer pra eles de diferente. Desse mundo aqui que eles vivem. Que é um mundo muito fechado. A educação, ela ainda... Ela ainda é tudo na vida de uma pessoa. Então, eu vejo que muitas coisas do que a gente fala pode ser que eles não se recordem, mas muitas coisas do que a gente fala, eles... Eles lembram. Eles não vão conseguir falar depois, reproduzir, mas naquele momento eles concordam... Então, eu acho ainda que a gente pode tentar mudar esse pensamento que eles têm aqui. A educação, a minha disciplina, tanto a minha pessoa, o diálogo que a gente tem diariamente, né? Pode ser mudado. Eu acredito nisso.

Pesquisadora: E você falou que trabalha em Matemática. A área da Matemática é separada?

Professora 5: É separada, é a única que é separada.

Pesquisadora: E o que que você trabalha com eles?

Professora 5: Então, aí depende. Porque você tem uma sala multisseriada, onde pessoas que já têm 30 anos que não estuda, 30, 20, dez anos... São poucos que têm, assim, três, quatro anos, né? E o que eu ensino pra eles? Eu começo com o básico, porque eu não tenho como seguir todo o currículo. Nossas salas não são separadas, 1º ano, 2º, 3º, 6º, 7º, 8º, 9º ano. Como é tudo junto, então eu faço assim: eu vejo que tem uma 6ª, vejo que tem uma 7ª, uma 8ª, um 9º e jogo no conteúdo. E tento trabalhar de acordo com o currículo do Estado de São Paulo, pra que não fique tão diferente. Mas mesmo assim tem muita dificuldade, devido ao tempo que eles estão fora da escola. Mas começa com as quatro operações. Às vezes você consegue chegar num conteúdo mais avançado, como uma função de 1º grau, uma função de 2º grau. Mas às vezes você não consegue nem sair.

Pesquisadora: Como são as avaliações? De acordo com o currículo do Estado de São Paulo? Ou de acordo com o que você trabalhou?

Professora 5: Como a sala, ela tem pouco aluno, não é aquela coisa. Aquela coisa, né? De 30, 40 alunos. Esse ano que tá mais cheinha. Só de você, no dia a dia... A avaliação, ela é parte, porque tem que ter. Até pra gente ter um documento... Pra eles se respaldarem. Mas tem... Tem... O que eu posso dizer é que eu não posso considerar a avaliação. Se eu der uma avaliação hoje do que eu dei há três dias atrás, pode ser que eu não tenha um resultado. E eu sei que aquele aluno, ele tem capacidade. Mas às vezes ele não consegue escrever, ele não consegue, ele tá nervoso. E então é o dia a dia. É diariamente uma avaliação com eles. É anotando, eu percebo que um tem dúvida, que... Às vezes o aluno, ele não consegue fazer uma multiplicação, uma divisão, uma soma, então aí você vê que realmente ele tá numa série que não é adequável para ele. Só que a gente tem toda essa problemática aí do estado, e vai empurrando, e vai empurrando... Mas eu não posso levar muito, a avaliação em si, que eu tenho que dar... Eu não posso considerar ela o único método de avaliação. Nunca!

Pesquisadora: Você percebe o crescimento do aluno e o que ele aprendeu?

Professora 5: Sim!

Pesquisadora: E isso você anota onde?

Professora 5: Eu tenho um caderno. Eu tenho um caderno e eu vou colocando as informações. O que eu percebo. Ou, assim, quando o aluno tem muita dificuldade, nós temos o diário lá no campo 11, eu começo fazer as minhas anotações no campo 11. É, quando você realmente vê que não tem como, né? Que não tem como e eu vou precisar... Eu vou ter que fazer que a gente, sei lá, reprove esse aluno. E eu vou ter que me respaldar. Então, eu tenho que ter ali documentos, né? Vou ter que ter avaliação, eu vou ter que ter o meu registro, eu vou ter que ter atividade de caderno, então eu tenho que me respaldar. Eu geralmente anoto. Faço as anotações, né? Mas com o passar do tempo, você vai conhecendo ele diariamente, você vai percebendo que, realmente, esse aluno, ele não vai conseguir atingir aquele objetivo que você colocou lá atrás. Que você falou: “não, eu vou tentar alcançar”. Não quer dizer que você vá alcançar.

Pesquisadora: Uhum... E como você organiza suas aulas? Que tipo de metodologia você utiliza? Como você trabalha?

Professora 5: Então, como nós estamos dentro de um presídio, dentro de uma penitenciária, eu não consigo, assim... A gente procura estar dentro de uma área de segurança, a gente não pode trazer muitas coisas. Então fica um pouco complicado. Geralmente, as minhas aulas, elas são planejadas. Eu faço um planejamento semanal. Mas às vezes, não. O conteúdo, às vezes eu não consigo alcançar porque tem algo inesperado que acontece na unidade. E eu não consigo entrar. Não é que eu não consigo entrar, é que tá aquela bagunça e a gente não... Quando vão liberar a gente, já tá quase faltando pra terminar a aula 20 minutos. Então, você tem que replanejar. E de acordo com como... É... o EJA... Você vai matriculando, a escola vai matriculando, então tem aluno todos os dias. Então, muitas vezes eu tenho que retomar todo o conteúdo, como hoje. Eu tinha até terça-feira seis, sete alunos na sala. Eu já estava dando o andamento. Dei um básico, né? Pra retomar o conteúdo já do 6º ano, porque eu deixei claro que eu não ia voltar nas operações básicas, e que, com o conteúdo que eu estou... Que eu estou dando agora, que eu comecei regras de sinais, eles iam conseguir colocar as operações básicas ali. Então não há necessidade de eu retomar aquela... Aquele básico de 1º ao 5º ano. Então... É... Mas... Hoje eu tive a surpresa de ter mais de 20 alunos na sala de aula. E aí já começa a me questionar: “professora, a senhora já tá dando aula desde o início de agosto, que que a gente vai fazer agora?” Aí eu expliquei a mesma coisa: falei que não ia retomar, mas que a gente ia tentar. Que que eu fiz hoje? Lá vai a professora, revisei tudo de regras de sinais de novo. Então, assim, é chegando aluno e saindo aluno. Chegando e saindo, e você tem que saber lidar com isso.

Pesquisadora: Entendi...

Professora 5: Se você não souber lidar... Às vezes aquele que tá num andamento... Você sabe que vai ter aquele... Aquele final ali, que ele vai alcançar o objetivo, ele vai embora no meio do caminho.

Pesquisadora: E você sente que eles têm interesse em aprender?

Professora 5: Matemática não. Só alguns. Eu posso te dizer, de uma sala acho que 98% não tem interesse. Só 2%.

Pesquisadora: Eles não se expressam, dizendo o que acham da Matemática e se é importante pra eles? E que está fazendo diferença na vida deles?

Professora 5: Não, eu que tenho que dizer, como eu disse, eu falei assim: “nós temos que agradecer muito aos estudiosos, às pessoas que estudam, estudam muito. Porque toda essa tecnologia. Toda essa tecnologia” – falei isso semana passada – “toda essa tecnologia que a gente vive aqui, o computador, o nosso carro. É... O nosso carro, onde nós vamos, tudo depende de uma pessoa que estudou e essa pessoa estudou muito. Então, assim, o que eu falo... Se vocês não gostam da Matemática, tudo bem, eu não vou fazer... Forçar você aprender a Matemática. Mas pelo menos vamos ter respeito às pessoas que gostam. Não vamos desrespeitar. Por que aquela porquinha que vai lá. Ou quando a gente vai calibrar o carro, aí a gente tira lá aquela pecinha que eu me esqueci o nome, mas tem uma pecinha que a gente coloca pra calibrar, aquilo lá é tudo medido. A roda” – né? – “Tem ângulos ali, então...” Principalmente a parte da Geometria, que é o que mais... Eu acho que é o que mais... Eles sabem muito porque eles vivem no dia a dia... E eu acho que a prática... Mas na teoria se complica... Eles não conseguem, sabe?

Pesquisadora: Fazer a transposição?

Professora 5: Fazer a transposição, não conseguem. Então eu tento mostrar pra eles que aquilo é muito importante. Mesmo assim eu falo: “olha, se não é importante pra você, pense no seu filho, em alguém, assim, que você goste. Que um dia vai chegar com um caderno e vai chegar... E vai pedir uma orientação, vai pedir isso, vai pedir aquilo”. Aí eles dizem: “é, professora, a senhora tem razão”. Hoje, acho que deve ter no fundamental 2... Estava com 20... Eu não contei, mas deveria ter uns 20 e poucos alunos. Eu acho que só dois disseram: “ai professora, eu gosto de Matemática”.

Pesquisadora: Bom, você vê diferença no trabalho, aqui na unidade?

Professora 5: Você fala em que sentido?

Pesquisadora: Qualquer...

Professora 5: Ah não, assim... Aqui dentro eu consigo dar aula. Eu consigo. Tem um respeito, totalmente... Lá fora eu não vejo respeito. É... Até aproveitando, como eu estou fazendo a

complementação... Pra pegar a habilitação, a certificação pra ser habilitada. Eu estou fazendo estágio... Fiz o estágio, 75 horas semestre passado no ensino fundamental. E eu percebi que não há interesse nenhum. Que o que eu estou lecionando, ensinando, toda essa didática que a gente faz, os conteúdos, a professora lá fora, ela não consegue às vezes nem chegar no nosso nível. Fiquei dois meses lá. Agora eu vou iniciar o ensino médio, não sei como está. Mas eu percebo isso. Eu nunca lecionei fora do prisional... Então, assim... Mas, assim, eu tive essa experiência que eu pude perceber... Mas... O adolescente vai, aí as meninas vão pintar as unhas... É o que eu percebi. Vai escutar o fone... Fica no Whatsapp, a professora pedindo toda hora pra prestar atenção, então eu vi que tem muita dificuldade. Eu, assim, entre... Se você falar, o que você escolhe? Eu vou escolher ficar aqui, continuar aqui. Porque aqui eu não preciso gritar [risos]. Eu não preciso, eu consigo falar.

Pesquisadora: Mas você acha que isso é respeito que eles têm? Ou é disciplina?

Professora 5: Então, eu acho que é respeito, ao meu ver. Não é nem disciplina, é respeito, porque... Não é nem misturando, porque na Fundação, eu dou aula na Fundação e eu também vejo isso. Que eu não preciso ficar gritando. Às vezes, em alguns casos lá, nós temos que contornar lá a situação. Tem mais uma negatividade, mas aqui não tem tanta. Mas eu não preciso me alterar em nenhum momento. Eu consigo conversar, falar, tudo que é proposto eles fazem, claro que com as suas dificuldades. Mas eu consigo.

Pesquisadora: E que sugestões você daria pra melhorar o trabalho educacional da unidade?

Professora 5: Você fala daqui?

Pesquisadora: É, do seu trabalho aqui. Da sua experiência. Tanto pro professor, quanto... Consequentemente pro aluno, para o aprendizado do estudante.

Professora 5: Não, assim... É... As aulas, elas são mais lousa, né? Matemática é mais. Então, na verdade, eu tenho que trazer as situações contextualizadas. Mas, como é um lugar onde tem uma segurança, então tem algumas coisas...: Que não podem. Que realmente a gente é barrado. A gente não pode fazer igual alguns trabalhos. Alguns, alguns... É difícil falar porque... Mas, assim, eu não vejo. A nossa problemática de professor, eu acho que toda aí é a vinculadora. Tá difícil. Tá difícil pra trabalhar, é o horário, o horário ruim. Então isso acaba... A gente acaba trazendo tudo pra gente, sabe? Então, claro que isso vai afetar no nosso trabalho, porque a gente não fica feliz... Nós não estamos felizes. Estamos tristes, decepcionados. Mas em relação à unidade aqui, eu não tenho... Eu acho que eles propõem o que tem que pôr. Se a gente pode, a gente pede uma autorização, traz um projeto, vamos trabalhar. Se não pode devido à área de segurança, nós não podemos trabalhar. Então, na unidade não tenho, né? Não tenho... Eu só falei pra eles colocarem uma lousa verde pra mim.

Pesquisadora: Os estudantes falaram bastante dessa questão da lousa.

Professora 5: É, porque o estado, ele não dá a verba pro canetão. E aqui eles não dão a verba pro canetão. Lá não se dá e a gente acaba tirando do nosso bolso. E você escreve muito, às vezes uma semana e meia não dá. Aí a gente propôs pra eles colocarem um quadro verde, porque giz é barato e até melhor pra sua didática, porque você faz uma letrinha... Eu que faço... Ensino Matemática, eu faço uma letrinha lá... Vou ensinar uma potência, x ao quadrado, eu coloco lá a base lá que eu vou ensinar, eu coloco de verde. A potência, o número expoente, eu ponho de rosa, de azul. Então isso, eu acho que até pra visualização, até pro aprendizado, é melhor do que o canetão. É a única coisa, que eu vivo falando que eles têm que, né? Mas, assim, eu não tenho nada... Daqui eu gosto muito. Eu gosto muito de trabalhar aqui. Não tenho nada que... Fazer, eles fazem. O que tem no meio aí é uma vinculadora que realmente não respeita... Não escuta, e aí fica difícil, né? É que esse ano tá melhor. O ano passado a gente teve mais problema; esse ano, no início do ano, a gente quer fazer matrícula de aluno e não consegue fazer, a vinculadora não matricula. E quem que sofre? São os alunos. Porque às vezes eles querem estudar e não tinha matrícula, não tem como fazer a matrícula. Então eu fico muito chateada por isso. Não é aqui... Sabemos que estamos num espaço onde algumas coisas... Igual, talvez um compasso, eu até possa trabalhar, mas eu tenho que tomar cuidado.

Pesquisadora: Tem essas limitações?

Professora 5: Isso! Limitações! Igual, a gente foi o ano passado trabalhar... A gente não pode trabalhar com gesso, não podemos trabalhar com argila, porque eles tão aqui, mas assim... A gente não sabe o que pode acontecer.

Pesquisadora: Entendo. Então vamos finalizar, eu agradeço. Vou desligar aqui...

4 TECENDO AS PARTES

Este tópico traz a análise das entrevistas apresentadas no capítulo anterior, a fim de compreender a escola da prisão e sua contribuição para o desenvolvimento do detento estudante.

Foram elencados pontos-chave de cada entrevista, de modo a auxiliar na compreensão dos problemas de pesquisa levantados. Os pontos foram escolhidos a partir dos questionamentos das entrevistas, já mencionados na Introdução deste trabalho, os quais foram pensados de acordo com os assuntos. Procurei entender como a compreensão é anunciada pelos entrevistados, sem perguntar de maneira explícita. Sendo assim, os pontos colocados expressaram as ideias e sentimentos dos 11 detentos e cinco professores entrevistados. Cada um deles colocou sua realidade a partir das próprias experiências, dando o sentido da análise sobre o que a escola da prisão proporciona aos detentos em termos de desenvolvimento humano.

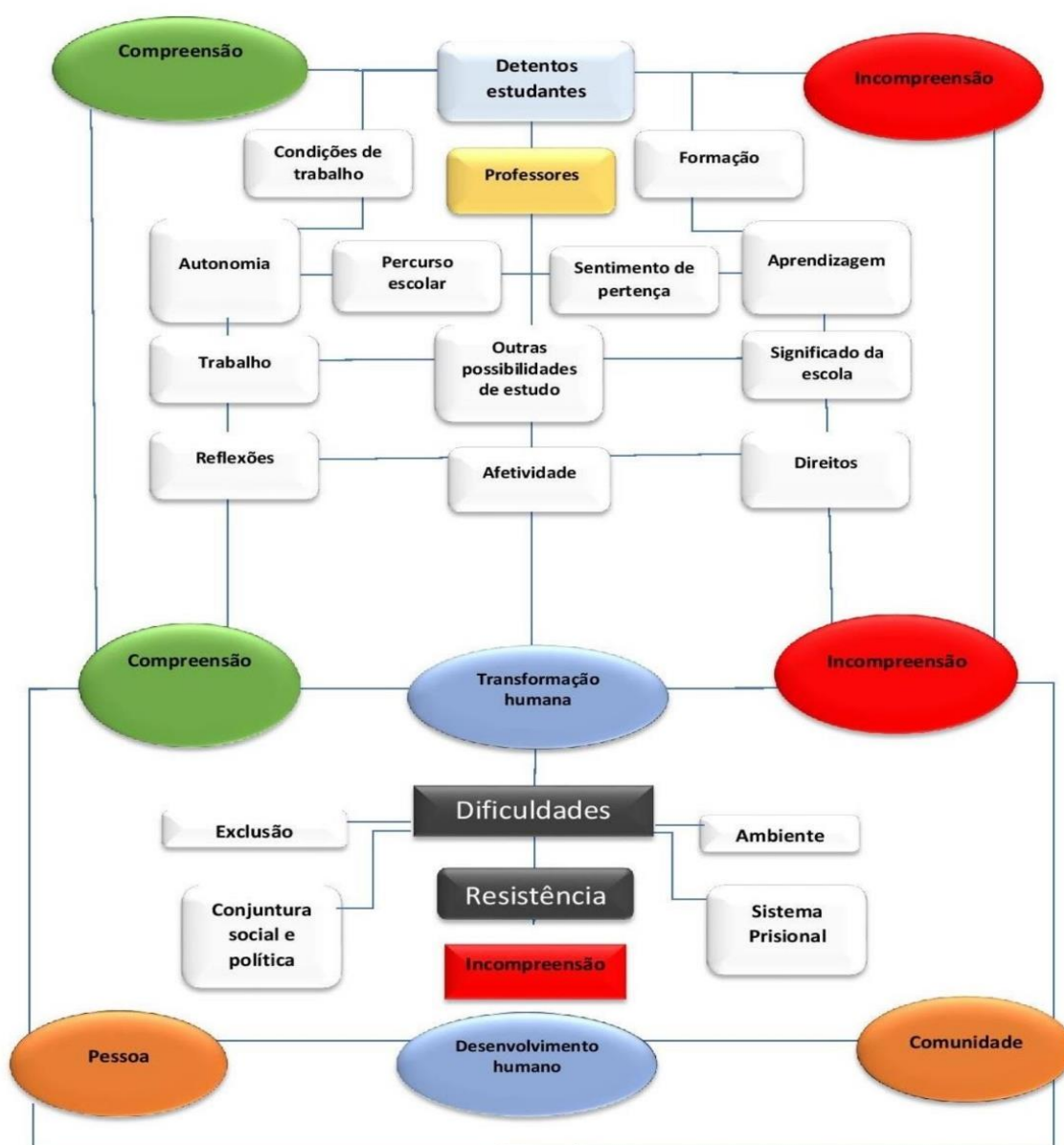
Os pontos analisados foram:

- percurso escolar
- significado da escola
- aprendizagem
- outras possibilidades de estudo
- Trabalho
- Autonomia
- Sentimento de pertença
- Afetividade
- Exclusão
- Políticas públicas de Educação

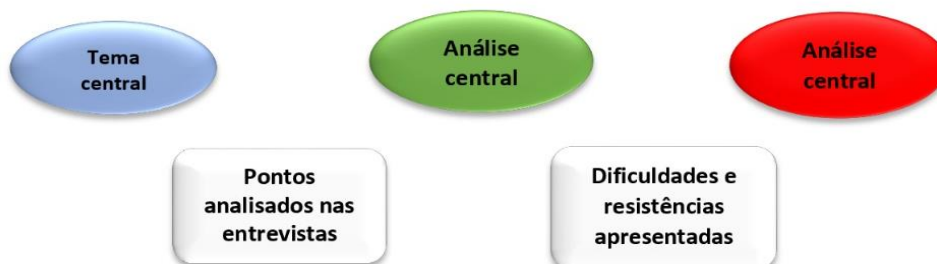
A seguir, por meio do Diagrama 2, procuramos delinear as ideias elencadas para representar os pontos explorados nas entrevistas sem favorecer um traço ou outro e, a partir das leituras realizadas, sintetizar as percepções.

Ao apresentar a rede, procuramos demonstrar as atuações em conjunto de seus elementos, a exemplo do pensamento complexo, cujas articulações envolvem a representação em redes para melhor organização do pensamento. A complexidade propõe a ideia de tecer em conjunto, ao estabelecer “constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo” (MORIN, 2011a, p. 13).

Diagrama 2 – Rede traçada com base nas observações e entrevistas



LEGENDA



Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Por meio da rede, a compreensão das interações e relações ganha visibilidade, ao se constituir como um entrelaçamento de aspectos que compõem a educação da unidade prisional,

sintetizando a ideia segundo a qual essa educação, mesmo regulada em direitos adquiridos por legislação, tem tolhidas as questões necessárias para o desenvolvimento da pessoa humana, por conta de aspectos que o impedem em vez de apoiá-lo.

Além disso, as análises são pautadas na rede apresentada no capítulo anterior (Diagrama 1), que explicita as contradições encontradas.

Ainda, cabe esclarecer que os pontos analisados são representados em seus títulos por meio de questionamentos, entendendo que os sujeitos entrevistados estão em busca de respostas que constituam o caminho para a construção de seus projetos de vida rumo ao desenvolvimento humano.

Os detentos entrevistados também trazem relatos sobre si próprios, sua condição, seus anseios e perspectivas de vida, retratando como se veem baseados no ambiente em que estão inseridos. Os relatos dos professores mostram concordância com as falas dos estudantes em diversos aspectos.

Em sua maioria, no momento da entrevista os estudantes entraram na sala de cabeça baixa, falando baixo e um pouco desconfiados acerca do que iria acontecer ali. Durante todo o tempo, referiram-se a mim como “dona”, “senhora” e “doutora”, e de maneira análoga aos funcionários citados durante seus relatos. Inicialmente, pode parecer uma maneira respeitosa de tratamento, mas, pela maneira como me olhavam, mostravam uma forma de submissão e subalternidade. Durante as entrevistas procurei mostrar minha intenção, que foi somente de pesquisa e estudo, bem como nossa situação de igualdade, pois eles estavam me ajudando na investigação.

Diante disso, consegui analisar a incompreensão que permeia o detento estudante, e diversas situações ocorridas dentro da unidade prisional. Quanto à incompreensão, entendemos que ela pode causar equívocos que levam a consequências que não condizem com a conjuntura real. Nesse sentido, Morin (2011b, p. 110) pondera:

O reino da incompreensão suscita os mal-entendidos, as falsas percepções do que é o outro, os erros em relação ao outro, sendo como consequências a hostilidade, o desprezo, o ódio. Quase por toda parte da vida cotidiana há, na esteira das incompreensões, milhares de assassinatos psíquicos, torrentes de baixeza, vilanias, calúnias.

A falta de entendimento sobre o objetivo da pesquisa trouxe certa distância entre entrevistado e entrevistadora, mas percebi que, à medida que se colocavam questionamentos sobre a escola, os estudantes iam se manifestando.

4.1 Entre um galho e outro, posso voar?

O ponto de partida da análise é a escola da prisão em seu contexto, de maneira que seu funcionamento, suas regras e relações possam nos dar a compreensão do assunto estudado, além do entendimento sobre como os detentos e professores se percebem, tendo em vista a compreensão possibilitar o desenvolvimento humano.

Por esse caminho, no que se refere à trajetória escolar anterior, os detentos entrevistados eram homens entre 22 e 62 anos e todos eles já tinham frequentado a escola em algum momento de suas vidas, não demonstrando experiências significativas nesse período; no momento da entrada à unidade prisional, estavam há muito tempo sem estudos.

Com relação ao sentido dos estudos, Cigana profere: “É, o meu sonho é me formar”. Para ela, a escola está relacionada ao sonho. Já Arara-Azul diz o que aprendeu na escola e sobre o que é significativo para ele. Refere-se a ser culto, falar melhor o português e ter postura. Diz também ser importante voltar à escola, pois “as matérias” ficaram esquecidas, e agora possui a oportunidade de retomá-las. Além disso, ressalta a relevância da escola, pela oportunidade de sair um pouco da rotina e da mente da criminalidade. Faz alusões ao futuro em diversos momentos, admitindo a possibilidade de uma nova perspectiva de vida por meio da escola. Arara-Azul demonstra, assim, que os estudos para ele significam a possibilidade de ir além do que já é, o que podemos entender como a transcendência de seu próprio significado, humanizando-se, admitindo a desumanização pela qual foi submetido.

Beija-Flor nos conta que o ambiente da escola é melhor do que o ambiente de convivência com outros detentos. Ele demonstra o sentimento de acolhimento que o momento de estudos oferece, em comparação com o espaço da habitação. “É melhor, né? Melhor do que lá dentro do ambiente lá, porque aquela escola lá do ambiente... Como é que se fala, né? É... Um exemplo da vida, né? Ali só presta pra sofrer mais. [...] Qualquer coisa você vai é lá pra dentro do banheiro e já toma uma surra. Eu já tô com meu braço aqui descolocado, tô até pedindo pra mim passar na medicina, pra passar numa perícia, eu tenho problema de cabeça também, né? De ataque epilético, e tal e tal e tal...”

Dos 11 entrevistados, apenas seis estão efetivamente matriculados, sendo que o restante aguarda a chamada. Percebemos, então, que, mesmo com todo o histórico de abandono escolar, existe hoje o entendimento da importância dos estudos para se desenvolver; entretanto, há certa resistência do próprio sistema prisional e de educação, ao dificultar ou mesmo negar o direito de educação aos detentos.

Ressaltamos, também, a questão da oportunidade de estudos e reflexões fora do horário das aulas. Além de muitos detentos não conseguirem se matricular, existe também a falta de condições e apoio para que possam, fora da escola, continuar a aprender. A respeito disso, Pardal diz que não é possível permanecer com livros e cadernos na habitação. Quanto aos livros, são permitidos, mas ele expressa a preocupação com a possibilidade de serem extraviados e não possuir explicação para dar aos profissionais da unidade – o que é confirmado nos depoimentos de Macuco, o qual relata não poder permanecer com nenhum tipo de objeto escolar dentro da habitação, pois os materiais devem ficar guardados dentro do armário, na sala de aula.

Rouxinol afirma ser permitida a leitura e o empréstimo de livros na biblioteca e já ter solicitado o empréstimo de um livro de Ciências, com o qual permaneceu por apenas dois dias, em virtude de se preocupar com o extravio do material em dia de *blitz* e, como consequência, ir para o castigo.

A respeito da aprendizagem, a maioria dos detentos estudantes não sabem o que aprendem. Cigana diz ser uma pergunta que não consegue responder. Quero-Quero conta que gosta da Matemática, mas não especifica aquilo que aprende, gosta ou é importante. Papagaio afirma não ter aprendido e ainda estar em processo de aprendizagem, além de entender sua dificuldade em relação aos colegas mais jovens. Macuco demonstra compreender que a possibilidade de estudar pode reparar uma oportunidade perdida há algum tempo, por não ter dado a ela o devido valor.

Sobre a percepção de que a escola auxilia no trabalho, nota-se o entendimento dos detentos de que o estudo faz parte da evolução pessoal e profissional. Constata-se isso nos depoimentos: Beija-Flor, por exemplo, demonstra ter o pensamento de que a escola auxilia a saber melhor as medidas dos móveis que ele constrói; e Quero-Quero diz ser bom possuir rotina de trabalho e estudos e que o conhecimento o faz evoluir. A evolução humana também acontece por meio do trabalho, possibilitando o sujeito a descobrir sua função e utilidade no mundo.

Ainda no quesito trabalho, Macuco infere a possibilidade de que futuramente os estudos possam ajudá-lo a encontrar melhor colocação profissional, enquanto Rouxinol percebe a importância da escola para se distrair, dizendo que, por meio da escola, pode encontrar um bom emprego, pois em diversos momentos não sabia nem ao menos preencher fichas nas empresas onde procurou trabalho. Curió acredita que a escola o auxiliará na conquista de um novo emprego ou até mesmo a cursar uma faculdade. Águia nunca trabalhou, mas diz perceber que a escola poderá lhe ajudar a conseguir um trabalho e que é por ele que estuda, pois pode conseguir um trabalho na rua enquanto está preso e, posteriormente, ter um comprovante para lhe dar condições de procurar um ofício.

Outro ponto observado relaciona-se à afetividade. Percebemos que os professores foram bastante citados nas respostas dos detentos entrevistados. Pelos relatos, os estudantes possuem grande vínculo com esses profissionais, a ponto de explicitarem esse carinho e também falar em defesa do trabalho desenvolvido. No entanto, em alguns momentos percebemos a falta de vínculo dos detentos com os demais funcionários da unidade e outros presos, quando expressam o medo e o sentimento de estarem sendo desrespeitados.

O reconhecimento da dedicação dos professores fica claro no depoimento de Arara-Azul, ao referir-se a eles desta forma: “os professores superatenciosos, eles se dedica, né? Então, isso é importante também pra que possa incentivar o aluno”. De maneira semelhante, Pardal menciona que os professores são bons por se disponibilizarem a ir unidade adentro para dar aulas para os detentos, pois as pessoas no mundo não têm amor ao próximo. Reflete sobre o tratamento dos professores, os quais percebem quando ele se encontra triste por ter acontecido algo, e considera que o interesse pelas relações na escola não é só dele, mas também dos professores.

Curió relata a experiência ocorrida com uma professora, cuja atitude o fez repensar seu retorno aos estudos: “A professora chegou até chorar o dia que eu falei pra ela que eu não queria estudar, não gostava de estudar, né? Aí depois fiquei com maior dó. Aí depois fiquei sabendo que o estudo é bom pra gente”. Também comenta que não gosta de conversar com os colegas dentro da habitação, contudo não explica o porquê. Por um lado, demonstra o vínculo estabelecido com a professora; por outro, a falta de interesse em se relacionar com os outros detentos, com quem parece não ter afinidade.

Canarinho diz que as aulas são boas e os professores, excelentes, a quem se deve reconhecimento pelo esforço que realizam. Aguardando a matrícula na escola, faz críticas por não estar inscrito e não poder frequentar o curso naquele semestre; não entende o porquê de permanecer fora da escola, dizendo que não falta às aulas e, mesmo assim, foi prejudicado por ainda não estar estudando, pois quer terminar os estudos. O depoimento deste detento traz a percepção de que existe a preocupação com os professores que se dedicam na escola da prisão e, ao mesmo tempo, o sentimento de prejuízo e exclusão por não estar matriculado.

Águia menciona sobre os professores passarem lições e atividades que despertam a curiosidade nos estudantes. Ademais, quando perguntamos sobre como são as aulas, fala do carinho que os professores têm com os estudantes. “Eu acho bom. Eles chegam, eles são educados, cumprimenta a gente, chama a gente de meninos... [risos]”.

Outros depoimentos, como os de Rouxinol, também trazem testemunho do vínculo e do afeto estabelecidos entre professor e aluno, ao falar sobre respeito e possibilidade de conversa com os professores.

Cigana diz que os professores a ajudam, fortalecem-na e a apoiam para sair do abismo. Na área da habitação, acaba não se relacionando com os colegas, pois diz não ser adaptada. “Bem, minha senhora, lá na ala eu só pego minhas coisas e vou pra a minha cama. É, eu. O meu caso é esse. Porque eu não sou ‘adaptada’ com bandidos. Nem o meu pessoal. A gente não somos adaptadas com bandidos.” Prefere ser chamada pelo seu nome social, por entender seu gênero feminino; entretanto, os profissionais da unidade insistem em identificá-la pelo nome civil. Dessa forma, prefere não argumentar. Em seus relatos, a detenta demonstra afeto pelos professores e reconhece que se sente apoiada, mas deixa explícito o não envolvimento com os demais presos, além do sentimento de desrespeito por parte dos profissionais da unidade e também medo de argumentar ao ser chamada pelos funcionários pelo nome civil, por não saber o que pode acontecer se solicitar que a chamem pelo nome social.

Além de todos os pontos já assinalados, percebemos nas falas dos entrevistados certas situações que, no primeiro momento, pareciam simples respostas, mas pela constância foram entendidas como sinais de algo que não poderia ser expresso abertamente. A observação e a interpretação da maneira de olhar e se colocar de cada detento foram essenciais para a percepção dos sinais no período da entrevista. A compreensão do contexto, ouvidos atentos, bem como o saber ouvir, também fizeram parte, de maneira positiva, da ocasião dedicada à entrevista.

Nas falas dos detentos apareceram em diversos momentos palavras como “né?” e “entendeu?”. As repetições dessas expressões foram interpretadas em certos momentos como vício de linguagem ou sinal de solicitação de aprovação das afirmações ou opiniões. Contudo, a pausa na fala e o olhar de cada um em alguns momentos possibilitaram compreender o que tinham a dizer. Podemos notar determinadas afirmações seguidas de questionamentos, como se estivessem evidenciando questões para além das que foram ditas:

- Arara-Azul: “Então, ela [a escola] dá uma perspectiva de vida para o preso... Que quer realmente, né?”. Parece que nesse caso o detento tem a compreensão de que alguns presos não querem estudar.
- Canarinho: “Quer dizer, então eu fiquei prejudicado, né? Não sei o porquê, porque eu não tenho falta, não tenho nada, né? [...] Não, não podemos levar o caderno. Fica aqui na sala de aula trancada. Porque lá mesmo às vezes tem blitz, né? Blitz”. Verifica-se aqui a denúncia de que ocorre a exclusão escolar por alguns detentos não conseguirem realizar a matrícula na escola. Além disso, o detento parece ter a intenção de confirmar

que nos momentos de blitz acontecem situações de caos, desrespeito humano e violência, entre outras coisas. Também aponta que isso é entendido pelos profissionais da unidade como algo com importância maior do que o cuidado dos presos com seus pertences e consigo mesmos.

- Quero-Quero: “E outra, a gente é... É regras, né? Que a nossa vida é feita de regras. Não é verdade? É... Quando, na verdade, num... Entendeu? Você sabe o que deve e o que não deve fazer, né? Então, isso me ajudou muito também. Nossos deveres, né? Os nossos deveres. Tudo é regra, nossos deveres, tudo na vida... A gente tem que ter um limite, né?”. As regras e limites, mesmo sendo colocadas como algo bom para o estudante, parecem ser algo marcante na rotina que está vivendo. E isso faz com ele ressalte sua fala, como quem quer dizer: você sabe o que são regras e disciplina aqui?

Os pontos observados nas entrevistas com os detentos estudantes trazem aspectos importantes que revelam seus sentimentos sobre a escola e o que esta significa para suas vidas, tanto na atualidade quanto no futuro.

Quanto aos professores, pudemos verificar que têm formação em licenciaturas diversas, por desenvolverem seu trabalho em diferentes áreas do conhecimento. A Professora 1, desde a sua formação em Letras, que foi há dez anos, atua dentro do sistema prisional, na área de Linguagens e Códigos. A Professora 2, com formação em História e Pedagogia, ministra suas aulas na área de Ciências Humanas, que inclui as disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia; há mais ou menos um ano atua na unidade prisional e há quatro anos trabalha também na Fundação Casa. O Professor 3, formado em Ciências Biológicas há 18 anos, trabalha em espaços de privação de liberdade há 17 anos, sendo, de todos os entrevistados, o que mais tem experiência na área desta pesquisa. A Professora 4 possui graduação em Filosofia e mestrado em Ciências Sociais. Formada há quatro anos, desde então trabalha na área da Educação, sendo que na unidade prisional está há dois anos. E a Professora 5 é formada em Administração de Empresas e, pela falta de profissionais na área de Matemática, pôde atribuir aulas no programa de educação nas prisões. Trabalha há seis anos na unidade prisional, na área de Matemática.

Sobre o significado do trabalho, os professores são unânimes em destacar aspectos positivos como aprendizado, inclusão, diferença e privilégio. Nas falas desses profissionais aparecem aspectos importantes como: sentir-se bem em poder fazer alguma diferença na vida dos alunos, aprender muito, ter o privilégio de realizar o trabalho que ama, gostar de trabalhar na prisão pelo fato de os estudantes participarem e serem esforçados.

Observamos, nos depoimentos dos professores, alguns pontos positivos com relação à organização das aulas. A Professora 1 realiza um diagnóstico para verificar o que os estudantes já sabem. Ademais, diz que o trabalho desenvolvido por meio de debates e reflexões tem dado certo. Já o Professor 3, que atua na área de Ciências Biológicas, diz sentir-se privilegiado por trabalhar em uma disciplina em que pode desenvolver assuntos relacionados a temas transversais, como saúde, drogas e sexualidade.

Também observamos pontos negativos, como quando a Professora 4 diz que planejar e replanejar esse trabalho é bastante difícil, por se tratar de salas multisseriadas, e que não há uma organização correta do que será trabalhado. Então, acaba alternando os assuntos, entre os que são indicados pela escola e aqueles que acredita serem importantes para os estudantes. Expõe, ainda, a indispensabilidade de haver reuniões de planejamento e formação tratadas com mais cuidado. Faz críticas à coordenação que acompanha esse trabalho pedagógico e aponta a necessidade desse profissional ter mais conhecimentos do que os próprios professores.

Apesar de nenhum deles ter mencionado a palavra “metodologia” ou fazer alusão ao projeto pedagógico, percebe-se que encontram aí um motivo para não planejarem as aulas e que se desviam das respostas, não respondendo o que foi questionado. Entende-se, neste quesito, que não têm os conhecimentos necessários.

Os pontos negativos continuam com a Professora 5, ao dizer que a maioria dos estudantes está há muito tempo sem estudos, por isso inicia seu trabalho de acordo com o conhecimento deles e parte, quase sempre, das quatro operações matemáticas. Procura seguir as orientações do currículo oficial do Estado de São Paulo; entretanto, devido ao pouco tempo letivo – seis meses para cursos de EJA –, não consegue alcançar todo o conteúdo.

Ainda pudemos observar, nos depoimentos dos professores, questões referentes a falta de formação, tempo excessivo de permanência na unidade, falta de conhecimento de uma proposta pedagógica, regras da unidade e a falta de materiais disponíveis para que consigam desenvolver um trabalho consoante com o plano de educação nas prisões.

A Professora 1 destaca a dificuldade na organização dos horários; trabalha nos três períodos e isso a atrapalha, pois dedica todo o seu dia à unidade e tem muitos intervalos entre as aulas. A Professora 2 apresenta a mesma problemática, dizendo que os intervalos entre as aulas são longos, obrigando-a a passar muito tempo à disposição da unidade e, por não haver espaços onde os professores possam permanecer nesses intervalos, ela aguarda esses períodos dentro do carro.

Sobre essa mesma questão, o Professor 3 diz dedicar três períodos do seu dia para ministrar aulas e afirma que esta situação dos horários dos professores é “falta de respeito e

humanidade”. A Professora 5 concorda com as afirmações dos demais, ao considerar ruim a organização dos horários, tornando difícil trabalhar.

A falta de formação para esses professores parece ser entendimento comum entre os entrevistados. A Professora 2 alega ser preciso ler e se aprofundar, e faz críticas às questões que são levantadas, mas que não são refletidas para a prática atual. Também descreve a carência de formação, e observa que, nas poucas ocasiões em que acontece, são abordados assuntos que podem não ser pertinentes ao trabalho desenvolvido nas prisões. Ressalta o sentimento de ser desrespeitada, e que faltam muitas questões para desenvolver um trabalho que realmente contribua para a formação do detento estudante, o qual já foi excluído em algum momento de sua vida.

Sobre a proposta pedagógica, entende-se que ela inexistente, pois os professores e a coordenação não a mencionaram em nenhum momento, demonstrando falta de conhecimento sobre esse instrumento.

Os materiais para o desenvolvimento das aulas são mencionados pela Professora 5, que ressalta haver muitas limitações dentro do presídio quanto à utilização de materiais que seriam necessários para o desenvolvimento das aulas.

4.2 Entrelaçando os voos

Os relatos dos entrevistados aproximam-se das ideias de Morin, que propõe a ética da compreensão humana. Para o autor, a ética da compreensão é também saber “compreender por que e como se odeia ou se despreza” (MORIN, 2011b, p. 121). E que, para que haja compreensão, é necessário levar em consideração a incompreensão existente.

A compreensão aos olhos de Morin (2011b) vai ao encontro do que buscamos nesta análise: perceber quais limites e possibilidades a escola da prisão proporciona aos detentos estudantes com relação ao seu desenvolvimento. Nesse sentido, o conceito de personalismo de Mounier (2004) não define pessoa, mas afirma aquele ou aquela que confere tanto ao corpo quanto à alma a dignidade na totalidade do ser humano.

Já o conceito de desenvolvimento humano apoia-se no aspecto comunitário-social e no reconhecimento do ser humano como pessoa. De acordo com Mounier (2004), no mundo, a pessoa sofre as ações do outro e opera transformando o que está à sua volta e, por consequência, transforma a si mesma.

Assim, segundo Mounier (2004) a pessoa em si possui características próprias, únicas, mas também comunitárias. É um ser capaz de criar vínculos afetivos, dialogar e viver em

comunidade. É em comunhão e na convivência que se constroem relações dignas da humanidade. A esse respeito, Morin trata da religação:

Nas sociedades humanas, observamos a luta dialógica, organizadora entre o princípio da rivalidade e o princípio comunitário, a discórdia e a concórdia. O cosmo fez-nos à sua imagem e trazemos em nós o desencadeamento das forças de desintegração, de morte, de ódio, mas desenvolvemos também a fraternidade e o amor, forças de religação, o que nos coloca na dianteira da luta patética contra a separação, a dispersão e a morte. Por isso, nossas forças éticas são forças de religação. Todo ato ético é um ato que religa, ao próximo, aos seus, à comunidade, em última instância, ao cosmo. (MORIN, 2013, p. 31)

Deste modo, viver em comunidade e compreender o outro em sua multidimensionalidade requerem um ato ético que religa o sujeito a tudo o que está ao seu redor. Somos essencialmente humanos. Não existirá comunidade humana sem que a dignidade da pessoa seja o ponto central. Para Mounier (2004, p. 16), o homem é um conjunto de relações complexas; ao ser visto em um único aspecto, há o risco de reduzi-lo a indivíduo, comprometendo, assim, a compreensão do conceito de pessoa. De acordo com Morin (2011b), o ser humano é um ser e existe uma relação triádica complexa, distinta e essencial entre indivíduo/espécie/sociedade, que é complementar e ao mesmo tempo antagônica; e, para que o sujeito se registre socialmente, é preciso que se reconheça como indivíduo e tenha o sentimento de pertencimento nesta relação.

Entendemos, assim, que a escola da prisão não tenha alcançado seu significado dentro de uma sociedade de diversidade humana. A educação deve ter a proposta de autoformação da pessoa, que aprende e assume a condição humana, aprender a viver.

Ademais, Hessel e Morin (2012) discorrem sobre o desenvolvimento individual, sob as relações comunitárias, tratando do bem-viver. Nesse sentido, compreender a condição humana para poder desenvolver-se requer também entender que nossa sociedade está reduzida àquilo que se refere a ter e não a ser, “o que implica conforto e posse de objetos e bens, sem a preocupação com o que serve para a expansão pessoal; relações de amor e amizade e sentido da comunidade” (HESSEL; MORIN, 2012, p. 27). Para os autores, o viver bem passa pela qualidade de vida, constituindo-se antes de tudo de bem-estar psíquico, afetivo e moral.

4.2.1 As vivências são reconhecidas?

Percebe-se, pelas experiências escolares prévias à prisão dos detentos entrevistados ou pela ausência destas, que havia por parte deles pouca ou nenhuma reflexão sobre a importância

da escola em suas vidas. A respeito das experiências escolares na prisão, mesmo os estudantes que estão aguardando a matrícula para iniciar as aulas neste semestre já frequentaram as aulas em algum momento.

Esta caracterização deve ser compreendida como uma parte dentro do todo e faz perceber que a falta de compreensão, acarretada pelas experiências anteriores, fez com que não pudessem usufruir a educação formal de maneira consciente, apesar do entendimento de que não se pode limitar o outro a uma parte de sua história e que um elemento de seu passado não deve ser considerado como condicionante de seu futuro.

Para Morin (2005), a compreensão possibilita a harmonia nas relações, seja na escola, na vida social, no trabalho ou em qualquer ambiente humano, de modo que nos leve a perceber a complexidade de nossa natureza humana, tanto no plano pessoal como no interpessoal.

Os detentos dizem não ter sido possível estudar e que não possuíam o entendimento sobre a educação que têm atualmente. Por essa percepção, os estudantes apontam o reconhecimento do fracasso escolar, admitindo que podem escolher um novo caminho com relação aos estudos. Isso pode ser analisado por meio do conceito de “introspecção” de Morin, que define:

A prática mental do autoexame permanente é necessária, já que a compreensão de nossas fraquezas ou faltas é a via para a compreensão das do outro. Se descobrirmos que somos todos seres falíveis, frágeis, insuficientes, carentes, então podemos descobrir que todos necessitamos de uma compreensão. (MORIN, 2005, p. 100)

O autor nos mostra que é possível compreender nossas fraquezas por meio do autoexame, reconhecendo nosso egocentrismo e passando a realizar uma análise do todo, que envolve as situações que estão à nossa volta. Para esse autor, o autoexame crítico permite que nos descentalizemos de nós mesmos e, deste modo, alcancemos nosso próprio julgamento, responsabilizando-nos por nossas ações. Desta forma, percebe-se a ponderação dos entrevistados no que se refere aos estudos (MORIN, 2011b).

Embora exista histórico de abandono e exclusão escolar anterior, é evidente, da parte dos alunos, o reconhecimento da importância dos estudos para se desenvolver. Todavia, percebe-se resistência do sistema prisional e educacional ao dificultar ou mesmo negar a matrícula e, conseqüentemente, o direito à educação.

Observa-se, nesta contradição entre a compreensão sobre a importância da escola e a negação do direito à educação, um limite tênue entre compreensão e incompreensão. Ao passo que os detentos reconhecem e almejam estar na escola, o sistema nega essa possibilidade, ao

recusar os direitos adquiridos por toda pessoa humana independentemente de ter cometido infração ou crime.

A respeito da contradição, ela marca nossa sociedade, pois existem os que escolhem viver o individualismo e o egocentrismo sem ao menos lançar um olhar sobre o outro. Para Morin (2011b), não se pode obrigar o outro a entender o próximo; no entanto, não se deve tolerar aquilo que prejudica o bem comum. No momento em que o cuidado com o outro é inobservável, afastam-se as possibilidades de harmonia e boas relações. O autor afirma que, para evitar o egocentrismo, é necessário seguir a religação, que, por sua vez, indica o pensar bem, que para ele “é o modo de pensar que permite apreender em conjunto o texto e o contexto, o ser e seu ambiente, o local e o global, o multidimensional, em suma, o complexo, isto é, as condições do comportamento humano” (MORIN, 2011b, p. 100).

Como já foi mencionado, a incompreensão traz extremismo, absolutismo, intransigência e contradição. Para Morin (2011b), a incompreensão leva o ser humano a querer prejudicar e, sendo assim, no caso da educação nas prisões, o direito à educação se anula pela falta de compreensão dos sistemas responsáveis em oferecer o que é direito dos detentos.

4.2.2 Posso ter um projeto de vida?

Mesmo considerando as diversas dificuldades encaradas ao longo da trajetória escolar dos detentos entrevistados, entendemos que, atualmente, eles percebem a importância dos estudos para o desenvolvimento de suas vidas, pois declaram positivamente que vislumbram transformações por meio dos estudos. Nessa perspectiva, Severino (1983, p. 14) observa que o ser humano se desenvolve ao se submeter à facticidade, à temporalidade, à contingência e ao confronto com o outro, construindo-se, assim como ao outro e ao mundo, de maneira a superar-se e transcender-se. Assim, o detento se enxerga além do que é, a partir de um projeto de vida que vai construindo, do modo que se compreende e compreende o mundo.

Morin (2011b) afirma que a educação deve possibilitar constantes vivências que apoiem o bom desenvolvimento humano. A transformação ocorre por meio de respostas aos estímulos e desafios que o mundo apresenta. Para o autor, compreender o mundo significa aprender e reaprender incessantemente. Desta maneira, por intermédio do constante processo educativo de ser e estar no mundo é que se torna possível construir uma ética da compreensão (MORIN, 2011b, p. 89). A respeito da compreensão e da transcendência, aparecem nos depoimentos expressões como: “é o meu sonho me formar”, “ser culto, falar melhor o português e ter

postura”, “sair um pouco da rotina e da mente da criminalidade” e “melhor do que lá dentro do ambiente”.

4.2.3 A leitura que se faz é a leitura que se tem?

Ainda tratando da incompreensão por parte do sistema, a falta de entendimento sobre importância da leitura e do contato com livros levam-nos a perceber que as possibilidades de desenvolvimento são tolhidas. A esse respeito, a maioria dos detentos afirma não poder permanecer com livros fora dos espaços e horários escolares.

Morin (2011b) nos traz a ideia de que a experiência pode marcar profundamente uma existência, tendo ele mesmo sido marcado pela literatura, da música e do cinema. Quando o autor se refere às leituras, diz que elas nos causam “um duplo encantamento, o da descoberta de nossa própria verdade exterior a nós, e o da descoberta de nós mesmos em personagens diferentes de nós” (MORIN, 2011b, p. 19). E as autonomias individuais e coletivas possibilitam a consciência e o sentimento de pertencimento à espécie humana. De acordo com Morin (2005, p. 105-106), a transformação humana envolve “o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana”. Assim, podemos considerar a transformação da realidade, de forma que o sujeito se encontra em um ponto paradoxal entre autonomia e dependência, pois da mesma forma precisa se perceber e se desenvolver individual e coletivamente.

Mounier (2004) explica que o tecnicismo precisa ser deixado de lado a fim de que sejam oferecidas oportunidades para que o sujeito possa refletir por si mesmo, uma vez que o tecnicismo leva somente à reprodução daquilo que é apresentado como verdadeiro e absoluto. A escola não pode mais se empenhar em desenvolver somente capacidades cognitivas, mas deve possibilitar formas para que o estudante que ali está consiga enfrentar barreiras. O desenvolvimento deve ser pessoal, considerando o sujeito em sua integralidade, um ser que se relaciona com a sociedade e com a cultura.

Desta maneira, entendemos que a educação deve ter como função central possibilitar reflexões que apoiem o sujeito a se reconhecer a partir de si mesmo, na sociedade e na cultura, ambientando-se e encarando a realidade. Pode-se entender que o trabalho se situa neste campo, de maneira que o sujeito tenha a consciência de seu desenvolvimento enquanto pessoa e sua contribuição no mundo.

4.2.4 O que aprendo, vivo?

A maioria dos detentos estudantes não sabe dizer o que aprende. Expressões como “não sei responder”, “dificuldade”, aparecem nos relatos. No entanto, são usadas também as palavras “oportunidade” e “estou aprendendo”. Verifica-se novamente a contradição, quando os entrevistados colocam os estudos como algo distante de seus projetos de vida e ao mesmo tempo percebem que pode trazer transformação. A respeito disso, Mounier (1963, p. 55) explica que, para entender a pessoa, deve-se antes realizar um ato de autoconhecimento e de conhecimento junto a outros. A pessoa não é um mero espectador do mundo; ao contrário, é um ser atuante e sujeito a um tempo e espaço que circunstancialmente podem ser modificados. Entender e perceber o que se aprende é um passo essencial para a transformação, e isso a escola pode possibilitar. A compreensão sobre si mesmo e sobre tudo o que está a sua volta pede uma educação do futuro, pois o problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos (MORIN, 2005, p. 95).

Morin explica que, para compreender de fato, é preciso ir além da explicação; é necessário existir a empatia, o reconhecimento, a identificação com o outro e com as situações existentes.

A compreensão vai além da explicação. A explicação é bastante para a compreensão intelectual ou objetiva das coisas anônimas ou materiais. É insuficiente para a compreensão humana. [...] O outro não apenas é percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco, o ego alter que se torna alter ego. Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade. (MORIN, 2005, p. 95)

À vista do que os dois autores tratam, é possível afirmar que aos detentos estudantes – embora tenham a percepção de que a escola pode auxiliá-los em seus projetos de vida – falta empatia e identificação, e sobretudo a própria projeção. Na inexistência de abertura recíproca para a educação, não é possível construir uma compreensão que transforme o sujeito, fazendo com que este possa ir adiante em suas conquistas.

Os detentos sublinham a importância do trabalho em suas vidas, mostrando sua percepção sobre contribuírem para a própria transformação. Fica nítido em suas falas o reconhecimento dos estudos para que o ingresso ou a continuidade profissionais aconteçam. Desse modo, a compreensão colabora fundamentalmente no modo de se perceber no mundo e agir nele. Todavia, ainda há o sentimento de exclusão, quando dizem: “Eu também trabalho, eu não tô indo trabalhar, não sei qual é o motivo” ou “falei se havia possibilidade da gente, ex-

presidiário, poder se formar”. Percebe-se aí a necessidade de superar a incompreensão. O sujeito que não é compreendido e é excluído, não tendo a possibilidade de entender as causas, não será passível de compreender o mundo e tudo que o cerca. Morin (2011b) reflete a compreensão partindo do que ela não é: a incompreensão, que faz com que o sujeito não enxergue o outro a partir de suas necessidades, vivências e condições. Para o autor, a incompreensão domina o mundo nas relações humanas e cria estragos em todas as áreas.

Esta incompreensão que impera na vida dos detentos faz com que os julgamentos sejam invisíveis. É mais fácil condenar e castigar do que entender o que acontece na realidade. Como pode o detento construir seu projeto de vida partindo da exclusão e da incompreensão vivenciadas? O reconhecimento da importância dos estudos para isso não é o suficiente. Para Morin (2011b, p.111), compreender é compreender as motivações interiores no contexto e no complexo. Compreender não é apenas explicar, mas movimentar-se em direção ao outro. É possibilitar a proximidade e desejá-la, para construir uma relação sólida e trazer em si o valor do perdão.

A respeito do perdão, Morin (2011b, 126-127) afirma que perdoar é um ato de limite, por ser algo que nos parece ser competência apenas da divindade. Perdoar não é estar enfraquecido, mas é reconhecer que o ser humano é frágil e limitado, e necessita de reconstrução diária. Perdoar é apostar nas relações humanas e que a felicidade é possível e o amor pode, sim, vencer o ódio.

Em meio às situações de incompreensão e autêntica necessidade de se considerar o perdão para que haja a compreensão na escola da prisão, observa-se a afetividade dos detentos pelos professores e vice-versa. Tais profissionais foram ressaltados nas entrevistas. O vínculo afetivo é nítido tanto nas falas quanto nas expressões que os estudantes emitem ao abordarem o assunto. Para Mounier (2004, p. 48-49), “o ato de amor é a mais forte certeza do homem, o ‘cogito’ existencial irrefutável: amo, logo o ser é, e a vida vale (a pena ser vivida)”.

A afetividade pode, então, sustentar ações e intenções positivas no sentido de importar-se com o outro, sem deixar de impor limites e responsabilidades necessárias; mesmo que esse outro não faça efetivamente parte da nossa vida, isso é pensar comunitariamente. A conexão das existências pessoal e comunitária foi chamada por Mounier de “personalista e comunitária” (SEVERINO, 1983, p. 82). E, em toda ação pensada comunitariamente, devem-se considerar os laços afetivos entre os membros comunitários, de modo que possam coproduzir soluções e/ou saberes partilhados. Estes vão, de algum modo, transformar-se em um círculo produtivo ininterrupto, porque “os produtos são necessários à produção daquilo que os produz” (MORIN, 2003, p. 182). Assim, as ações

educativas devem ser comunitárias e férteis, na medida em que foram produzidas pela comunidade, levando em consideração o componente da afetividade aliado ao da cognição. Deste modo, estas ações, ao retornarem para a comunidade, realimentam-na em sua própria dinâmica produtiva.

Como já foi dito neste trabalho, o homem é um ser integral e de relações, e para que aconteça qualquer tipo de transformação todas as partes devem ser percebidas e conectadas. Sobre isso, entende-se na complexidade proposta por Morin (2003) o valor de ligar todos os saberes disjuntos. Em virtude de nossas vivências serem múltiplas e variadas, temos o compromisso de abolir as hierarquias, os preconceitos, as discriminações e religá-los sem, todavia, sermos simplistas e reducionistas.

Assim, o cumprimento da função social da escola, segundo Arroyo (2000), leva-nos a propor uma formação pedagógica que ultrapasse a mera formação técnica, incluindo o compromisso com a afetividade, que é essencial na constituição do indivíduo. Para tanto, há de se pensar o conjunto de conhecimentos fundamentais que dão sentido à formação do ser humano, para que não se permita um contexto de relações de trabalho que aliene e afaste a pessoa do produto de seu próprio trabalho. Estas relações de trabalho devem ser permeadas pela afetividade, incluindo nela a “cidadania planetária” proposta por Morin (2005), e não apenas aquela a que o indivíduo tem direito por força da lei.

Neste sentido, a escola da prisão pode e deve participar do processo de humanização da sociedade, buscando o resgate da compreensão do ser humano como ser que pensa, mas também sente e anseia. A multidimensionalidade do ser humano deve ser considerada dentro do contexto complexo em que vive. Sem isso, compreenderemos somente uma parte, sem o entendimento do que é real e até mesmo essencial.

4.2.5 O que devo amar?

Retomando o conceito de afetividade, ela tem estreita ligação com o desenvolvimento, podendo destruir a faculdade do raciocínio por conta do déficit emocional (MORIN, 2005). Nesse sentido, o sentimento dos detentos colabora para a incompreensão do todo. O sistema prisional erra por privilegiar as técnicas, as regras e a disciplina, esquecendo de outros pontos importantes que completam o ser humano, como “sentimento, paixão, temor, medo, desejo” (MORIN, 2005, p. 14). O fator emocional e o fator irracional estão ligados ao todo complexo que constitui o sujeito. A realidade é multidimensional; assim, deve-se levar em consideração o contexto, o todo, interligados com todas as partes. O afeto, a admiração e o maravilhamento

devem pertencer ao processo de desenvolvimento humano, pois viver é também viver poeticamente, isto é, por meio de tudo aquilo que é sentido humanamente. Para Hessel e Morin (2012, p. 29), “a prosa da vida nos permite sobreviver. Mas viver é fazê-lo poeticamente”.

Ademais, percebem-se dentro da prisão posturas dominantes que reprimem o sujeito, afastando-o de qualquer tipo de relação humana e positiva; para Morin (2005, p. 27), a força coercitiva suscita o medo inibidor nos outros, desta maneira, o detento está submisso às relações de poder a ele impostas.

Esse sentimento, consequência das ações do sistema prisional, demarca a situação de homem sem direitos, o que interdita seu desenvolvimento pessoal. Os detentos estudantes percebem-se como sujeitos de direitos, mesmo enfrentando tantas crueldades por estarem na condição de privação de liberdade (o que não implica perda de direitos).

Neste viés, a incompreensão pode ser gerada pela falta de entrosamento com o outro e de empatia com as pessoas presas, o que gera o anseio de prejudicar de alguma forma, entendendo que são pessoas que não merecem valor e dignidade.

A incompreensão produz a vontade de prejudicar, que gera a incompreensão. Em períodos de guerra civil, guerra religiosa, guerra entre nações, as incompreensões tornam-se devastadoras. O medo é fonte de ódio, que é fonte de incompreensão, que é fonte de medo, em círculos viciosos que se autoamplificam. (MORIN, 2011b, p. 111)

Entendemos que os detentos estão submetidos a um ambiente de incompreensão por parte dos profissionais que ditam as regras e, dessa forma, acabam por entrar no círculo vicioso de que trata Morin, dificultando relações e laços que possam existir no espaço em que vivem.

4.2.6 O que posso permitir?

Nos depoimentos dos entrevistados surgiram certas falas que, pelas repetidas ocorrências, bem como pela maneira de se posicionarem, levaram ao entendimento daquilo que não poderia ser dito. A constatação das denúncias que fizeram nas entrelinhas permitiram identificar exclusão social e escolar enfrentadas, regras rígidas e disciplina impostas, violência física e psicológica vivenciadas, o que demonstra a relação de poder exercida sobre os detentos.

A esse respeito, podemos entender que “a exceção se torna regra, o espaço da vida nua, situado ordinariamente à margem do ordenamento, vem progressivamente a coincidir com espaço de exclusão-inclusão e entram em uma zona de irreduzível indistinção” (AGAMBEN, 2004, p. 16). Com suas características rígidas de controle e posicionamentos sutis que se inclinam à barbárie e com o poder por meio da violência e da exclusão, a prisão controla o

sujeito em seu espaço e tempo. Para Foucault (2012, p. 155), o princípio da ordem estabelece cada sujeito em seu lugar, hierarquicamente vigiado. Assim, as estratégias que regulam as relações não o reconhecem como ser humano, sujeito de direitos.

Foucault (2004, p. 135) afirma que os sujeitos não são passivos em relação àquilo a que são submetidos: “Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”. Deste modo, as atitudes dos detentos em nos revelar mesmo que de maneira implícita, seus enfrentamentos, angustias e medos é então, um modo de não serem passivos ao encarceramento, não de seu corpo, mas de sua alma.

É nítida a constatação de que a incompreensão permite a relação de poder exercida sobre os detentos. Para Morin (2011b, p. 117), “o princípio da redução é desumano e exige daquele que cometeu um crime que ele seja permanentemente um criminoso, por essência, monstruoso em tudo”. O detento é percebido de modo reducionista, por meio de seu crime. Aquele que compreende não julga, não reduz e principalmente não comete violências ou permite a omissão.

Nessa perspectiva, a compreensão comporta até mesmo uma realidade obscura, impossibilitando o tolhimento da autonomia do sujeito:

A compreensão complexa comporta uma dificuldade terrível. Com efeito, o pensamento complexo evita diluir a responsabilidade num determinismo que dissolve toda autonomia do sujeito e evita condenar pura e simplesmente o sujeito considerado responsável e consciente de todos os seus atos. Evita, portanto, o reducionismo sociológico, assim como o moralismo implacável. (MORIN, 2011b, p. 114)

A compreensão evita o reducionismo e, assim, ações e comportamentos fundamentados em julgamentos e condenações àquele que se responsabiliza por seus atos. Nesse sentido, as situações que impedem a dignidade humana poderiam ser evitadas se houvesse maior compreensão do sujeito.

4.2.7 De que valem nossas experiências?

Conforme exposto anteriormente, a formação inicial dos professores é específica, de acordo com a área em que atuam nas classes da prisão. Esse profissional que desenvolve seu trabalho em uma área do conhecimento tem a formação de apenas parte dela, pois, apesar de verificarmos em muitos documentos oficiais, incluindo a LDB (BRASIL, 1996), a definição de um perfil profissional que independe do tipo de docência – multidisciplinar ou especializada, por área de conhecimento ou disciplina –, a formação ainda acontece compartimentalizada.

Cabe destacar que ser professor não é apenas obter diplomas, mas é importante que tenha conhecimento amplo e formação reflexiva. De acordo com Nóvoa (1995, p. 25):

[...] a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.

Contudo, indo ao encontro da afirmação de Morin (2011b) segundo a qual as pequenas partes afetam o todo, se a formação docente tiver um viés para a complexidade, mudanças significativas ocorrerão em todo o processo, pois, alcançando a formação de excelentes professores, outros processos serão afetados diretamente. Assim, é preciso que no processo educacional os formadores incluam não apenas exercícios referentes aos conteúdos, mas integrem em suas aulas momentos que levem o indivíduo a refletir sobre si e sobre o outro, a trabalhar com sua emoção, seus sentimentos, a considerar a intuição e não apenas a racionalidade. Ao tratar da condição humana, Morin (2005) afirma que o ser humano é objeto essencial como ponto de partida de todos os saberes.

O ensino da condição humana, para Morin (2010), valoriza a diversidade, não consistindo apenas nos traços psicológicos, culturais e sociais, mas envolvendo também o aspecto biológico. Para tanto, “compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade” (MORIN, 2011b, p. 50). Essa atitude tem como consequência o sentimento de reconhecimento das dimensões que simultaneamente constituem o ser humano: cósmica, física, biológica e cultural. Decorre daí a necessidade de um processo educativo que se desenvolva a partir da compreensão da relação hologramática e recursiva que nos constitui: indivíduo-espécie-sociedade.

Percebe-se, pelos relatos dos professores, que a condição humana não é reconhecida em sua formação inicial. Sentem até mesmo a necessidade de maior conhecimento técnico e humano, para dar conta da missão que se submeteram a cumprir quando escolheram desenvolver seus trabalhos em classes do sistema prisional. Entretanto, a falta de formação inicial voltada à condição humana não os impede de entenderem o significado do trabalho como algo positivo, sendo que os aspectos relatados abordam aprendizagem, inclusão, diferença e privilégio.

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. (MORIN, 2005, p. 43)

De alguma maneira, mesmo sem preparo anterior ao ingresso na prisão, os professores compreendem a educação prisional como algo relevante na vida dos detentos; esta compreensão pode fazer com que os professores saiam da zona de conforto e busquem proximidade com o detento estudante. Para Morin (2011b, p. 124), “Compreender é compreender as motivações interiores, situar no contexto e no complexo”. Assim, compete a cada sujeito, como indivíduo/espécie/sociedade, buscar meios para oportunizar a compreensão.

Ressalta-se que o reconhecimento do outro deve prevalecer, levando-se em consideração o contexto e sua dignidade humana. Percebe-se que os professores reconhecem os estudantes no contexto em que se encontram, quando falam de inclusão ou exclusão ou relatam querer fazer a diferença na vida desses destes. Assim, podemos verificar o reconhecimento e a compaixão pela dor e a atividade de trabalhar com ela, trazidos por Morin (2011b) ao falar sobre a ética da compreensão. Na visão de uma ética que compreende, não há lugar para moralidades absolutas. Nesse viés, Santos (2007) afirma que na perspectiva da ética da compreensão os efeitos negativos podem ser transformados. Isso implica uma visão dinâmica de todos os afetos, mesmo daqueles que nos congelam na dor, no horror ou no luto.

4.2.8 Por que viver experiências significativas?

Um ponto relevante que está intimamente ligado às experiências dos estudantes é a maneira como os professores pensam e organizam suas aulas. Encontramos nos depoimentos tanto aspectos positivos quanto negativos. No que tange aos positivos, aparece na fala da Professora 1 a realização de diagnóstico inicial para verificação do que os alunos já sabem. Esta ação valoriza o entendimento sobre o que se deve aprender e o que se deve ensinar. É uma maneira de conduzir o trabalho de maneira consciente, a partir da análise da realidade, para então planejar o trabalho e realizar ações concretas e que realmente influenciem no desenvolvimento do estudante.

Nesse sentido, a educação deve buscar experiências que possibilitem o desenvolvimento humano. A transformação do sujeito acontece por meio de respostas aos estímulos e desafios que o mundo apresenta. Como citamos anteriormente, Morin afirma que compreender o mundo significa aprender e reaprender incessantemente. Assim, por meio do constante processo educativo de ser e estar no mundo é que se torna possível construir uma ética da compreensão que vai além da ética humana (MORIN, 2011b).

Outro aspecto importante que vale ser observado é o relato do Professor 3, quando afirma que em sua área, Ciências da Natureza, consegue desenvolver trabalhos com assuntos relevantes para os alunos, como saúde, sexualidade e drogas. Isso nos faz perceber que nas aulas deste professor, são discutidos assuntos que permeiam os conteúdos pré-estabelecidos pelo currículo e que devem pertencer ao caminho a ser percorrido na formação do ser humano, tendo em vista seu entendimento de seu corpo e a importância de questões biológicas no cerne da vida em sociedade. Morin (2015, p. 11) afirma que a missão do ensino não é transmitir o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.

Percebe-se que os professores buscam realizar um trabalho que valorize a natureza e a sociedade e, mesmo que inconscientemente, unem ambas ao desenvolver ações que descompartmentalizam os saberes.

Ainda na organização das aulas, a Professora 4 e a Professora 5 buscam ter noção dos conhecimentos prévios dos estudantes, mas não conseguem trabalhar todo o conteúdo no decorrer do período letivo, por considerarem que os estudantes, ao ingressar na escola da prisão, estão afastados dos estudos e o tempo para se desenvolverem ali é curto. Depreende-se, então, que o diagnóstico existe, mas o contexto que envolve o conhecimento prévio dos alunos e a política de educação oferecida não dão conta de um bom atendimento escolar, que possibilite o estudante a se desenvolver.

A respeito das políticas públicas de educação oferecidas, Hessel e Morin (2012, p. 29) afirmam que “não devemos negligenciar a reforma dos setores públicos [...] Nesse domínio, é preciso desburocratizar, desesclerosar, descompartmentalizar”. Ou seja, é necessário repensar as políticas de atendimento à educação, de maneira integral, possibilitando resultados positivos em favor do desenvolvimento humano e não o contrário: uma educação que favorece as técnicas e regras.

A compreensão sobre as necessidades dos estudantes, em meio a um contexto burocrático e de incompreensão das necessidades humanas, revela a busca desses professores em participar significativamente da transformação de seres humanos submetidos a exclusão social e violência moral, tolhidos de seus direitos. Isso nos mostra o que já foi afirmado anteriormente: que a compreensão experienciada por tais profissionais está em acordo com a compreensão assegurada por Morin (2011b) quando afirma que, ao compreender o outro, não cabe aceitar qualquer modo de reducionismo desse outro, resumindo-o a um de seus aspectos, por exemplo, o detento a um criminoso apenas. Um fragmento de seu passado não pode ser

considerado como elemento condicionante de seu futuro. Esta limitação ou reducionismo deixam de acontecer quando temos consciência do todo que existe juntamente com as partes.

Quando trata da compreensão, Morin (2005) afirma que, para que haja aliança entre racionalidade e afetividade, para que não se aceite a rejeição e a exclusão, é necessária uma argumentação que supere o ódio e o desprezo.

A compreensão que afasta a barbárie nutre-se da aliança entre a racionalidade e a afetividade, ou seja, entre o conhecimento objetivo e o conhecimento subjetivo. A compreensão necessita de um conhecimento complexo. Para lutar contra as raízes da incompreensão é preciso um pensamento complexo. Daí, mais uma vez, a importância de “trabalhar pelo pensar bem”. (MORIN, 2005, p. 123)

Deste modo, o reducionismo leva à incompreensão e permite a diminuição do ser humano apenas ao crime cometido.

Outros aspectos que se referem ao atendimento escolar vão ao encontro deste mesmo pensamento, por exemplo: a contratação dos docentes e a organização de seus horários, as estratégias de repensar o que está posto, planejamento e formação continuada e a inexistência de profissionais qualificados, do que trataremos a seguir.

4.2.9 Quais são nossas necessidades?

Como citado anteriormente, os professores são contratados pela Seesp que, por meio da organização realizada pela escola vinculadora, estabelece os horários das aulas e o arranjo que determina as classes e a quantidade de aulas que cada professor atribui na escola da prisão. Os professores expõem a dificuldade encontrada na organização dos horários. A Professora 1 diz trabalhar nos períodos da manhã, tarde e noite; e isso a atrapalha, pois dedica todo o seu dia à unidade e tem muitos intervalos entre as aulas. A Professora 2 apresenta a mesma problemática da Professora 1, dizendo que os intervalos entre as aulas são extensos, obrigando-a a passar muito tempo à disposição da unidade; também diz não haver espaços onde os professores possam permanecer durante tais intervalos, por isso aguarda dentro do carro. O Professor 3 diz dedicar três períodos do seu dia para ministrar aulas e afirma que esta situação dos horários dos professores é “falta de respeito e humanidade”. A Professora 5 concorda com as afirmações dos demais ao afirmar ser difícil trabalhar, pelo fato de a organização dos horários ser ruim.

Sobre isso podemos ressaltar a incompreensão na aplicação das políticas públicas de educação. O profissional não é valorizado quando as leis não possibilitam boa condição de trabalho. Apesar de a *Resolução conjunta SE-SAP-2, de 30-12-2016* (SÃO PAULO, 2016)

dispor, em seu artigo 6º, sobre diretrizes para contratação e permanência dos docentes, não há nenhuma condição que estabeleça a constituição da carga horária de maneira que não prejudique a condição de trabalho no que se refere ao tempo de permanência dentro da unidade, tampouco menciona a possibilidade de dedicação exclusiva, o que seria uma saída para a solução desta problemática.

A *Resolução CNE/CEB nº 2, de 19 de maio 2010* (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2010) apresenta proposições que sugerem avanços no que se refere à autonomia institucional, quando dispõe que a efetivação da escolaridade nos presídios é financiada pelo Fundeb, por meio dos recursos regulares complementares, como aqueles que têm origem em convênios ou para compra de material escolar. Dessa maneira, os sistemas estaduais, como o paulista, poderiam dar melhores condições de trabalho para os docentes que ali estão.

Ainda nesse sentido, Carreira e Carneiro (2010) constata que a educação para pessoas encarceradas ainda é vista como um privilégio pelo sistema prisional. Muitos professores afirmam sentir a unidade prisional como um ambiente hostil ao trabalho educacional e há um conflito cotidiano entre a garantia do direito à educação e o modelo vigente de prisão, marcado pela superlotação, por violações múltiplas e cotidianas de direitos e pelo superdimensionamento da segurança e de medidas disciplinares. (CARREIRA; CARNEIRO, 2010, p. 3).

Assim, no não cumprimento das políticas públicas proclamadas ou na inexistência delas, verifica-se a incompreensão do direito à educação. Morin (2011b) afirma que a cegueira pode impedir a compreensão.

Muitas são as fontes de cegueira: em relação a si e ao outro, fenômeno geral cotidiano; cegueira pela marca da cultura nos espíritos; cegueira resultante de uma convicção fanática política ou religiosa, de uma possessão por deuses, mitos, ideias, cegueira proveniente da redução ou disjunção; cegueira por indiferença, ódio ou desprezo; cegueira criada por turbilhões históricos que arrastam os espíritos; cegueira antropológica vinda da demência humana; cegueira oriunda de um excesso de racionalização ou de abstração, as quais ignoram a compreensão subjetiva. Cegueira por desconhecimento da complexidade. (MORIN, 2011b, p. 120)

A cegueira impede a compreensão e, no caso da Educação nas prisões, impede o entendimento das necessidades e direitos dos sujeitos, impedindo a efetivação de um programa que os atenda positivamente. Assim, a situação de trabalho dos professores acaba por ser desvalorizada, ocorrendo rele ajustes, apenas para dizer que essa educação acontece.

Não podemos deixar de considerar que a educação deve ser uma prática humana que acontece por meio de um processo de construção coletiva, a partir da história, que “traz consigo todos os resultados e consequências da historicidade” (SEVERINO, 1990, p. 23). É uma prática

humana, mas não qualquer tipo de prática. Não é uma prática mecânica ou um fazer a partir daquilo que já está estabelecido. Deve ser organizada e intencional. Entende-se, então, que a formação dos professores que trabalham nas classes do sistema prisional deve ser construída num processo que possibilite vivências coletivas, entendendo a história de todos os envolvidos.

A esse respeito, os docentes entrevistados fizeram diversas críticas: que momentos de formação “são inexistentes”, são “momentos informativos e não formativos”, “se sentem desconsiderados”, “não conhecem a proposta pedagógica”. O depoimento desses profissionais mostra a carência de formação e a desconsideração da importância de momentos de reflexões coletivas. A “comunicação apenas não promove compreensão” (MORIN, 2011b, p. 111); sem apoio profissional e reflexões coletivas a partir do reconhecimento, tanto do sistema prisional quanto do ambiente da prisão e dos próprios detentos, os professores acabam por desenvolver um trabalho mais intuitivo do que profissional, mais técnico do que humano, e consequentemente não se aproximam de forma mais assertiva de seus alunos, de maneira a reconhecer a história e o contexto, para assim partir para o planejamento de um caminho condizente à transformação humana dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: COMO CANTAM OS PÁSSAROS

Neste trabalho, buscamos refletir sobre a escola da prisão e os limites e possibilidades que esta proporciona para o desenvolvimento humano do detento estudante, percebido como um pássaro que, por sua natureza, voa rumo àquilo que lhe faz bem e canta para demonstrar sua felicidade. Somos parecidos com os pássaros. Não há nada mais desonroso e triste do que as tentativas de nos silenciar, de nos sufocar, negar o nosso canto.

Partimos de aspectos que se complementam: um primeiro relacionado à conjuntura política, à estrutura da prisão e a exemplos de obras cinematográficas e literárias sobre o assunto; um segundo relacionado à teoria; e um terceiro direcionado à reflexão sobre como os detentos se percebem em relação a si mesmos, ao ambiente em que estão inseridos e a seus projetos de vida. O entrelaçamento das relações entre a escola, a prisão e os sujeitos nelas envolvidos foi primordial para a realização da análise, na busca de entender cada parte por meio de uma compreensão complexa, que vai além da racionalidade trivial e desconectada, de modo a permitir tecer os pensamentos e as incertezas da realidade (MORIN, 2011b).

Na organização metodológica, destaca-se que a pesquisa de campo nos deu possibilidade de coletar dados para o que se havia proposto. Houve demora em obter as devidas autorizações e isso acarretou grandes entraves, desde a solicitação da autorização na Secretaria de Administração Penitenciária até a entrada na unidade, o que gerou um tempo de espera de um ano e meio.

Focando especialmente no público-alvo e no cenário desta pesquisa, podemos afirmar que os dados de estudantes matriculados que aparecem nos censos do Depen (2016) não correspondem ao que se apresenta de fato no campo observado. Cinco dos 11 detentos entrevistados estão aguardando matrícula, portanto não frequentavam a escola à época da pesquisa, embora estivessem contabilizados pela unidade prisional como estudantes por terem participado de atividades de educação formal ou não formal em algum momento de seu percurso dentro da prisão. Além disso, não encontramos nenhuma fonte que nos fornecesse dados sobre a continuidade de estudos dos detentos após a sua saída da prisão.

Foi realizada também uma breve análise da atual conjuntura das prisões do Brasil e do Estado de São Paulo, de maneira que se verificou o funcionamento a partir da legislação existente e da real organização do sistema prisional. Pela maneira como as leis são proclamadas e operacionalizadas no sistema prisional, constatou-se que os direitos humanos dos detentos são violados: superlotação, torturas, locais desumanizados fazem parte daquele cotidiano desde

sempre. Desta forma, o sistema prisional ainda está distante de ser uma instituição que consiga ressocializar, uma vez que tem a percepção desse ser humano somente como criminoso.

O processo apresentado no sistema prisional, com seus múltiplos fatores condicionantes e correlacionados, foi examinado a partir do universo da cultura e da arte, buscando suas expressões por meio das lentes do cinema e de obras literárias. Essa questão tem sido pauta de discussão, ultrapassando muitas vezes as fronteiras das Ciências Políticas e Sociais. A abordagem por meio da manifestação artística, inclusive dos próprios detentos, permite a apreensão de dimensões da realidade que vão além da dimensão objetiva do próprio processo de privação de liberdade. Em outras palavras, por meio das manifestações artísticas podem-se perceber as relações dos sujeitos presos entre si, com a sociedade e com as políticas expressas nos serviços existentes, e ainda, com seus próprios sentimentos e expectativas com relação à vida. Para Morin (2002, p. 19), “não podemos esquecer as interações entre indivíduos, eles próprios portadores/transmissores de cultura, que regeneram a sociedade a qual regenera a cultura”. De acordo com esse autor, “um indivíduo alimenta-se de memória biológica e de memória cultural” (MORIN, 2002, p. 21).

Nas obras examinadas, observamos a sensibilidade dos artistas e dos detentos, que conseguiram trazer à tona e realçar as atribulações, muitas vezes ocultadas, da vida das pessoas presas. A arte e a cultura projetam luzes de formas alternativas de divulgação e de conscientização da sociedade. Sem um entendimento coletivo não conseguiremos realizar as reflexões e discussões políticas necessárias para o enfrentamento dessa problemática.

Na observação do campo estudado – os locais coletivos e salas de aula –, observamos a relação com professores e outros funcionários, encontramos estudantes sem material adequado para a realização das atividades, além de períodos de aula sem atividades escolares, por ordem dos profissionais da unidade. Verificamos que a escolarização fica prejudicada pela inexistência de materiais e pela interrupção das atividades, por motivos relacionados a regras e disciplina.

Procuramos trazer um referencial teórico que considerasse a condição do sujeito enquanto pessoa humana e também seu desenvolvimento por meio de uma compreensão que favorecesse sua inserção e relação individual e social no mundo. Nessa seção de estudos contextualizamos o significado de pessoa, de desenvolvimento humano, compreensão e incompreensão.

O conceito de pessoa auxiliou no reconhecimento do sujeito inserido no mundo a partir da consideração do seu próprio eu e suas relações com todos e tudo que o cerca. Nesse sentido, vem ao encontro o conceito de personalismo, que aponta para “a existência do homem, a experiência da vida como existência pessoal” (SEVERINO, 1983, p. 31). O sujeito necessita

viver a indissociação das existências pessoal e comunitária. Dessa forma, considerar o sujeito em seu ambiente educacional é entendê-lo em sua totalidade, isto é, na sua relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Entendemos a educação associada à valorização do processo educativo, e a capacidade da pessoa de adquirir novos conhecimentos acontece por meio de uma condição essencial para a aprendizagem. Assim, a educação nas prisões não pode ser imposta por leis, pessoas ou outras coisas que determinem sua função e, sim, ser construída num processo contínuo que leve em consideração passado, presente e futuro do sujeito. A escolarização na prisão torna-se impessoal num processo descontínuo, uma vez que é determinada por aspectos que envolvem a conjuntura atual do sistema, que acolhe o criminoso e não o sujeito com suas características e história, conforme apontam as pesquisas e levantamentos apresentados no primeiro e segundo capítulos desta tese. Pode ocorrer reincidência; a falta de atendimento humanizado por parte do sistema prisional, que configura omissão de direitos, deixa os detentos vulneráveis a cometerem outros crimes dentro e fora do sistema; a incompreensão de si mesmo, do outro e de tudo aquilo que o cerca impossibilita sua socialização e essa situação acarreta, inclusive, penalização para a própria sociedade e para o sistema que o condena e o rotula como criminoso e não percebe que, além do crime cometido, existe ali uma pessoa, uma história.

Os dispositivos da lei determinam que o tutor dos encarcerados deva zelar pela integridade física, moral e mental daqueles que estão sob sua tutela. Enquanto tutor do preso, o Estado falha em garantir o mínimo, em assegurar os direitos previstos na LEP.

Além disso, a compreensão que se traz define aspectos imprescindíveis para o desenvolvimento do sujeito, o que nos faz desvendar caminhos de possibilidades e caminhos limitantes ao sujeito que cumpre pena e deveria, neste tempo e espaço de privação de liberdade, ressocializar-se. Entende-se que “ressocialização” não é o melhor termo a ser utilizado, pois, se o sujeito é um ser histórico e de relações, deve-se considerá-lo em todos os aspectos. As compreensões que envolvem a escolarização dos sujeitos que estão cumprindo pena devem existir em prol de uma socialização que solicite cuidado e percepção com relação ao outro, de modo que não existam conceitos pré-estabelecidos e julgamentos prematuros.

Os desenhos apresentados antes das entrevistas de cada detento foram elaborados por eles, no intuito de mostrarem suas expectativas de vida e aquilo que tem importância em suas vidas. As imagens mostraram a família, o horizonte, o sofrimento de quem ama, a natureza, sua própria imagem, suas casas, entre outros.

As pesquisas realizadas e os depoimentos dos detentos comprovam que, ao serem negados os direitos humanos, como boa condição de saúde, alimentação, bem-estar e matrícula escolar, os direitos da pessoa são violados.

A falta de entendimento dos estudantes sobre o que significa a aprendizagem para eles, a deficiência de oportunidades de estudos e reflexões fora do horário das aulas e a dificuldade para conseguir matrícula configuram o panorama de uma educação que não possibilita reflexões acerca dos projetos de vida dessas pessoas. Estas são algumas manifestações do descaso institucional verificado por meio das entrevistas com os detentos. O descaso social pode ser entendido como incompreensão, que para Morin “imperava nas relações entre os seres humanos, [...] gera os mal-entendidos, provoca o desprezo e o ódio, suscita a violência e sempre anda ao lado das guerras” (MORIN, 2011b, p. 109).

Como já apontado na análise desta pesquisa, fica nítida a contradição existente com relação aos direitos da pessoa presa, pois, ao mesmo tempo em que o detento reconhece os benefícios que a escola pode lhe trazer com relação ao presente e também ao futuro, e desse modo anseia por completar seus estudos, as políticas públicas, mesmo valorizando a educação por meio dos dispositivos legais, em suas ações negam esse direito, por não ter a compreensão de fato do que realmente importa para o desenvolvimento de todo e qualquer ser humano, sendo ou não criminoso.

No momento da entrevista, os detentos estudantes posicionaram-se de modo que chamou a atenção, desde a postura até a maneira de falar, quando, por repetidas vezes, pareciam querer mostrar algo que não podia ser dito abertamente, uma vez que fomos acompanhados durante todo o tempo de nossas conversas por um ou mais funcionários da unidade prisional.

Para além do vício de linguagem, as palavras “né?” e “entendeu?” apareceram insistentemente nas falas dos detentos, o que pareceu sinal de solicitação de aprovação e sinais de que naquelas falas havia outras questões que claramente completavam o que estava sendo dito.

Estas constatações mostraram um estudante silenciado por um poder existente sobre eles, que causa exclusão social e escolar em um ambiente de violência, de regras e disciplinas impostas por aqueles que deveriam ser os responsáveis pelo desenvolvimento do ser humano e não pelo preconceito e tolhimento.

Percebe-se uma situação contraditória, de forma que os detentos se mostram desesperadamente dispostos a crescer enquanto pessoa humana, dando a impressão de que estão tentando sair de uma caverna para enfrentar o mundo, enquanto incompreensões à sua volta impedem-nos de sair, barrando os caminhos e as pequenas brechas de luz que restam. Deste

modo, as pessoas encarceradas são reduzidas a seu crime e, mesmo que tentem seguir suas vidas de forma digna, partindo dos estudos, de reflexões sobre si e o outro, de um trabalho que possa contribuir com o mundo e ao mesmo tempo subsidiar suas vidas, existe sobre elas uma gama de ações e poder, violentas, excludentes e preconceituosas que as impede de progredir. Para Morin (2011b, p. 117), esta situação desumana que é aplicada ao ser humano “exige daquele que cometeu um crime que ele seja permanentemente um criminoso, por essência, monstruoso em tudo”, e isso impede a compreensão e a compaixão daqueles de cujo apoio real e legal o encarcerado depende para sair da caverna, isto é, para seguir seu caminho rumo a uma vida plena e digna.

A afetividade se destaca entre as diversas situações de negação aos detentos, fazendo valer ao menos um pouco as questões positivas em meio à incompreensão vivenciada no cotidiano da prisão. Para Morin (2003, p. 121), “a afetividade intervém no desenvolvimento e nas manifestações de inteligência”. A relação entre detentos estudantes e professores é destacada quando aparecem nos depoimentos demonstrações de afeto, atenção e até mesmo de liberdade nos momentos em que estão na escola. Isso sugere que talvez esta relação com os professores seja a única em que os estudantes se sentem livres para pensar e refletir sobre tudo que os cerca, pois “a afetividade permite a comunicação cordial nas relações interpessoais; a simpatia e a projeção/identificação com o outro permitem a compreensão” (MORIN, 2003, p. 122).

Contrariando as afirmações e expectativas otimistas dos dados coletados, das diretrizes nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2010) e da *Resolução conjunta SE-SAP-2, de 30-12-2016*, que dispõe sobre a oferta da educação básica a jovens e adultos que se encontram em situação de privação de liberdade no Sistema Prisional do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2016), os professores não são valorizados para que desempenhem bem sua função na docência dentro da prisão. Não são oferecidas boas condições de trabalho: a organização dos horários das aulas requer dos professores maior gasto de energia e menor quantidade de tempo para se preparar e planejar, e a falta de oportunidades de formação acarreta no distanciamento da realidade dos estudantes, pois, ao organizarem suas aulas com assuntos que não fazem parte do cotidiano dos estudantes, impedem um trabalho de qualidade que possa efetivamente auxiliar o detento a refletir sobre seu projeto de vida.

Os professores relatam outros problemas, como dificuldades de relacionamento com a escola vinculadora, que não os apoia e não disponibiliza os materiais necessários ao desenvolvimento do trabalho com os estudantes. Além disso, quando os professores se

esquivaram dos questionamentos, verificamos que a falta de conhecimento sobre o cotidiano da escola dificulta a realização de ações planejadas e de um efetivo trabalho. Essa falta de conhecimento pode ser gerada pela inexistência de um projeto pedagógico que dê direcionamento ao trabalho.

Todas as questões que envolvem a escola da prisão devem ser tratadas de maneira mais cuidadosa e abrangente. Pois, ao se nivelar o estudante a apenas um aspecto de sua vida – seu ato criminoso –, tiramos deste ser humano seus direitos subjetivos. E, para que isso não aconteça, é preciso considerar a realidade individual e social do sujeito, o que nos obriga a percebê-lo em seus múltiplos aspectos: físico, biológico, psicológico, cultural, afetivo, além de considerar também a sua história.

O que dizer desses sujeitos? Podemos dizer que estão sendo atendidos adequadamente pelo Estado, com dignidade e respeito? Somente o contexto anterior ao crime é levado em consideração? Podemos dizer que, ao cometer um crime e estar cumprindo pena, os sujeitos perdem todos os seus direitos públicos subjetivos? Serão esses presos condenados a serem criminosos pelo resto de suas vidas?

Essas são algumas questões levantadas que nos fazem refletir e admitir que, se todos os aspectos do sujeito não forem levados em consideração, pode haver precariedade de atendimento e que a condução e execução das ações efetivadas pelo Estado não dá conta de compreender as várias expressões de desigualdade.

Constatamos, como já foi bastante discutido, que as leis que regem o sistema penitenciário não são totalmente atendidas, visto que as políticas efetivamente oferecidas não acolhem as necessidades mínimas do ser humano. É nessa perspectiva que as leis, o ambiente e as relações deveriam influenciar a possibilidade de desenvolvimento humano das pessoas encarceradas, de modo que a compressão pudesse destacar-se no que se refere ao entendimento do detento enquanto pessoa humana, e suas necessidades fossem supridas.

No que se refere à escola da prisão, ela é um instrumento necessário de apoio ao desenvolvimento humano da pessoa encarcerada, e tem a função de possibilitar reflexões sobre sociedade, cultura e sobre si mesmo. Assim, é importante que essa escola leve em consideração a integração das sete lições complexas, como aponta Morin (2005), e atinja o objetivo de formar homens e mulheres para o bem da humanidade.

Lembramos que, pela história apresentada, a precariedade do atendimento das pessoas presas prevalece, no sentido de que os responsáveis envolvidos – Estado, sociedade e profissionais que ali estão – não cumprem sua função de acolher o que está na lei e também o

que é eticamente correto para o ser humano que busca uma sociedade de igualdade e compreensão.

No campo das contradições verificamos, como explicitado no Diagrama 1, que os detentos demonstram entender a importância de construir e realizar um projeto para suas vidas e que sentem imenso desejo de consumir tal projeto, cada um a seu modo.

Entretanto, não é apenas com o desejo que se constrói um projeto de transformação humana. O desejo pode ser o ponto de partida, mas de nada adiantará se não houver possibilidades para viver, conviver, experienciar, refletir e assim agir, pois “uma sociedade justa respeita a liberdade de cada indivíduo para escolher a própria concepção do que seja uma vida boa” (SANDEL, 2012, p. 17).

Deste modo, a partir das indagações iniciais, descortinamos muitas respostas que nos levam a outras questões, as quais exigem novas investigações, pelo mesmo ou por outro caminho.

Como foi posto no início, “há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas” (ALVES, 2002, p. 29). Se a escola não fornecer asas àqueles que por ela tentam voar, infringirá os preceitos do ser humano, causando dor, incompreensão e limites aos voos rumo à transformação humana, silenciando, assim, o canto dos pássaros.

REFERÊNCIAS

- AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de alfabetismo funcional – Inaf**: estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho. São Paulo, maio 2016. Disponível em: <http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/INAFEstudosEspeciais_2016_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2018.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis (Org.). **Educação e complexidade**: Os sete saberes e outros ensaios. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Campinas: Papirus, 2002.
- AMARAL, Lígia. **Conhecendo a deficiência** (em companhia de Hércules). São Paulo: Robel, 1995.
- ARCOLINI, Tatiana. **Guia animais do Brasil**. Aves. São Paulo: On Line, 2015.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ASHLEY, Patricia Almeida (Coord.). **Ética e responsabilidade social nos negócios**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- ASSMANN, Hugo. **Metáforas para reencantar a Educação**: epistemologia e didática. 4. ed. Piracicaba: Unimep, 2011.
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.
- O AUTO da compadecida. Direção Guel Arraes. Produção: Guel Arraes, Adriana Falcão e João Falcão. Elenco: Aramis Trindade, Bruno Garcia, Denise Fraga, Diogo Vilela e outros. [Rio de Janeiro]: Globo Filmes, 2000. 2 DVD, 104m; 157 min.
- BARROCO, Maria Lúcia Silva. **Ética e sociedade**. Brasília, DF: Conselho Federal de Serviço Social, 2000.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984**. Institui a Lei de Execução Penal. Brasília, DF, 1984. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. **Lei nº 12.433, de 29 de junho de 2011**. Altera a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal), para dispor sobre a remição de parte do tempo de execução da

pena por estudo ou por trabalho. Brasília, DF, 2011a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112433.htm>. Acesso em: 23 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta curricular para educação de jovens e adultos**. Segundo segmento do ensino fundamental (5ª a 8ª série). Brasília, DF, 2002.

BRASIL. Ministério da Justiça. Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária. **Diretrizes básicas para arquitetura penal**. Brasília, DF, 2011b. Disponível em: <http://www.criminal.mppr.mp.br/arquivos/File/ExecucaoPenal/CNPCP/2011Diretrizes_ArquiteturaPenal_resolucao_09_11_CNPCP.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Justiça. Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária. **Plano nacional de política criminal e penitenciária**. Brasília, DF, out. 2015a. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/dl/plano-nacional-politica-criminal.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**: Infopen: atualização junho de 2016. Organização Thandara Santos. Colaboração Marlene Inês da Rosa et al. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias-2016/relatorio_2016_22111.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2018.

BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República; INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Reincidência criminal no Brasil**: relatório de pesquisa. Rio de Janeiro, 2015b. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/destaques/arquivo/2015/07/572bba385357003379ffeb4c9aa1f0d9.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2019.

BUZZETTI, Dante. **Berços da vida**: ninhos de aves brasileiras. Texto Dante Buzzetti. Fotos Dante Buzzetti e Silvestre Silva. 2. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2008.

CARLO, Alexandre. Deixa o menino jogar. In: NATIRUTS. **Nativus**. [Rio de Janeiro]: EMI, 1998. 1 CD, Faixa 4, 4m36s.

CARREIRA, Denise; CARNEIRO, Suelaine. **Relatoria nacional para o direito humano à educação**: educação nas prisões brasileiras. São Paulo: Plataforma DhESCA, out. 2009. Disponível em: <<http://www.cmv-educare.com/wp-content/uploads/2013/07/FINAL-relatorioeduca%C3%A7%C3%A3onasprisoenov2009.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

CARVALHO, Sandra (Org.; Ed.). **Direitos humanos no Brasil**: 2003: relatório anual do Centro de Justiça Global. Rio de Janeiro: Justiça Global, 2004. Disponível em: <http://www.ovp-sp.org/relatorio_just_global_2003.pdf>. Acesso em: 18 set. 2017.

COLLING, Alfred. Introdução. In: FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**: costumes de província. São Paulo: Melhoramentos, 1950. p. 5-12.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 2, de 19 de maio de 2010**. Dispõe sobre as diretrizes nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais. Brasília, DF, 2010. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5142-rceb002-10&category_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 23 nov. 2018.

COYLE, Andrew. **Administração penitenciária**: uma abordagem de direitos humanos: manual para servidores penitenciários. Londres: International Centre for Príon Studies, 2002.

FORTIN, Robin. **Compreender a complexidade**: introdução ao Método de Edgar Morin. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 18. ed. São Paulo: Graal, 2003.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul (Org.). **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231- 249.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FRANCO, Walter. Serra do luar. Intérprete: Leila Pinheiro. In: PINHEIRO, Leila. **Outras caras**. [s. l.]: Philips, 1991. 1 CD. Faixa 3, 4m 11s.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

GOLD, Michel. Sigla LGBTQ+ cresce para ecoar amplidão do espectro de gênero e sexo. **Folha de S. Paulo** [online], São Paulo, 27 jun. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/sigla-lgbtq-cresce-para-ecoar-amplidao-do-espectro-de-genero-e-sexo.shtml>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

HACKER, Peter Michael Stephan. **Natureza humana**: categorias fundamentais. Porto Alegre: Artmed, 2010.

HEssel Stéphane; MORIN, Edgar. **O caminho da esperança**. Tradução Edgar Assis de Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. Uma visão socioeducativa da educação como programa de reinserção social na política de execução penal. **Vertentes**, São João Del Rei, n. 35, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_35/elionaldo.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2019.

KAWAGUTI, Luis. Prisões-modelo apontam soluções para crise carcerária no Brasil. **BBC Brasil**, São Paulo, 20 mar. 2014. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/03/140312_prisoos_modelo_abre_1k>. Acesso em: 22 dez. 2018.

MACHADO, Nilson José. **Educação, projetos e valores**. São Paulo: Escrituras, 2000.

MARTINAZZO, Celso José. (Org.). **Educação escolar e outras temáticas**: ensaios do pensar complexo. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2003.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Elaine Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011a.

MORIN, Edgar. **O método 1**: a natureza da natureza. Mem Martins: Europa-América, 1997.

MORIN, Edgar. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MORIN, Edgar. **O método 4**: as idéias, habitat, vida, costumes, Organização e Tradução Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 6**: ética. Tradução Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2005.

MOUNIER, Emmanuel. **A esperança dos desesperados**: Malraux, Camus, Sartre, Bernanos. Tradução: Naumi Vasconcelos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

MOUNIER, Emmanuel. **Introdução aos existencialismos**. Lisboa: Moraes, 1963.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Manual de processo penal e execução penal**. 7. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011.

OLIVEIRA, Andréa dos Santos. **A Fundação Casa e o trabalho educativo escolar**. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:

<http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/mestrado_educacao/dissertacoes/2010/andrea_dos_santos_oliveira.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2019.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Desafio histórico na educação prisional brasileira: ressignificando a formação de professores... Um quê de utopia? **HistedBR On-line**, Campinas, v. 12, n. 47, p. 205-219, set. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640048>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. O papel da escola na prisão: saberes e experiências de alunos e professores. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 271-297, jul./dez. 2011.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. Reflexões em torno da educação escolar em espaço de privação de liberdade. In: YAMAMOTO, Aline et al (Org.). **Cereja discute: educação em prisões**. São Paulo: AlfaSol: Cereja, 2010.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano; JULIÃO, Elionaldo Fernandes. A educação na prisão como política pública: entre desafios e tarefas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 51-69, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n1/05.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Representação da Unesco no Brasil. **Direitos humanos no Brasil**. 2017. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/social-and-human-sciences/human-rights/>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

PEDRO, Ana Paula. **Educação e valores: contributos da Filosofia**. Aveiro, 2000. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6227.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PEDROSO, Célia Regina. Utopias penitenciárias: projetos jurídicos e realidade carcerária no Brasil. **Revista de História: publicação da FFLCH-USP**, São Paulo, n. 136, p. 121-137, 1º sem. 1997. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/revhistoria/article/view/18816/20879>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Cleide Rita S.; PETRAGLIA, Izabel (Org.). **Edgar Morin: ética, cultura e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

PESSOA, Fernando. **Páginas íntimas e de auto-interpretação**. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1966.

PETRAGLIA, Izabel. Educação e complexidade: os sete saberes na prática pedagógica. In: MORAES Maria Cândida; ALMEIDA, Maria da Conceição de (Org.). **Os sete saberes necessários à educação do presente: por uma educação transformadora**. Rio de Janeiro: Wak, 2012. p. 129-147.

O PRISIONEIRO da grade de ferro (auto-retratos). Direção e roteiro: Paulo Sacramento. Produção: Paulo Sacramento, Gustavo Steinberg. Diretor de fotografia: Aloysio Raulino. São Paulo: Olhos de Cão Produções Cinematográficas, 2003. 1 DVD, 123 min.

QUEIROGA, Lula et al. Auto-reverse. Intérprete: O Rappa. In: O RAPPÁ. **Nunca tem fim**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil; Polysom, 2013. 1 CD. Faixa 2, 4m 45s.

RESENDE, Selmo. A vida na prisão: histórias de objetivação e sujeição na educação do condenado. In: ONOFRE, Elenice Cammarosano (Org.). **O espaço da prisão e suas práticas educativas**. São Carlos: Edufscar, 2011. p. 49-80.

RODRIGUES, Maria Lúcia (Coord.). **O sistema prisional feminino e a questão dos direitos humanos: um desafio às políticas sociais 2**. São Paulo: PC Editorial, 2012.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAIBA quais foram algumas das maiores rebeliões em presídios do Brasil. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 jan. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/asmiais/2017/01/1846402-saiba-quais-foram-algumas-das-maiores-rebelioes-em-presidios-do-brasil.shtml>>. Acesso em: 22 dez. 2018.

SANDEL, Michael J. **Justiça: o que é fazer a coisa certa**. 9. ed. Tradução Heloísa Matias e Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Leandro Santana Vieira dos. Unidade Experimental de Saúde e sua legalidade. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. XVIII, n. 136, maio 2015. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=15983&revista_caderno=3>. Acesso em: 16 nov. 2018.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Lei complementar nº 1.314, de 28 de dezembro de 2017**. Altera a Lei complementar nº 1.093, de 16 de julho de 2009, que dispõe sobre a contratação por tempo determinado de que trata o inciso X do artigo 115 da Constituição Estadual. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2017/lei.complementar-1314-28.12.2017.html>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Resolução SE nº 08, de 19-1-12**. Dispõe sobre a carga horária dos docentes da rede estadual de ensino. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/08_12.HTM>. Acesso em: 28 fev. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação; Secretaria de Administração Penitenciária. **Plano estadual de educação nas prisões (2015-2016)**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/983.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação; Secretaria da Administração Penitenciária. **Resolução conjunta SE-SAP-2, de 30-12-2016**. Dispõe sobre a oferta da educação básica a jovens e adultos que se encontram em situação de privação de liberdade no Sistema Prisional do Estado de São Paulo, e dá providências correlatas. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/RESOLU%C3%87%C3%83O%20CONJUN>>.

TA%20SE%20-SAP-2,%20DE%2030-12-2016.HTM?Time=06/01/2017%2020:23:17>.
Acesso em: 16 nov. 2018.

SEVERINO, Antonio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, set/dez. 2006.
<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n3/a13v32n3.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2019.

SEVERINO, Antonio Joaquim. A contribuição da Filosofia para a Educação. **Em Aberto**, Brasília, DF, ano 9, p. 19-25, jan/mar. 1990. Disponível em:
<<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485895/Contribui%C3%A7%C3%B5es+das+ci%C3%A2ncias+humanas+para+a+Educa%C3%A7%C3%A3o+a+Filosofia/dcc0a6b5-3f46-468b-a11c-e979f347378e?version=1.0>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **A filosofia contemporânea no Brasil**: conhecimento, política e educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. rev e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Pessoa e existência**: iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Proposta de um universo temático para investigação em Filosofia da Educação: as implicações da historicidade. **Perspectiva**, Florianópolis, n. 19, p. 11-27, 1993. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9166/8505>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

SINGER, Peter. **Um só mundo**: a ética da globalização. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TOCANTINS (Estado). Defensoria Pública. **Pelo direito de recomeçar** (documentário). Palmas, 2013. 25 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YLrwdquiL4Y>>.
Acesso em: 28 fev. 2019.

VALÉRIO, Geraldo. **Abecedário das aves brasileiras**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VELOSO, Caetano. Pássaro Proibido. In: MARIA BETHÂNIA. **Pássaro proibido**. Rio de Janeiro: Philips, 1993. 1 CD. Faixa 9, 4m 12s.

WILLIAMS, Bernard. **Moral**: uma introdução à ética. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

**ANEXO A – MATRIZ CURRICULAR PARA O ENSINO FUNDAMENTAL:
ANOS FINAIS**

	Áreas	Componentes curriculares	Termos			
			1º	2º	3º	4º
Base nacional comum	Linguagens	Língua Portuguesa	6	6	6	6
		Arte	2	2	2	2
		Educação Física*	2	2	2	2
	Matemática	Matemática	6	6	6	6
	Ciências da Natureza	Ciências Físicas e Biológicas	2	2	2	2
	Ciências Humanas	História	3	3	3	3
		Geografia	3	3	3	3
Parte diversificada		Língua Estrangeira Moderna	1	1	1	1
Total de aulas			25	25	25	25

* Na inexistência de turma/classe de Educação Física, acrescentar uma aula à carga horária de Ciências Físicas e Biológicas e outra ao componente curricular de Língua Estrangeira Moderna.
Fonte: SÃO PAULO (2016, Anexo I).

ANEXO B – MATRIZ CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO

	Áreas	Componentes curriculares	Termos		
			1º	2º	3º
Base nacional comum	Linguagens	Língua Portuguesa	4	4	4
		Arte	2	2	2
		Educação Física*	2	2	2
	Matemática	Matemática	4	4	4
	Ciências da Natureza	Biologia	2	2	2
		Física	1	1	1
		Química	1	1	1
	Ciências Humanas	História	2	2	2
		Geografia	2	2	2
		Filosofia	2	2	2
		Sociologia	2	2	2
Parte diversificada		Língua Estrangeira Moderna	1	1	1
Total de aulas			25	25	25

* Na inexistência de turma/classe de Educação Física, acrescentar uma aula à carga horária de Língua Estrangeira Moderna e uma aula ao componente curricular de Física.
 Fonte: SÃO PAULO (2016, Anexo II).

ANEXO C – ANUÊNCIA DO SECRETÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Secretaria Executiva



FORMULÁRIO DE OBTENÇÃO DE ANUÊNCIA PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA NAS UNIDADES PRISIONAIS DE SÃO PAULO

01	NOME DO(s) PESQUISADOR (es) RESPONSÁVEL(is)	<p>Pesquisador: Andréa dos Santos Oliveira deaoliveira@hotmail.com</p> <p>Orientador da Pesquisa: Paolo Nosella nosellap@terra.com.br</p>
02	TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA	<p>A EDUCAÇÃO NAS PRISÕES E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Trajetórias escolares e projetos de vida</p>
03	OBJETIVO GERAL	<p>O objetivo da pesquisa, visa a verificação do curso de Ensino Médio, ministrado aos Jovens e Adultos em privação de liberdade, buscando compreender se a formação desse curso leva à reflexão sobre assuntos que possibilitem a reflexão sobre o projeto de vida futuro, abarcando nesse projeto, a preparação para o trabalho.</p>
04	OBJETIVO ACADÊMICO (TCC, Mestrado, Doutorado, Iniciação Científica)	Doutorado
05	POPULAÇÃO ALVO	Professores e estudantes
06	NÚMERO DE PARTICIPANTES (sujeitos de pesquisa)	15
07	TEMPO DE DURAÇÃO DA PESQUISA	Um dia para entrevista estruturada
08	UNIDADE(S) PRISIONAL(IS) ONDE SE FARÁ(ÃO) A PESQUISA	Centro de Detenção Provisória II - ASP Paulo Gilberto de Araújo de Chácara –

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Secretaria Executiva



		Belém II
09	DESCRIÇÃO DOS EQUIPAMENTOS A SEREM UTILIZADOS	QUAL(IS)? Formulário de entrevista e máquina fotográfica para fotos da Escola da Unidade, se assim for permitido.
10	NECESSITARÁ DE ALGUM TIPO DE RECURSO MATERIAL OU HUMANO DA UNIDADE PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA	<input checked="" type="checkbox"/> SIM, QUAL(IS)? Somente o acompanhamento para realização da entrevista e fotos da Unidade, se assim for permitido <input type="checkbox"/> NÃO
11	A PESQUISA INCLUI O USO DE EQUIPAMENTOS DE GRAVAÇÃO DE ENTREVISTAS (especifique) NOTA: Somente será permitida a gravação de voz com aparelhos especialmente destinados a este fim. Não é permitido o uso de celulares para fins de gravação. Em relação às filmagens, somente serão permitidas as que em circunstâncias previamente analisadas pelo CEP/SAP e o Titular da Pasta.	<input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO

Eu, Andréa dos Santos Oliveira, RG nº 28.727.314-3 responsável pela pesquisa intitulada A EDUCAÇÃO NAS PRISÕES E A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Trajetórias escolares e projetos de vida, assumo total responsabilidade pelas informações constantes deste formulário e afirmo estar ciente de que as afirmações e solicitações nele expressas **NÃO** poderão ser alteradas em nenhum momento da execução do projeto, caso aprovado. Tenho ainda conhecimento de que as unidades prisionais não estão obrigadas a dispor de recursos materiais ou humanos para a realização do presente projeto de pesquisa, portanto se a unidade eleita não puder disponibilizar o que for necessário deverei obtê-los por meus próprios meios; eleger outra unidade prisional ou ainda desistir de sua execução.

São Paulo, 10 de abril de 2017.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Secretaria Executiva



Assinatura do Pesquisador Responsável

Para atendimento às exigências da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, concedo anuência à realização da proposta a qual somente poderá ser desenvolvida após apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa desta Pasta e a autorização deste Secretário.

Gabinete do Secretário, 20 de ABRIL de 2017.

Dr. Lourival Gomes

Secretário de Estado

Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo

ANEXO D – AUTORIZAÇÃO DA SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA



SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
Comitê de Ética em Pesquisa
Gabinete e Assessorias

São Paulo, 24 de Julho de 2018.

Ofício CEP/SAP nº 061/2018.

Ref. Início de pesquisa aprovada pelo CEP/SAP 008/2018 e autorizada pelo Secretário da Pasta.

Senhor Coordenador,

Encaminhamos para apreciação e autorização de V.S.a documentos referentes à pesquisa **"A EDUCAÇÃO NAS PRISÕES E A EDUCAÇÃO: Trajetórias escolares e projetos de vida"**, de autoria da pesquisadora Andréa dos Santos Oliveira.

Em atendimento ao disposto nos arts. 11, VIII, e 31, §2º, do Regimento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria da Administração Penitenciária –CEP/SAP, constituído pela Resolução SAP nº 324/2012, a pesquisa foi aprovada por este Comitê de acordo requisitos éticos e científicos e devidamente autorizada pelo Secretário da Pasta.

A pesquisa será realizada no Centro de Detenção Provisória II ASP Paulo Gilberto de Araújo de Chacará Belém II, após manifestação de V.S.a o pesquisador entrará em contato com o gestor da unidade supracitada a fim de agendar reunião para tratar do início da pesquisa.

Aproveitamos o ensejo para expressar nosso apreço.


Camila Morgado
Secretária Executiva do CEP/SAP

Ao
Dr. Antonio José de Almeida
Coordenador das unidades prisionais da Região Metropolitana de São Paulo.

Rua Líbero Badaró, 600 5º andar Cep – 01008-000/SP
Tel(11) 3775-8108 email: comitedeetica@sap.sp.gov.br

ANEXO E – AUTORIZAÇÃO JUDICIAL

fls. 12



TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO
COMARCA DE SÃO PAULO
SÃO PAULO/DEECRIM UR1
UNIDADE REGIONAL DE DEPARTAMENTO ESTADUAL DE
EXECUÇÃO CRIMINAL DEECRIM 1ª RAJ
CORREGEDORIA DOS PRESÍDIOS DO DEECRIM – 1ª RAJ
 Avenida Doutor Abrahão Ribeiro, 313, 2º andar, sala 2-527
 São Paulo - SP - CEP 01133-020
 Fone: (11) 2127-9548/9550
 e-mail: deecrim1raj.correg@tjsp.jus.br
Horário de Atendimento ao Público: das 12h30min às 19h00min

DESPACHO

Processo Digital nº: **0004070-10.2018.8.26.0041**
 Classe – Assunto: **Pedido de Providências - Pedido de entrevista**
 Requerente: **Comitê de Ética em Pesquisa Of. 021/2018**
 Requerido: **Chácara Belém II**

Juiz(a) de Direito: Dr(a). **Carla Kaari**

Autorizo a entrada na unidade para realização da pesquisa solicitada.

A realização de entrevista com os presos fica condicionada a concordância expressa deles e de seus defensores, desde que autorizada também pela SAP e direção da unidade prisional.

Em sendo realizadas filmagens, estas deverão ter a supervisão do Senhor Diretor, a quem incumbirá adotar todas as cautelas necessárias contra fuga e observadas a segurança e a ordem interna do estabelecimento.

Expeça-se o necessário.

Ciência ao Ministério Público.

Após, archive-se.

São Paulo, 03 de abril de 2018.

**DOCUMENTO ASSINADO DIGITALMENTE NOS TERMOS DA LEI 11.419/2006,
CONFORME IMPRESSÃO À MARGEM DIREITA**

Este documento é cópia do original assinado digitalmente por CARLA KAARI. Para acessar os autos processuais, acesse o site <https://esaj.tjsp.jus.br/esaj>, informe o processo 0004070-10.2018.8.26.0041 e o código 18A9453.

ANEXO F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria da Administração Penitenciária- CEPSAP****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE**

Nome do Voluntário: _____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____ Cidade: _____ CEP: _____

E-mail: _____

As informações contidas neste prontuário foram fornecidas por Andréa dos Santos Oliveira, filiada à Universidade Nove de Julho, Professora Orientadora Dr^a Cleide Rita Silvério de Almeida, objetivando firmar acordo escrito mediante o qual, o voluntário da pesquisa autoriza sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos e riscos a que se submeterá, com a capacidade de livre arbítrio e sem qualquer coação.

1. Título do Trabalho:

PÁSSAROS SEM ASAS: uma compreensão sobre a educação em prisões

2. Desconforto ou Riscos Esperados:

Ações da pesquisa não apontam riscos para o participante. Mesmo não havendo riscos, caso ocorra imprevistos, no que tange ao afloramento de problemas emocionais e psicológicos, durante ou após a aplicação da pesquisa, compromete-se salvaguardá-los, encaminhando-os para o acompanhamento de profissional da área da saúde.

Informações:

O participante desta pesquisa receberá respostas a qualquer pergunta ou esclarecimento de qualquer dúvida quanto aos procedimentos, riscos benefícios e outros assuntos relacionados com pesquisa. Também assumo o compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a vontade do indivíduo em continuar participando.

3. Métodos Alternativos (se existirem):

Inexistente.

4. Retirada do Consentimento:

O participante tem direito de se retirar da pesquisa a qualquer tempo.

5. Aspecto Legal:

Elaborados de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atendendo à Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde – Brasília – DF.

6. Garantia do Sigilo:

Será feito o registro explícito de que o participante terá a sua identidade preservada.

7. Formas de Ressarcimento das Despesas decorrentes da Participação na Pesquisa:

Não haverá despesas para realização da pesquisa.

8. Local da Pesquisa:

Unidade Prisional - Centro de Detenção Provisória II - ASP Paulo Gilberto de Araújo de Chácara – Belém II

9. Nome Completo dos Pesquisadores (Orientador e Alunos) e telefones para Contato:

Pesquisador: Ms. Andréa dos Santos Oliveira

Orientador: Dr^a Cleide Rita Silvério de Almeida

(11) 99909 9501 (11) 4323 3147

10. Endereço do Comitê de Ética SAP:

Endereço do Comitê de Ética do CEPSAP: Rua Líbero Badaró, 600 5º andar Centro – Cep 01008-000/São Paulo.

Tel (11) 3775-8108 e-mail: comitedeetica@sap.sp.gov.br

Comitê de Ética: Universidade Nove de Julho

Rua. Vergueiro nº 235/249 – Liberdade – SP

CEP. 01504-001 -3º subsolo

Telefones: (11) 3385-9197 e-mail: pesquisa@uninove.br

11. Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação é voluntária, e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo no meio científico.

* Não assine este termo se ainda tiver alguma dúvida a respeito.

São Paulo, de ____ de 201__.

Nome pesquisador (por extenso):

Assinatura:_____

Nome voluntário (por extenso):

Assinatura:_____

1ª via: Instituição

2ª via: Voluntário